

CODEX

Revista de Estudos Clássicos

v. 7, n. 1



Detalhe de mosaico romano. Dioniso expulsando os piratas de seu navio.
Museu Nacional do Bardo, Túnis, Tunísia.

letrasufrj.br/index.php/CODEX/index

ISSN 2176-1779



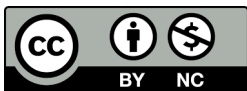
Codex – Revista de Estudos Clássicos

Proaera – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019

Bimestral

ISSN 2176-1779

1. Estudos Clássicos
 2. Letras Clássicas
 3. Filosofia Antiga
 4. História Antiga
 5. Arqueologia
1. Proaera



CODEX – REVISTA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

EQUIPE EDITORIAL

Diretor Geral

Prof. Dr. Henrique Fortuna Cairus, UFRJ

Editoras–Chefe

Profa. Dra. Ana Thereza Basilio Vieira, UFRJ

Profa. Dra. Beatriz de Paoli, UFRJ

Editora Convidada

Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte, USP

Tradutores

Camila Moura da Silva

Livia Gallucci

Helena Coutinho

Jeannie Bressan Annibolet de Paiva

Marina Albuquerque

Revisoras

Marina Albuquerque

Camila Moura da Silva

Editora de Layout & Capista

Livia Gallucci

Conselho Editorial

Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas, UFRGS

Profa. Dra. Charlene Martins Miotti, UFJF

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes, UFJF

Prof. Dr. Fernando Santoro, UFRJ

Prof. Dr. Henrique Cairus, UFRJ

Profa. Dra. Juliana Bastos Marques, UNIRIO

Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite, UFES

Profa. Dra. Tatiana Ribeiro, UFRJ

Conselho Consultivo

Prof. Dr. Adriano Scatolin, USP

Prof. Dra. Anastasia Bakogianni, Massey University

Prof. Dr. André Malta, USP

Profa. Ms. Agatha Pitombo Bacelar, UnB

Prof. Dr. Breno Battistin Sebastiani, USP

Profa. Dra. Carolina de Melo Bonfim Araújo, UFRJ

Profa. Dra. Elaine Cristine Sartorelli, USP

Prof. Dr. Fabio Favarsani, UFOP

Prof. Dr. Fernando Brandão dos Santos, UNESP

Prof. Dr. Gabriele Cornelli, UNB

Prof. Dr. Jaa Torrano, USP

Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão, UFMG

Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto, USP

Prof. Dr. João Batista Toledo Prado, UNESP

Profa. Dra. Marly de Bari Matos, USP

Profa. Dra. Mary Macedo de Camargo N. Lafer, USP

Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos, USP

Prof. Dr. Nikola D. Bellucci, Università di Bologna

Prof. Dr. Pablo Schwartz Frydman, USP

Profa. Dra. Paula da Cunha Correa, USP

Prof. Dr. Paulo Martins, USP

Prof. Dr. Paulo Sérgio Vasconcellos, UNICAMP

Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho, USP

Prof. Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira, UNICAMP





SUMÁRIO

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1>

ARTIGOS

- Oedipus, Odysseus and the Return of Memory 1
Vered Lev Kenaan
- Édipo, Odisseu e o retorno da memória 12
Vered Lev Kenaan (Trad. Marina Albuquerque)
- Inimicissimi atque immanissimi*: os gauleses no *Pro Fonteio* de Cícero 23
Priscilla Adriane Ferreira Almeida
- Estrutura e unidade da primeira parte das *Helênicas* de Xenofonte 36
Emerson Cerdas
- O diálogo com as espécies de epos nas *Elegias* de Propércio 54
Maria Ozana Lima de Arruda
- Boatos, opinião pública e assassinatos políticos: o caso de Júlio César 78
Ygor Klain Belchior

TRADUÇÃO

- Contra os Gramáticos*, de Sexto Empírico: tradução anotada, quinta e última parte 92
(M 1. 270-320)
Joseane Prezotto

RESENHAS

- COSTA, Lorena Lopes da. *Heróis antigos e modernos: a falsificação para se pensar a história*. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, 384 p., ISBN 8580543592. 119
Rafael Guimarães Tavares da Silva
- PÉREZ, María Teresa Gallego. *Vida y muerte en el Corpus Hippocraticum*. Ediciones Clásicas: Madrid, 2015, 469 p., ISBN 8478827986. 124
Rodolpho Rachid
- DE TEMMERMAN, Koen & DEMOEN, Kristoffel (ed.). “Writing Biography in Greece and Rome: Narrative Technique and Fictionalization”. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, 354 p., ISBN 9781107129122. 130
Camila de Moura Silva



CODEX – JOURNAL OF CLASSICAL STUDIES

EDITORIAL TEAM

Director

Prof. Dr. Henrique Fortuna Cairus, UFRJ

Chief Editors

Prof. Dra. Ana Thereza Basilio Vieira, UFRJ

Prof. Dra. Beatriz de Paoli, UFRJ

Guest Editor

Prof. Dra. Adriane da Silva Duarte, USP

Translators

Camila Moura da Silva

Livia Gallucci

Helena Coutinho

Jeannie Bressan Annibolet de Paiva

Marina Albuquerque

Revisors

Marina Albuquerque

Camila de Moura

Layout Editor & Cover Artist

Livia Gallucci

Editorial Board

Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas, UFRGS

Prof. Dra. Charlene Martins Miotti, UFJF

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes, UFJF

Prof. Dr. Fernando Santoro, UFRJ

Prof. Dr. Henrique Cairus, UFRJ

Prof. Dra. Juliana Bastos Marques, UNIRIO

Prof. Dra. Leni Ribeiro Leite, UFES

Prof. Dra. Tatiana Ribeiro, UFRJ

Consulting board

Prof. Dr. Adriano Scatolin, USP

Prof. Dra. Anastasia Bakogianni, Massey University

Prof. Dr. André Malta, USP

Prof. Ms. Agatha Pitombo Bacelar, UnB

Prof. Dr. Breno Battistin Sebastiani, USP

Prof. Dra. Carolina de Melo Bonfim Araújo, UFRJ

Prof. Dra. Elaine Cristine Sartorelli, USP

Prof. Dr. Fabio Faversoni, UFOP

Prof. Dr. Fernando Brandão dos Santos, UNESP

Prof. Dr. Gabriele Cornelli, UNB

Prof. Dr. Jaa Torrano, USP

Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão, UFMG

Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto, USP

Prof. Dr. João Batista Toledo Prado, UNESP

Prof. Dra. Marly de Bari Matos, USP

Prof. Dra. Mary Macedo de Camargo N. Lafer, USP

Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos, USP

Prof. Dr. Nikola D. Bellucci, Università di Bologna

Prof. Dr. Pablo Schwartz Frydman, USP

Prof. Dra. Paula da Cunha Correa, USP

Prof. Dr. Paulo Martins, USP

Prof. Dr. Paulo Sérgio Vasconcellos, UNICAMP

Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho, USP

Prof. Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira, UNICAMP





SUMMARY

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1>

ARTICLES

- Oedipus, Odysseus and the Return of Memory (text in English) 1
Vered Lev Kenaan
- Oedipus, Odysseus and the Return of Memory (text in Portuguese) 12
Vered Lev Kenaan (Transl. Marina Albuquerque)
- Inimicissimi atque immanissimi*: the Gauls in Cicero's *Pro Fonteio* 23
Priscilla Adriane Ferreira Almeida
- The structure and unity of the first part of Xenophon's *Hellenica* 36
Emerson Cerdas
- The dialogue with species of epic in Propertius' elegies 54
Maria Ozana Lima de Arruda
- Rumors, public opinion and political assassinations: the case of Julius Caesar 78
Ygor Klain Belchior

TRANSLATION

- Against the Grammarians*, by Sextus Empiricus: annotated translation, final section 92
(M 1. 270-320)
Joseane Prezotto

BOOK REVIEWS

- COSTA, Lorena Lopes da. *Heróis antigos e modernos: a falsificação para se pensar a história*. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, 384 p., ISBN 8580543592. 119
Rafael Guimarães Tavares da Silva
- PÉREZ, María Teresa Gallego. *Vida y muerte en el Corpus Hippocraticum*. Ediciones Clásicas: Madrid, 2015, 469 p., ISBN 8478827986. 124
Rodolpho Rachid
- DE TEMMERMAN, Koen & DEMOEN, Kristoffel (ed.). "Writing Biography in Greece and Rome: Narrative Technique and Fictionalization". Cambridge: Cambridge University Press, 2016, 354 p., ISBN 9781107129122. 130
Camila de Moura Silva





Oedipus, Odysseus and the Return of Memory¹

Édipo, Odisseu e o retorno da memória²

Vered Lev Kenaan³

e-mail: vered.lev.kenaan@gmail.com

orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3966-8991>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.22186>

ABSTRACT: The analogy between Oedipus and Odysseus is striking and provides an intriguing case of intertextuality once their relationship is investigated through the fascinating links that the plot of Sophocles' *Oedipus Rex* maintains with the episode of the foot washing of the *Odyssey*, Book 19. I argue that the Homeric Odysseus provided Sophocles with an inspiring model for imitation: A middle-aged man carries on his body a childhood scar of which he has been oblivious for many years. After many years of absence, a homecoming brings with it a return of memory: the traumatic scarification begins to surface. Oedipus' and Odysseus' scars bring home something that has collapsed into forgetfulness. Returning to Auerbach's "Odysseus Scar" the article discusses the scar as a junction of forgetting and remembering and show how Odysseus' memory and Oedipus' forgetfulness are intertwined.

KEYWORDS: Odysseus' scar; Erich Auerbach; *Mimesis*; Analogy; Comparative literature; *Akedah*; Childhood memory; Forgetfulness; *Oedipus Rex*; Repression; Jewish identity

RESUMO: A analogia entre Édipo e Odisseu é impressionante e apresenta um caso interessante de intertextualidade, uma vez que sua relação é investigada a partir dos liames entre o enredo do *Édipo Rei* de Sófocles e o episódio da lavagem dos pés de Odisseu, no Canto XIX. Defendo que o Odisseu homérico forneceu a Sófocles um modelo inspirador para imitação: um homem de meia-idade carrega no seu corpo uma marca de infância da qual se manteve alheio por muitos anos. Após vários anos ausente, o retorno ao lar traz consigo o retorno da memória: a traumática escarificação vem à tona. As cicatrizes de Édipo e Odisseu trazem de volta algo que caíra no esquecimento. Voltando à "Cicatriz de Odisseu" de Auerbach, este artigo aborda a cicatriz como uma junção do esquecimento e da recordação, e mostra como a memória Odisseu e o esquecimento de Édipo estão entrelaçados.

PALAVRAS-CHAVE: Cicatriz de Odisseu; Erich Auerbach; *Mimesis*; analogia; Literatura comparada; *Akedah*; memória de infância; esquecimento; *Édipo Rei*; recalque; identidade judaica.

¹ This essay is based on a talk I gave in April 2018 at CMWS in Albuquerque at a panel on "Oedipus and his Heroic counterparts." I am grateful to my co-organizers there, Emma Scioli and Richard Armstrong, for our fruitful discussions.

² A versão traduzida para o português deste artigo pode ser acessada diretamente pelo DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.22448>

³ Professor of Classics and Comparative Literature at the University of Haifa, Israel.



My thoughts on literary analogies and comparisons began to take shape when, many years ago back in high school, I encountered Erich Auerbach's *Mimesis*. In the Israeli high school system of those days, the reading of Auerbach's monumental study mainly concentrated on the book's first chapter, "Odysseus' Scar," which, in comparing the biblical tale of the binding of Isaac and the Homeric episode of the adult Odysseus having his feet washed by his childhood wetnurse, primarily offered us—young Israeli students—an important foil for the story of Isaac. We were asked to follow Auerbach's analysis that emphasized the unique ethical and metaphysical values of the biblical story of the *Akedah* and to notice specifically how Auerbach explains the inner connection between the biblical ethos and its aesthetic form. My early impression of Auerbach's first chapter was thus that the biblical story is valorized and privileged in comparison to the Homeric tale. In class the latter was somehow left behind, remaining unexplored and, in fact, excluded from the scope of our study. To you, my story might seem strange, as it probably should. How can a literary gem, the famous passage of Book 19 of the *Odyssey* describing the washing of Odysseus' feet, a passage that has become an iconic scene of recognition in the history of European literature, be obfuscated and almost suppressed by over-sensitive attention to the biblical tale?

It was clear to me, even back then, that there is something missing in our high-school reading. The interpretation of Auerbach's analogy was not fully exhausted. What bothered me in the first place was a certain contradiction, or rather an inconsistency between Auerbach's apparent endorsement of the superiority of the biblical representation and his fascination with the Homeric washing episode, a fascination which declares itself in the name of the chapter: "Odysseus' Scar." If the biblical story is the gravitational center of the chapter, why isn't it reflected in the title? Why "Odysseus' Scar" and not something like "The Sacrifice of Isaac"?

Auerbach is known as one of the founding fathers of the field of comparative literature. And yet today, following the readings of James Porter and others, we know that his comparative study is not simply the theoretical work of a comparativist.⁴ The analogy between Isaac and Odysseus can be read as a response to the politics, the cultural crisis, of his times and furthermore hides a personal identity conflict: Auerbach, a Jewish refugee in Istanbul—escaping the horrors of the Second World War—is torn and ambivalent about his cultural identity as a European Jew. Analogies are essential for the historical narrative of development constructed by Auerbach's *Mimesis*. Indeed the Odysseus-Isaac analogy points to a critical difference, exposing a cultural divide. The analogy contrasts the Asiatic Homeric style with the Old Testament narrative and its

⁴ PORTER, 2008, pp. 115-147.

Jewish-European reception, and concomitantly separates Odysseus from Isaac. The Homeric and biblical pair demonstrates two antithetically mythical and cultural paradigms. And yet, analogies do not only make distinctions, they also unite, join, juxtapose and point to similarities. Thus, Auerbach's act of distinguishing the story of Isaac from the story of Odysseus covers up ideas that *Mimesis* shows no awareness of. Interestingly Auerbach remains silent about the salient relation between the two stories. His analogy evokes ambiguities. Despite its manifest declaration, the first chapter of *Mimesis* proves that the two different stories have actually much in common. Auerbach's comparative method, thus, operates similarly to the unconscious.⁵ Just like a spontaneous thought, the linking of Odysseus to Isaac juxtaposes different things without monitoring their hidden inner relations. How are Isaac and Odysseus similar?

Both heroes suffer from a childhood trauma related to a paternal figure. Both are scarred heroes, whose childhood memories are keys for deciphering the heroes' torn and ambivalent identities. We should notice, however, that Auerbach remains silent about Isaac's traumatic childhood experience. Moreover, unlike the story of Odysseus' scar, Isaac's scar did not leave a literal, physical mark on his body. And yet the scar is part of the sacrifice narrative, since etiologically it might be related to the presence of a symbolic scar on the male Jewish body. The heritage of circumcision can be understood as commemorating the mythical event of the Akedah⁶ These points of similarity, however, are left unrecognized in Auerbach's comparison. Auerbach's analysis denies the relevance of what makes Isaac a heroic counterpart of Odysseus. Something is therefore missing from Auerbach's comparison and that missing element is precisely the link between, or logic behind the linking of the two stories. We need therefore to inquire about the similarity and affinity between Isaac and Odysseus which Auerbach seems to ignore. The missing element that can illuminate just how similar the biblical Isaac and the Homeric Odysseus are is to be found in the third mythical Greek figure: Oedipus.

Oedipus and Odysseus have much in common. They both suffered a great injury in their childhood. These traumatic childhood events left marks on their bodies. The scars appear as means of identification for those who know Oedipus and Odysseus from childhood. In turning to these scars as sites of a distant past, the stories of Oedipus and Odysseus reveal their complex relation to this past. Remembering and forgetfulness are thus entangled in Oedipus' and Odysseus' narratives.⁷ The scar episode (19. 361-475) depicts a highly dramatic event in the plot of the *Odyssey*. Odysseus has at last come home after twenty years of absence, a stranger at home. Penelope requests Eurycleia, Odysseus' old nurse, to wash his feet. While Eurycleia

⁵ For a comprehensive discussion on the relation of analogy to the language of the unconscious see Vered Lev Kenaan. *The Ancient Unconscious: Psychoanalysis and Classical Texts*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

⁶ On Auerbach's reading of the biblical Akedah in conjunction and in opposition to the Homeric wounded Odysseus, Shahr, 2011, pp. 604-630.

⁷ There is much to say about the connection between the story of the scar and the story of trauma as narratives of a belated experience. See Cathy Caruth. *Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.

prepares the water for the basin, Odysseus suddenly moves to the darkness lest his old nurse recognize him by the scar on his feet. But in the darkness, while washing his feet, Eurycleia touches the scar with her hands. At this intense moment, the Homeric narrator, as Auerbach so aptly observes, brings the story to a halt. This is done precisely at the moment when the listeners are most eager to hear how Eurycleia will respond upon recognizing Odysseus and whether her reaction will publicly expose Odysseus. But instead of relieving the audience's curiosity and meeting their concerns, the narrator turns instead to describe at leisure two episodes from Odysseus' early life: the story of Odysseus' naming immediately after his birth, and the story of the boar hunt.

Auerbach is reluctant to understand the two childhood episodes as examples of Homeric childhood memory. He does not think of these two episodes as moments of recollection. According to Auerbach, these two episodes cannot be seen as memories because they are not subordinate to a singular perspective.⁸ Moreover, in bringing these past events into the foreground, their typical Homeric lucidity, visibility and uniform completeness in respect to details, disqualifies them from consideration as recollections. In contrast to representations of remembrance, Odysseus' childhood episodes render psychological processes without leaving things hidden and unexpressed.⁹ Auerbach writes in conclusion: "the Homeric style knows only a foreground, only a uniformly illuminated, uniformly objective present:

Any such subjectivistic–perspectivistic procedure, creating a foreground and background, resulting in the present lying open to the depth of the past, is entirely foreign to the Homeric style; the Homeric style knows only a foreground, only a uniformly illuminated, uniformly objective present.¹⁰

In other words, Auerbach's refusal to ascribe the Homeric scar episode a perspectival depth typical of subjective memory is tied to his disregard for the thematic relations between the Homeric and the biblical episodes. Auerbach not only refuses to hear in Odysseus' childhood episodes a subjective flow of associations, but he also brackets, or perhaps undermines, even forgets, the traumatic effect that the episode of the sacrifice has on the child Isaac and the way it shaped his childhood memories. Auerbach's resistance to relate these ancient narratives structures of recollection can be disarmed when considering Isaac's and Odysseus' episodes in comparison with the tragic Oedipus. More specifically, it is in light of Sophocles' elaboration and adaptation of the Homeric scar episode that the figures of Isaac and Odysseus become interrelated.

⁸ Such a subordination was deliberately avoided: "It would have been perfectly easy to do; the story of the scar had only to be inserted two verses earlier, at the first mention of the word scar, where the motifs "Odysseus" and "recollection" were already at hand" (AUERBACH, 1974, p. 7.).

⁹ Ibid, p. 6.

¹⁰ Ibid, p. 7.

Oedipus Rex is a text founded on erasure and repression. Its protagonist, unlike Odysseus, suffers from memory lapses. The signs of the old wound engraved on Oedipus' infant body are an obscure example of repression. We are then dealing with a reminder of a traumatic event, an event that could not be fully grasped by the infant as it occurred. What is there to remember of an event belonging to infancy? What does Oedipus the adult remember of the founding event undergone by him as a newborn? What memory remains of his parents abandoning him, and what do the signs of the perforation of his feet by his father remind him of? The cruel act of scarification endures as marks on Oedipus' body, but their significance, the once vivid experience, is completely removed from his remembering consciousness. Only at a later stage of the play is Oedipus compelled to remember what has already been erased and blurred. This is of course not a simple case of recollection. The case of an injured infant is particularly complicated and cannot embrace a strict divide between forgetting and remembering.¹¹ The event belongs to such an early stage in life that is immemorable to begin with.

The interplay between forgetfulness and remembering that is my concern here takes place in Oedipus' adulthood and does not involve the primal experience of trauma. It has to do rather with Oedipus' inclination to forget the existence of the scar, which demonstrates how for him the scar is an unpleasant reminder of an unknown past:

Messenger

But your saviour, child, in that hour.

Oedipus

And what was my pain when you took me in your arms?

Messenger

The ankles of your feet might bear witness.

Oedipus

Ah me, why do you speak of that old calamity?

Messenger

I freed you when you had your ankles pinned together.

Oedipus

It was a dreadful shame that I took from my infant's swaddling clothes.¹²

¹¹ In the case of an infant victim the experience of trauma involves "latency", a Freudian term that, as Cathy Caruth explains, "is the period which the effects of the experience are not apparent", and she adds: "The experience of trauma, the fact of latency, would thus seem to consist, not in the forgetting of reality that can hence never be fully known, but in an inherent latency within the experience itself." See CARUTH, 1996, p. 17.

¹² Sophocles, *Oedipus Rex*, 1030-5. Tr. Storr with my amendments.

Ἄγγελος
 σοῦ τ', ὦ τέκνον, σωτήρ γε τῷ τότε ἐν χρόνῳ.
 Οἰδίπους
 τί δ' ἄλλος ἴσχοντ' ἀγκάλαις με λαμβάνεις;
 Ἄγγελος
 ποδῶν ἂν ἄρθρα μαρτυρήσειεν τὰ σά:
 Οἰδίπους
 οἴμοι, τί τοῦτ' ἀρχαῖον ἐννέπεις κακόν;
 Ἄγγελος
 λύω σ' ἔχοντα διατόρους ποδοῖν ἀκμάς.
 Οἰδίπους
 δεινόν γ' ὄνειδος σπαργάνων ἀνειλόμην.

When the messenger directs Oedipus' gaze to his feet as evidence of his real identity, Oedipus responds in horror, betraying thus his denial, the temporary forgetfulness of the scarred feet that have become an integral component of his being: "Why do you speak of that old calamity?" Oedipus' language unknowingly gives expression to a prelingual experience. He names the originally unnamed: *kakón*, that is, evil or calamity. He intensifies the oldness of the scar: *arkhaíon kakón*.¹³ The scar signifies for Oedipus a place beyond the memorable. Thus, the reminder of the immemorable means a turn backwards, expressed in Oedipus' regression. This is the moment when Oedipus is addressed by the messenger as a child, *ho téknon*. Intense feelings of fear and shame emerge as the symptoms of his regression. Oedipus' fear and shame do not reflect moral responsibility for the horrible deed of the past, the event of unwittingly killing his father. Fear and shame arise, strangely, in relation to a traumatic infantile experience of which Oedipus is completely oblivious and which now returns.

In seeing the scars as ancient (archaic), Oedipus seems to excuse his forgetfulness. He seems to be saying that forgetting signs from a remote past is only to be expected.¹⁴ And yet the implied equation between ancient and forgotten as two different modes of referring to a remote event bears a trace of negation. Oedipus' silence about his punctured ankles is particularly remarkable in the light of Jocasta's testimony.¹⁵ How is it that the memory of his injured feet is not reawakened when Jocasta tells Oedipus that Laius pierced his baby's ankles immediately after

¹³ Ibid 1033. Another example of temporal exaggeration is *palaiás aitías*, *ibid.*, 109.

¹⁴ Oedipus' use of hyperbolic language is an expression of his unconscious. Characterizing the scar as *arkhaíon* or describing the crime as *palaiás* (Sophocles *O.R.* 109) allows Oedipus to take distance from it. These *adýnata* reflect Oedipus' self-alienation and are symptoms of a repression mechanism.

¹⁵ On the basis of line 1031 Dawe argues that "Sophocles intended his Oedipus to know about his pierced feet. If so," he continues, "he ought to have latched on to the vital clue given him by Jocasta at 717-19...but Sophoclean characters in other plays besides this one seem at times to suffer from dramatically convenient transitory amnesia." Dawe seems to take Oedipus' pathological manifestations of amnesia as dramatic manipulation.

birth?¹⁶ What does his forgetfulness of his scars mean then? Although many readers do not attribute an unconscious to the mythical Oedipus,¹⁷ Sophocles' *Oedipus Rex* is founded on forgetting and repression.¹⁸ The focus on forgetting the scarred feet has, however, first and foremost to do with Oedipus' name and identity. The scars on his ankles provide fixed answers to the future questions "who are you?" and "where are you from?" But denial of the existence of the scars persists throughout the play.

A scar is an old sign, a wound that has scabbed over and became fused with the skin surface. A scar is a junction of forgetting and remembering. In the *Odyssey*, the scar has a mnemonic function in the recognition scene. The Homeric scar is a *séma*, which etymologically connects the sign to a thought, *nóos*, and to a homecoming, *nóstos*.¹⁹ The scar brings home something that has collapsed into forgetfulness. Thus, Odysseus' scar triggers a homecoming through a digression:

So said he, and the old woman grabbed the gleaming basin
she washed feet with, poured a lot of water in it,
cold water, then poured the hot on top. Then Odysseus
sat at the hearth, but suddenly turned toward darkness,
at once, for in his heart he was suspicious, lest in taking hold of him
she'd take notice of his scar and his deeds would be discovered.
She came near and washed her lord. She knew at once
the scar, that a pig inflicted on him with its white tooth
when he'd gone to Parnassus...²⁰

ὥς ἄρ' ἔφη, γρηῦς δὲ λέβηθ' ἔλε παμφανώοντα
τοῦ πόδας ἐξαπένιζεν, ὕδωρ δ' ἐνεχεύατο πουλὺ
ψυχρόν, ἔπειτα δὲ θερμὸν ἐπήφυσεν. αὐτὰρ Ὀδυσσεὺς
ἴζεν ἐπ' ἐσχαρόφιν, ποτὶ δὲ σκότον ἐτράπητ' αἴψα:
αὐτίκα γὰρ κατὰ θυμὸν ὄϊσατο, μὴ ἔλαβοῦσα
οὐλὴν ἀμφράσσαιτο καὶ ἀμφαδὰ ἔργα γένοιτο.
νίζε δ' ἄρ' ἄσσον ἰοῦσα ἄναχθ' ἑόν: αὐτίκα δ' ἔγνω
οὐλὴν, τὴν ποτέ μιν σῦς ἤλασε λευκῶ ὀδόντι
Παρνησόνδ' ἐλθόντα

¹⁶ Sophocles *O.R.* 718.

¹⁷ See for example, Jean-Pierre Vernant, "Oedipus without the Complex," in VERNANT & VIDAL-NAQUET, 1988, pp. 85-112.

¹⁸ The mechanism of repression protects Oedipus and Jocasta, for as soon as the memory of the trauma penetrates their conscious memories it causes an uncontrollable outburst of violence towards themselves: Jocasta hangs herself, and Oedipus blinds himself. I am grateful to Noga Weiss for this observation.

¹⁹ On the relationship between *séma*, *nóos*, and *nóstos* see NAGY, 1990, pp. 202-222.

²⁰ *Od.* 19. 386-394 (tr. James Huddleston).

Odysseus succumbs to the encounter with his old nurse, Eurycleia, an encounter uniting the strange and the familiar, the past and the present. Just before she washes his feet, Eurycleia notices that the stranger bears a striking likeness to Odysseus: “I’ve never seen anyone who was so like him as you are like Odysseus in form and voice and feet” (19: 380–381). This triad with its crescendo specifying the feet, not the form or the voice, shows the feet to be the primary site of identification and recognition. The encounter with the feet, though, is not immediate; it takes time, and happens in stages. The existence of the scar hovers, appears not as an object of thought, but as involuntary recollection, an echo from the past. (No sooner has the scar made a flimsy impression in memory than Odysseus, turning away from the fireside, manages to conceal it in the darkness (*Od.* 19.390–391). The scar is hidden as soon as it becomes an object of thought. Consequently, when the scar figures as a physical and tangible object in the sensual field of experience, it summons the memory of its creation (*Od.* 19.393) Only when the scar is present as an object integral to the body, current and tangible, does it, when touched, awaken the memory of its creation, and resuscitate the child’s experience.

Indeed, as Auerbach shows, the emergence of the scar brings about a digression. For Auerbach it means that the narrated past “fill[s] the present entirely.”²¹ The fusion of the past with the present, which for Auerbach is inherent to the structure of the Homeric digression, explains in our context its connectedness to the peculiar, temporal structure of psychoanalytic regression: the Homeric digression is a return to an earlier state, and the digression of Book 19 is a reenactment of an infantile memory. When Auerbach describes how the detailed digressive narrative wins the reader over, making her forget what had just taken place during the foot-washing, he has the aged Eurycleia and the middle-aged Odysseus vanish from the stage and make room for their past selves: the young Eurycleia and the baby Odysseus. Thus, Auerbach’s characterization invites a reading of the Homeric digression as a regression.

Something vanishes from the foot-washing scene and allows an old memory to take its place. The current setting makes room for a primal scene, and the present dissolves into the past. To understand the mnemonic affect of the Homeric footbath episode, and especially its complex form of temporality, we need to attend closely to the sound of the splashing water. We need to attend to the mixing of cold water with the hot as they fill the slippery basin. The water filling the basin brings up an association, or even a blurry memory, of a womb-like place, the place of fetal growth, out of which a baby will emerge into the light of the world. Odysseus’ intimate proximity to his nurse, his eagerness to have his feet bathed in her old hands, not only accelerates the imaginary birth of a baby but also allows the memory to break through. The extrication of memory is connected to the reconstruction of a past custom and its translation into the present: The picture of old Eurycleia preparing the footbath reenacts a daily ritual from Odysseus’ early childhood and youth: she behaves now as she did then, when she used to bathe

²¹ AUERBACH, 1974, p. 4.

the child and in time, the young man of the household. The focus on the everyday actions of the old woman is what sparks involuntary thoughts of the scar on his feet, as if they were suddenly brought out of the depths of forgetfulness.

In the *Odyssey*, the discovery of the scar awakens two very early and related childhood memories. The first has to do with Odysseus' birth in Ithaca, while the second brings back an event from Odysseus' puberty, on Mount Parnassus where his maternal grandfather lived. Bringing these memories to the foreground, Auerbach argues, depends on the digressive movement produced by discovery of the scar. The narrator tells a story known to Odysseus since childhood. Eurycleia would have often recited it to him. His mother's father, Autolycus, was visiting the palace in Ithaca when the news of his grandson's birth was conveyed to him. With Autolycus present, the wet-nurse, Eurycleia, took the infant on her lap for him to receive his name. The grandfather promised that when the baby was grown and came to visit him on Mount Parnassus, he would give him many presents. This memory revives two aspects of Odysseus' identity: the domesticated and the wild. On the island of Ithaca, surrounded by the sea, at home, in a woman's warm lap, he receives his name from his savage grandfather—Odysseus, meaning "the angry one". The grandfather, a man of the wild mountains who lives with his tough hunter sons on Mount Parnassus, makes a surprise visit and places his mark on the future of the baby even while he is peacefully and contentedly nursing, giving him a name and a promise. It is a memory of a meaningful connection between grandson and grandfather. These memories (like free associations) weave a tangled connection between a number of points of view in the present and past. The infant memory of Odysseus is inseparable from memories of his puberty, and the memory of visiting Parnassus is connected to Odysseus' present perspective on Ithaca as a stranger in his own home. The scar's very coming to light means that this complex tangle of temporal layers is woven together. The Homeric text links the two signs, the scar and Odysseus' name, and thus presents their different occurrences in the past as interrelated. In Freudian dream terminology, the event of the scar and the event of naming are superimposed.

Having reached puberty, Odysseus first travelled away from his parents' home, to his grandfather's abode in the mountains "so he'd give him splendid gifts" (19.413). This journey, the fulfillment of an old promise by a distant grandfather, also the fulfillment of a grandchild's wish, turns out to be a ruthless initiation, whose impressions are to be repressed in the mind of Odysseus the adult. The memory of the journey contains a difficult (and repressed) scene that was compensated by the grandfather's desirable gifts. Receiving the gifts turns out to be conditional on proving Odysseus' manhood. The initiation ceremony, especially from a modern point of view, involves severe abuse by the men of the family. There is nothing pleasant in the memory of the test of masculinity that awaits Odysseus on his arrival at the house of his grandfather and his wild uncles. The boy that bursts onto the stage of Odysseus' memory is fresh from the protective feminine environment of his mother and his nurse. On the face of it, the encounter between Odysseus the youth and his mother's family is described as a celebration,

but it is impossible not to get a different and frightening impression, through the child's eyes, a point of view which only a regression can bring to life. It is certainly the experience of Odysseus the man-child that is reenacted now, on Ithaca decades later. The boy is sent to a strange place to meet a group of bold men he doesn't know. Memory uncovers a wild site that for the modern reader resonates with what Freud in *Totem and Taboo* identifies as a primordial experience. In the child's point of view, as it is now reconstructed in the Homeric text, he takes part in a feast centered on the cruel killing of a five-year-old ox. The slaughter is described in detail, but unlike other descriptions of sacrifice in Homeric poetry, here the description is subordinate to the point of view of a small child who watches the slaughter in terror: the animal is flayed and cut up at the centre of the circle of uncles, who take and roast their shares on skewers (19.420–427). In the morning, the test of the boy's masculinity reaches a crescendo when he joins a wild-boar hunt. The men reach the dark thick of the forest, where the eye of Helios the sun god never glances:

A big pig was lying down there, in a thick lair,
through which the fury of the winds, blowing wetly, did not blow,
nor did the shining sun strike it with his rays,
nor did the rain pierce through it, through and through, it was so thick,
but there was a pile of leaves, a really big one, in it. (*Od.* 19. 439–443)

ἐνθα δ' ἄρ' ἐν λόχῃ πυκινῇ κατέκειτο μέγας σῶς:
τὴν μὲν ἄρ' οὔτ' ἀνέμων διάει μένος ὑγρὸν ἀέντων,
οὔτε μιν Ἥλιος φαέθων ἀκτῖσιν ἔβαλλεν,
οὔτ' ὄμβρος περάσσκε διαμπερές: ὧς ἄρα πυκνὴ
ἦεν, ἀτὰρ φύλλων ἐνέην χύσις ἥλιθα πολλή.

It is here that the child is brought, where he tries to prove that he is worthy of belonging to the society of hunters. He hurls the lance, killing the boar, but not before it has torn his leg, leaving him wounded and bleeding. The child is sent home only after his grandfather and uncles have healed him. Back at his parents' home they want to know the meaning of the wound, testimony to a fresh memory, the story still easily told (19.444–466).²² These two memories of infancy and youth are intertwined and don't allow a simple linear telling of a sequential narrative from one point of view.

The analogy between Oedipus and Odysseus can be productive once we begin to explore the intertextual links between the plot of Sophocles' *Oedipus Rex* and the foot-washing episode of *Odyssey* 19. The Homeric Odysseus provided Sophocles with an inspiring model for imitation: in both narratives a middle-aged man lives with the bodily manifestation of an early wound—a childhood scar—of which he has been oblivious for many years. After many years of

²² Lillian Doherty reads the boar hunt as a “mise en abyme in that it recapitulates in a single adventure the essential elements of Odysseus' entire ‘career.’” See *Siren Songs: Gender, Audiences, and Narratives in the Odyssey* (1995, p. 156).

absence, a homecoming brings with it a return of memory: the traumatic scarification begins to surface. Similar connections surface as we explore Auerbach's analogy. When Auerbach compares Odysseus' scar to the binding of Isaac, his disparagement of Homer's "Asiatic style" cannot quench (or conceal) his fascination with the scar episode. Moreover, it opens his own comparative analysis to the possibility of reflecting a subjectivist-perspectivist approach. Auerbach's modern condition is opened to the archaic memory of the son's planned sacrifice. When we reconsider how his analysis conceals the similarities between Isaac and Odysseus, how it ignores their Oedipal connection, Auerbach's comparative analysis discloses its depth perspective. Although Auerbach keeps his silence about the inner relations between the two mythical and culturally separate protagonists, these relations stimulate the memory of his own personal scars. There, in Istanbul, closer now to the ancient and mythical landscape of both Isaac and Odysseus, Auerbach's painful memory as a middle-aged Jewish scholar, a refugee from Europe, is awakened.

Bibliographical References:

- AUERBACH, E. *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature*. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- CARUTH, C. *Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.
- DOHERTY, L. *Siren Songs: Gender, Audiences, and Narratives in the Odyssey*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.
- HOMER. *Odyssey*. Translated by James Huddleston, 2006. Electronic edition: <http://digital.library.northwestern.edu/homer/>.
- LEV KENAAN, V. *The Ancient Unconscious: Psychoanalysis and Classical Texts*. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- NAGY, G. *Greek Mythology and Poetics*. Ithaca: Cornell University Press, 1990.
- PORTER, J. "Erich Auerbach and the Judaizing of Philology". *Classical Inquiry*, 35.1, 2008, pp. 115-147.
- SHAHAR, G. "Auerbach's Scars: Judaism and the Question of Literature". *The Jewish Quarterly Review*, 101, 2011, pp. 604-630.
- SOPHOCLES. "Oedipus the King". In: _____. vol. 1. With an English translation by F. Storr. Cambridge: Harvard University Press, 1912.
- _____. *Oedipus Rex*. Commentaries by DAWE, R. D. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- VERNANT, J.-P. "Oedipus without the Complex". In: _____. & VIDAL-NAQUET, P. *Myth and Tragedy in Ancient Greece*. 2. ed. Translated by Janet Lloyd. New York: Zone Books, 1988, pp. 85-112.





Édipo, Odisseu e o retorno da memória¹

Oedipus, Odysseus and the Return of Memory²

Vered Lev Kenaan³

e-mail: vered.lev.kenaan@gmail.com

orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3966-8991>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.22448>

Tradução: Marina Albuquerque⁴

e-mail: marinalbuq@gmail.com

orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0389-6482>

RESUMO: A analogia entre Édipo e Odisseu é impressionante e apresenta um caso interessante de intertextualidade, uma vez que sua relação é investigada a partir dos liames entre o enredo do *Édipo Rei* de Sófocles e o episódio da lavagem dos pés de Odisseu, no Canto XIX. Defendo que o Odisseu homérico forneceu a Sófocles um modelo inspirador para imitação: um homem de meia-idade carrega no seu corpo uma marca de infância da qual se manteve alheio por muitos anos. Após vários anos ausente, o retorno ao lar traz consigo o retorno da memória: a traumática escarificação vem à tona. As cicatrizes de Édipo e Odisseu trazem de volta algo que caíra no esquecimento. Voltando à “Cicatriz de Odisseu”⁵ de Auerbach, este artigo aborda a cicatriz como uma junção do esquecimento e da recordação, e mostra como a memória Odisseu e o esquecimento de Édipo estão entrelaçados.

PALAVRAS-CHAVE: Cicatriz de Odisseu; Erich Auerbach; *Mimesis*; analogia; Literatura comparada; *Akedah*; memória de infância; esquecimento; *Édipo Rei*; recalque; identidade judaica.

ABSTRACT: The analogy between Oedipus and Odysseus is striking and provides an intriguing case of intertextuality once their relationship is investigated through the fascinating links that the plot of Sophocles’ *Oedipus Rex* maintains with the episode of the foot washing of the *Odyssey*, Book 19. I argue that the Homeric Odysseus provided Sophocles with an inspiring model for imitation: A middle-aged man carries on his body a childhood scar of which he has been oblivious for many years. After many years of absence, a homecoming brings with it a return of memory: the traumatic scarification begins to surface. Oedipus’ and Odysseus’ scars bring home something that has collapsed into forgetfulness. Returning to Auerbach’s “Odysseus Scar” the article discusses the scar as a junction of forgetting and remembering and show how Odysseus’ memory and Oedipus’ forgetfulness are intertwined.

KEYWORDS: Odysseus’ scar; Erich Auerbach; *Mimesis*; Analogy; Comparative literature; *Akedah*; Childhood memory; Forgetfulness; Oedipus Rex; Repression; Jewish identity

¹ Este ensaio é baseado numa conferência que proferi em abril de 2018, no CMWS em Albuquerque, numa mesa-redonda intitulada “Édipo e seus correspondentes heroicos”. Sou grata aos meus coorganizadores, Emma Scioli e Richard Armstrong, por nossas profícuas discussões.

² A versão original deste artigo, em inglês, pode ser acessada diretamente pelo DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.22186>

³ Professora de Letras Clássicas e de Literatura Comparada da Universidade de Haifa, Israel.

⁴ Doutoranda no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, sob a orientação do Prof. Dr. Henrique Cairus.

⁵ Em língua portuguesa, a tradução de George Bernard Sperber, publicada pela Editora Perspectiva em 1971, consagrou este primeiro capítulo de *Mimesis* com o título de “A Cicatriz de Ulisses”. Todas as citações dessa obra de Auerbach correspondem à sua tradução. Optamos, porém, por traduzir o título do capítulo por “A Cicatriz de Odisseu” (N. T.).



Minhas ideias acerca de analogias literárias e comparações começaram a se formar quando, há muitos anos, no Ensino Médio, deparei-me com a *Mimesis*, de Erich Auerbach. No Ensino Médio israelense daquele tempo, com a leitura da obra monumental de Auerbach majoritariamente centrada no primeiro capítulo, “A cicatriz de Odisseu”⁶, que, ao comparar a narrativa bíblica da amarração de Isaac⁷ e o episódio homérico do adulto Odisseu que tem seus pés lavados pela ama de sua infância, nos ofereceu – a jovens estudantes israelenses –, sobretudo, um importante contraste para a história de Isaac. Pediram-nos que seguíssemos a análise de Auerbach, que enfatiza os valores únicos, éticos e metafísicos, da história bíblica do *Akedah* e para observar especificamente como Auerbach explica a relação interna entre o *êthos* bíblico e sua forma estética. Minha primeira impressão do primeiro capítulo de Auerbach era a de que a história bíblica é valorizada e privilegiada em comparação ao conto homérico. Na aula, este último foi de alguma forma deixado de lado, permanecendo inexplorado e, de fato, excluído do escopo do nosso estudo. Para você, minha história pode parecer estranha, com razão. Como uma joia literária, a mais famosa passagem do Canto XIX da *Odisseia*, descrevendo a lavagem dos pés de Odisseu, uma passagem que se tornou uma cena icônica de reconhecimento na história da literatura europeia, pode ser ofuscada e quase suprimida por uma atenção excessiva à história bíblica?

Era evidente para mim, mesmo na época, que faltava algo na nossa leitura do Ensino Médio. A interpretação da analogia de Auerbach não havia sido completamente esgotada. O que me incomodava em primeiro lugar era uma certa contradição, ou melhor, uma inconsistência entre a aparente aceitação da superioridade da representação bíblica e sua fascinação com o episódio homérico da lavagem dos pés, uma fascinação que se declara no nome do capítulo: “A cicatriz de Odisseu”. Se a história bíblica é o centro gravitacional desse capítulo, por que não está refletida no título? Por que “A cicatriz de Odisseu”, e não algo como “O sacrifício de Isaac”?

Auerbach é conhecido como um dos pais fundadores do campo de literatura comparada. E ainda hoje, a partir da leitura de James Porter e outros, sabemos que seu estudo comparativo não é simplesmente o trabalho teórico de um comparativista⁸. A analogia entre Isaac e Odisseu pode ser lida como uma resposta à crise cultural, política, do seu tempo e, além disso, oculta um conflito pessoal de identidade: Auerbach, um judeu refugiado em

⁶ Em língua portuguesa, a tradução de George Bernard Sperber, publicada pela Editora Perspectiva em 1971, consagrou este primeiro capítulo de *Mimesis* com o título de “A Cicatriz de Ulisses” (N. T).

⁷ “*Binding of Isaac*”, em inglês. A palavra “*binding*”, amarrar imobilizando – ato que precedia a imolação – é usado em inglês para retratar essa narrativa bíblica, tradução próxima do hebraico “*Akedah*” (N. T).

⁸ PORTER, 2008, p. 115-147.

Istambul – escapando dos horrores da Segunda Guerra Mundial –, é cindido e ambíguo em relação à sua identidade cultural como um judeu europeu. Analogias são essenciais para a narrativa histórica do desenvolvimento construído pela *Mimesis* de Auerbach. De fato, a analogia Odisseu-Isaac aponta para uma diferença crítica, expondo uma divisão cultural. Essa analogia contrasta o estilo homérico asiático com a narrativa do Antigo Testamento e sua recepção judia-europeia, e concomitantemente separa Odisseu de Isaac. O par homérico e bíblico demonstra antiteticamente dois paradigmas, míticos e culturais. E, ainda assim, analogias não apenas distinguem, mas unem, compõem, justapõem e apontam para similaridades. Desse modo, o ato de Auerbach de distinguir a história de Isaac da história de Odisseu encobre ideias que não parecem conscientes em *Mimesis*. Interessante que Auerbach permanece em silêncio quanto à evidente relação entre as duas histórias. Sua analogia evoca ambiguidades. Apesar da sua declaração explícita, o primeiro capítulo de *Mimesis* prova que as duas diferentes histórias têm, na verdade, muito em comum. O método comparativo de Auerbach, portanto, opera similarmente ao inconsciente⁹. Assim como o pensamento espontâneo, a ligação entre Odisseu e Isaac justapõe coisas diferentes sem monitorar suas relações internas ocultas. Como Isaac e Odisseu são similares?

Ambos os heróis sofrem um trauma de infância relacionado à figura paterna. Ambos são heróis marcados, cujas memórias de infância são a chave para decifrar suas identidades cindidas e ambíguas. Devemos notar, no entanto, que Auerbach permanece em silêncio sobre a experiência traumática de infância de Isaac. Além disso, diferentemente da história da cicatriz de Odisseu, a cicatriz de Isaac não deixou uma marca literal, física, no seu corpo. E ainda assim a cicatriz é parte do sacrifício narrativo, já que etiologicamente pode estar relacionada à presença de uma cicatriz simbólica num corpo judeu masculino. O legado da circuncisão pode ser entendido como memorial do evento mítico do *Akedah*¹⁰. Esses pontos semelhantes, no entanto, são deixados de lado na comparação de Auerbach. Sua análise nega a relevância do que torna Isaac um correspondente heroico de Odisseu. Falta algo, portanto, na comparação de Auerbach, e esse elemento ausente é precisamente a ligação ou a lógica por trás da ligação entre as duas histórias. Precisamos, então, investigar a similaridade e afinidade entre Isaac e Odisseu que Auerbach parece ignorar. O elemento faltante, que pode lançar luz sobre o quão semelhante são o Isaac bíblico e o Odisseu homérico, pode ser encontrado na terceira figura mítica grega: Édipo.

Édipo e Odisseu têm muito em comum. Os dois sofreram um grande dano na sua infância. Esses eventos traumáticos de infância deixaram marcas em seus corpos. As cicatrizes aparecem como meios de identificação para aqueles que conhecem Édipo e Odisseu desde a infância. Ao voltar-se para essas cicatrizes como lugares de um passado distante, as histórias de Édipo e Odisseu revelam sua complexa relação com seu passado. Lembrança e

⁹ Para uma ampla discussão sobre a relação entre a analogia e a linguagem do inconsciente, ver LEV KENAAN, Vered. *The Ancient unconscious: psychoanalysis and Classical texts*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

¹⁰ Sobre a leitura de Auerbach do *Akedah* bíblico, em convergência e oposição ao Odisseu ferido de Homero, ver SHAHAR, 2011, p. 604-630.

esquecimento estão, portanto, entrelaçados nas narrativas de Édipo e Odisseu¹¹. O episódio da cicatriz (XIX, 361–475) representa um evento extremamente dramático no enredo da *Odisseia*. Odisseu finalmente volta para casa, depois de vinte anos de ausência, um estranho em casa. Penélope pede a Euricleia, antiga ama de Odisseu, para lavar os pés dele. Enquanto Euricleia prepara a água para a bacia, Odisseu de repente se move para a escuridão com medo de que a antiga ama o reconheça pela cicatriz nos pés. Mas na escuridão, enquanto lava os pés, Euricleia toca a cicatriz com as mãos. Neste momento intenso, o narrador homérico, como Auerbach observa tão apropriadamente, leva a história a uma pausa. Isso acontece exatamente no momento em que os ouvintes estão mais ávidos por saber como Euricleia responderá ao reconhecer Odisseu e se sua reação irá expô-lo publicamente. Mas, em vez de saciar a curiosidade do público e ir ao encontro de suas expectativas, o narrador volta-se para descrever tranquilamente dois episódios do início da vida de Odisseu: a história da nomeação de Odisseu após seu nascimento, e a da caça ao javali.

Auerbach reluta em entender os dois episódios de infância como exemplos da memória de infância homérica. Ele não acredita que esses dois episódios sejam momentos de recordação. De acordo com Auerbach, esses dois episódios não podem ser lembranças porque não estão subordinados a uma perspectiva singular¹². Além disso, ao trazer esses eventos passados para o primeiro plano, sua lucidez, sua visibilidade e sua uniforme integralidade tipicamente homéricas em respeito aos detalhes os desqualificam como lembranças. Por outro lado, para representações de lembrança, os episódios da infância de Odisseu fornecem processos psicológicos sem deixar coisas escondidas e não expressas¹³. Auerbach escreve em conclusão: “[o estilo homérico] só conhece o primeiro plano, só um presente uniformemente iluminado, uniformemente objetivo”:

Mas um tal processo subjetivo-perspectivista, que cria um primeiro e um segundo planos, de modo que o presente se abra na direção das profundezas do passado, é totalmente estranho ao estilo homérico; ele só conhece o primeiro plano, só um presente uniformemente iluminado, uniformemente objetivo¹⁴.

Em outras palavras, a recusa de Auerbach em atribuir ao episódio homérico da cicatriz uma profundidade em perspectiva típica da memória subjetiva está ligada a uma desatenção às relações temáticas entre os episódios homéricos e bíblicos. Auerbach não apenas se recusa a ouvir nos episódios da infância de Odisseu um fluxo subjetivo de associações, mas também coloca entre parênteses, talvez solapando, ou até esquecendo, o

¹¹ Há muito que dizer sobre a relação entre a história da cicatriz e a história do trauma como narrativas de uma experiência tardia. Ver CARUTH, Cathy. *Unclaimed experience: Trauma, narrative, and history*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.

¹² Tal subordinação foi deliberadamente evitada: “Isto teria sido muito fácil: teria sido necessário, meramente, começar com a narração da cicatriz dois versos antes, quando da primeira menção da palavra ‘cicatriz’, onde já estão disponíveis os motivos ‘Ulisses’ e ‘lembrança’” (AUERBACH, 1971, p. 5).

¹³ AUERBACH, 1971, p. 4.

¹⁴ *Idem*, p. 5.

efeito traumático que o episódio do sacrifício tem no menino Isaac e no modo como isso moldou suas memórias de infância. A resistência de Auerbach em relacionar essas narrativas antigas de estruturas da memória pode ser desarmada quando se considera os episódios de Isaac e Odisseu em comparação com o trágico Édipo. Mais especificamente, é à luz da elaboração de Sófocles e a adaptação do episódio homérico da cicatriz que as figuras de Isaac e Odisseu tornam-se inter-relacionáveis.

Édipo Rei é um texto fundado no apagamento e no recalque. Seu protagonista, diferentemente de Odisseu, sofre de lapsos de memória. Os sinais de um antigo ferimento marcado no seu corpo de criança são um exemplo obscuro de repressão. Estamos lidando, portanto, com um lembrete de um evento traumático, um evento que pode não ser totalmente apreendido pela criança quando acontece. O que há para ser lembrado de um evento pertencente à infância? Do que o Édipo adulto se lembra com relação ao evento fundador a que ele se submeteu enquanto recém-nascido? Que memória permanece dos seus pais o abandonando, e de que o lembram os sinais da perfuração dos seus pés feita por seu pai? O ato cruel da escarificação perdura como marca no corpo de Édipo, mas seu significado, a experiência vívida de outrora, é completamente removido de sua memória consciente. Apenas em uma cena posterior da peça Édipo é compelido a se lembrar do que já havia sido apagado e borrado. Este não é, claro, um simples caso de recordação. O caso de uma criança ferida é especialmente complicada e não pode envolver uma divisão rígida entre o esquecimento e a lembrança¹⁵. O evento pertence a um estágio tão inicial da vida que é imemorável, antes de mais nada.

A interação entre o esquecimento e a lembrança, que é meu interesse aqui, tem lugar na idade adulta de Édipo e não envolve a experiência primária do trauma. Ela tem relação, na verdade, com a inclinação de Édipo em esquecer a existência da cicatriz, o que demonstra como para ele a cicatriz é um lembrete desagradável de um passado desconhecido:

Mensageiro

Mas fui teu salvador naquele tempo, filho!

Édipo

E que dor eu sofria, quando me pegaste em meus males?

Mensageiro

Podem testemunhá-lo as juntas de teus pés.

Édipo

Ai, ai, que mal antigo é esse que mencionas?

Mensageiro

Soltei-te quando tinhas trespassadas as pontas dos pés.

Édipo

Que horrível afronta levei de meu berço!¹⁶

¹⁵ No caso de uma criança que é vítima, a experiência de trauma envolve “latência”, um termo freudiano, como Cathy Caruth explica, “*is the period which the effects of the experience are not apparent*”, e acrescenta: “*The experience of trauma, the fact of latency, would thus seem to consist, not in the forgetting of reality that can hence never be fully known, but in an inherent latency within the experience itself*”. Ver CARUTH, 1996, p. 17.

¹⁶ SÓF. E. R. 1030-5. Trad. Flávio Ribeiro Oliveira. São Paulo: Ed. Odisseus, 2015.

Ἄγγελος
 σοῦ τ', ὧ τέκνον, σωτήρ γε τῷ τότ' ἐν χρόνῳ.
 Οἰδίπους
 τί δ' ἄλγος ἴσχοντ' ἀγκάλαις με λαμβάνεις;
 Ἄγγελος
 ποδῶν ἂν ἄρθρα μαρτυρήσειεν τὰ σά:
 Οἰδίπους
 οἴμοι, τί τοῦτ' ἀρχαῖον ἐννέπεις κακόν;
 Ἄγγελος
 λύω σ' ἔχοντα διατόρους ποδοῖν ἀκμάς.
 Οἰδίπους
 δεινόν γ' ὄνειδος σπαργάνων ἀνειλόμην.

Quando o mensageiro dirige o olhar de Édipo para os pés como prova de sua real identidade, Édipo responde em horror, traindo assim sua negação, o esquecimento temporário de seus pés marcados que se tornaram um componente integrante do seu ser: “Ai, ai, que mal antigo é esse que mencionas?”. A linguagem de Édipo desconhecidamente dá expressão a uma experiência prelingual. Ele nomeia o originalmente inominável: *kakón*, isto é, ‘mal’ ou ‘calamidade’. Ele intensifica o quanto antiga é a cicatriz: *arkhaion kakón*¹⁷. A cicatriz significa para Édipo um lugar além do memorável. Assim, o lembrete do imemorável significa uma volta atrás, expressa na regressão de Édipo. Esse é o momento em que Édipo é endereçado pelo mensageiro como uma criança, *ho téknon*. Sentimentos intensos de medo e vergonha emergem como sintomas da sua regressão. O medo e a vergonha de Édipo não refletem responsabilidade moral pelo terrível ato do passado, o evento de inadvertidamente matar seu pai. Medo e vergonha surgem, estranhamente, em relação à experiência traumática de infância que Édipo ignora completamente e que agora retorna.

Ao ver as cicatrizes como coisas antigas (arcaicas), Édipo parece desculpar seu esquecimento. Ele parece dizer que esquecer sinais de um passado remoto é nada além do esperado¹⁸. E mais, a equação implícita entre dois diferentes modos de se referir a um evento remoto carrega um rastro de negação. O silêncio de Édipo sobre seus tornozelos inchados é particularmente notável à luz do testemunho de Jocasta¹⁹. Como é que a memória dos seus pés feridos não é reavivada quando Jocasta conta para Édipo que Laio perfurou os tornozelos de seu bebê imediatamente após o nascimento?²⁰ O que o esquecimento das suas cicatrizes

¹⁷ *Ibid.* 1033. Outro exemplo de exagero temporal é *palaiás aitias*, *ibid.*, 109.

¹⁸ O uso da linguagem hiperbólica de Édipo é uma expressão do seu inconsciente. Caracterizar a cicatriz como *arkhaion* ou descrever o crime como *palaiás* (SÓF. E. R. 109) permite que Édipo tome distância disso. Esses *adýnata* refletem autoalienação de Édipo e são sintomas de um mecanismo de repressão.

¹⁹ Por volta da linha 1031, Dawe argumenta que “*Sophocles intended his Oedipus to know about his pierced feet. If so,*” e ele continua, “*he ought to have latched on to the vital clue given him by Jocasta at 717-19... but Sophoclean characters in other plays besides this one seem at times to suffer from dramatically convenient transitory amnesia.*”. Dawe parece considerar as manifestações patológicas de amnésia de Édipo como manipulação dramática.

²⁰ SÓFOCLES E. R. 718.

significa, então? Apesar de muitos leitores não atribuírem um inconsciente ao Édipo mítico²¹, o *Édipo Rei* de Sófocles é fundado no esquecimento e na repressão²². O foco no esquecimento dos pés marcados, no entanto, tem a ver, em primeiro lugar e sobretudo, com o nome de Édipo e sua identidade. As cicatrizes em seus tornozelos fornecem respostas fixas para as questões futuras: “quem é você?” e “de onde você é?”. Mas a negação da existência de cicatrizes persiste ao longo da peça.

Uma cicatriz é um sinal antigo, uma ferida que se cicatrizou e se fundiu com a superfície da pele. Uma cicatriz é a junção do esquecimento e da lembrança. Na *Odisseia*, a cicatriz tem uma função mnemônica na cena de reconhecimento. A cicatriz homérica é um *sêma*, que conecta etimologicamente o sinal a um pensamento, *nóos*, e ao retorno a casa, *nóstos*²³. A cicatriz leva para casa algo que havia caído no esquecimento. Assim, a cicatriz de Odisseu é o gatilho para um retorno a casa, através de uma digressão:

Isso disse ele; a bacia brilhante ela, logo, segura,
na qual os pés costumavam lavar, e deitou bastante água
fria, ajuntando, em seguida, água quente. Odisseu, entretanto,
longe do lar se assentou, procurando ficar mais na sombra,
pois receou que Euricleia, ao tocar-lhe na perna, pudesse
a cicatriz conhecer e, assim, tudo ficar descoberto.
Aproximando-se dele, a ama pôs-se a lavá-lo; mas logo
a marca viu, conhecendo-a, que um porco-do-mato causara,
quando ele a Autólico e aos filhos outrora visita fizera,
lá no Parnaso...²⁴

ὥς ἄρ' ἔφη, γρηῦς δὲ λέβηθ' ἔλε παμφανόωντα
τοῦ πόδας ἔξαπένιζεν, ὕδωρ δ' ἐνεχεύατο πουλὺ
ψυχρόν, ἔπειτα δὲ θερμὸν ἐπήφυσεν. αὐτὰρ Ὀδυσσεὺς
ἴζεν ἐπ' ἐσχαρόφιν, ποτὶ δὲ σκότον ἐτράπειτ' αἶψα:
αὐτίκα γὰρ κατὰ θυμὸν οἴσατο, μὴ ἐλαβοῦσα
οὐλήν ἀμφράσσαιτο καὶ ἀμφαδὰ ἔργα γένοιτο.
νίξε δ' ἄρ' ἄσσον ἰοῦσα ἄναχθ' ἑόν: αὐτίκα δ' ἔγνω
οὐλήν, τήν ποτέ μιν σῆς ἤλασε λευκῶ ὀδόντι
Παρνησόνδ' ἐλθόντα

Odisseu sucumbe ao encontro com sua antiga ama, Euricleia, um encontro que une o estranho e o familiar, o passado e o presente. Pouco antes de lavar seus pés, Euricleia percebe que o estrangeiro carrega uma semelhança impressionante com Odisseu: “Mas

²¹ Ver, por exemplo, “*Oedipus without the Complex*”, de Jean-Pierre Vernant, em VERNANT & VIDAL-NAQUET, 1988, p. 85-112.

²² O mecanismo de repressão protege Édipo e Jocasta, pois assim que a memória do trauma penetra suas memórias conscientes, ela causa um acesso de violência incontrolável contra si mesmos: Jocasta se enforca, e Édipo se cega. Sou grata a Noga Weiss por esta observação.

²³ Sobre a relação entre *sêma*, *nóos*, e *nóstos*, ver NAGY, 1990, p. 202-222.

²⁴ *Od.* XIX, 386-394. Todas as citações da *Odisseia* correspondem à tradução de Carlos Alberto Nunes (N. T.).

nunca vi semelhança tão grande como essa que mostras / com Odisseu [...]” (*Od.* XIX, 380-381). Essa tríade com o clímax especificando os pés, não a forma ou a voz, mostra que os pés são o local primeiro de identificação e reconhecimento. O encontro com seus pés, no entanto, não é imediato; leva tempo, e acontece em níveis. A existência da cicatriz paira, aparece não como um objeto do pensamento, mas como uma lembrança involuntária, um eco do passado. Mal a cicatriz deixou uma leve impressão na memória, Ulisses, afastando-se da lareira, consegue escondê-la na escuridão (*Od.* XIX, 390-391). A cicatriz é escondida assim que se torna objeto do pensamento. Consequentemente, quando a cicatriz figura como um objeto físico e tangível no campo sensual da experiência, isso evoca a memória de sua criação (*Od.* XIX, 393). Apenas quando a cicatriz está presente como um objeto integral do corpo, corrente e tangível, ao ser tocada, evoca a memória de sua criação, e ressuscita a experiência de criança.

De fato, como mostra Auerbach, a emergência da cicatriz traz algo sobre a digressão. Para Auerbach, significa que o passado narrado “preenche completamente o presente²⁵”. A fusão do passado com o presente – o que para Auerbach é inerente à estrutura homérica da digressão – explica no nosso contexto a sua conectividade com a estrutura temporal e peculiar da regressão psicanalítica: a digressão homérica é um retorno a um estágio inicial, e a digressão do Canto XIX é uma reencenação de uma memória infantil. Quando Auerbach descreve como a narrativa digressiva detalhada conquista o leitor, fazendo com que ele esqueça o que acabou de acontecer durante a lavagem dos pés, ele faz a Euricleia idosa e o Odisseu de meia-idade desaparecerem de cena e darem espaço para seus “eus” passados: a jovem Euricleia e o bebê Odisseu. Assim, a caracterização de Auerbach convida a uma leitura da digressão homérica como regressão.

Algo some da cena da lavagem dos pés e permite que uma antiga memória tome o seu lugar. O cenário atual prepara o lugar para uma cena primária, e o presente se dissolve no passado. Para compreender o afeto mnemônico do episódio homérico da lavagem dos pés, e especialmente sua complexa forma de temporalidade, precisamos atentar cuidadosamente para o som da água que cai. Precisamos atentar para a mistura da água fria com a quente enquanto enchem a bacia escorregadia. A água enchendo a bacia traz à tona uma associação, ou até uma memória difusa, de um lugar semelhante a um útero, o lugar de crescimento fetal, do qual um bebê emergirá à luz do mundo. A íntima proximidade de Odisseu com sua ama, seu entusiasmo de ter os pés banhados pelas velhas mãos dela, não apenas acelera o nascimento imaginário de um bebê, mas também permite o surgimento da memória. A recuperação da memória está conectada à reconstrução de um hábito passado e sua tradução para o presente: a imagem da Euricleia idosa preparando o banho de pés reencena um ritual diário da infância e da juventude de Odisseu: ela se comporta agora como então, quando costumava banhar a criança e, com o tempo, o jovem homem da família. O foco nas ações diárias da mulher idosa é o que atíça involuntariamente pensamentos sobre a cicatriz dos seus pés, como se eles fossem de repente retirados das profundezas do esquecimento.

²⁵ AUERBACH, 1971, p. 3.

Na *Odisseia*, a descoberta da cicatriz desperta duas bem antigas e relacionadas lembranças da infância. A primeira é relativa ao nascimento de Odisseu em Ítaca, enquanto a segunda retoma um acontecimento da puberdade de Odisseu, no monte Parnaso, onde seu avô materno viveu. Trazer essas memórias para o primeiro plano, Auerbach argumenta, depende do movimento digressivo produzido pela descoberta da cicatriz. O narrador contra uma história conhecida por Odisseu desde a infância. Euricleia a deve ter frequentemente contado para ele. O pai de sua mãe, Autólico, estava visitando o palácio em Ítaca quando a notícia do nascimento do seu neto lhe foi transmitida. Com Autólico presente, a ama de leite, Euricleia, pegou o menino no colo para ele receber seu nome. O avô prometeu que quando o bebê crescesse e viesse visitá-lo no monte Parnaso, ele lhe daria muitos presentes. Essa memória revive dois aspectos da identidade de Odisseu: o domesticado e o selvagem. Na ilha de Ítaca, cercada pelo mar, em casa, no colo caloroso de uma mulher, ele recebe o nome de seu feroz avô – Odisseu, que significa “o que tem ódio”. O avô, um homem das montanhas selvagens que vive com seus fortes filhos caçadores no monte Parnaso, faz uma visita surpresa e põe sua marca no futuro do bebê, quando ele ainda está pacífica e alegremente sendo nutrido, dando-lhe um nome e uma promessa. É uma lembrança de uma conexão significativa entre o neto e o avô. Essas lembranças (como livres associações) tecem uma relação entrelaçada entre vários pontos de vista no presente e no passado. A memória infante de Odisseu é inseparável das memórias da sua puberdade, e a memória de visitar o Parnaso está ligada à perspectiva presente de Odisseu em Ítaca, como um estranho em sua própria terra. A mera aparição da cicatriz à luz significa que esse complexo entrelaçamento de camadas temporais está tecido em conjunto. O texto homérico liga os dois sinais, a cicatriz e o nome de Odisseu, e assim apresenta suas ocorrências diferentes no passado como inter-relacionadas. Na terminologia freudiana do sonho, o evento da cicatriz e o de nomeação estão sobrepostos.

Tendo alcançado a puberdade, Odisseu primeiro viajou para longe da casa de seus pais, para a morada de seu avô nas montanhas, “por causa, pois, dos presentes” (XIX, 413). Essa jornada, a realização de uma promessa antiga de um avô distante, além da realização do desejo de um neto, acaba por ser uma iniciação brutal, cujas impressões virão a ser reprimidas na mente de Odisseu adulto. A memória da jornada contém uma cena difícil (e reprimida) que será compensada pelos desejáveis presentes de seu avô. Receber esses presentes passa a ser condicional à prova da virilidade de Odisseu. A cerimônia de iniciação, especialmente a partir de um ponto de vista moderno, envolve abuso severo pelo homem da família. Não há nada de agradável na memória do teste de masculinidade que espera por Odisseu em sua chegada à casa de seu avô e de seus tios selvagens. O menino que surge no palco da memória de Odisseu veio do ambiente feminino protetor de sua mãe e de sua ama. Sendo assim, o encontro entre Odisseu jovem e a família de sua mãe é descrito como uma celebração, mas é impossível não captar uma impressão diferente e assustadora, através dos olhos da criança, um ponto de vista que apenas a regressão pode trazer à tona. É certamente a experiência de Odisseu, o homem-menino, que é reencenada agora, em Ítaca, décadas depois. O menino é enviado a um lugar estranho para encontrar um grupo de homens audaciosos que ele não conhece. A memória desvela um local silvestre que, para os leitores

modernos, ressoa como o que Freud, em *Totem e tabu*, identifica como experiência primordial. Do ponto de vista da criança, como isso é agora reestruturado no texto homérico, ele toma parte num banquete centrado na matança cruel de um boi de cinco anos de idade. O abate é descrito em detalhe, mas diferente de outras descrições de sacrifício na poesia homérica, aqui a descrição está subordinada ao ponto de vista de uma criança pequena que assiste ao abate aterrorizada: o animal é esfolado e esquarterado no centro do círculo de tios, que pegam e queimam suas partes em espetos (XIX, 420-427). De manhã, o teste da virilidade do menino alcança o clímax quando ele se junta à caça do javali selvagem. Os homens chegam até a profunda escuridão da floresta, onde o olho de Hélio, o deus do sol, nunca alcança:

Um javali vigoroso se achava na mata escondido,
onde nos úmidos ventos o sopro atingir não podia,
nem com seus raios brilhantes o Sol o local clareava,
nem mesmo a chuva até lá penetrava, por tal modo unidos
eram os galhos, e tantas as folhas, em montes, no solo.

ἔνθα δ' ἄρ' ἐν λόχῃ πυκινῇ κατέκειτο μέγας σῦς:
τὴν μὲν ἄρ' οὔτ' ἀνέμων διάει μένος ὑγρὸν ἀέντων,
οὔτε μιν Ἥλιος φάεθων ἀκτίσιν ἔβαλλεν,
οὔτ' ὄμβρος περάσσκε διαμπερές: ὧς ἄρα πυκνὴ
ἦεν, ἀτὰρ φύλλων ἐνέην χύσις ἥλιθα πολλή.²⁶

É aqui que a criança é trazida, onde ele tenta provar que é merecedor de pertencer à sociedade dos caçadores. Ele arremessa a lança, matando o javali, mas não antes de ter a perna rasgada, deixando-o ferido e sangrando. A criança é mandada para casa apenas após seu avô e tios terem-no curado. De volta à casa de seus pais, eles querem saber o motivo do ferimento, testemunho de uma lembrança fresca, a história ainda facilmente contada (XIX, 444-466)²⁷. As duas lembranças da infância e da juventude estão entrelaçadas e não permitem uma narração simples, linear e sequencial de um ponto de vista.

A analogia entre Édipo e Odisseu pode ser produtiva a partir do momento em que começamos a explorar as ligações intertextuais entre o enredo do *Édipo Rei* de Sófocles e o episódio da lavagem dos pés no Canto XIX da *Odisseia*. O Odisseu homérico forneceu a Sófocles um modelo inspirador para a imitação: em ambas as narrativas um homem de meia-idade vive com uma manifestação corporal de uma ferida primitiva – uma cicatriz de infância –, da qual se manteve esquecido por muitos anos. Depois de se ausentar por anos, um retorno à casa traz consigo um retorno da memória: a escarificação traumática começa a emergir. Conexões similares emergem ao explorarmos a analogia de Auerbach. Quando

²⁶ *Od.* XIX, 439-443.

²⁷ Lillian Doherty lê a caça ao javali como um “*mise en abyme in that it recapitulates in a single adventure the essential elements of Odysseus' entire 'career'*”. Ver, da autora, *Siren songs: gender, audiences, and narratives in the Odyssey* (1995, p. 156).

Auerbach compara a cicatriz de Odisseu à amarração de Isaac, sua depreciação do “estilo asiático” de Homero não consegue extinguir (ou ocultar) sua fascinação pelo episódio da cicatriz. Além disso, isso abre sua própria análise comparativa para a possibilidade de refletir uma abordagem subjetiva-perspectivista. A condição moderna de Auerbach é aberta para a memória arcaica do sacrifício planejado do filho. Quando consideramos como sua análise esconde similaridades entre Isaac e Odisseu, como ignora sua relação edípica, a análise comparativa de Auerbach revela sua profundidade perspectiva. Apesar de Auerbach não mencionar as íntimas relações entre os dois protagonistas míticos e culturalmente separados, essas relações estimulam a memória de suas próprias cicatrizes pessoais. Lá, em Istambul, mais próximo agora da paisagem antiga e mítica de Isaac e Odisseu, a memória dolorosa de Auerbach como um estudante judeu de meia-idade, um refugiado da Europa, é despertada.

Referências bibliográficas:

- AUERBACH, E. *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature*. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- CARUTH, C. *Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.
- DOHERTY, L. *Siren Songs: Gender, Audiences, and Narratives in the Odyssey*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.
- HOMER. *Odyssey*. Translated by James Huddleston, 2006. Electronic edition: <http://digital.library.northwestern.edu/homer/>.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2001 [1941].
- LEV KENAAN, V. *The Ancient Unconscious: Psychoanalysis and Classical Texts*. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- NAGY, G. *Greek Mythology and Poetics*. Ithaca: Cornell University Press, 1990.
- PORTER, J. “Erich Auerbach and the Judaizing of Philology”. *Classical Inquiry*, 35.1, 2008, pp. 115-147.
- SHAHAR, G. “Auerbach’s Scars: Judaism and the Question of Literature”. *The Jewish Quarterly Review*, 101, 2011, pp. 604-630.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Trad. Flávio Ribeiro Oliveira. São Paulo: Ed. Odysseus, 2015.
- SOPHOCLES. “Oedipus the King”. In: _____. vol. 1. With an English translation by E. Storr. Cambridge: Harvard University Press, 1912.
- _____. *Oedipus Rex*. Commentaries by DAWE, R. D. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- VERNANT, J.-P. “Oedipus without the Complex”. In: _____. & VIDAL-NAQUET, P. *Myth and Tragedy in Ancient Greece*. 2. ed. Translated by Janet Lloyd. New York: Zone Books, 1988, pp. 85-112.





Inimicissimi atque immanissimi: os gauleses no “Pro Fonteio” de Cícero

Inimicissimi atque immanissimi: the Gauls in Cicero’s Pro Fonteio

Priscilla Adriane Ferreira Almeida¹

e-mail: prisadriane@gmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3191-197X>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.20894>

Resumo: Em seu discurso *Pro Fonteio*, do ano 69 a.C., Cícero defendeu Fonteio, que era propretor na Gália e acusado pelos habitantes locais (os alóbroges) de governar mal a província. É importante ter em mente que, no contexto jurídico, Cícero tinha um claro propósito em sua fala ao tribunal, que era acusar ou defender alguém. Com esse objetivo, a argumentação que Cícero apresentava à sua audiência era, em essência, uma construção verbal que ele tinha liberdade para manipular do melhor jeito que lhe aprouvesse, de modo que ele pudesse persuadir e convencer o seu público a favor das suas alegações. Este trabalho pretende discutir como Cícero defendeu Fonteio fundamentando sua argumentação na caracterização dos gauleses como sendo os maiores e mais cruéis inimigos de Roma. Para tanto, faz-se a análise de certos trechos desse discurso, estudando as figuras argumentativas e o vocabulário empregado pelo orador latino para fazer esse desfavorável retrato da nação gaulesa dos alóbroges.

Palavras-chave: Cícero; *Pro Fonteio*; gauleses; retórica; alteridade.

Abstract: In his speech *Pro Fonteio*, of 69 BCE, Cicero has defended Fonteius, who was the propretor in Gaul and was accused by the local inhabitants (the allobroges) of bad administrating the province. It is important to keep in mind that, in a legal context, Cicero had a clear purpose in his speaking to the court, which was to accuse or to defend someone. With this objective, the argumentation that Cicero presented to his audience was, essentially, a verbal construction that he was free to manipulate in the best way he would like, so he could persuade and convince his public of his statements. This paper aims to discuss how Cicero has defended Fonteius by constructing his argumentation on the Gauls’ characterization as the biggest and most cruel enemies of Rome. Therefore, there is an analysis of some parts of the speech, concerning the argumentative pictures and the vocabulary applied by the Latin orator to make that unfavorable portrait of the Gaul nation of the allobroges.

Keywords: Cicero; *Pro Fonteio*; Gauls; rhetoric; alterity.

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.



Em seu discurso *Pro Fonteio*, do ano 69 a.C., Cícero defendeu Marco Fonteio, que era propretor na Gália Transalpina e acusado pelos habitantes locais (os alóbroges) de má administração da província. Os gauleses enviaram a Roma uma delegação dirigida por Indutiomaro, chefe da nação dos alóbroges, para denunciar os abusos de Fonteio. Com exceção dos romanos estabelecidos na Gália Transalpina, e das cidades de *Narbo Martius* (atual Narbonne) e *Massilia* (Marselha), aliadas a Roma, a província inteira acusava o propretor.

A província da Gália Transalpina foi estabelecida após as vitórias romanas de 121 a.C., estendia-se pelo mar Mediterrâneo e ligava a Itália à Hispânia, onde hoje está localizada a região da Provença, no sul da França. Essa região também era conhecida como Gália Narbonense, por causa da capital, *Narbo Martius* (hoje Narbonne, fundada em 118 a.C.), ou *Gallia Bracata*, devido ao costume gaulês de se usar calças (*bracae*). O governador da província, tendo a magistratura de pretor, propretor ou proconsul, tinha o comando militar do território, fixava as requisições e tarefas administrativas, estabelecia as taxas e exercia sobre os povos indígenas uma jurisdição sem apelação².

Por volta do ano 70 a.C., os antigos administrados de Fonteio decidiram entrar com uma ação contra o mesmo, encorajados pelo processo movido pelos sicilianos contra a gestão ruim do governador Verres. De fato, quando Cícero foi questor na Sicília, os habitantes da ilha o consideraram um administrador honesto e cuidadoso. Por esse motivo, em 70 a.C., Cícero aceitou o pedido dos sicilianos de acusar Verres devido à sua má administração e corrupção. O triunfo sobre Verres trouxe a Cícero a reputação de ser o maior orador de Roma; poucos anos depois, em 63 a.C., o auge de sua carreira política foi o seu consulado, durante o qual ele impediu a conjuração de Catilina.

Neste trabalho pretendemos discutir como Cícero defendeu Fonteio fundamentando sua argumentação na caracterização dos gauleses como sendo os maiores e mais cruéis inimigos de Roma. Para tanto, analisaremos certos trechos desse discurso, estudando as figuras argumentativas e o vocabulário empregado pelo orador latino para fazer esse desfavorável retrato da nação gaulesa dos alóbroges.

Fonteio, cliente de Cícero, não foi citado em outras fontes que não nesse discurso³. De acordo com Cícero (*Pro Fonteio*, §41), Fonteio pertencia a uma família, antiga e honrada, mas plebeia, de Túsculo. O *Pro Fonteio* nos chegou fragmentado e não se sabe qual foi a decisão dos juízes sobre o processo (VASALY, 1993, p. 193). Também sobre esse discurso, Momigliano (1991, p. 68) ressalta:

² Usamos como referência para esse parágrafo o prefácio do *Pro Fonteio* da edição da Les Belles Lettres, p. 7 e 8.

³ Novamente utilizamos como referência para esse parágrafo o prefácio do *Pro Fonteio* da edição da Les Belles Lettres, p. 9.

Pelo que sabemos, posteriormente Cícero jamais voltou a tratar sério do tema da sociedade celta – nem sequer no discurso a César *De provinciis consularibus*. Os livros, e existem tantos, sobre o pensamento político de Cícero podiam ao menos mencionar a temerária imprecisão das suas noções sobre os provincianos, que no caso dos gauleses equivalia ao desprezo.

Apesar da posição de Momigliano, a retórica da representação do outro em Cícero não era tão simples assim. É importante ter em mente que, no âmbito jurídico, Cícero (ou qualquer outro orador) tinha um claro propósito em sua fala ao tribunal, que era acusar ou defender alguém. Nesse contexto, Cícero, ao descrever certos povos e seu caráter (*êthos*), tinha uma função em sua fala ao tribunal; no discurso *Pro Fonteio*, o maior objetivo era o de defender seu cliente. Assim, a imagem que Cícero apresentava à sua audiência era, em essência, uma construção verbal que ele tinha liberdade para manipular do melhor jeito que lhe aprouvesse, de modo que ele pudesse persuadir e convencer o seu público a favor das suas alegações. Para ser bem sucedido, ele deveria levar em conta dois aspectos: um, que as imagens de mundo criadas por ele deveriam ser de acordo com seus objetivos, e dois, que essas imagens parecessem uma acurada reflexão da realidade para a sua audiência: não importava se essas imagens eram reais ou falsas; o que importava era se essas imagens parecessem reais (VASALY, 1993, p. 132). Sobre povos estrangeiros que reportavam abusos de governadores romanos em suas províncias, a estratégia mais comum era a defesa tentar impugnar o caráter de toda a raça à qual esse povo pertencia, e geralmente essas reclamações vinham das províncias que tinham sido submetidas à força (VASALY, 1993, p. 191).

Dessa maneira, Cícero defendeu Fonteio fundamentando sua argumentação na ideia de que os gauleses não eram confiáveis devido ao seu caráter e de que não havia contra o seu cliente quaisquer acusações vindas de outros romanos ou aliados. Ele assim disse (*Pro Fonteio*, §15):

Quoniam igitur uidetis qui oppugnatum M. Fonteium, cognostis qui defensum uelint, statuite nunc quid uestra aequitas, quid populi Romani dignitas postulet, utrum colonis uestris, negotiatoribus uestris, amicissimis atque antiquissimis sociis et credere et consulere malitis, an iis, quibus neque propter iracundiam fidem, neque propter infidelitatem honorem habere debetis.

Portanto, porque vedes os que atacam M. Fonteio, e conheceis os que querem sua defesa, decidis agora o que reclamam a vossa justiça e a dignidade do povo romano; se acaso preferis acreditar e consultar os vossos colonos e os vossos negociantes, amicíssimos e antiquíssimos aliados; ou acaso acreditar naqueles os quais não deveis ter em nenhuma consideração por causa de seu caráter irascível e sua deslealdade.⁴

⁴ Todos os trechos citados do *Pro Fonteio* ao longo do trabalho, bem como outras passagens de Cícero aqui mencionadas, são de nossa tradução.

Cícero ainda reforçou essa ideia, ao dizer (*Pro Fonteio*, §21):

Potest igitur testibus iudex non credere? Cupidis et iratis et coniuratis et ab religione remotis non solum potest sed etiam debet.

Pode então um juiz não acreditar nas testemunhas? Se as testemunhas forem passionais, iradas, conjuradas e distantes da religião, não só pode, mas também deve.

De acordo com Cícero, as queixas dos gauleses não deveriam ser levadas a sério, pois eles eram incapazes de fornecer evidências confiáveis, já que não tinham noção da responsabilidade de dar um testemunho em juramento. Esse fato, para Cícero, não causaria espanto, uma vez que os gauleses eram um povo distinto dos outros, não sentindo temor nem respeito pelo juramento ou pelos deuses imortais. Cícero assim fundamentou esse argumento (*Pro Fonteio*, §30):

An uero istas nationes religione iuris iurandi ac metu deorum immortalium in testimoniis dicendis commoueri arbitramini, quae tantum a ceterarum gentium more ac natura dissentiunt? Quod ceterae pro religionibus suis bella suscipiunt, istae contra omnium religiones; illae in bellis gerendis ab dis immortalibus pacem ac ueniam petunt, istae cum ipsis dis immortalibus bella gesserunt. Hae sunt nationes quae quondam tam longe ab suis sedibus Delphos usque ad Apollinem Pythium atque ad oraculum orbis terrae uexandum ac spoliandum profectae sunt. Ab isdem gentibus sanctis et in testimonio religiosis obsessum Capitolium est atque ille Iuppiter cuius nomine maiores nostri uinctam testimoniorum fidem esse uoluerunt.

Por ventura de fato credes essas *nações*, ao pronunciarem seus testemunhos, serem comovidas pela moralidade do juramento ou por medo dos deuses imortais? *Essas naçõezinhas* que estão tão afastadas dos costumes e da índole dos outros povos? Pois os outros empreendem guerras a favor de suas religiões, esses fazem guerras contra as religiões de todos; aqueles, ao fazerem guerras, suplicam aos deuses imortais paz e graça; esses contra os próprios deuses imortais travaram guerras. Essas são as *nações* que outrora partiram tão ao longe de suas moradas até Delfos, para atacar e pilhar Apolo Pítio e o oráculo de toda a terra. Por essas mesmas *naçõezinhas, santas e pias em testemunho*, foi sitiado o Capitólio e aquele Júpiter, que através do seu nome os maiores dos nossos quiseram ter a boa-fé dos testemunhos. (grifos nossos)

No trecho acima, colocamos o termo *nações* em itálico, e também utilizamos o diminutivo “*naçõezinhas*”, para reforçar, na nossa tradução, a ironia com que Cícero trata os gauleses, referindo-se várias vezes a esse povo como *istae nationes*. O uso do pronome *istae* denota o desprezo com que os gauleses são tratados no *Pro Fonteio*, bem como também o sarcasmo de Cícero, ao dizer que as comunidades gaulesas, embora “*santas e pias no testemunho*”, na prática eram primitivas e saqueadoras de cidades e templos.

Alguns anos depois da defesa de Fonteio, Cícero volta a empregar o pronome *iste* para desqualificar um adversário; no caso, o acusado era Catilina, que em 63 a.C. tentara dar um golpe de Estado em Roma e fracassara. Cícero, então cônsul e sabendo da trama conspiratória, colocou-se como defensor da República e assumiu o papel de acusar Catilina no Senado. A primeira *Catilinária* se destaca pelo tom forte, ameaçador e repleto de *páthos*. Cícero, que pela lei não podia desterrar ou condenar Catilina, por ele ser um cidadão romano, apela para o patético para conseguir a condenação deste. Citamos aqui alguns exemplos, como o famoso exórdio (*Cat.*, I, 1), no qual Cícero já abre o seu discurso atacando Catilina e a sua insolência:

Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra? Quam diu etiam furor iste tuus nos eludet?

Até quando enfim, Catilina, abusarás de nossa paciência? Por quanto tempo *esse teu furor* zombará de nós? (grifos nossos)

Pode-se perceber, no trecho acima, que Cícero denota ironia ao se referir a Catilina e ao seu “furor” na argumentação retórica, e aparece como o hábil cônsul que percebeu os planos nefastos de Catilina e o humilhou perante o Senado. Um pouco mais à frente, Cícero diz (*Cat.*, I, 3):

(...) Fuit, fuit ista quondam in hac re publica uirtus, ut uiri fortes acrioribus suppliciis ciuem perniciosum quam acerbissimum hostem coercerent. Habemus senatus consultum in te, Catilina, uehemens et graue (...).

Existiu, existiu outrora *esta virtude* nesta república, a de que os homens valorosos reprimissem o cidadão perigoso com castigos mais violentos do que se fosse ao mais cruel inimigo. Temos um decreto do senado contra ti, Catilina, um decreto severo e grave. (grifos nossos)

Cícero usou o pronome *ista uirtus* para destacar que a virtude dos homens valorosos, presente na República romana em um passado glorioso, tinha já desaparecido na época do orador; com isso, Cícero destacou que no período que lhe era contemporâneo os cidadãos romanos – outrora honrados – eram capazes de tudo para colocar os próprios interesses à frente da Pátria e da moralidade; assim, Cícero mais uma vez ressaltou a postura temerária e ilegal de Catilina, desrespeitador de qualquer virtude ou qualidade.

Voltando ao discurso de defesa de Fonteio, outro ponto que ressaltava o caráter truculento dos gauleses consistia no seu costume de fazer sacrifícios humanos (*Pro Fonteio*, §31):

Postremo his quicquam sanctum ac religiosum uideri potest qui, etiam si quando aliquo metu adducti deos placandos esse arbitrantur, humanis hostiis eorum aras ac templa funestant, ut ne religionem quidem colere possint, nisi eam ipsam prius scelere uiolarint? Quis enim ignorat eos usque ad hanc diem retinere illam immanem ac barbaram consuetudinem hominum immolandorum? Quam ob

rem quali fide, quali pietate existimatis esse eos qui etiam deos immortalis arbitrentur hominum scelere et sanguine facillime posse placari? Cum his uos testibus uestram religionem coniungetis? Ab his quicquam sancte aut moderate dictum putabitis?

Finalmente, pode algo parecer santo e venerado a esses que, embora levados por algum medo e decidam que os deuses devam ser agradados, desonram os seus altares e templos com vítimas humanas? Como podem ao menos cultuar a religião, se antes essa mesma tenham violado, criminalmente, com abominação? Quem de fato ignora que eles, até estes dias, mantiveram aquele costume desumano e bárbaro de imolar homens? Em vista de que vós considerais que eles tenham alguma fé, alguma piedade, eles que também pensam que podem agradar facilmente os deuses imortais com crime de homens e sangue? Com eles vós juntareis a vossa religião? Considerareis algum dito deles como honrado ou moderado?

Essa questão da prática de sacrifícios humanos por parte de gauleses é bastante controversa; quanto a essas crenças religiosas, atualmente é muito difícil reconstruir os fatos a partir dos achados arqueológicos. Há indícios de rituais e sacrifícios de animais por parte dos gauleses e germanos, mas não se sabe muito sobre os atributos dos deuses célticos e germânicos. Wells (1999, p. 59) destaca que, ironicamente, o que se sabe dos nomes e atributos das divindades veio das fontes greco-romanas (como Posidônio, Diodoro Sículo, César, etc.), e não se sabe o quanto essas concepções já tinham mudado na época dos romanos; além disso, há poucos indícios arqueológicos dos sacrifícios humanos. A respeito dos relatos greco-romanos que mencionavam essa prática, deve-se ter em mente que os autores dessa época, muitas vezes, não hesitavam em retratar os bárbaros com cores selvagens, acentuando comportamentos negativos ou bizarros. Foi justamente isso que Cícero, no trecho acima, buscou explorar: o comportamento extremamente cruel dos gauleses, que praticavam o “costume desumano e bárbaro de imolar homens”⁵.

Cícero também salientou a rivalidade entre gauleses e romanos ao construir no seu discurso a imagem de “nós contra eles”, ressaltando vários *tópoi* de caracterização negativa do gaulês, em antítese com as características positivas dos romanos (*Pro Fonteio*, §32):

⁵ O que parece ser certo a respeito da prática de sacrificar humanos é que esse tipo de comportamento costumava ser adotado em períodos de grandes crises. No caso dos gauleses, durante o tempo do contato desse povo com o mundo clássico greco-romano, as sociedades autóctones da Europa passavam por situações extremas, e possivelmente devem ter recorrido aos sacrifícios humanos; isso poderia ter coincidido com os relatos escutados por autores como Posidônio, Diodoro e César (WELLS, 1999, p. 59 e 60). Os próprios romanos, em períodos críticos de sua história, também recorreram ao sacrifício humano como forma de aplacar os deuses (WOOLF, 2003, p. 61). Um exemplo disso se encontra em Lívio (*Ab urbe cond.*, XXII, 57, 2-6). Nessa passagem, durante a segunda guerra púnica contra Aníbal, os romanos, passando por dificuldades excepcionais, decidiram imolar um casal gaulês e um casal grego, de acordo com o oráculo de Delfos e os livros sibílicos, a fim de aplacar os deuses e conseguirem vencer os cartagineses.

Potestis igitur ignotos notis, iniquos aequis, alienigenas domesticis, cupidos moderatis, mercennarios gratuitis, impios religiosis, inimicissimos huic imperio ac nomini bonis ac fidelibus et sociis et ciuibus anteferre?

Podeis então preferir os desconhecidos aos conhecidos, os parciais aos imparciais, os estrangeiros aos compatriotas, os cúpidos aos moderados, os mercenários aos voluntários, os ímpios aos piedosos, os maiores inimigos deste império e desta reputação aos bons e fiéis aliados e cidadãos?

Cícero ainda afirmou que Fonteio teria várias características positivas, já que era o tipo de cidadão romano de que Roma precisava, como forma de desqualificar a ação judicial movida pelos gauleses (*Pro Fonteio*, §41):

Videte igitur utrum sit aequius hominem honestissimum, uirum fortissimum, ciuem optimum dedi inimicissimis atque immanissimis nationibus an reddi amicis, praesertim cum tot res sint quae uestris animis pro huius innocentis salute supplicent (...)

Vede então o que é mais justo: um homem honestíssimo, indivíduo fortíssimo e ótimo cidadão ser dado aos inimicíssimos e cruelíssimos povos, ou ele ser restituído aos amigos, sobretudo quando existem tantas razões que impelem os vossos ânimos a favor da salvação deste inocente (...).

Cícero também afirmou algo parecido na seguinte passagem (*Pro Fonteio*, §43):

Quae si diligenter attendetis, profecto, iudices, uirum ad labores belli impigrum, ad pericula fortem, ad usum ac disciplinam peritum, ad consilia prudentem, ad casum fortunamque felicem domi uobis ac liberis uestris retinere quam inimicissimis populo Romano nationibus et crudelissimis tradere et condonare maletis.

Se vedes com atenção, juízes, certamente o homem infatigável para os esforços da guerra, forte frente aos perigos, perito na prática e ciência militar, prudente para as deliberações, favorável ao acaso e fortuna, vós preferireis mantê-lo na pátria, entre vós e vossos filhos, a entregá-lo às nações inimicíssimas e cruelíssimas ao povo romano.

Por fim, Cícero recorreu até ao tipo de vestimenta dos gauleses (saiotes e calças) para desmoralizá-los (*Pro Fonteio*, §33):

Sic existimatis eos hic sagatos bracatosque uersari, animo demisso atque humili, ut solent ii qui adfecti iniuriis ad opem iudicum supplices inferioresque confugiunt? Nihil uero minus. Hi contra uagantur laeti atque erecti passim toto foro cum quibusdam minis et barbaro atque immani terrore uerborum (...)

Assim considerais esses aqui, trajados com saiotas e calças, com postura tímida e humilde, como fazem aqueles que, oprimidos por injúrias, recorrem ao poder dos juizes, súplices e submissos? Nada é menos verdadeiro. Eles, pelo contrário, vagam desordenadamente por todo o foro, felizes e arrogantes, com várias ameaças e com o terror bárbaro e desumano da sua língua (...).

Pelos trechos citados acima Cícero caracterizou os gauleses com vários termos pejorativos: temos a repetição dos adjetivos *cupidus* (em §21, traduzido por “passional”, e em §32 traduzido por “cúpido”), além de outros termos que igualmente apareceram na seção 32, dentre os quais *ignotus* (“desconhecido”), *iniq̄us* (“parcial”), *mercennarius* (“mercenário”) e *impius* (“ímpio”).

Cícero também utilizou a teoria geográfica para fazer um mau retrato dos alóbroges. De fato, na Antiguidade, a geografia desempenhava um importante papel para a construção das imagens físicas e morais dos povos descritos por gregos e, posteriormente, por romanos. Foi a partir do texto *Ares, águas e lugares*, atribuído a Hipócrates (século V a.C.), que se fundamentou em detalhes o conceito geográfico no qual o ambiente de algum modo determinava a constituição física e o caráter das pessoas que habitavam em áreas específicas do mundo conhecido até então. De acordo com essa teoria, fatores como a temperatura local, a qualidade da água e a topografia da região determinariam as forças e fraquezas de grupos que habitavam lugares diferentes.⁶ Segundo esse pensamento, quanto mais ameno o clima (como na Ásia), mais fraco e tranquilo o povo⁷; se as circunstâncias do ambiente fossem severas (como em certas áreas ao norte da Europa), conseqüentemente os indivíduos seriam mais fortes e corajosos⁸. Como lembra Gruen (In: BUGH, 2006, pp. 295–6), para os antigos gregos o clima, sozinho, era capaz de produzir diferenças essenciais entre os próprios gregos, os europeus, os citas, os asiáticos e outros povos⁹. Dessa forma, para cada cultura o mundo fora do território natal era visto como uma série de círculos concêntricos nos quais o centro era o lugar mais civilizado e, por conseguinte, as fronteiras distantes menos civilizadas (VASALY, 1993, p. 133). Acreditava-se que no “centro” do mundo o clima não era tão quente nem tão frio, e isso era uma condição favorável para um povo ser mais civilizado. Posteriormente, com a expansão de Roma, os romanos passaram a se considerar no centro desse mundo, e os limites de seus territórios tornaram-se essa zona de contato entre os “civilizados” e os povos considerados rudes e primitivos. Foi com essa teoria em mente que Cícero acentuou o mau caráter dos gauleses devido à distância que esse povo estava da civilização, tanto geográfica quanto moralmente, ao dizer que eles estavam longe da religião

⁶ O livro de Borca (2003) detalha de forma profunda esses conceitos em Hipócrates e outros autores da Antiguidade greco-romana.

⁷ Cf. *Ares, águas e lugares*, XII, 2 e 6.

⁸ Cf. *Aer.*, XXIII, 1-3.

⁹ Além de Gruen, Borca (p. 42 e ss.) fala bastante sobre como os gregos compreendiam o mundo e explica detalhadamente a teoria hipocrática em relação aos modos e caráter dos indivíduos que habitavam áreas específicas do mundo então conhecido.

(§21: *ab religione remotis*) e afastados dos costumes e da índole dos outros povos (§30: *a ceterarum gentium more ac natura dissentiunt*).

Cícero também considerava os gauleses como sendo os piores inimigos de Roma, e faz essa caracterização hiperbólica através do uso de superlativos: *inimicissimis atque immanissimis nationibus* (§41, traduzido por “inimicíssimos e cruelíssimos povos”) e *inimicissimis populo Romano nationibus et crudelissimis* (§43, “nações inimicíssimas e cruelíssimas ao povo romano”). Pelos trechos do *Pro Fonteio* destacados anteriormente, podemos ver que Cícero utilizou a oposição entre gauleses e romanos para reforçar seus argumentos a fim de defender Fonteio. Todo esse discurso baseou-se na representação do gaulês como exemplo máximo de antítese ao romano: o gaulês é primitivo, o romano é civilizado; o gaulês é desleal e mentiroso, enquanto o romano é confiável e correto; e assim por diante. Todos esses argumentos citados do *Pro Fonteio* reforçavam a imagem do gaulês como sendo a de uma nação cruel e ameaçadora, que não era intimidada nem por homens ou deuses, que não respeitava a religião ou os juramentos, e que era consumida por um desejo de vingança contra seus conquistadores. Vasaly (1993, p. 253 e 254) resume:

(...) Cicero appended to his descriptions of the world a variety of explanations for the characteristics imputed to the people: racial mixing and degeneration explain the character of the Sardinians in the *Pro Scauro*; in the *Pro Flacco* Cicero implies that exposure to the decadent and slavish cultures of the East is the reason for the cultural and moral debasement of the Asian Greeks as compared with the European Greeks (...). Only in the *Pro Fonteio* does the orator rely on an appeal to negative prejudice unsupported by any arguments as to the grounds for that prejudice.¹⁰

Na verdade, esse medo dos gauleses (*metus gallicus*) era um conveniente recurso empregado na literatura latina, mas os próprios romanos da época de Cícero não consideravam seriamente a possibilidade de uma segunda invasão dos gauleses (GRUEN, 2011, p. 147)¹¹. Cícero distorceu a figura dos gauleses, utilizando-se de antigos estereótipos com fins puramente jurídicos. No caso desse processo contra Fonteio, também era desfavorável aos gauleses o interesse do Estado romano, que buscava o estabelecimento do comércio e da circulação de mercadorias da província até Roma. Como Vasaly afirma (1993, p. 194), dos vários romanos que moravam na Gália, nenhum testemunhou contra Fonteio; com isso, Cícero pode retratar o caso como sendo puramente uma batalha entre todos aqueles que eram leais ao Estado contra às hordas bárbaras. Ainda segundo Vasaly (1993, p.

¹⁰ “(...) Cícero acrescentou às suas descrições de mundo uma variedade de explicações para as características imputadas aos povos: a mistura racial e a degeneração explicam o caráter dos sardenhos no *Pro Scauro*; no *Pro Flacco* Cícero afirma que a exposição às culturas decadentes e escravocratas do oriente é a razão do declínio cultural e moral dos gregos asiáticos comparados com os gregos europeus (...) Apenas no *Pro Fonteio* o orador se fundamenta no recurso do preconceito negativo, embasado por nenhum argumento que não as razões do próprio preconceito.”

¹¹ De fato, Roma fora saqueada pelos gauleses por volta de 390 a.C., e tal acontecimento foi bastante traumático para os romanos.

137), esse etnocentrismo cultural provia ao orador da Roma antiga – ou de qualquer outra cultura – o *tópos* comum do “eles *versus* nós”. De fato, ao explorar o lado negativo desse *tópos*, Cícero poderia facilmente convencer sua audiência romana de que os povos distantes eram bárbaros, monstruosos, inimigos implacáveis e moralmente inferiores. Os “nossos” interesses (nesse caso, dos romanos), cruciais para a preservação de todo o sistema imperialista e administrativo do século I a.C., portanto, vinham antes dos interesses “deles”, ou seja, dos que se encontravam às margens.

Sobre Marco Fonteio, não sabemos qual foi o resultado do julgamento; de toda forma seu nome, após 69 a.C., não apareceu mais nas listas das magistraturas romanas¹². Apesar dessa caracterização tão negativa dos gauleses, nem sempre, contudo, o discurso jurídico de Cícero era contrário aos povos estrangeiros. Temos como exemplo o já mencionado processo contra Verres, no qual Cícero defendeu os sicilianos dos abusos cometidos pelo então pretor enviado por Roma. O retrato que Cícero fez de Verres – e seus partidários – mostrou-o como sendo um tirano ansioso por bens e uma figura dissoluta que descansava languidamente em sua liteira, sempre cheirando um buquê de rosas (CONTE, 1999, p. 180). Cícero assim escreveu sobre Verres (*Verrinas*, II, 5, 27):

Nam, ut mos fuit Bithyniae regibus, lectica octophoro ferebatur, in qua pulvinus erat perlucidus Melitensis rosa fartus; ipse autem coronam habebat unam in capite, alteram in collo, reticulumque ad naris sibi admouebat tenuissimo lino, minutis maculis, plenum rosae.

De fato, tal como fora o costume dos reis da Bitínia, ele era conduzido em uma liteira levada por oito homens, na qual havia uma almofada translúcida de Malta repleta de rosas; ele mesmo tinha uma coroa na cabeça, outra no pescoço, e aproximava ao seu nariz um saquinho de linho finíssimo, de malhas diminutas, cheio de rosas.

No caso do *Pro Fonteio*, em que o cliente de Cícero era acusado por uma nação estrangeira, o orador usou de todos os recursos retóricos para rebaixar a queixa dos gauleses. Cícero, para ganhar a sua causa, não poupou acusações para desqualificar as testemunhas dos alóbroges, sobretudo o líder Indutiomaro; nesse processo, Cícero levou a difamação a um nível mais grave, ao dizer que o mais distinto dos gauleses não poderia ser comparado ao pior dos romanos (GRUEN, 2011, p. 147). Ainda segundo Gruen (2011, p. 147), é notório que os mesmos alóbroges, duramente criticados no *Pro Fonteio*, foram posteriormente elogiados por Cícero, já que eles contribuíram para a queda de Catilina e os outros conjurados.

Durante a conspiração de Catilina, por volta do ano 63 a.C., um grupo dos alóbroges estava em Roma, para queixar-se ao senado contra os desmandos de Lúcio Murena, então governador da província da Gália Narbonense. Lêntulo, aliado de Catilina, entrou em contato com os alóbroges para fazer uma aliança: em troca do apoio romano, os alóbroges cederiam tropas para Catilina. Os alóbroges se aconselharam com o senador Quinto Fábio

¹² Utilizamos como referência para esse parágrafo o prefácio do *Pro Fonteio* da edição da Les Belles Lettres, p. 16.

Sanga, que imediatamente contou tudo a Cícero. Cícero aconselhou os alóbroges, junto a um certo Tito Voltúrcio, a fingirem o tratado com os conspiradores, e conseguiu provas da conjuração; após a prisão dos envolvidos, o Senado decretou ações de graças pelo ocorrido¹³. Assim Cícero descreveu esses acontecimentos (*Cat.*, III, IV, 5): (...) *maximeque quod meo nomine supplicationem decrevistis, qui honos togato habitus ante me est nemini; postremo hesterno die praemia legatis Allobrogum Titoque Volturcio dedistis amplissima*. (“Principalmente, vós decretastes ações de graças em meu nome, honra que antes de mim nunca fora concedida a ninguém trajando toga; por fim, ontem vós concedestes vastíssimas recompensas aos legados dos alóbroges e a Tito Voltúrcio”).

Quanto aos gauleses, as suas representações durante o período final da República romana eram complexas, refletindo reações mistas de desconfiança, curiosidade ou até admiração, como vimos no próprio Cícero, que no *Pro Fonteio* foi negativo aos alóbroges, mas nas *Catilinárias* foi ajudado por essa mesma nação¹⁴. É significativo que, embora Cícero tenha se referido aos gauleses de forma tão preconceituosa no *Pro Fonteio* – e tenha sido ajudado pelos mesmos alóbroges para desbaratar a conjuração de Catilina –, ele na verdade teve relações de amizade com Diviciáco, um eminente druida, que é mencionado na obra *De diuinatione* (Sobre a adivinhação)¹⁵. Diviciáco foi retratado como um amante dos estudos e capaz de prever o futuro com uma combinação de augúrios e conjecturas (GRUEN, 2011, p. 146). Cícero assim escreveu sobre o druida (*De Diuinatione*, I, 90):

Eaque diuinationum ratio ne in barbaris quidem gentibus neglecta est, siquidem et in Gallia Druidae sunt, e quibus ipse Diuitiacum Haeduum, hospitem tuum laudatoremque cognoui, qui et naturae rationem, quam physiologiam Graeci appellant, notam esse sibi profitebatur et partim auguriis, partim coniectura, quae essent futura dicebat (...)

Esse interesse por adivinhações não foi indiferente sequer aos povos bárbaros, visto que até mesmo na Gália existem os druidas, dentre os quais eu mesmo conheci o éduo Diviciáco, teu hóspede e admirador, o qual afirmava ter compreensão da natureza – que os gregos chamam de fisiologia – conhecida por ele em parte através de augúrios, em parte através de conjecturas que anunciavam o que seria o futuro (...)

Dessa maneira, percebemos como Cícero, no contexto jurídico de defender Fonteio e ganhar seu processo, simplesmente reduziu os alóbroges aos maiores inimigos de Roma, que não deveriam ser levados a sério por seu comportamento primitivo e práticas cruéis, como o sacrifício humano. Alguns anos depois Cícero fez um relato bem diferente desses mesmos

¹³ Todas as informações sobre o falso pacto entre alóbroges e os conspiradores aliados de Catilina foram retiradas do prefácio de Pinho à sua tradução das *Catilinárias* (CÍCERO, 1990, p. 21 e 22).

¹⁴ Outros exemplos de relatos sobre os gauleses, ora mais críticos, ora mais favoráveis, podem ser encontrados em Diodoro Sículo, Cícero e César.

¹⁵ Segundo César (*BGall*, I, 31), o gaulês Diviciáco, irmão de Dumnorige e chefe dos éduos, viera a Roma para requerer auxílio ao Senado contra os séquanos e contra Ariovisto, rei dos germanos, que invadira o seu território. Provavelmente foi nessa ocasião que Cícero pode conhecê-lo, em 61 a.C.

alóbroges, uma vez que a nação gaulesa o ajudara a acabar com a conjuração de Catilina, testemunhando a favor do orador romano. Fora desse ambiente de tribunal, percebe-se como Cícero não era simplesmente contrário aos estrangeiros, uma vez que ele tornou-se amigo de um druida, Diviciaco, da nação gaulesa dos éduos, considerados aliados aos romanos.

Referências bibliográficas:

- ANDRÉ, Jean-Marie; HUS, Alain. *L'Histoire à Rome: historiens et biographes dans la littérature latine*. [s.l.]: Presses Universitaires de France, 1974.
- BOARDMAN, John; GRIFFIN, Jasper; MURRAY, Oswyn (eds.). *The Oxford History of the Classical World*. Oxford: Oxford University Press, 1986.
- BORCA, Federico. *Luoghi, corpi, costumi: determinismo ambientale ed etnografia antica*. Roma: Edizione di Storia e Letteratura, 2003.
- CÍCERO. *As Catilinárias*. Introdução, tradução do latim e notas de Sebastião Tavares de Pinho. Lisboa: Edições 70, 1990.
- CICÉRON, M. T. *De la divination*. Introduction de Amin Maalouf, traduit par Gérard Freyburger e John Scheid. Paris: Les Belles Lettres, 1992.
- _____. *Discours: Catilinaires*. Texte établi par H. Bornecque et traduit par E. Bailly. Paris: Les Belles Lettres, 1926, tome X.
- _____. *Discours: pour M. Fonteio, pour A. Cécina, sur les pouvoirs de Pompée*. Texte établi et traduit par André Boulanger. Paris: Les Belles Lettres, 1961, tome VII.
- _____. *Discours: Seconde action contre Verrès, livre II: La Préture de Sicile*. Texte établi et traduit par H. de La Ville de Mirmont. Paris: Les Belles Lettres, 1936, tome III.
- _____. *Discursos: En defensa de Sexto Roscio Amerino; En defesa de la ley Manilia; En defensa de Aulo Cluencio; Catilinarias; En defensa de Lucio Murena*. Traducciones, introducciones y notas de Jesús Aspa Cereza. Madrid: Gredos, 1995.
- _____. *Discursos: Verrinas*. Traducción y notas de José María Requejo Prieto. Madrid: Gredos, 1990, 2 v.
- CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a history*. Trad. Joseph B. Solodow. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
- GLARE, P.G.W.(ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1982.
- GRUEN, Erich S. *Culture and national identity in Republican Rome*. Ithaca: Cornell University Press, 1992.
- _____. Greeks and non-Greeks. In: BUGH, Glenn R. (ed.). *The Cambridge Companion to the Hellenistic world*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 295-314.
- _____. *Rethinking the other in Antiquity*. Oxford: Princeton University Press, 2011.

- HIPÓCRATES. Ares, Águas e Lugares. In: CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR., Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005, p. 91-129.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- SARAIVA, ER. dos Santos; QUICHERAT, L. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2003.
- VASALY, Ann. *Representations: images of the world in Ciceronian oratory*. Los Angeles: University of California Press, 1993.
- WELLS, Peter S. *The Barbarians speak: how the conquered peoples shaped Roman Europe*. Princeton: Princeton University Press, 1999.





Estrutura e unidade da primeira parte das “Helênicas” de Xenofonte

The structure and unity of the first part of Xenophon's *Hellenica*

Emerson Cerdas¹

e-mail: emersoncerdas@yahoo.com.br

orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9345-1702>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.23713>

Resumo: Considerada, muitas vezes, uma obra tendenciosa e cheia de lacunas, as *Helênicas* apresentam uma visão dos eventos ocorridos na Grécia a partir do olhar de Xenofonte. A narrativa das *Helênicas* cobre os eventos ocorridos na Grécia do ano 411 a 362 a.C., e a cisão estética e temática em 2.3.10 tem levado muitos autores a analisar as diferenças entre as duas partes da obra como resultado de ela ter sido escrita em dois momentos da vida de Xenofonte. Esse posicionamento conduziria o estudioso a fazer uma leitura distinta entre as duas partes, relegando à obra um caráter excessivamente episódico. Tomando um ponto de vista literário, sem julgamentos quanto à validade da informação histórica nela narrada, e partindo da hipótese de uma escrita contínua efetuada já no final da vida de Xenofonte, propomos uma leitura que visa compreender a construção da narrativa, buscando uma unidade temática e estrutural da obra.

Palavras-chave: *Helênicas*; Xenofonte; composição; unidade temática

Abstract: Often considered a biased work and full of gaps, the *Hellenica* present a vision of the events that occurred in Greece, from Xenophon's perspective. The *Hellenica's* narrative covers the events that occurred in Greece from the year 411 to 362, and the aesthetic and thematic split in 2.3.10 has led many authors to analyze the differences between the parts as a result of the work being written in two moments of Xenophon's life. This positioning leads the researcher to make a distinct reading between the two parts and results in an episodic character to the text. Taking a literary point of view, without judgments as to the validity of the historical information narrated in it, and starting from the hypothesis of a continuous writing of the work, already at the end of the life of Xenophon, we propose a reading that aims to understand the construction of the narrative, seeking for a thematic and structural unit of the work.

Keywords: *Hellenica*; Xenophon; composition; thematic unity;

¹ Pós-doutorando na Universidade de São Paulo (Brasil), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).



Das questões levantadas pelos estudiosos das *Helênicas* de Xenofonte, nenhuma gera tanta discussão quanto a sua data de composição, se a obra foi escrita de modo contínuo ou em dois momentos diversos da vida do autor ateniense. Isso porque, dependendo da posição que o estudioso toma em relação às duas hipóteses, há uma nítida interferência na leitura e interpretação que se faz dela, especialmente no que tange à sua unidade temática e estrutural. Todo historiador, ao escrever, está em determinado ponto presente de sua vida a partir do qual olha, interpreta e escreve sobre o passado; como ocorre a qualquer escritor, influi nele o tempo da escritura, suas forças ideológicas, sociais, políticas, tal qual influem a sua biografia pública e experiências individuais. No próprio processo da escrita, entre o início e o fim de um livro, há evidentes mudanças, amadurecimento estilístico e intelectual, e isso é ainda mais perceptível quanto maior é a distância entre o marco inicial e final da escrita de determinada obra. É a partir do presente do historiador, por conseguinte, que ele vê os eventos ocorridos no passado e por causa desse distanciamento é que ele tenta e pode delimitar os recortes temporais que deseja narrar, escolher temas e eventos dignos de preservação e os que merecem esquecimento; é a partir do presente da escrita, inclusive, que o historiador tem conhecimento dos resultados e consequências dos eventos, afinal, ainda que, como observa Hayden White (1995, pp. 17-56), a prática do historiador se assemelhe à do ficcionista, por uma série de razões estéticas e técnicas, especialmente as referentes à construção do enredo², ele não é um ficcionista que faz da sua matéria o possível, no dizer de Aristóteles na *Poética*, mas o *acontecido* (*légein tà genómena*): ele precisa que o evento ocorra para conhecê-lo, julgá-lo digno de preservação ou menção e, por fim, escrevê-lo. Sem o ocorrido, o historiador trabalharia com o provável, como um adivinho que projeta e interpreta no futuro, com sua arte mântica, os sinais do momento presente da revelação.

Mesmo Tucídides e seus seguidores, que intentaram reduzir a distância entre eventos e escrita, não puderam fugir dessa prerrogativa. Diz o historiador ateniense, no seu famoso prefácio (*Tuc.* 1.1), que começou a escrever sobre os eventos da Guerra do Peloponeso assim que a guerra se iniciou, já dando, segundo seu ponto de vista, provas de ser a maior guerra já vivida pelos gregos, mas Tucídides morreu anos depois de a guerra terminar e mesmo assim deixando a obra incompleta. O tempo da escrita é sempre mais lento do que o tempo dos acontecimentos. Exige reflexão, análise, busca de informações; sua avaliação, exige, sobretudo, *historiar*, investigar e a partir disso compor em narrativa o rearranjo das ações. Há nisso, então, um efeito irremediável: o historiador, ainda que cronista do contemporâneo, está sempre em um ponto posterior aos eventos e, por isso, conhece os resultados das ações

² Para Hayden White (1995), o discurso ficcional e o historiográfico pertencem ambos à mesma classe quanto à estrutura narrativa, dado que o historiador deve, a partir da crônica dos eventos, estabelecer uma “estória” com relação de causalidade (começo, meio e fim) e, feito isso, elaborar dessas estórias enredos e modos de argumentação que visam a um objetivo ideológico.

políticas e militares que resultaram positiva ou negativamente. Nessa posição privilegiada, um sinal, uma movimentação, que era aparentemente insignificante, pode, *a posteriori*, converter-se em algo significativo e revelador que mereça ser anotado e revelado aos leitores. Por isso, conhecer a data da composição de uma narrativa historiográfica da Antiguidade é importante, pois, tendo em mente a sua importância e influência na escritura, julgamentos prévios a respeito de qualidade de tal ou tal historiador podem ser significativamente modificados.

O caso das *Helênicas* de Xenofonte, nesse sentido, é emblemático pela série de problemas que levanta. A questão da sua datação é aberta às hipóteses e conjecturas, justamente pelo fato de não conter um prólogo programático onde o autor poderia nos esclarecer seus pontos de vistas e suas intenções em relação à obra. Mesmo no decorrer da narrativa, quase não há comentários meta-historiográficos, com exceção de algumas poucas passagens que, para Rahn (1971), podem nos indicar alguma ideia do conceito de *tâ aksióloga* para Xenofonte dentro das *Helênicas*. São, entretanto, comentários muito esparsos e indiretos, o que dificulta a interpretação global desse conceito na obra.

A narrativa das *Helênicas* em sua totalidade cobre os eventos ocorridos na Grécia do ano 411 a 362, e há uma clara cisão estilística e temática em 2.3.10³, quando é narrado o fim da Guerra do Peloponeso e a hegemonia espartana na Grécia passa a ser o foco principal do livro. Desde o ensaio de Niebuhr (1827), têm-se tratado essas diferenças como resultado de uma escrita separatista, ou seja, em dois momentos distintos da vida do historiador ateniense. Alguns poucos estudiosos, no entanto, modernamente contestam tal posição e aventam a possibilidade de uma escrita contínua, tendo em Gray (1991) a sua principal defensora. De fato, o maior problema que reside na hipótese da escrita contínua está no distinto estilo e tema observado nas duas partes e aceita-se que há na primeira parte o desejo de Xenofonte em ser um imitador de Tucídides, posição que dá lugar a uma escrita mais autoral na segunda parte. Segundo Lesky (1995, p. 653),

A obra [de Xenofonte] introduz com um μετὰ δὲ ταῦτα os acontecimentos de 411 e procura, assim, uma ligação directa com Tucídides. O facto de nem tudo se adaptar perfeitamente pode aqui ser deixado de parte⁴. Na linha desta divisão intencional a Tucídides, mantém

³ O ponto exato em que ocorre a cisão não é um assunto resolvido pelos estudiosos: Marincola (2009, p. xxxiv), por exemplo, assinala que a interrupção da escrita da primeira parte ocorre em 2.2.23, enquanto, para Lesky (1995, p. 653) e Hatzfeld (1973, p.8), ela se dá em 2.3.9; já Dillery (2001, p. 14) e Thomas (2009, p. xxxii) seguem a interpretação mais tradicional, que vê a interrupção em 2.3.10, posição seguida também por Tuplin (1993, p. 11), que acrescenta que essa passagem, na Antiguidade, deveria marcar também o fim do livro 2 e o começo do 3. Em contrapartida, Thomas (2009, p. xxxiv), que, como Marincola (2009), vê a cisão em 2.2.23, acredita que era nesse ponto que o livro 2 na edição da Antiguidade terminava, porque nessa passagem há uma observação de que a queda de Atenas diante de Esparta significava a proclamação da liberdade para todos os Gregos e daria, assim, um belo final para a primeira parte.

⁴ Contestando essa afirmação de Lesky, McLaren (1979) mostra que a obra de Tucídides deixou três fios narrativos incompletos que Xenofonte retoma em algum momento do livro 1. Acresce a isso a observação de que apenas personagens que não foram citados por Tucídides merecem alguma apresentação por parte do narrador.

o princípio analítico na divisão da matéria e a narração faz-se de maneira mais intencional possível. É assim até 2.3.9, com o fim da Guerra do Peloponeso, isto é, até o ponto em que o papel complementar quanto a Tucídides chegava à sua natural conclusão.

Nessa perspectiva de continuação e imitação a Tucídides, as características mais manifestas são a escrita analítica, com poucas digressões, a ausência de informação quanto às fontes e o efeito de objetividade criado para garantir a autoridade e credibilidade, além da concentração em um tema específico, selecionando-se apenas o que se relacionava a esse tema, sem se tentar criar uma história global⁵, enquanto na segunda parte se observa uma maior preocupação com a caracterização dos personagens, diálogos, juízos de valor do autor-narrador em primeira pessoa, referências a anedotas por meio de locuções como “alguns dizem”, e, principalmente, a influência da divindade nas movimentações históricas (HATZFELD, 1973, p. 6). Assim, enquanto Xenofonte narra o fim da Guerra do Peloponeso, deixada inacabada por Tucídides por conta de sua morte, ele parece seguir o seu modelo e, quando esse tema chega ao fim, inicia-se tanto um tema novo quanto um estilo mais autoral.

Tomando-as como distintas, estabelecer a data de composição das duas partes tornou-se um novo problema para os estudiosos. As hipóteses levam em consideração alguns pontos essenciais da vida de Xenofonte: a sua partida à Pérsia como mercenário acompanhando Ciro, a escrita da *Anábese* e sua estadia no Peloponeso com Agesilau. Tanto Delebecque (1957) quanto Anderson (2008), em suas biografias críticas do autor ateniense, estabelecem a data da composição da primeira parte no início da sua juventude até 390, enquanto que a segunda parte teria sido iniciada em 381 até o fim de sua vida, depois da escrita da *Anábese*. Já Thomas (2009) propõe que a narrativa dos últimos anos da Guerra do Peloponeso data da primeira metade da década de 380, quando ele já se encontrava no Peloponeso. Tuñón (1994, p. 8) propõe como data provável o ano de 390, assim como Hatzfeld (1973, p. 9), seguindo o esquema de Delebecque e Anderson. Em relação à escrita da segunda parte, aceita-se, com maior conformidade, que ela deve ter sido composta, provavelmente, entre os anos 362–356/55, no mais tardar em 353⁶, por conta de uma afirmação que o próprio Xenofonte dá em 6.4.37 nas *Helênicas*.

Dizem alguns que o ódio a seu marido nasceu quando Alexandre acorrentou seu próprio *paidiká*, um belo rapaz, e tendo ela pedido que o soltasse, ele, primeiro, o soltou, mas depois o degolou; outros, no entanto, dizem que foi quando enviou mensageiros a Tebas e pretendeu tomar para si a mulher de Jasão, porque não tinha filhos de sua própria esposa. Assim, contam-se as causas da conspiração de sua mulher; Tisofono, o mais velho

⁵ Em seu texto *Sobre a Imitação*, Dionísio de Halicarnasso afirma que Xenofonte era um imitador de Heródoto, não de Tucídides, no que tange às expressões estilísticas e escolha de tema. O mesmo autor, em carta a Pompeu Gémio, critica a escolha de Tucídides quanto ao tema, afirmando que ele escolheu uma história que nem é bella nem agradável aos seus leitores e que, pelo caráter conciso dos eventos, torna-se excessivamente repetitiva.

⁶ Cf. Tuplin (1993, p. 29).

dos irmãos, ocupava o cargo depois deste fato até a época em que se escrevia essa história⁷.

Nessa passagem, Xenofonte narra o assassinato de Alexandre de Feras causado pela conspiração de sua esposa, apresentando duas versões como causas (*aitíai*) para a inimizade do casal. A presença do verbo *légetai* indica que o narrador não assevera qual das versões é verdadeira. Todavia, o importante, para nossa discussão, é que, na passagem citada acima, o narrador diz que Tisofono ainda detinha o poder daquela cidade até o tempo em que ele escrevia essa história (ὄδε ὁ λόγος ἐγράφετο). A partir dos dados históricos, sabe-se que Alexandre foi assassinado entre 358/57 e que Tisofono governou dessa data até a sua morte, provavelmente, em 355⁸. Assim, a segunda parte foi escrita depois da *Anábase*⁹ e, conforme indica Strasburguer (1970, p. 668-69 apud TUÑON, 1994, p. 9), as duas obras apresentam qualidades literárias e estilísticas próximas que apenas de forma incipiente aparecem na primeira parte¹⁰.

Mesmo que aceitemos essa relação de imitação e as mudanças estilísticas que justificam a cisão da obra em duas, isso, necessariamente, indicaria uma escrita em dois momentos distintos da vida de Xenofonte? Parece-me que, na assertiva tradicional, há um dado preconceito – fundado no século XIX e que ainda se mantém em determinados campos de estudos – em relação a Xenofonte, diminuindo algo que na Antiguidade lhe rendeu muitos elogios: a sua qualidade como escritor. Devemos lembrar que ele foi o primeiro *polígrafo* da Antiguidade, alguém que procurou sempre renovar seu estilo em diferentes gêneros literários. Sua própria biografia literária indica uma constante preocupação quanto à adequação de escrita e gênero, de estilo e tema. Não poderia, portanto, ser o caso das *Helênicas*? A própria passagem citada acima (6.4.37) não é nada esclarecedora, afinal, o narrador, com a expressão *tôn dè taúta praksánton ákhri hoú hóde ho lógos egrápheto*, estaria se referindo a toda segunda parte, a essa passagem específica sobre a história dos tiranos da Tessália ou ao livro todo, desde o primeiro *metà taúta* do livro 1?

Tomando a posição de uma escrita contínua, nosso trabalho passa a ser compreender os motivos que o levaram a escrever com dois estilos e o resultado que isso gera na sua estrutura e na sua unidade; afinal, na perspectiva da escrita separatista, entende-se que as duas partes são duas obras distintas unidas por algo meramente formal, sem intuítos literários e historiográficos: a conexão temporal entre a data dos eventos. Compromete-se, assim, a ideia de uma unidade da obra, e a própria inclinação dos estudos a respeito dela demonstra isso, uma vez que há uma tendência generalizada em analisar suas fatias anedóticas e episódicas

⁷ Todas as traduções das *Helênicas* são de nossa autoria, a partir do texto estabelecido por Hatzfeld para a edição da Les Belles Lettres (1965; 1973).

⁸ Tuplin (1993, p. 29) aventa a possibilidade de que Tisofono tenha morrido em 353, observando que, só a partir dessa data, autores antigos indicam que era outro o tirano de Feras.

⁹ Nas *Helênicas* III,1, 1-2, o narrador faz menção aos eventos narrados na *Anábase*, dizendo que a obra foi composta por um tal de Temistógenes de Siracusa, indicando que o livro já havia sido publicado.

¹⁰ A ressalva de Strasburguer são as cenas da “Chegada de Alcibíades ao Pireu” (1.4.8-20), “O processo de Arginusas” (1.7), entre outras.

em busca de seus possíveis objetivos e intenções apenas em cada trecho analisado, relegando a um segundo plano a ideia de unidade formal e temática¹¹. Se aceitarmos, no entanto, a hipótese de uma escrita contínua, há uma grande mudança de perspectiva na forma de se ler e interpretar a primeira parte das *Helênicas*, uma vez que ela deixará de ser um livro “autônomo” e passará a ser parte integrante de um todo mais complexo. Assim, as diferenças temáticas e estilísticas das duas partes se dão por outros motivos que não a data de composição e, nesse caso, devem-se buscar as explicações e motivos dentro do próprio texto, nas outras obras xenofonteanas e nas próprias práticas de escrita historiográfica da Antiguidade, além de numa análise literária mais cuidadosa. Além disso, as passagens em que se notam elementos como a presença do divino, o comportamento do líder e a presença do discurso direto, deixam de ser fruto de um estilo incipiente de um jovem escritor e passam a ter uma implicação significativa na construção da narrativa.

Partidária da escrita contínua das *Helênicas*, Vivienne Gray (1991) acredita que é natural que um texto de tal tamanho, que demanda anos de escrita, tenha e reflita mudanças e diferenças literárias, para não dizer ideológicas do autor. Para justificar a sua postura, em seu artigo *Continuous history and Xenophon, Hellenica 1-2.3.10*, Gray demonstra, pela análise de elementos estilísticos do texto, do uso dos sinônimos e do uso de partículas¹², que as diferenças são apenas aparentes e revelam, na verdade, uma preocupação natural de um escritor que tenta adaptar estilo e tema, de acordo com as prescrições da retórica clássica. Segundo a autora, “Xenofonte era um mestre do estilo, que seguiu o princípio da propriedade retórica e variava sua linguagem de gênero a gênero, passagem a passagem, para encaixar o modo e o tom requeridos¹³” (1991, pp. 211-2).

Para a autora, o que justificaria a mudança de estilo é que a primeira parte das *Helênicas* é uma narrativa “sumária”, que, aproveitando-se do fato de Tucídides ter deixado a sua narrativa inacabada, faz uma espécie de introdução das ações que conduzem aos eventos narrados na segunda parte, em que se localiza o verdadeiro tema das *Helênicas*, a hegemonia e queda de Esparta pós-guerra do Peloponeso. Como narrativa sumária, introdutória, a primeira parte apresenta um estilo mais direto, conciso, apegada essencialmente a rápidas descrições dos movimentos militares e políticos¹⁴, concatenadas quase taquigraficamente. O ponto de apoio para a interpretação de Gray (1991) encontra-se no prefácio da *História Pragmática* de Políbio, em que o escritor grego justifica o uso da forma sumária como meio

¹¹ Conforme Tuplin (1993), essa postura analítica em geral deixa de lado a função historiográfica da obra em virtude dos aspectos didáticos que sempre marcaram a produção de Xenofonte.

¹² A contestação de Gray se desenvolve como resposta às análises de McLaren Jr. (1934a; 1934b) e Henry (1967), que focam na presença ou ausência de determinadas estruturas linguísticas entre as partes para afirmar a escrita em dois momentos distintos da vida de Xenofonte.

¹³ Tradução de nossa autoria. No original: “Xenophon was a master of style who followed the principle of rhetorical propriety and varied his language from genre to genre and passage to passage to fit the required mood or tone”.

¹⁴ Para Rahn (1971), Xenofonte, na primeira parte, atém-se ao programa historiográfico apontado por Tucídides, que, através do conceito de *aksiologótaton*, estabeleceu como tema a narrativa da política e economia das grandes cidades em guerra, relacionando-a às palavras *dapanémata* (grandes recursos), *kíndynos* (perigos) e *mekhanémata* (estratégias de guerra).

de tornar claro e compreensível ao leitor os movimentos históricos que conduziram para o verdadeiro tema de sua obra. No caso de Políbio, o sumário faz uma ponte entre o final da narrativa de Arato até o início do seu tema, o domínio militar de Roma no mundo conhecido.

Tais fatos se encadeiam ao final da obra de Arato de Sicião. [3] Antes dessa época, os eventos do mundo estavam, por assim dizer, desconexos, pois cada fato era distinto por seu início, conclusão e localização. [4] A partir de então, porém, a *História se tornou como que um corpo único*: os fatos da Itália e da África se coligaram aos da Ásia e da Grécia, e todos convergiram para um fim. [5] Por isso iniciamos nessa obra por esses tempos¹⁵. (I.3.2-5)

Deixando esse assunto, é hora de tratar do que foi proposto, expondo *esmiuçada e sumariamente* os fatos dos livros introdutórios. [...] *Enumerar em detalhe cada um dos ditos fatos não nos é necessário nem útil aos leitores,* [7] *pois não nos propusemos a historiá-los; antes, preferimos recordá-los sumariamente como introdução a fatos posteriores que historiaremos.* [8] Por isso, ao recapitulá-los conforme sua sequência, tentaremos conjugar o final da introdução ao início proposto para nossa história (I.13 – I.13.6).

Nota-se que, segundo Políbio, à parte sumária da narrativa não são necessários tantos detalhes, dado que a sua função é introduzir o tema principal, aquele que ele vai, de fato, *historiar (historeín)*, ou seja, investigar, pesquisar e examinar. Como não é seu tema, retoma apenas *esmiuçada e sumariamente (epì brakhý kai kephalaïodós)*, sem enumerá-los em detalhe. Assim, conforme Gray (1991, p. 205), Políbio acreditava que o historiador deveria começar a sua história no “nascer de uma nova era”, porém este nascer necessitava da narrativa sumária dos eventos anteriores para que ficassem claras aos leitores as ligações entre os períodos. Transferindo esse ideário a Xenofonte, Gray vê então que a primeira parte da obra é a história sumária que introduz o tema principal, narrado a partir de 2.3.11. Como Tucídides morreu, deixando inacabada a obra, faltaria ao leitor das *Helênicas* a narrativa de como Esparta chegou ao poder em 404, e Xenofonte usa a primeira parte da obra para suprir essa ausência.

É claro que, sendo Políbio um autor posterior a Xenofonte, pode-se acusar essa interpretação de anacrônica, transferindo um comentário de um escritor do século II para outro do século IV. Além disso, a ausência de um prefácio nas *Helênicas* dificulta qualquer afirmação taxativa nesse sentido e que não reconheça os perigos da hipótese e da especulação. Apesar disso, esses elementos nos parecem adequados e justificam a abordagem de que o texto foi escrito de modo contínuo num mesmo período da vida de Xenofonte, mais ou menos entre 360–350. Partindo desse pressuposto, temos então uma interpretação diversa do conteúdo da primeira parte, uma vez que aspectos ideológicos e estilísticos, presentes abertamente na segunda parte, podem ser refletidos na primeira. A distância entre o início e

¹⁵ As traduções do texto de Políbio são de autoria de Breno Battistin Sebastiani.

o final da escrita da primeira e da segunda parte é dirimida, porém a distância entre escrita e eventos exacerba-se, em especial quanto aos eventos de 411-404. Isso nos permite conjecturar que as *Helênicas* não são duas obras juntadas numa só, mas que apresentam uma unidade; nessa perspectiva, a obra recupera a força de um texto concebido não pelo recolher de episódios assimétricos e aleatórios, mas por um projeto historiográfico e literário mais consistente.

Olhando a primeira parte da narrativa sob a luz da segunda, notamos que as quebras do modelo programático, já ressaltadas por Strasburguer (1970) e Gray (1989), não são casuais e se alinham às perspectivas do tema e estilo mais autoral da segunda parte. Tomemos a análise de dois temas: 1) a participação divina e 2) o desempenho do bom líder militar.

Em 1.3.1, Xenofonte abre a narrativa do ano 409/408 com a seguinte conexão cronológica:

[3] No ano seguinte, o templo de Atena na Fócia foi incendiado pela queda de um raio. Quando o inverno acabou, *Pantáculos era éforo e Antígenes, arconte, a primavera chegou no vigésimo-segundo ano da guerra*, os atenienses partiram para o Proconeso com toda a sua frota. (Grifo. nosso).

Sabe-se que muitos dos comentários cronológicos que ligam os anos da primeira parte das *Helênicas* são espúrios, provavelmente do terceiro século, e, em geral, são inexatos¹⁶ (HATZFELD, 1973, pp. 155-6); no trecho acima, o itálico marca o acréscimo e se for suprimido não causará nenhum dano à sintaxe da frase; sobretudo, é uma informação equivocada. Antígenes, por exemplo, não foi arconte nesse ano, mas em 407/406. Por outro lado, nenhum dos editores por nós consultados acredita que a informação referente à queima do templo de Atena na Fócia não provenha diretamente de Xenofonte, embora, segundo Hatzfeld (1973, p.157), não se tenha nenhuma referência exata a respeito desse evento. O mesmo ocorre em 1.6.1:

[6] No ano seguinte, quando a lua eclipsou ao entardecer e, em Atenas, o antigo templo de Atena foi incendiado, *sob o éforato de Pítia e arcontado de Cálidas em Atenas*, os lacedemônios, tendo expirado o tempo de Lisandro, *no vigésimo quarto ano da guerra*, enviaram para o comando das naus Calicrátidas.

O eclipse lunar ocorreu em 406, e embora sejam interpolações as informações em itálico, elas estão corretas e, nesse caso, são consideradas interpolações por seguirem o modelo encontrado em outros trechos, não pela falta de precisão histórica. Nada se sabe, também, do incêndio do templo de Atena, porém nenhum dos editores contesta a sua autenticidade. Em

¹⁶ Afirma-se que as ligações cronológicas por ano ou estação são influências diretas do método de Tucídides; as interpolações, entretanto, fogem das práticas tucidideanas, pois Tucídides não faz em nenhum momento comentários a respeito das Olimpíadas com esse fim e apenas em duas ocasiões se utiliza dos cargos anuais de éforos e arcontes para estabelecer a cronologia.

nossa opinião, na presença de prodígios e catástrofes naturais, há não apenas o desejo de Xenofonte em estabelecer com precisão a cronologia dos eventos, mas também em indicar ao seu leitor o desagravo divino em relação ao que está se passando na Grécia, especialmente em Atenas. São manifestações, portanto, religiosas. Quando comparadas a outras conexões temporais bem mais diretas, como, por exemplo, em 1.2.1 ou em 2.1.10, não nos parece casual a busca por uma especificação maior nesses dois anos. Para que isso fique claro, é preciso entender a conexão entre esses prodígios e os eventos ocorridos nesse período.

A religiosidade é um tema importante nas obras de Xenofonte, embora se trate de uma concepção religiosa mais prática do que teórica. Sua postura em relação ao mundo divino é bastante clara e está em sintonia com o conceito popular de piedade, que é, basicamente, o respeito às práticas ritualísticas e a não ofensa aos deuses (HUTCHINSON, 2000, p. 111). Isso implica que ao cidadão corresponde uma série de normas e práticas ritualísticas que ele deve seguir à risca para garantir dos deuses a boa-vontade. Como consequência, na lista de virtudes para os bons líderes que assomam por toda a literatura xenofontea, a piedade tem papel importante, já que de nada servirá a boa formação (*paideía*) e o talento natural (*phýsis*) se o homem não tiver ao seu lado a boa-vontade divina.

A piedade é um conceito importante no campo moral dos helênicos e é expressa por meio de duas palavras: *eusébeia* e *hosía*, que apresentam certa proximidade semântica. Para Chantraine (2009, p. 831), o que diferencia esses dois conceitos é que *hósios* é aplicado ao homem com uma ressonância moral, enquanto *eusebés* implica somente o respeito aos deuses por meio de ritos e sacrifícios; ou seja, tem um caráter mais prático e cotidiano. Para ser piedoso, o homem deve estabelecer uma posição de agradecimento e proteção com os deuses e o contato é feito, principalmente, através de sacrifícios generosos e pontuais, tanto no âmbito individual quanto coletivo, respeitando o calendário religioso da cidade (DOVER, 1974, p. 246). Não seguir essas práticas acarreta um desrespeito aos deuses. Essa concepção é clara na narrativa da *Anábase* (7.7-8), em que o personagem Xenofonte, após uma série de tentativas frustradas de retorno à Grécia, descobre, por meio do adivinho Euclides, que o real obstáculo para seu retorno é Zeus Milíquio, o acolhedor de sacrifícios expiatórios, a quem Xenofonte não fizera sacrifícios e oferendas desde que partira na expedição de Ciro. Após cumprir suas obrigações religiosas, Xenofonte entrega seus soldados para que Tíbron os conduza em guerra contra os persas Tissafernes e Farnábazo, e se despede da narrativa retornando para a Grécia. O vínculo é evidente: no entender de Xenofonte, os deuses castigam aqueles que descumprem suas obrigações religiosas.

A dificuldade reside, entretanto, em definir quais práticas e atos configuram-se como impiedade, conceito não muito bem definido pelos gregos e de grandes implicações no mundo jurídico ateniense do século V e IV (LEÃO, 2004, p. 203). No diálogo platônico *Eutífron* (14-15), por exemplo, Sócrates critica a relação venal de trocas de favores, em que o homem respeita e oferece dádivas aos deuses apenas por interesse pessoal e acrescenta que, para se compreender o que é um ato pio, deve-se, primeiro, compreender o que é um ato justo, pois a piedade é parte da justiça (*dikaíosýne*). Segundo Dover (1974, p. 253), essa aproximação não existia no imaginário popular antes do século IV a.C., já que, em geral, *eusébeia* e *dikaíosýne* eram distinguidas entre o que diz respeito aos deuses e o que diz

respeito aos homens, respectivamente. Segundo esse imaginário, o homem podia ser piedoso (respeitar os preceitos divinos, cumprir os ritos), sem necessariamente ser justo (descumprir as leis humanas), talvez como decorrência da distinção que havia entre *nómos*, lei humana, e *thémis*, lei divina. Porém, à medida que ocorre a aproximação, ações injustas tanto em relação aos homens quanto em relação aos deuses passam a ser consideradas ímpias e podem causar danos tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. É neste sentido que diz Aristóteles (*Virtudes e vícios*, 1251a30): “Impiedade é uma negligência seja para com os deuses e os gênios protetores, seja para com os mortos, os parentes e a pátria¹⁷”.

De um ponto de vista prático, os atos que ofendem os deuses são profanações dos santuários e violação das coisas relacionadas aos seus cultos, não cumprimento dos ritos oficiais ou quebrar um voto ou pacto que se tome um deus como testemunha. No *Banquete* de Xenofonte (IV.4.49), Hermógenes diz que consegue a amizade dos deuses oferecendo parte de seus bens, louva-os sempre que pode e, quando se coloca sob juramento, nunca mente. Pode-se também ofender a divindade por meio do orgulho, do uso de imprecações e insultos e as consequências desses atos podem recair sobre a cidade, que, por isso, deve impor um duro castigo ao ofensor para que se aplaque a ira divina.

Se os entrecchos cronológicos que citamos acima, conforme nossa leitura, prenunciam descontentamento divino em relação aos atenienses (note-se que os dois templos queimados são de Atena, patrona da cidade), é preciso então investigar no texto elementos que possam ser lidos como geradores da ira divina, ações ímpias tanto em relação aos deuses quanto em relação aos homens, e de imediato o episódio da “Chegada de Alcibíades à Atenas” (1.4.12–20) vem à nossa mente.

[12] Ao ver que eles eram favoráveis e que o haviam elegido estrategista, e que seus amigos íntimos vinham buscá-lo pessoalmente, [Alcibíades] aportou no Pireu no dia em que a pólis celebrava as Plintérias, quando a estátua de Atena estava totalmente coberta, o que alguns pressagiaram como de mau agouro (*anepitédeion*) tanto para ele quanto para a cidade, pois nenhum dos atenienses ousaria, nesse dia, realizar qualquer ação importante. [13] Quando ele desembarcou, uma multidão vinda do Pireu e da cidade se reuniu junto dos navios, admirados e desejando ver Alcibíades, uns dizendo que era o melhor cidadão e o único que se defendeu alegando que seu exílio era *injusto*, vítima da conspiração de pessoas menos poderosas que ele, que diziam falácias e governavam pelo próprio interesse, enquanto ele sempre empregava seus próprios recursos e os da cidade para os interesses públicos; [14] e querendo ser julgado imediatamente, quando era recente a acusação de que cometera *sacrilégios nos mistérios*, seus inimigos, passando por cima do que era considerado justo, quando ele estava fora de Atenas, o exilaram. [15] Nessa época, escravizado pela falta de recursos, se viu obrigado a servir seus piores inimigos, correndo continuamente o risco, a cada dia, de morrer, e enquanto via seus amigos mais íntimos, parentes e também a cidade toda fracassarem, não podia ajudar por estar

¹⁷ Tradução de M. Reus Engler.

exilado. [16] Além disso, disseram que não era característico de homens como ele desejar as mudanças políticas e as revoluções, pois do regime democrático ele obtinha maior distinção do que seus contemporâneos, e não era considerado inferior aos mais velhos, enquanto seus inimigos continuavam os mesmos que eram antes do exílio, e mais tarde foram capazes de aniquilar os melhores cidadãos, e já que só eles restaram, gozam de consideração pelos cidadãos, pois não havia outros melhores de quem eles pudessem se servir. [17] Ao contrário, outros diziam que ele era *a única causa dos males passados, e que se corria o risco de que ele fosse o único responsável para os futuros males com seu retorno*. [18] Entretanto, Alcibiades, ancorado junto à costa, desembarcava sem pressa, temeroso que estava dos inimigos; mas, de pé sobre a ponte do navio, observava do alto se seus aliados estariam presentes. [19] Quando viu lá embaixo seu primo-irmão Euríptólemos, filho de Pesianactos, e o resto de seus parentes e amigos, do navio desceu e subiu para a cidade, acompanhado dos homens que haviam se preparado para impedir, caso alguém se aproximasse, de tocá-lo. [20] No Conselho e na Assembleia, defendeu-se dizendo que não cometera sacrilégio e que fora vítima de uma injustiça, e depois de outras declarações desse tipo e como ninguém o contradizia, porque a assembleia não teria tolerado, foi por todos proclamado comandante supremo com plenos poderes (ἡγεμὼν αὐτοκράτωρ), porque era capaz de recuperar o antigo poder da cidade. E, embora os atenienses celebrassem, por causa da guerra, os mistérios por mar, ele fez a procissão em terra, conduzindo todos os soldados. (Grifo nosso).

Toda a passagem está repleta de referências a atos que podem ser entendidos tanto como ímpios quanto injustos. A chegada durante a realização das Plintérias, festa anual em que os atenienses cobriam a estátua de Atena, já indica um presságio negativo, dado que neste dia “nenhum ateniense ousaria fazer nada de importante”, dia que, segundo Fustel de Coulanges (2006, p. 203), era o mais nefasto de todos. É claro que a coincidência de Alcibiades chegar no dia da festa rememora-nos outro ato ímpio no qual está envolvido o histórico personagem ateniense, a profanação dos mistérios e a mutilação dos Hermes. A principal fonte desses acontecimentos é a narrativa de Tucídides (6.27-9; 53; 60-1), que, conforme Leão (2004, p. 214), deixa entrever que Alcibiades está claramente envolvido apenas na profanação dos Mistérios, enquanto que na mutilação dos Hermes seu nome foi envolvido por questões políticas. Em todo caso, no momento em que a personagem ganhava maior atenção no mundo político ateniense e, por conseguinte, atraía também muitas inimizades, essa acusação o levou a julgamento, mas, antes da sua realização, os atenienses o elegeram estratega na expedição à Sicília – da qual ele fora o principal entusiasta –; no meio da expedição, os atenienses enviaram um navio para buscá-lo para que fosse julgado e ele fugiu se exilando em Esparta. Com sua ausência, foi condenado à morte pelos atenienses e passou a colaborar com os Espartanos. Ao retornar, Alcibiades busca defender-se dessas acusações, primeiro, negando a participação naqueles eventos ímpios e, depois, imputando outras acusações aos seus detratores, afirmando que eram corruptos e o perseguiram por

questões políticas; absolvido, foi eleito comandante supremo, com plenos poderes, mas logo em seguida foi destituído do cargo.

A narração da chegada de Alcibíades, com toda a grandiosidade que se dá pela presença da multidão – em um dia *nefasto* –, ele do alto do navio contemplando a multidão que vinha com admiração olhá-lo e protegê-lo dos inimigos, dá-nos a impressão de um ato de *hýbris*, de orgulho desmedido¹⁸. Ressoa a chegada de um grande herói; ressoa, sobretudo, a chegada de Agamêmnon no drama homônimo de Ésquilo. Há que se notar que a passagem termina com a informação de que Alcibíades foi eleito “comandante supremo” (*hegemón autokrátor*), ou seja, recebendo um poder além do que se espera em uma democracia, e com a informação de que os mistérios, por causa da guerra, eram celebrados por mar, e mesmo assim ele fez a procissão por terra; esta informação indica tanto o quanto a guerra afeta os assuntos religiosos, quanto o caráter arrogante de Alcibíades, recordando o comentário das *Memoráveis* Xenofonte, em que se afirma que Alcibíades foi “na democracia, o mais desregrado, o mais insolente e perverso de todos” (1.2.12).

A cena da chegada de Alcibíades é uma das que tem maior destaque na primeira parte das *Helênicas* e mais se aproxima do estilo apresentado na segunda parte, especialmente quando comparada com o restante do livro 1, realçando os detalhes e o uso do discurso indireto. A participação de Alcibíades, na sequência da história, traz novas indisposições com os atenienses (1.5.16) e ele é acusado de negligência e fraqueza (*améleían te kai akráteian*), sendo, por isso, destituído do cargo; parte, então, para o Queroneso, enquanto os atenienses elegem dez novos estrategos, os quais estarão envolvidos na famosa batalha de Arginusas, em 406, justamente o ano em que “a lua eclipsou ao entardecer e, em Atenas, o antigo templo foi incendiado” (1.6.1).

No caso da batalha de Arginusas, a implicação de impiedade e injustiça não está na batalha em si, mas na famosa discussão levantada pelo não recolhimento dos naufragos, por causa da forte tempestade e, com esse argumento, os generais serão acusados no tribunal; por outro lado, a narração do processo que cobre todo o capítulo 7 do livro 1 é exemplar em criar um ambiente confuso e tenso do julgamento, com as idas e vindas de uma população que não sabe exatamente o que decidir e é manipulada por artimanhas, como a de Teramênes e seus partidários, que, aproveitando-se da celebração das Apatúrias (1.7.8), levaram à assembleia numerosos cidadãos vestidos de preto, como se estivessem de luto e fossem parentes das vítimas, para comover e convencer os presentes. As discussões sobre a forma com que os generais deveriam ser julgados, se todos juntos ou cada um em separado, as mudanças nas decisões, tudo isso dá ao leitor uma imagem vívida do momento político ateniense e mostra os perigos da corrupção e do mau uso dos poderes democráticos. Nota-se, por exemplo, que o narrador várias vezes refere que os direitos de defesa dos estrategos foram negados ou corrompidos, como em 1.7.5-7, ao afirmar que tiveram que se defender resumidamente sem o tempo de fala determinado por lei, enquanto os acusadores tinham tempo suficiente para trazer testemunhas e apresentar moções.

¹⁸ Em 6.28.1, Tucídides afirma que Alcibíades, pelo envolvimento na profanação dos Mistérios, era acusado de *hýbris*, no caso traduzido por “insolência”.

Em nossa opinião, há dois momentos que deixam clara a posição contrária do narrador sobre as decisões tomadas: a participação de Sócrates, que se posiciona contra o julgamento, ao se negar a fazer algo que não fosse justo (*ouk katà nómon*), e a narração do discurso de Euríptólemo (1.7.16-33), o único discurso longo de todo o livro 1 e que se baseia na tentativa de convencer a assembleia a fazer o justo e o piedoso (*tà díkaia kai hósia*), que seria o julgamento de cada um em separado. Inicialmente a sua proposta é aceita, mas depois de Ménecles considerá-la injusta, uma nova votação decidiu que a moção do Conselho de julgar todos de uma vez só foi aceita, e os estrategos foram condenados à morte; porém, logo em seguida, os atenienses se arrependeram do que fizeram.

[35] Não muito tempo depois disso, os atenienses se arrependeram e votaram que fossem processados os que enganaram o povo (τὸν δῆμον ἐξηπάτησαν) e que se estabelecessem fiadores até que fossem julgados e, entre eles, estava Calixeno. Outros quatro também foram acusados e encarcerados por seus fiadores; porém, mais tarde houve uma revolta na qual Cleofonte foi executado e eles fugiram antes de serem julgados. Calixeno regressou quando os do Pireu entraram na cidade e morreu de fome, odiado por todos.

O livro 1 termina, portanto, com o retrato da confusão moral e corrupção que assolava Atenas. A justiça e a piedade, na visão de Xenofonte, perderam-se em meio à guerra e aos interesses políticos e individuais de cidadãos, e esse estado de decadência política, que resultará na derrota final para Esparta, dois anos depois, já estão sinalizados nas manifestações da natureza e na queima dos templos. Afina-se, assim, essa interpretação com a de Tuplin (1993), a respeito da unidade temática da segunda parte das *Helênicas* que ele analisa. Conforme o autor, o tema principal da segunda parte da obra são os perigos da ambição imperialista no mundo grego e da corrupção moral e política gerada por ela que conduzem a derrocada de todos os sistemas políticos. Se, na segunda parte, o tema da corrupção e a ambição está voltado a Esparta, na primeira, o tema aparece na política ateniense.

Em contrapartida, é na narração das ações espartanas que vislumbramos a descrição do caráter de líderes modelares, outro tema relevante e mais desenvolvido na segunda parte das *Helênicas*. Em algumas passagens da primeira parte, comportamentos de determinados generais são elogiados ou criticados pelo narrador. A própria presença dessas pequenas anedotas já é significativa, comparada pela ausência de informações semelhantes a respeito de outros personagens, cuja narração, em geral, é limitada, com informações diretas e concisas das ações e movimentações por mar e por terra. Há quatro casos de generais a quem Xenofonte dedica especial atenção: o siracusano Hermógenes e os espartanos Lisandro, Calicrátidas e Eteônico.

Hermócrates foi um general siracusano que lutava ao lado de Esparta e com a derrota na batalha Cízico, junto com os outros estrategos, foi deposto e exilado. Assim, conforme as *Helênicas* (1.1.27-31), os estrategos siracusanos

Convocaram, então, seus soldados, e com Hermócrates, falando em seu próprio nome, lamentavam-se do infortúnio, pois todos haviam sido injustamente exilados, contrário à lei. Exortava-os a serem zelosos no futuro, como foram no passado, e a sempre serem homens corajosos diante das ordens. Ordenaram, também, que eles elegeassem arcontes, até que os eleitos chegassem para os seus lugares. [28] No entanto, aos gritos, os soldados, principalmente os trierarcas, os *epibátai* e os pilotos, pediam que aqueles mesmos fossem os arcontes. Porém, diziam que não deviam se rebelar contra a própria cidade, mas se alguém os censurava por algo, declararam que era conveniente apresentar um discurso, “recordando quantas batalhas navais vós mesmos haveis vencido, e navios tomado, e quantas vezes, com aliados, haveis sido invencíveis sob nosso comando, mantendo a melhor formação, graças a nossa virtude e o vosso zelo, que manifestastes tanto na terra quanto no mar.” [29] Mas, como ninguém os acusou de nada, permaneceram em seus postos até que chegassem os estrategos para o lugar deles, Demarcos, filho de Epicides, Miscon, filho de Menécrates e Pótamis, filho de Gnósia. A maioria dos trierarcas jurou trazê-los de volta, quando chegassem a Siracusa, e, elogiando-os, conduziram todos para onde desejavam. [30] Especialmente os que mantinham relações com Hermócrates lamentavam, sobretudo, quanto à diligência, zelo e afabilidade, pois, ao amanhecer de cada dia, e também ao cair da tarde, ele reunia junto a sua tenda os mais qualificados entre os trierarcas, pilotos e *epibátai* que reconhecia, e discutia em comum o que tinha intenção de dizer e de fazer, além de instruí-los, colocando temas tanto para falarem de improviso, quanto depois de refletirem. [31] Por isso, Hermócrates era muito estimado na assembleia geral, dando a impressão de sempre falar e propor o que era melhor.

Fica evidente na narração a não concordância dos soldados a respeito das decisões tomadas, não só em relação a Hermócrates, como também aos outros estrategos. No caso de Hermócrates, o descontentamento é justificado pelo narrador pela sua conduta em relação aos soldados, definida como diligente, zelosa e afável, além de trazer os seus melhores trierarcas, pilotos e *epibátai* para discussões em sua tenda, tornando-os participantes das decisões. A conduta de Hermócrates está em consonância com as práticas de Ciro, na *Ciropedia*, que, conforme o narrador, costumava receber os seus melhores soldados e generais para discutir assuntos sérios e cômicos (*spoudaiogéloion*), preocupado na formação de seus soldados. A descrição da conduta de Hermócrates é a primeira demonstração de comportamento modelar de um general nas *Helênicas*, que, no entanto, não impediu a derrota de sua tropa. Conforme Tuplin (1993, pp. 163-8), o elemento didático que ilumina as qualidades – ou a ausência delas – técnicas e morais dos generais são apresentados nos episódios de modo circunstancial, sendo que nem sempre são decisivas para a derrota ou a vitória. Diferentemente do que ocorre na *Ciropedia*, em que as qualidades de um Ciro idealizado se sobrepõem às vicissitudes da guerra, nas *Helênicas*, narrativa historiográfica, há outros elementos que implicam a vitória e a derrota, porém, pincelando aqui e ali, dedicando

maior atenção a alguns valores, Xenofonte vai esboçando sua compreensão do que deve ser o comportamento de um líder.

No contraste entre as ações dos espartanos Lisandro e Calicrátidas, por exemplo, podemos vislumbrar alguns desses aspectos, especialmente no que respeita ao interesse pecuniário dos seus soldados e a busca de dinheiro e mantimentos. Em 1.5, Lisandro, eleito navarco espartano, encontra-se com Ciro, que fora enviado pelo Rei persa, faz reclamações da conduta de Tissafernes e pede um maior soldo para seus soldados. Diante da recusa de Ciro, que se justificava por estar sujeito às ordens do Rei, Lisandro se cala, mas depois, em um encontro na tenda do príncipe persa, consegue seus objetivos:

[...] quando Ciro, depois de fazer-lhe um brinde, perguntou-lhe o que poderia fazer para agradá-lo mais, ele respondeu: “Acrescentar um óbolo no soldo de cada nauta”. [7] Por causa disso, o soldo, que antes era de três óbolos, passou a ser de quatro.

A preocupação de Lisandro quanto à melhoria das condições de seus soldados é exemplar pela abdição de seus desejos individuais pelo bem comum; podendo pedir qualquer coisa ao príncipe, preso à sua palavra dada no brinde, ele prefere escolher o melhor para a tropa. Gray (1989, p. 11) define essa cena como uma “conversationalized narrative”, diz que ela é bastante comum em Heródoto e também na segunda parte das *Helênicas*, pelo estilo anedótico.

Em comparação a Lisandro, Calicrátidas falha em obter mais recursos para sua tropa. Em 1.6.1-3, diz o narrador que, tendo decorrido o tempo de Lisandro como navarco, Calicrátidas é enviado pelos espartanos para assumir seu posto e, diante de um desentendimento entre os dois, Calicrátidas passa a notar o descontentamento dos soldados com a troca de navarco. Temendo uma conspiração, faz um discurso cobrando que os descontentes se declarassem abertamente; como ninguém se prontificou, Calicrátidas vai “ao encontro de Ciro e lhe pediu o soldo para os marinheiros e este lhe disse que esperasse dois dias” (1.6.6). Cansado de esperar diante das portas fechadas, Calicrátidas faz outro discurso, desta vez prometendo bons prêmios aos soldados e reclamando da subserviência dos gregos para com os bárbaros, porém o narrador dá a entender que o principal sentimento que o discurso gerou foi o medo (1.6.12). Assim, enquanto Lisandro, com inteligência e argúcia, consegue o soldo para os seus soldados, Calicrátidas nem é recebido por Ciro; envergonhado, mas também temeroso de perder a sua liderança, utiliza-se de ameaças e do medo para manter o comando; tudo isso, aliado à sua inexperiência, parecem justificar a derrota em Arginusas e o retorno de Lisandro para a batalha de Egaspótamos.

A ameaça e a violência como forma de manter o controle das tropas aparecem também na luta de Eteônico para conter a sublevação das suas tropas descontentes (2.1.1-5). Com a chegada do inverno em Quios, os soldados ficaram descontentes com a falta de alimentos e roupas, e começaram a se organizar para atacar a cidade de Quios. Eteônico descobriu que os favoráveis a essa decisão andavam carregando um cálamo e, certo dia, ao encontrar um homem com oftalmia portando o cálamo, matou-o; fez em seguida percorrer

entre os soldados a notícia e, assim, conseguiu conter os projetos deles. Na sequência, Eteônico passa a exigir pesados tributos dos quietas e estes enviam à Lacedemônia embaixadores pedindo que novamente fosse Lisandro o navarco, por conta da sua boa atuação anterior. Os espartanos obedecem ao pedido e Lisandro é enviado e, pouco tempo depois, será o grande responsável pela vitória espartana em Egaspótamos, dando fim à Guerra do Peloponeso. O bom comportamento anterior de Lisandro, assim, rende frutos tanto a ele quanto à cidade.

Portanto, a partir da nossa leitura de uma escrita contínua, as *Helênicas* ganham em unidade temática e estrutural. Tomando a primeira parte da obra como uma narrativa sumária, as diferenças de estilo encontradas em alguns episódios deixam de parecer pequenas extravagâncias e tornam-se elementos significativos, revelando os temas que serão trabalhados com maior desenvolvimento literário na segunda parte. Além disso, através da crítica à corrupção na democracia e do elogio ao comportamento espartano, Xenofonte traça o que, para ele, justifica a vitória de Esparta na guerra e, conseqüentemente, o nascer de um novo tempo: a hegemonia espartana. Entretanto, a queda dos espartanos diante dos tebanos, narrada na segunda parte, é motivada menos pelas qualidades militares destes do que, segundo Tuplin (1993), pela corrupção, injustiça e impiedade que nasce da hegemonia daqueles. A principal mudança, nesse sentido, é o foco em que os temas dos problemas de liderança, da corrupção política e da busca desmedida por hegemonia na Grécia se apresentam na narrativa: Atenas, na primeira parte; Esparta, na segunda. Assim, cada uma ao seu estilo, as duas partes da narrativa se espelham, criando, com isso, uma unidade temática que conduz à ideologia e à visão de história do “ateniense filoespartano” Xenofonte.

Referências bibliográficas:

- ANDERSON, J. K. *Xenophon*. London: Bristol Classical Press, 2008
- ARISTÓTELES. *Virtudes e vícios*. Tradução de M. Reus Engler. Kriterion. Belo Horizonte, vol.55 n°130, Dec. 2014. pp.739-746.
- BROWNSON, C. L. *Hellenica I-II*. Londres; Cambridge; Massachussets: Loeb Classical Library, 1968.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 2009.
- COULANGES, F. de. *La ciudad antigua*. Prólogos de Carlos García Gual. Traducción de Alberto Fano. Madrid: Edaf, 2006.
- DELEBECQUE, É. *Essai sur la vie de Xénophon*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1957.
- DILLERY, J. In: XENOPHON. *Anabasis*. Trad. Carleton L. Brownson, revisada por John Dillery. Cambridge; London: Harvard University Press, 2001. Loeb Classical Library.
- DIONISIO DE HALICARNASO. Sobre la imitación. In: _____. *Tratados de crítica literaria*. Trad. Juan Pedro Oliver Segura. Madrid: Gredos, 2005.

- DOVER, K. J. *Greek popular morality*. In the time of Plato and Aristotle. Oxford: Basil Blackwell, 1974
- GRAY, V. J. *The character of Xenophon's Hellenica*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1989.
- _____. Continuous History and Xenophon, Hellenica 1-2.3.10. *The American Journal of Philology*, vol. 112, nº2. 1991.p. 201-228.
- HATZFELD, J. Notice. In: XÉNOPHON. *Helléniques*. Paris: Les Belles Lettres, 1973. p. 5-27.
- HUTCHINSON, G. *Xenophon and the art of command*. London: Greenhill Books, 2000.
- LEÃO, D. Matéria religiosa: processos de impiedade (asebeia). In: LEÃO, D.; ROSSETTI, L.; FIALHO, M. do C. G. Z. (Eds.). *Nomos: Direito e Sociedade na Antiguidade Clássica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Madrid: Ediciones Clásicas, 2004. p.201-226.
- LESKY, A. *História da Literatura Grega*. Trad. de Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- McLAREN, M. A supposed lacuna at the beginning of Xenophon's Hellenica. *The American Journal of Philology*, vol.100, nº2, 1979, p.228-238.
- McLAREN Jr, M. On the composition of Xenophon's Hellenica. *The American Journal of Philology*, vol.55, nº2, 1934a, p.121-139
- _____. On the composition of Xenophon's Hellenica. Pt.II. *The American Journal of Philology*, vol.55, nº3, 1934b, p.249-262.
- NIEBUHR, B. G. Über Xenophons Hellenika. *Rheinisches Museum* 1. 1827, p.194-8.
- POLIBIO. *História Programática*. Livros I a V. Tradução, Introdução e Notas de Breno Battitin Sebastiani. São Paulo: Perspectiva; Fapesp, 2016.
- RAHN, P. J. Xenophon's developing historiography. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 1971. Vol. 102, p.497-508.
- SAMOYAUULT, T. *A intertextualidade*. Tradução Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- STRASBURGUER, G. Xenophon, Hellenika. *Griechisch-deutsch* (Tusculum), München, 1970.
- THOMAS, D. In: STRASLER, R. B. *The Landmark Xenophon's Hellenika*. Translated by John Marincola with an Introduction by David Thomas. New York: Pantheon Books, 2009.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. De Raul M. Rosado Fernandes e M. Gabriela P. Granwehr. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- TUNÓN, O. G. In: JENOFONTE. *Hellénicas*. Introducción, traducción y notas de Orlando Guntiñas Tuñón. Madrid: Gredos, 1977.
- TUPLIN, C. *The Failings of Empire*. A reading of Xenophon *Hellenica* 2.3.11-7.5.27. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1993.
- WHITE, H. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Tradução de José Laurêncio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1995.
- XENOFONTE. *A educação de Ciro*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1965.

- XÉNOPHON. *Helléniques*. Tome I (Livres I-III). Texte établi et traduit par J. Hatzfeld. Paris: Les Belles Lettres, 1973.
- _____. *Helléniques*. Tome II (Livres IV-VII). Texte établi et traduit par J. Hatzfeld. Paris: Les Belles Lettres, 1965
- XENOPHON. *Hellenika*. Tradução de John Marincola. New York: Anchor Books, 2009.





O diálogo com as espécies de epos nas “Elegias” de Propércio

The dialogue with species of epic in Propertius’ elegies

Maria Ozana Lima de Arruda¹

e-mail: ozana@usp.br

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3017-3151>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.23394>

RESUMO: Considerando que o gênero épico possui diferentes espécies, o presente trabalho propõe-se a discutir de que forma Propércio, poeta elegíaco do século I a. C., discorre a respeito de cada uma das espécies e estabelece diferentes relações entre elas e a elegia por ele praticada. Para isso, analisamos a última elegia do seu segundo livro (elegia 2.34) e um grupo de elegias do início do terceiro livro (elegias 3.3, 3.4 e 3.5), nas quais o poeta estabelece diálogo com algumas obras da poesia épica, inicialmente Virgílio, mas deixando entrever a relação com cada espécie, e com isso nos fornece informações que contribuem para a compreensão de ambos os gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: Propércio; poesia elegíaca; poesia épica; gêneros poéticos; espécies épicas

ABSTRACT: Considering that the epic genre has diverse species, this paper proposes to discuss how Propertius, elegiac poet of the 1st century BC., talks about each of the species and establishes different relations between them and the elegy practiced by him. For this, we analyze the last elegy of his second book (elegy 2.34) and a group of elegies from the beginning of the third book (elegies 3.3, 3.4 and 3.5), in which the poet establishes dialogue with some works of epic poetry, initially Virgil, but letting one glimpse the relation with each species, and with it gives us information that contributes to the understanding of both genres.

KEYWORDS: Propertius; elegiac poetry; epic poetry; poetic genres; epic species

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, Brasil, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Martins.



Introdução

Propércio escreveu apenas em dísticos elegíacos, como se sabe, sendo a maior parte de sua produção voltada à matéria erótica e, no quarto livro, temos uma elevação da matéria, de forma que podemos considerá-lo, na sua maior parte, um livro de elegia etiológica.

A obra dele, no entanto, está repleta de referências e discussões a respeito não só do metro e da matéria que canta, mas dos metros e matérias cantadas por seus contemporâneos e pelos poetas anteriores, sendo assim possível percebermos alguns dados concernentes à visão de gênero desse poeta.

Dentre as discussões a respeito dos outros gêneros poéticos, não poderiam faltar reflexões relacionadas ao gênero épico, dada a importância adquirida pelas obras desse gênero ao longo dos séculos e a própria relação entre a poesia épica e a elegia amorosa². Assim, analisamos neste trabalho as reflexões do elegíaco a respeito da épica e suas espécies.

Infelizmente, ao contrário do que ocorreu com a Retórica, não nos chegaram muitos tratados de Poética, de modo que aqueles que nos chegaram adquirem um prestígio e são, geralmente, compreendidos sob a ótica de uma falsa unanimidade, de que fala Oliva Neto (2013), no tratamento da concepção de gêneros literários na Antiguidade. Um exemplo disso é o entendimento do que seria poesia épica em cada um dos momentos da Antiguidade grego-romana, a respeito do qual Oliva Neto discorre detalhadamente na sua tese de livre docência (OLIVA NETO, 2013, p. 41-67).

No princípio era Homero! E isso não é pouca coisa, visto que os poemas a ele atribuídos perpassaram os séculos e ainda hoje são considerados obras-primas do seu gênero. O problema é que, em razão da grandiosidade de sua obra e do equivocado pensamento de unanimidade da nomenclatura e classificação dos gêneros, o termo *épica* passou a designar apenas a espécie heroica, excluindo, desse modo, a espécie didática e bucólica, por exemplo, em benefício daquela que é considerada de elocução mais elevada, que canta os heróis e suas gestas.

² Esse diálogo ocorre tanto no âmbito rítmico como no âmbito da matéria, e os mecanismos para o estabelecimento desse diálogo são diversos. No âmbito do ritmo, elegia e épica, até certo ponto, compartilham o metro, o hexâmetro; com esse metro toda a poesia épica é composta; no caso da elegia, o hexâmetro se une a uma variação de si próprio, o pentâmetro, formando o dístico elegíaco. No âmbito da matéria, vários tópicos elegíacos relacionam-se diretamente com a épica, como nas *recusationes*, por meio das quais o poeta recusa as matérias de outros gêneros, principalmente a épica em favor da elegia (Prop. 1.6, 1.7 e 3.9, por exemplo); ou como a milícia amorosa (*militia amoris*), por meio da qual a *persona* poética dispensa os feitos militares (adequados à épica) e exalta os combates na alcova com as armas de Vênus (Prop. 1.6, 2.1 e 4.1, por exemplo); e em paralelos entre a musa elegíaca e heroínas épicas (Cíntia comparada a Helena em Prop. 2.3 e 2.8, Cíntia comparada a Penélope e a Briseida em Prop. 2.9a, por exemplo) e entre a *persona* elegíaca do poeta e os heróis épicos (Prop. 2.3, 2.8 e 2.22, por exemplo).

Um dos principais testemunhos é o da *Poética* de Aristóteles, em que o estagirita discorre sobre a composição poética, e que classifica “a epopeia e a poesia trágica, bem como a comédia, a poesia ditirâmbica, a aulética e a maior parte da citaródica³” como imitações (*Poética*, 1447a. 13-16). Ao delimitar o que imita cada um desses tipos de poesia, diz tocar à epopeia a imitação de homens virtuosos, melhores que nós (*Poética*, 1448a. 27, 1449b.10 e 1448a. 1-5).

Conforme apresenta Oliva Neto, o critério principal usado por Aristóteles para definir o que seria a poesia épica “pode-se propriamente chamar ‘ético’, pois que em substância é virtude ou vício, e como ele mesmo diz sempre e apenas virtude ou vício, de que ações e caracteres são só manifestações” (OLIVA NETO, 2013, p. 45-46). Assim, não seriam considerados épicos *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo ou o *Da natureza das coisas* de Lucrecio, os quais, embora escritos em hexâmetro, não trataria de homens virtuosos, visto que a matéria de um é o trabalho no campo, e do outro a filosofia epicurista.

Por outro lado, temos o testemunho de Quintiliano nas *Instituições oratórias*, em que são elencados Homero, Hesíodo, Apolônio de Rodes, Arato, Teócrito, Virgílio, Lucrecio, Varrão, Ovídio, Lucano e muitos outros, todos alocados como escritores de poemas épicos, identificando as características da escrita de cada um, e indicando para alguns a espécie a qual pertence (por exemplo, para Teócrito, a espécie bucólica, da qual foi o *inventor*).

De onde viria então a noção de que *épica* é o termo que designa apenas a poesia heroica com que definimos não só a *Ilíada* e a *Odisseia*, mas também a *Eneida*, e *A divina comédia* de Dante e *Os Lusíadas* de Camões? Oliva Neto propõe uma resposta baseado no fato de que:

entende-se que o grego ἔπος e o latino *epos*, indubitavelmente pelo prestígio do nome de Homero e da *Ilíada* em particular, podem ter vindo a designar por “excelência”, bem propriamente aqui, a narração de gesta heroica e guerreira, como parece ter feito Horácio no verso 82 da *Poética* (OLIVA NETO, 2013, p. 66).

Considerando, então, a existência das espécies épicas sob a guarda de um conjunto maior, o gênero épico, investigamos qual o tratamento dado a cada uma por Propércio, e ainda de que forma cada espécie é colocada em relação à sua poesia.

Neste trabalho, pretendemos analisar sobretudo os diálogos de Propércio com três espécies de epos⁴ – a bucólica, a didática e a heroica. Em geral, esses diálogos, sobretudo com as espécies bucólica e didática, são vistos como diálogos com as obras de Virgílio, poeta contemporâneo e do mesmo círculo de Propércio. Tentamos mostrar aqui, porém, que ainda

³ Tradução de Eudoro de Sousa. No original: ἐποποιία δὴ καὶ ἡ τῆς τραγωδίας ποιήσις ἔτι / δὲ κωμῳδία καὶ ἡ διθυραμβοποιητικὴ καὶ τῆς / ἀλύτικῆς ἢ πλείστη καὶ κίθαριστικῆς πᾶσαι / τυγχάνουσιν οὔσαι μιμήσεις τὸ σύνολον.

⁴ Devemos ressaltar, contudo, que quando dizemos “epos” não estamos nos referindo apenas à poesia de temática guerreira, considerada a mais elevada. Adoto aqui a proposta de João Angelo de Oliva Neto (2013, p. 66-67) de utilizarmos a palavra epos aportuguesada sem itálico, para indicar o gênero como um todo e suas espécies.

que a referência inicial seja as obras virgilianas – as mais expressivas em cada uma das espécies em língua latina até então (e, quiçá, de todos os tempos nesse idioma), os trechos apresentam uma discussão não apenas com esses textos, mas também com suas espécies, por meio deles representadas.

Para isso, examinamos inicialmente a elegia 2.34, na qual Propércio faz um epítome das três obras épicas de Virgílio; em seguida, analisamos as espécies de epos separadamente, com ênfase na elegia 3.3 e 3.5, para bucólica e didática, respectivamente, e, considerando que o diálogo com a espécie heroica é muito maior e, portanto, produz um *corpus* significativo impossível de ser analisado em um trabalho de pequena extensão, analisamos o recurso da *recusatio*, importante forma de diálogo com a espécie em questão, bem como as menções ao *inuentor* do gênero e da espécie, Homero; e a elegia 3.4, que apresenta uma referência à *Eneida* e parece constituir um bloco com as elegias 3.3 e 3.5, em que se notam ecos das três obras de Virgílio.

Elegia 2.34

O epítome de obras literárias, sobretudo épicas, antigas e contemporâneas, faz parte do jogo alusivo da obra de Propércio (BOUCHER, 1965, p. 273), na qual temos, por exemplo, epítomes da *Ilíada* (2.8.29–38 e 3.1.25–34), da *Odisseia* (3.12.23–31) e dos *Anais* de Ênio (3.3.7–12); o que acontece na elegia 2.34 é, no entanto, um caso particular: temos em uma mesma elegia resumos de três obras de um mesmo poeta, Virgílio.

A elegia inicia-se com o poeta exortando o amigo Linceu a praticar poesia amorosa como ele e argumenta que, em um grande amor, a filosofia não tem serventia (v. 30); o poeta deprecia alguns assuntos bélicos (v. 33–40) e prescreve que o amigo pare de compor com os coturnos⁵, uma referência à tragédia, representada por Ésquilo (v. 41–42), pois uma bela mulher desdenha os deuses (v. 46) e nenhuma moça tem interesse em saber as razões do universo (v. 51–54). Por fim, Propércio diz que o amigo sozinho não suportará os duros amores (v. 47–49) e, por isso, deve observar que o poeta reina nos *convívios* entre jovens moças (v. 55–60), ainda que não tenha herança abastada deixada por antepassados por causa de algum Marte (isto é, espólio de guerra).

Temos em seguida o primeiro epítome de uma obra de Virgílio, a *Eneida*, a última do poeta mantuano e a representante do epos mais elevado, o heroico (v. 61–66):

Actia Vergili<um> custodis litora Phoebi,
 Caesaris et fortis dicere posse ratis,
 qui nunc Aeneae Troiani suscitatur arma
 iactaque Lauinis moenia litoribus.
 cedite, Romani scriptores, cedite, Graii!
 nescio quid maius nascitur Iliade⁶.

⁵ Calçado típico da tragédia.

⁶ Edição Paolo Fedeli (FEDELI, 2006).

Que Virgílio possa cantar o mar Ácio de Febo
 e a armada do valoroso César,
 que agora revive as armas do troiano Enéias
 e os muros construídos nas praias de Lavínio.
 Cedei, escritores romanos, cedei, gregos!
 Nasce um não sei o quê maior que a *Ilíada*.⁷

Com esse resumo, Propércio apresenta a matéria retratada na *Eneida*, estabelecendo uma relação entre os fatos histórico-mitológicos e os acontecimentos recentes, o presente e o passado (O'ROURKE, 2011, p. 467): em um dístico, temos a batalha do Ácio em 31 a. C. (*Actia*, v. 61), da qual Otaviano (*Caesaris fortis rates*, v. 62) ligado à figura de Febo Apolo (*Phoebe*, v. 61) foi vencedor⁸, retratada no poema heroico virgiliano na célebre écfrase do escudo de Eneias (8.671-731); no outro dístico, os elementos que nos remetem ao proêmio do épico: as armas do troiano Eneias (*Aeneae Troiani arma*, v. 63) e os litorais de Lavínio (*Lauinis litoribus*, v. 64), além da indicação da construção de cidades (*iactaque moenia*, v. 65)⁹. Desse dístico, todas as palavras, com exceção do verbo *suscitat*¹⁰, são encontradas nos versos iniciais da *Eneida* (1.1-7):

Arma uirumque cano, **Troiae** qui primus ab oris
 Italiam fato profugus **Lauinia**que uenit
litora, multum ille et terris **iactatus** et alto
 ui superum, saeuae memorem Iunonis ob iram,
 multa quoque et bello passus, dum conderet urbem
 inferretque deos Latio; genus unde Latinum
 Albanique patres atque altae **moenia** Romae¹¹.

Notemos que, ainda que seja a mais importante obra de Virgílio, Propércio dedica apenas seis versos à apresentação da obra, dois dos quais voltados à exaltação do nascente poema. Diante desse elogio à *Eneida*, não podemos deixar de lembrar as inúmeras recusas à temática bélica nas elegias de Propércio¹²; tal fato, no entanto, em momento algum vai de encontro ao que a *persona* do poeta apresenta nas suas elegias, uma vez que não deixa de acenar para o fato de que ele não tem a habilidade para tais versos, o seu principal argumento nas *recusationes*, e que tal tarefa fique para outros, como Virgílio (*Vergilium dicere posse*, v. 61-62).

⁷ Todas as traduções de Propércio são nossas.

⁸ Cf. Miller (2004) a respeito da representação properciana de Apolo nessa elegia.

⁹ Para um estudo mais detalhado das referências à *Eneida* nessa elegia, ver Miller (2004), O'Rourke (2011) e Alfonsi (1954).

¹⁰ Apesar de esse verbo não aparecer no proêmio da *Eneida*, Fedeli (2005, pp. 989-90) aponta que ele é colocado nesse dístico para indicar que Virgílio é capaz de acordar de um longo sono e recolocar em movimento uma matéria que ficou inerte por algum tempo.

¹¹ Virgílio está sendo citado a partir da edição de Gian Biagio Conte (2009).

¹² Ver as páginas seguintes deste trabalho.

Outro fato interessante diz respeito à comparação da *Eneida* com a *Iliada*, a qual, além de ser um grande modelo de épico de matéria bélica, convoca ao texto a figura do seu autor, Homero¹³, o *inuentor* do gênero e da espécie emulada por Virgílio com a *Eneida*, ratificado pelo uso do termo *scriptores* (v. 65) – segundo Fedeli (2005, p. 990): “sinônimo de poeta e dito em particular dos poetas épicos”¹⁴ –, destacando tanto os gregos (*cedite, Grai*, v. 65) quanto os romanos (*cedite Romani*, v. 65).

O segundo e mais extenso epítome é o das *Éclogas*, repleto de elementos alusivos ao texto virgiliano (v. 67-76):

tu canis umbrosi subter pineta Galaesi
 Thyrsin et attritis Daphnin harundinibus,
 utque decem possint corrumpere mala puellas
 missus et impressis haedus ab uberibus.
 felix, qui uilis pomis mercaris amores!
 huic licet ingratae Tityrus ipse canat.
 felix intactum Corydon qui temptat Alexin
 agricolae domini carpere delicias!
 quamuis ille sua lassus requiescat auena,
 laudatur facilis inter Hamadryadas.

Cantas tu sob os pinhos do umbroso Galeo
 Tirso e Dáfnis nas flautas gastas,
 e como dez maçãs podiam seduzir as moças
 e o bode tirado das tetas em que mamava.
 Feliz és tu, que compras amores com maçãs baratas!
 Para ela, ainda que seja ingrata, o próprio Títiro canta.
 Feliz Córidon que tenta o casto Aléxis
 arrebatat, delícias de seu amo agricultor!
 Ainda que ele repouse, fatigado por causa de sua flauta
 é louvado entre as dóceis Hamadriadas.

Por serem amplamente estudadas, não detalharemos as referências às *Éclogas* de Virgílio presentes nesse trecho, para as quais indicamos os estudos de Alfonsi (1954) e O'Rourke (2011). Devemos ressaltar, contudo, que algumas dessas alusões remetem a trechos do mantuano que, por sua vez, estabelecem diálogo com os *Idílios* de Teócrito. Por exemplo, no primeiro dístico do trecho, Propércio diz a matéria que o mantuano canta, Tirso e Dáfnis, personagens das *éclogas* 5 e 7, e também personagens do primeiro idílio de Teócrito; e, nos versos 69-71, temos a menção às dez maçãs, presente também na terceira *écloga* (v. 70-71) e no terceiro idílio (v. 10).

¹³ O'Rourke mostra que “Horsfall (2006, p. xxv) adverte que a referência de Propércio à *Iliada* pode simplesmente estar por sinédoque como “Homero como um todo”, o elegíaco assim assinalando a rivalidade de Virgílio com Homero em geral. (Horsfall (2006, xxv) cautions that Propertius' reference to the *Iliad* may simply be synecdoche for “Homer as a whole,” the elegist thus signalling Virgil's rivalry with Homer in general).

¹⁴ *sinonimo di poetae, detto in particolare dei poeti epici.*

Desse modo, percebemos que, ainda que não nomeie Teócrito, o trecho de alguma forma parece retomar a figura do criador da espécie praticada por Virgílio nesse poema.

Por outro lado, além de ser um epítome das *Éclogas* e apresentar referências aos *Idílios* de Teócrito, esse trecho estabelece uma relação de proximidade entre a poesia bucólica e a elegíaco-amorosa, mesmo porque ambas se opõem à épica guerreira e porque ambas são amorosas, diferentemente do que ocorre no epítome da *Eneida*, analisado anteriormente.

O primeiro indício dessa aproximação é o inesperado *tu*, o qual, ainda que um componente importante para a referência à primeira écloga (v. 1 e 4), aponta para uma aproximação “bem mais familiar e cordial em um mundo vizinho ao properciano” (ALFONSI, 1954, p. 209)¹⁵. Tal aproximação com Virgílio, o autor das duas obras em questão, não é encontrada no trecho anterior (v. 61-66).

Outro indício é a ênfase na afinidade quanto ao tratamento da temática amorosa, considerando devidamente as regras de cada um dos dois ambientes, o bucólico e o elegíaco-amoroso. Assim, ao explorar episódios como o da relação entre Dáfnis e Tirso, ou a temática da maçã como forma de sedução das moças¹⁶, e o amor de Aléxis e Córidon, esse resumo da obra virgiliana enfatiza o relacionamento amoroso em detrimento das diversas matérias possíveis no ambiente pastoril.

O terceiro e mais curto epítome é o das *Geórgicas*, no qual Propércio expõe rapidamente a temática do poema e o compara à poesia feita por Cíntio (v. 77-80):

tu canis Ascraei ueteris praecepta poetae,
quo seges in campo, quo uiret uua iugo.
tale facis carmen, docta testudine quale
Cynthius impositis temperat articulis.

Tu cantas os preceitos do velho poeta Ascreu
Em que campo cresce a seara, em que colina as uvas
Com tua douta lira, fazes tais poemas, qual
Cíntio modula entre seus dedos.

Ainda que breve, o trecho é significativo do ponto de vista da delimitação da espécie à qual pertence, pois apresenta a função principal da espécie – ensinar preceitos agrícolas (*canis praecepta*), bem como o seu *inuentor* – Hesíodo, o velho Ascreu (*Ascraei ueteris poetae*).

Nesse trecho também temos a aproximação por meio do pronome *tu*, diferente do *Vergilium* presente no epítome da *Eneida*, o que de certa forma mostra uma relação de maior contiguidade entre as *Geórgicas* e as *Éclogas* e as elegias praticadas por Propércio.

Além disso, ao final dos epítopes dessas duas obras, o poeta elegíaco conclui dizendo que essas coisas agradam a qualquer leitor, seja ele leigo ou perito nos amores (*non tamen haec ulli uenient ingrata legenti, / siue in amore rudis siue peritus erit*, v. 81-82), e, em seguida, apresenta o cânone de poetas latinos em cujas obras suas amadas são enaltecidas (v. 85-94).

¹⁵ *Ci sentiamo già in una atmosfera ben più familiare e cordiale, in un mondo vicino al properziano.*

¹⁶ Essa imagem lembra também o mito de Atalanta explorado por Propércio na elegia 1.1.9-15.

Notemos que um aspecto perpassa os três epítomes das produções virgilianas, a indicação do modelo maior, do *inuentor*, para cada uma das obras: no caso da *Eneida*, a figura de Homero, por meio da referência à *Iliada*; no caso das *Geórgicas*, Hesíodo, referido como o velho poeta Ascreu; e, por fim, no caso das *Éclogas*, de modo mais velado, por meio da referência a trechos virgilianos, que notadamente retomam o *inuentor* do epos bucólico. Desse modo, além de apresentar as principais obras representantes em língua latina das três espécies de epos até então, o trecho parece não referir-se apenas a Virgílio, mas discutir aspectos de cada uma das espécies.

Tal configuração assemelha-se aos moldes dos tratados de poética, em que são apresentados os metros, a matéria e o *inuentor* de cada gênero, como acontece na *Carta aos Pisões* de Horácio (v. 73-85) e nas *Instituições Oratórias* de Quintiliano (10, 1, 51-57 e 10, 1, 85-93, por exemplo). Nos três epítomes em questão, são apresentados a matéria e o *inuentor* de cada espécie; o metro não é apresentado, pois não há necessidade de especificação, visto que o metro do epos é invariável – o hexâmetro –, de modo que, em cada espécie, temos de variável apenas a matéria e o modelo.

Ainda que se trate de uma recusa aos demais gêneros e a afirmação da matéria erótica, a elegia apresenta – além dos elementos já citados – outros que a assemelham a tratados de poética, como a adequação do gênero à matéria e o cânone de poetas:

quid tua Socraticis tibi nunc sapientia libris
 proderit aut rerum dicere posse uias?
 aut quid † erechti † tibi prosunt carmina +lecta+?
 nil iuuat in magno uester amore senex.
 tu † satius memorem musis † imitere Philitan
 et non inflati somnia Callimachi.

De que te adianta a sabedoria nos livros de Sócrates
 obtida, ou ser capaz de dizer o rumo das coisas?
 ou de que te serve os poemas lidos do Erecteu?
 Nada ajuda o teu velho em um grande amor.
 É melhor que tu imites as musas de Filetas
 e os não-empolados sonhos de Calímaco. (2.34.27-32)

desine et Aeschyleo componere uerba coturno,
 desine, et ad mollis membra resolue choros!
 incipe iam angusto uersus includere torno,
 inque tuos ignis, dure poeta, ueni!
 tu non Antimacho, non tutior ibis Homero:
 despicit et magnos recta puella deos.

Cessa, pois, de compor versos em coturno de Ésquilo!
 Cessa e solta o corpo em danças suaves!

Começa a encerrar teus versos em um torno estreito,
e para os teus ardores, vem, duro poeta!
Tu, não em Antímaco, nem em Homero, estarás seguro:
uma moça bonita despreza os poderosos deuses. (2.34.41-46)

haec quoque perfecto ludebat Iasone Varro,
Varro Leucadiae maxima flamma suae;
haec quoque lasciui cantarunt scripta Catulli,
Lesbia quis ipsa notior est Helena;
haec etiam docti confessa est pagina Calui,
cum caneret miserae funera Quintiliae.
et modo formosa quam multa Lycoride Gallus
mortuus inferna uulnera lauit aqua!
Cynthia † quin etiam † uersu laudata Properti,
hos inter si me ponere Fama uolet.

Esses temas também cantava Varrão, acabado o seu Jasão,
Varrão, ardendo profundamente por sua Leucádia.
Também cantavam os escritos do lascivo Catulo
e Lésbia é mais conhecida que a própria Helena;
Esses temas também a página do douto Calvo confessou
quando cantou os funerais da infeliz Quintília.
e Galo, que há pouco, por causa da bela Licóris,
lavou tantas feridas nas águas infernais!
Que também Cíntia seja exaltada nos versos de Propércio
se entre estes poetas a Fama me quiser pôr. (2.34.85-94)

Não podemos, no entanto, esquecer que, ainda que parte do poema pareça se comportar como uma poética, ele o faz do ponto de vista da elegia amorosa, de forma que o catálogo que o conclui é apresentado em função das *puellae* eternizadas pelos poetas, da Leucádia de Varrão, Lésbia de Catulo, Quintília de Calvo, Licóris de Galo e Cíntia de Propércio.

Finda-se, com esse poema, o segundo livro de elegias e o terceiro já se inicia com mais *recusationes*, perceptíveis pelo menos até a quinta elegia, além da nona e da décima segunda. No interior desse bloco das cinco primeiras, chama-nos à atenção o conjunto de três elegias em que o poeta faz, ao longo de todo o poema ou nos momentos mais expressivos da *recusatio*, referências textuais às obras de Virgílio. Nessas elegias, o elegíaco parece retomar cada uma das espécies novamente, mas discutindo-as do ponto de vista do epos de que cada uma é representante. Investiguemos então como isso pode ser percebido nas elegias em questão.

Epos bucólico

Diferentemente do que ocorre com a espécie heroica, não é muito comum o diálogo entre a poesia elegíaca e as espécies bucólica e didática em Propércio, e mesmo a elegia 3.3, que ora analisamos, é um dos principais exemplos de *recusatio* da poesia bélica e não bucólica. Ainda assim, essa elegia tem a particularidade de dialogar com duas das *Éclogas* de Virgílio, que por sua vez dialogam com a poesia elegíaco-amorosa a partir da figura de Cornélio Galo, antecessor dos elegíacos augustanos.

Além dessas referências, alguns elementos apontam para a composição de um ambiente bucólico e, mais especificamente, a primeira égloga de Virgílio¹⁷, por retomar a situação descrita nos primeiros versos dessa égloga (*Éclogas* 1.1-5):

M. Tityre, tu patulae **recubans** sub tegmine fagi
siluestrem tenui Musam meditaris auena;
nos patriae finis et dulcia linquimus arua.
nos patriam fugimus; tu, Tityre, lentus **in umbra**
formosam resonare doces Amaryllida siluas.

Ó Títilo, tu que estás recostado à sombra da copa faia,
Modulas uma cantinela rústica na delgada flauta;
Nós deixamos os territórios da pátria e os doces campos;
Nós fugimos da pátria; tu Títilo, estirado à sombra,
Ensinas os bosques a repetir o nome da formosa Amarílide.¹⁸

Notemos que dois dos termos são correspondentes exatos nos dois textos (*recubans* e *in umbra*), enquanto o adjetivo *molli* substitui o *siluestrem* e o *tenui* virgiliano.

Na sequência da elegia, o poeta conta que no sonho bebia da mesma fonte em que o *pater Ennius* matava a sede (v. 5-6) e por isso podia cantar os reis de Alba e seus feitos (v. 3-4). Apresenta, então, uma série de episódios bélicos da história de Roma abordados nos *Annales* de Ênio¹⁹. Até que Febo o repreende:

'quid tibi cum tali, demens, est flumine? quis te
carminis heroi tangere iussit opus?

¹⁷ O primeiro verso dessa elegia apresenta também uma cena de um sonho que é repleta de referências, pelo menos, à *Teogonia* de Hesíodo (22-34), aos *Aetia* de Calímaco (frag. 2 Pfeiffer) e aos *Annales* de Ênio (frag. 5 Warmington).

¹⁸ Todas as traduções das *Éclogas* são de João Pedro Mendes (1997).

¹⁹ Os episódios abordados são: a batalha entre os trigêmeos Horácios e os Curiácios; a vitória de Lúcio Emílio Régilo contra Antíoco III em 190 a. C.; os célebres adiantamentos das batalhas contra Aníbal, na Segunda Guerra Púnica, da parte de Quinto Fábio Máximo *Cunctator*; a vitória arrasadora de Aníbal sobre os romanos em 216 a. C., em Canas; a derrota de Aníbal em 211 a. C., já nos portões de Roma; e a tentativa de invasão de Roma pelos gauleses em 387 a. C., frustrada pelo aviso dos gansos do templo de Júpiter, no Capitólio.

non hic ulla tibi sperandast fama, Properti:
mollia sunt paruis prata terenda rotis;
ut tuus in scamno iactetur saepe libellus,
quem legat exspectans sola puella uirum.
cur tua praescriptos euecta est pagina gyro<s>?
non est ingenii cumba grauanda tui.
alter remus aquas alter tibi radat harenas,
tutus eris: medio maxima turba mari est.'

O que tens a ver, demente, com este rio? Quem te
mandou entoar um canto heroico?
Aqui não deves esperar nenhuma fama, Propércio:
as rodas delicadas devem trilhar brandos (amenos) prados.
Que sempre teu livrinho encontre um banco
e o leia a menina enquanto sozinha espera o amante.
Por que foge tua página do circuito prescrito?
não sobrecarregues a barca do teu engenho.
Um remo na água e outro inda na areia – a salvo:
em pleno mar se turva a imensa turba”.

Percebemos que aqui o deus da poesia repreende o poeta por cantar *carminis heroi opus*, explicitando a recusa à temática bélica, pois *opus*, como mostra Oliva Neto (2013 p. 125), “sem deixar de manter o significado primeiro de ‘trabalho’, tem também o de ‘gênero” e parece designar a poesia épica, enquanto *heroi* parece especificar a espécie heroica.

Depois disso, Febo aponta para uma gruta, onde se podem ver imagens de personagens que retomam o ambiente bucólico – Pã e Sileno, que retomam a elegia –, Vênus e suas pombas, e à poesia de um modo geral – as Musas (v. 26-36):

hic erat affixis uiridis spelunca lapillis,
pendebantque cauis tympana pumicibus,
orgia Musarum et Sileni patris imago
fictilis et calami, Pan Tegeae, tui;
et Veneris dominae uolucres, mea turba, columbae
tingunt Gorgoneo punica rostra lacu;
diverseque nouem sortitae iura Puellae
exercent teneras in sua dona manus:
haec hederas legit in thyrsos, haec carmina neruis
aptat, at illa manu textit utraque rosam.

Ali havia uma gruta com pedrinhas verdes cravejadas,
e das rochas côncavas pendiam tímpanos,
as orgias das Musas, a imagem do pai Sileno
em terracota e tuas flautas, Pã Tegeu.
As aladas pombas da senhora Vênus, meu bando,
tingem de vermelho os bicos no lago Gorgônio.

Em diferentes partes sorteadas por jurisdição, nove moças
trabalham em seus dons com as tenras mãos:
Uma colhe heras para os tirsos, outra, em suas cordas,
harmoniza os cantos, outra tece, com as mãos, uma rosa.

Dessas imagens, as de Sileno e de Pã ajudam a compor o ambiente bucólico, uma vez que, além de serem comumente representantes dessa poesia, aparecem ambas também nas *Éclogas* de Virgílio, exatamente naquelas *Éclogas* nas quais o mantuano discute sua poesia e dialoga com a poesia elegíaco-amorosa. A referência a Sileno ocorre na sexta égloga quando o encontram dormindo, embriagado da noite anterior. A referência a Pã ocorre na décima égloga quando ele, junto a vários outros personagens bucólicos, busca consolar Cornélio Galo, o poeta elegíaco anterior à geração augustana, conforme veremos a seguir.

A sexta égloga de Virgílio é interessante porque nela o poeta, além de discutir a sua poesia, traz a mesma cena encontrada na elegia 3.3 de Propércio, em que Cíntio (Apolo) o repreende por cantar chefes e guerras (v. 2-12):

cum canerem reges et proelia, Cynthius aurem
uellit et admonuit: 'pastorem, Tityre, pinguis
pascere oportet ouis, deductum dicere carmen.'
nunc ego (namque super tibi erunt qui dicere laudes,
Vare, tuas cupiant et tristia condere bella)
agrestem tenui meditabor harundine Musam:

Como eu cantasse os reis e os combates, o Cíntio me tocou na orelha e advertiu: “Títilo, um pastor deve apascentar ovelhas gordas e cantar um canto simples”. Eu agora, pois terás de sobra, ó Varo, quem deseje celebrar os teus louvores e cantar as tristes guerras, vou tentar uma canção silvestre na delgada flauta.

A cena da repreensão de Apolo quanto ao que o poeta deve ou não cantar já está presente, além das duas obras vistas acima, também nos *Aetia* de Calímaco (frag. 1 Pfeiffer) e é depois imitada por Horácio nas *Odes* (4.15) e por Ovídio na *Arte de amar* (2.493-510)²⁰.

A égloga segue com os jovens encontrando Sileno adormecido pela bebedeira da véspera e, em seguida, temos a relação das matérias cantadas no canto de Sileno: um trecho cosmogônico (v. 31-40), uma série de episódios mitológicos (v. 41-63) e a referência direta à elegia, nos versos 64-73, por meio da referência ao poeta Cornélio Galo

tum canit, errantem Permessi ad flumina Gallum
Aonas in montis ut duxerit una sororum,
utque uiro Phoebi chorus adsurrexerit omnis;
ut Linus haec illi diuino carmine pastor

²⁰ Cf. Boucher (1965, p. 177-184) a respeito das particularidades de cada um desses usos da intervenção de Apolo.

floribus atque apio crinis ornatus amaro
dixerit: 'hos tibi dant calamos (en accipe) Musae,
Ascraeo quos ante seni, quibus ille solebat
cantando rigidas deducere montibus ornos.
his tibi Grynei nemoris dicatur origo,
ne quis sit lucus quo se plus iactet Apollo.'

Canta em seguida como uma das irmãs conduziu Galo
Aos montes da Aônia, o qual vagueava junto às águas
Do Permesse, e como todo o coro de Febo se levantou
em honra daquele homem; como o pastor Lino, ornado
em seus cabelos de flores e aipo amargo, lhe disse:
“Eis aqui, recebe estas flautas que as Musas te dão e que
Antes deram ao velho Ascreu; com elas costumava,
Cantando, fazer descer dos montes os freixos imóveis.
Graças a eles te seja dita a origem do bosque de Grínio, para
Que não haja bosque sagrado do qual Apolo mais se glorie”.

Aqui, como na elegia 3.3, uma das Musas (*sorum*, v. 65) conduz o poeta – na elegia Propércio e na écloga Cornélio Galo – à região da Aônia, morada das Musas, de onde o poeta recebe inspiração para cantar o que lhe é adequado.

Quanto à figura de Pã, é muito comumente relacionada à poesia bucólica²¹ e é uma das personagens da décima écloga, na qual os amores de Galo são discutidos (10.26-34):

Pan deus Arcadiae uenit, quem uidimus ipsi
sanguineis ebuli bacis minioque rubentem.
'ecquis erit modus?' inquit. 'Amor non talia curat,
nec lacrimis crudelis Amor nec gramina riuis
nec cytiso saturantur apes nec fronde capellae.'
tristis at ille 'tamen cantabitis, Arcades,' inquit
'montibus haec uestris; soli cantare periti
Arcades. o mihi tum quam molliter ossa quiescant,
uestra meos olim si fistula dicat amores!

Veio Pã, deus da Arcádia;
vimo-lo com os próprios olhos, enrubescido pelas bagas
cor-de-sangue do ébulo e pelo Mínio; Haverá, porventura,
um limite”, disse, “o Amor não cura tais coisas, nem o
cruel Amor se sacia de lágrimas nem os prados de ribeiros
Nem as abelhas de codesso nem as cabras de folhagem”.
Ele, porém, disse entristecido: “Apesar de tudo, árcades,
Vós cantareis estas coisas aos vossos montes, pois só vós,
Árcades sabeis cantar. Oh quão docemente repousariam os meus
ossos, se um dia a vossa flauta dissesse os meus amores!

²¹ Pã é considerado o inventor e protetor da poesia bucólica (FABRES-SERRIS, 1999, p. 361-362).

Esse trecho é significativo não só pela figura de Pã dialogando com Galo, mas porque ocorre também um diálogo com a própria elegia amorosa, tendo em vista que *amores* (v. 34) pode ser compreendido como um termo técnico que designa a elegia erótica. Além disso, *Amores* é o nome da obra elegíaca de Galo, bem como de uma das obras de Ovídio posteriormente.

Além disso, a écloga desenvolve-se em torno dos *amores* de Galo, trata da possibilidade de Galo dedicar-se à poesia bucólica, a fim de buscar a cura para sua paixão, o que, como mostra o trecho acima, não se concretiza, uma vez que tanto Pã como o poeta ressaltam a incapacidade de cura das afecções amorosas.

O interessante é que a écloga se cerca do ambiente e personagens bucólicas para discutir temática amorosa, e não a temática amorosa da forma com que é abordada nas demais éclogas em que se destaca o amor pastoril, mas com a referência específica ao amor elegíaco. Assim, o que temos aqui é a discussão a respeito do amor elegíaco ambientado no contexto bucólico.

Voltando à elegia 3.3, ela se encerra com a fala de Calíope indicando o que deve e o que não deve cantar Propércio (v. 37-52):

e quarum numero me contigit una dearum
 (ut reor a facie, Calliopea fuit):
 'contentus niueis semper uectabere cynnis,
 nec te fortis equi ducet ad arma sonus.
 nil tibi sit rauco praeconia classica cornu
 flare, nec Aonium tingere Marte nemus;
 aut quibus in campis Mariano proelia signo
 stent et Teutonicas Roma refringat opes,
 barbarus aut Sueuo perfusus sanguine Rhenus
 saucia maerenti corpora uectet aqua.
 quippe coronatos alienum ad limen amantis
 nocturnaeque canes ebria signa fugae,
 ut per te clausas sciat excantare puellas,
 qui uolet austeros arte ferire uiros.'
 talia Calliope, lymphisque a fonte petitis
 ora Philitea nostra rigauit aqua.

Dentre aquele grupo de divindades uma me tocou,
 como julguei pela face, era Calíope:
 Ficarás satisfeito em sempre ser transportado pelos níveis cisnes,
 e o som do cavalo valente não te levará às armas.
 Não chorarás os sons bélicos no rouco corno
 nem tingirás o bosque Aônio com Marte.
 Ou em que planícies as batalhas sob o estandarte de Mário
 se travam e Roma abate as forças Teutônicas.
 Ou o bárbaro Reno, coberto de sangue Suevo,

levando os corpos feridos na triste água.
Com efeito, cantarás amantes coroados em outra porta
e vestígios ébrios de fugas noturnas,
Para que contigo aprenda a encantar as moças presas
aquele que quiser enganar maridos austeros com sua arte.
Tais coisas disse Calíope, e tira água da fonte
e molha minha boca com água de Filetas.

Em suma, o poeta rejeita a matéria heroica, dialogando com écloas em que Virgílio dialoga com a elegia; além disso, ao ambientar essa elegia no espaço bucólico, Propércio emula Virgílio, que trouxe Galo ao espaço bucólico e ali tratou de elegia de temática amorosa, na décima écloga.

Epos heroico

No que tange à espécie heroica, muitos são os diálogos nas elegias de Propércio, apresentadas nas mais diversas formas. Um dos contextos mais comuns em que essa espécie aparece e estabelece diálogo com a elegia properciana são as *recusationes*, elementos importantes da poesia desse elegíaco, que frequentam os quatro livros do poeta; logo na primeira *recusatione*, na elegia 1.6, ele diz ser não ter nascido para tratar de assuntos bélicos (1.6.29-30):

non ego sum laudi, non natus idoneus armis:
hanc me militiam fata subire uolunt.

Eu não nasci apto para renome e para as armas:
É esta a milícia a qual os fados querem que eu me submetta.

Trilhando o prenunciado pela primeira *recusatio*, a recusa à temática bélica por meio da referência às armas, designando a poesia heroica, é comum na obra de Propércio:

quod mihi si tantum, Maecenas, fata dedissent,
ut possem heroas ducere in arma manus

Mas se os fados me tivessem dado tamanho talento,
para poder conduzir às guerras as mãos heroicas (2.1.17-18)

multi, Roma, tuas laudes annalibus addent,
qui finem imperii Bactra futura canent:
sed, quod pace legas, opus hoc de monte Sororum
detulit intacta pagina nostra uia.
mollia, Pegasides, date uestro sarta poetae:
non faciet capiti dura corona meo.

Muitos, Roma, acrescentarão louvores aos teus Anais,
e cantarão que os Bactros serão a fronteira do império.
Mas, para que leias em tempos de paz, do montes das irmãs,
a minha página trouxe, por caminho intacto, esta obra.
Delicadas guirlandas, Pegásides, dai ao vosso poeta:
Dura coroa não convirá à minha cabeça. (3.1.15-20)

a ualeat, Phoebum quicumque moratur in armis!
exactus tenui pumice uersus eat,
quo me Fama leuat terra sublimis, et a me
nata coronatis Musa triumphat equis,
et mecum in curru parui uectantur Amores,
scriptorumque meas turba secuta rotas.

Passe bem, quem quer que retenha Febo nas armas!
Que venha perfeito o verso polido pela fina pedra-pomes,
por ele a Fama me leve da terra aos céus, e a Musa,
de mim nascida, triunfe com os corcéis coroados de flores,
e comigo são levados em um carro os pequenos Amores,
e uma multidão de poetas segue minhas rodas. (3.1.7-12)

Todas essas *recusationes* direcionam-se a determinada espécie do epos, a heroica, considerada mais elevada, mais sublime, cujo *inuentor* e principal expoente é Homero, diversas vezes citado por Propércio, como contraponto da sua poesia (1.7.1-6; 1.9.11; 2.1.17-26; 2.34.43-45):

Percebemos que, por meio das *recusationes* e por meio da contraposição da figura e da obra de Homero, a relação estabelecida entre a espécie representada por Homero e a elegia praticada por Propércio é de recusa daquela em detrimento desta, ressaltando que não se trata de uma recusa ao metro hexamétrico, ou ao epos como um todo, mas a uma espécie específica, aquela que diz respeito à matéria heroica, ao tipo de epos praticado e aclamado pelo nome de Homero.

Já em língua latina, sem dúvida²² o maior representante do epos é Virgílio, autor de obras em três diferentes espécies, a bucólica com as *Éclogas*, a didática com as *Geórgicas*, e a heroica com a *Eneida*.

Além das constantes referências à espécie heroica, como as apresentadas acima, em uma referência à *Eneida* no início do terceiro livro, inserida no que pensamos ser um bloco formado pelas elegias 3.3, 3.4 e 3.5, temos mais um diálogo com a espécie heroica na obra de Propércio.

²² Dado o comentário de Propércio na elegia 2.34 e o testemunho de Quintialino (*Intituições oratórias*, 10.1.85-86), por exemplo.

Esta elegia trata essencialmente de matéria bélica, mais precisamente das batalhas e dos triunfos de Otávio (3.4):

Arma deus Caesar dites meditatur ad Indos,
et freta gemmiferi findere classe maris.
magna, uiris, merces! parat ultima terra triumphos;
Tigris et Euphrates sub tua iura fluent;
sera, sed Ausoniis ueniet prouincia uirgis;
assuescent Latio Partha tropaea Ioui.
ite agite, expertae bello, date lintea, prorae,
et solitum, armigeri, ducite munus, equi!
omina fausta cano. Crassos clademque piate!
ite et Romanae consulite historiae!
Mars pater, et sacrae fatalia lumina Vestae,
ante meos obitus sit precor illa dies,
qua uideam spoliis onerato[s] Caesaris axe[s],
ad uulgi plausus saepe resistere equos,
inque sinu carae nixus spectare puellae
incipiam et titulis oppida capta legam,
tela fugacis equi et bracati militis arcus,
et subter captos arma sedere duces!

ipsa tuam serua prolem, Venus: hoc sit in aeuum,
cernis ab Aenea quod superesse caput.
praeda sit haec illis, quorum meruere labores:
me sat erit Sacra plaudere posse Via.

Guerras o deus César trama contra os ricos Indos,
e sulcar com sua armada as ondas do mar gemífero.
Grandes prêmios, cidadãos: longínqua terra fornece os triunfos.
Tigre e Eufrates correm sob tuas leis.
É tarde, mas a província virá sob a verga Ausônia;
troféus Partos acostumam-se ao Lácio Jove.
Ide e agi, dai vela aos bélicos navios
e conduzi o habitual espólio, corcéis de guerra!
Canto bons presságios. Vingai, Crassos, as perdas!
Ide e observai a história romana!
Pai Marte, e as luzes proféticas da sagrada Vesta,
rogo que antes da minha morte chegue o dia,
em que verei os carros cobertos dos espólios de César,
os cavalos a deterem-se muitas vezes sob o aplauso do povo,
e eu, reclinado no colo da cara moça, me ponha a contemplar,
lendo os nomes das cidades capturadas!
a flecha do fugaz corcel, o arco do soldado de bragas
e as armas capturadas com seus líderes!

Conserva a tua prole, Vênus! Assim seja pela eternidade,
 viva a progênie que vês provir de Eneias!
 Que esse despojo seja daqueles que o merecerem
 A mim, será suficiente poder aplaudir da Via Sacra.

Percebemos que “a abertura bélica contrasta significativamente com a poética apresentada pelo conselho de Apolo em 3.3” (PROPÉRCIO, 2014), por outro lado, trata das campanhas bélicas de Augusto, o que de certa forma imita a *Eneida*, que, como vimos no seu epítome na elegia 2.34, reúne o passado histórico-mitológico e o presente, sob a figura de Eneias e do seu descendente Augusto.

O elegíaco, no entanto, ainda que enalteça os espólios de César (Augusto), distancia-se desses assuntos e reafirma sua condição de poeta de matéria amorosa, ao afirmar que, ao ver tudo isso, fica no colo da moça e prefere aplaudir da Via Sacra.

Além da temática, alguns elementos textuais apontados por Francis Cairns (2003) indicam uma alusão à *Eneida*, evidenciado desde a primeira palavra da elegia, a qual, como se sabe, é a primeira palavra do poema virgiliano:

Arma deus Caesar dites meditatur ad Indos (v. 1)

Arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris (v. 1)

Francis Cairns menciona mais dois elementos na elegia que apontam para o início da *Eneida*, a palavra *uiri* no terceiro verso e o verbo *cano* no nono verso, as quais, espalhadas na elegia, completariam as primeiras três palavras do poema heroico:

magna, **uiris**, merces: parat ultima terra triumphos; (v. 3)

omina fausta **cano**. Crassos clademque piate! (v. 9)

Embora a conjectura *uiri* não constitua unanimidade entre os editores do texto properciano, que às vezes também adotam *Quiris* nesse lugar²³, conjectura de Wistrand (1977, p. 9-13), o termo *uiri*, adotado por editores e comentadores como Richardson (1976), Barber & Butler (1996) e Fedeli (2006) e outros, revela-se mais usado, o que corrobora a referência à *Eneida* diluída ao longo da elegia.

Epos didático

A elegia 3.5 inicia-se com um louvor ao Amor como o deus da paz a quem ele, enquanto amante, venera (*Pacis Amor deus est, pacem ueneramur amantes*, v. 1); critica, em seguida, a ganância humana (v. 3-6), que gera guerras (v. 11-12), e depois argumenta apresentando o ideal de um mundo após a morte, em que não há diferenças (v. 13-18).

²³ Por exemplo, Goold (1990) e Heyworth & Morwood (2011).

A partir daí até o final da elegia, o poeta compõe uma *recusatio* a temáticas filosóficas (v. 19-48):

me iuuet in prima coluisse Helicon iuuenta
 Musarumque choris implicuisse manus;
 me iuuet et multo mentem uincire Lyaeo,
 et caput in uerna semper habere rosa.
 atque ubi iam Venerem grauis interceperit aetas,
 sparserit et nigras alba senecta comas,
 tum mihi naturae libeat perdiscere mores,
 quis deus hanc mundi temperet arte domum,
 qua uenit exoriens, qua deficit, unde coactis
 cornibus in plenum menstrua luna redit,
 unde salo superant uenti, quid flamine captet
 Eurus, et in nubes unde perennis aqua;
 sit uentura dies mundi quae subruat arces,
 purpureus pluuias cur bibit arcus aquas,
 aut cur Perrhaebi tremuere cacumina Pindi,
 solis et atratis luxerit orbis equis,
 cur serus uersare boues et plaustra Bootes,
 Pleiadum spisso cur coit igne chorus,
 curue suos finis altum non exeat aequor,
 plenus et in partes quattuor annus eat;
 sub terris sint iura deum et tormenta nocentum,
 Tisiphones atro si furit angue caput,
 aut Alcmaeoniae furiae aut ieiunia Phinei,
 num rota, num scopuli, num sitis inter aquas,
 num tribus infernum custodit faucibus antrum
 Cerberus, et Tityo iugera pauca nouem,
 an ficta in miseras descendit fabula gentis,
 et timor haud ultra quam rogos esse potest.
 exitus hic uitae superet mihi: uos, quibus arma
 grata magis, Crassi signa referte domum.

Agrada-me colher a tenra juventude no Hélicon
 e enlaçar as mãos nas danças das musas.
 Agrada-me também domar a mente com muito Lieu
 e ter sempre à frente rosas primaveris.
 Quando a grave vida me tomar Vênus
 e dispersar as negras comas na alva velhice,
 Então me agradará aprender as leis da natureza,
 qual deus dirige, sabiamente, essa casa do mundo,
 de onde nasce o sol e onde finda; porque razão,
 de cornos unidos, todo mês a lua retorna cheia.
 Por que os ventos vencem em alto mar, o que o vento Euro

quer pegar, e como a água continuamente chega às nuvens
 Se também chegará o dia que destruirá os alcáçares do mundo
 porque o arco-íris bebe a água da chuva?
 Ou por que os cumes do Pindo Perrebo tremeram,
 e o Sol fez luto sobre os seus corcéis.
 Por que atrasado Bootes gira o carro e os bois,
 e a dança das plêiades junta-se no fogo espesso.
 Ou por que o mar alto não excede seus limites,
 e o ano todo divide-se em quatro partes.
 Se há sob a terra as leis dos deuses e castigos dos malvados
 e se a cabeça de Tisífone se agita com as negras serpentes
 ou as fúrias de Alcméon e os jejuns de Fineu,
 se há roda, rocha e sede em meio à água.
 Acaso Cérbero guarda o antro infernal com suas três gargantas
 e se nove jeiras são poucas para Títio.
 Ou se é uma história inventada que se difundiu pelas pobres gentes
 e nada há para temer depois da pira.
 Isso é o que me restará no fim da vida; vós, que mais amam
 as armas, trazei para casa as insígnias dos Crassos.

Percebemos que Propércio explora a tópica da adequação do tratamento de cada matéria de acordo com a idade, mostrando nos versos 19–22 a matéria que o poeta, enquanto jovem, gosta de cantar e, nos versos 23–48, as matérias que deverá cantar quando alcançar a velhice, estas divididas em questões relacionadas a fenômenos naturais e questões relacionadas à vida após a morte, ambas largamente exploradas pelos filósofos na Antiguidade.

As matérias apropriadas à idade adulta são as leis da natureza (*naturae mores*, v. 25), a existência dos deuses (v. 26), as fases da lua (v. 27–28), o funcionamento dos ventos (v. 29–30), o ciclo da água (v.30 e v. 32), o final dos tempos (v. 31), tremores de terra (v. 34), os eclipses solares (v. 34), os limites do mar (v. 37) e as estações do ano (v. 38), os castigos infernais (v. 39–44) e a existência da vida após a morte (v. 45–48).

A série relacionada aos fenômenos naturais parece ecoar um trecho das *Geórgicas* de Virgílio (2.475–482):

Me uero primum dulces ante omnia Musae,
 quarum sacra fero ingenti percussus amore,
 accipiant caelique uias et sidera monstrent,
 defectus solis uarios lunaeque labores;
 unde tremor terris, qua ui maria alta tumescant
 obicibus ruptis rursusque in se ipsa residant,
 quid tantum Oceano properent se tingere soles
 hiberni, uel quae tardis mora noctibus obstet.

De fato, primeiramente, antes de tudo, a mim recebam
 as doces Musas, às quais trago sacrifícios, ferido por um amor ingente,

e me mostrem os caminhos do céu e os astros,
os vários eclipses do sol e os trabalhos da lua;
de onde vem o tremor da terra, que força incha os mares profundos,
os quais, rompidas as barreiras, de novo se acalmam em si mesmos;
porque os sóis de inverno se apressam tanto para mergulhar no Oceano,
ou que demora refreia nas noites lentas²⁴.

Sabemos que as *Geórgicas* constituem uma obra considerada didática, que, como o próprio Propércio apontou na elegia 2.34, tem como *inuentor* Hesíodo. Nesse trecho, percebemos alguns dos temas explorados pelo poeta elegíaco, como as fases da lua (*luna labores*, v. 478), os tremores de terra (v. 479) e os fortes ventos marítimos (v. 479).

O mais interessante é que, nesse trecho, o texto virgiliano está repleto de possíveis alusões a trechos do *Da natureza das coisas* de Lucrécio, como elenca John Conington (CONINGTON, 1865) nos comentários a esse trecho das *Geórgicas*:

<i>Geórgicas</i>	<i>De rerum natura</i>
ingenti percussus amore	percussit thyrsos laudis spes magna meum cor et simul incussit suavem mi in pectus amorem Musarum (1.923-925)
defectus solis varios lunaeque labores;	Solis item quoque defectus lunaeque latebras pluribus e causis fieri tibi posse putandumst (5.751-752)
unde tremor terris, qua ui maria alta tumescant obcibus ruptis rursusque in se ipsa residant	Est haec eiusdem quoque magni causa tremoris. uentus ubi atque animae subito uis maxima quaedam aut extrinsecus aut ipsa tellure coorta in loca se caua terrai coniecit ibique speluncas inter magnas fremit ante tumultu uersabunda<que> portatur, post incita cum uis exagitata foras erumpitur et simul altam diffindens terram magnum concinnat hiatum. (6.577-584)
hiberni, uel quae tardis mora noctibus obstet	propterea noctes hiberno tempore longae cessant, dum ueniat radiatum insigne diei. (5.699-700)

Assim, percebemos que, ao retomar esse trecho, e mesmo com as referências diretas a Lucrécio na elegia – como a discussão sobre os eclipses (*Da natureza das coisas*, 5.751-770) e o questionamento a respeito da existência da vida após a morte (*Da natureza das coisas*, 1.62-65) –, Propércio vai além do texto virgiliano e dialoga com a outra obra pertencente à espécie didática em língua latina.

Além disso, ao comentar o verso 477 das *Geórgicas*, Conington afirma que,

Virgílio provavelmente tem em mente não apenas Lucrécio e os poetas didáticos gregos, tais como Xenófanes, Empédocles e Arato, mas a lendária reputação dos professores da Grécia antiga, tais como Orfeu e as Musas.

²⁴ Tradução nossa.

Sua própria noção de bardo antigo é a de um hierofante da natureza, como mostrado em *Iopas A. 1.740*, a qual ele repetiu parcialmente na presente passagem. A concepção vem não da Roma augustana, mas da Grécia primitiva, onde a ciência era teológica e imaginativa, e a poesia o veículo natural de todo o conhecimento e pensamento²⁵.

Quanto ao trecho em que o poeta questiona a veracidade das histórias de castigo após a morte (v. 39-46), podem ecoar diretamente trechos de Lucrecio como 1.102-116 e 3.978-1023 (BUTLER & BARBER, 1933), em que o epicurista propõe explicações para tais histórias.

Desse modo, percebemos que o trecho emulado por Propércio para recusar a temática filosófica, além de ser um importante representante da espécie didática, é significativo, pois dialoga e discorre sobre outros textos da mesma espécie. Assim, ainda que a recusa seja de questões discutidas pela filosofia, não devemos esquecer que a poesia era uma das formas primordiais de transmissão do conhecimento, desde os gregos, e que, antes de Virgílio, a grande obra de epos didático em língua latina, modelo para o mantuano (FRABRE-SERRIS, 1999, p. 368), foi o *Da natureza das coisas*, poema em hexâmetro em que se discute a filosofia epicurista.

Nesse trecho, percebemos que o tratamento dado ao epos didático é diferente do observado nas espécies bucólica e heroica; a recusa à matéria da poesia didática não diz respeito à incapacidade do poeta, como na heroica, tampouco vemos uma relação de proximidade no tratamento da matéria erótica como no caso da elegia amorosa e da poesia bucólica; no caso da poesia didática, a relação estabelecida com a elegia amorosa diz respeito à idade adequada para o tratamento de cada matéria. Assim, aos jovens cabe cantar o amor, enquanto aos velhos cabe cantar as questões filosóficas.

Considerações finais

Ao discutir as obras de Virgílio na elegia 2.34, Propércio insere aí também alguns elementos que nos permitem inferir que ele está discutindo não apenas a produção do mantuano, mas a espécie a qual cada obra está ligada, por meio, sobretudo, da indicação do *inuentor* de cada espécie, que pode ser identificado em cada um dos três epítomes das obras virgilianas.

Nessa elegia, que como vimos está repleta de discussões poéticas, ao dialogar com cada uma das espécies, o poeta compara-as com sua poesia e estabelece, de forma sutil, relações de proximidade e distanciamento entre elas, de modo que a poesia bucólica virgiliana é a mais próxima da elegia praticada por Propércio, enquanto a heroica é a mais distante.

²⁵ *Virgil probably had in his mind here not only Lucretius and the Greek didactic poets, such as Xenophanes, Empedocles, and Aratus, but the legendary reputation of the poetic teachers of early Greece such as Orpheus and Musaeus. His own notion of an ancient bard is that of a hierophant of nature, as shown in Iopas A. 1.740, where he has partly repeated the present passage. The conception belongs not to Augustan Rome, but to primitive Greece, where science was theological and imaginative, and verse the natural vehicle of all knowledge and thought.*

Diante de tudo isso, notamos que parece haver uma clara distinção entre o tratamento que Propércio confere a cada uma das obras: a costumeira recusa às armas, isto é, ao chamado epos heroico, e uma aproximação com as duas obras representantes das espécies consideradas mais tênues, a bucólica e a didática, uma vez que, ao contrário da série de temas heroicos apresentadas anteriormente como desinteressantes para a *puella*, Propércio aponta, ao final dos epítomes, essas obras como agradáveis ao leitor, seja ele experiente ou não no amor (v. 81-82).

Quanto ao diálogo com as espécies de epos nas demais elegias, percebemos que, embora tenhamos sempre a recusa à matéria heroica, aquela com a qual o poeta mais dialoga, algumas elegias vêm revestidas de elementos bucólicos ou didáticos, sobretudo na elegia 3.3, que nos lembra o procedimento virgiliano na décima égloga, na qual Virgílio discute os amores de Galo dentro do ambiente bucólico.

Outra situação em que esse diálogo pode ser percebido é no epítome das *Éclogas* na elegia 2.34 (v. 75-76), em que temos um procedimento interessante de alusão, por meio da menção às Hamadriades, presente tanto na elegia como na décima égloga, de modo que “o mesmo tema é utilizado sucessivamente por Virgílio para Galo e por Propércio para Virgílio, a respeito da recusa a uma forma de poesia²⁶” (BOUCHER, 1965, p. 285).

Em suma, percebemos que, ainda que a maior parte dos diálogos com as obras épicas digam respeito à espécie heroica, em algumas situações há diálogos com as espécies bucólica e didática, em grande parte por meio dos poemas virgilianos, sem que deixem de acenar a importantes obras de cada espécie.

Referências bibliográficas:

- ALFONSI, Luigi. Il giudizio di Properzio sulla poesia vergilliana. *Aevum*, v. 8, p. 205-221, 1954.
- BOUCHER, Jean-Paul. *Études sur Properce : problèmes d'inspiration e d'art*. Paris: Boccard, 1965.
- BARBER, E. A.; BUTLER, H. E. *The elegies of Propertius with an Introduction and commentary*. London: Oxford, 1996.
- CAIRNS, Francis. Propertius 3.4 and the "Aeneid" Incipit. *The Classical Quarterly*, New Series, v. 53, n° 1, p. 309-311, 2003.
- CONINGTON, J. P. *Vergili Maronis Opera*, vol. I: Eclogues and Georgics. With a commentary by John CONINGTON. London: Whittaker and CO., 1865.
- CONTE, G. B. *P. Vergilius Maro – Aeneis*. Recensuit atque apparatu critico instruxit Gian Biagio Conte. Berlim : De Gruyter, 2009.

²⁶ *Le même thème est utilisé successivement par Virgile pour Gallus et par Properce pour Virgile, à propos d'un renoncement à une forme de la poésie.*

- FABRE-SERRIS, Jacqueline. Bucolique et élégie à Rome. *Et calami, Pan Tegeaeae, tui* (Properce, III, 3, 30), *Helmantica*, v. 151, n° 3, p. 361-372, 1999.
- FEDALI, Paolo. *Properzio, elegie libro II*. Introduzione, texto e commento Paolo Fedali. Cambridge: Francis Cairns, 2005.
- _____.(Ed.). *Propertius*. Edidit P. Fedali. Leipzig: Teubner, 2006.
- GOOLD G. P. *Elegies*. Cambridge and London: Havard University Press, 1990.
- HEYWORTH, S. J; MORWOOD, J. H. W. *A Commentary on Propertius: Book 3*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- HORSFALL, N. M. *Virgil, Aeneid 3: A Commentary*. Leiden: Brill, 2006.
- MENDES, João Pedro. *Construção e arte das Bucólicas de Virgílio*. Coimbra: Livraria Almedina, 1997.
- MILLER, John F. Propertian Reception of Virgil's Actian Apollo. *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*, v. 52, p. 73-84, 2004.
- O'ROURKE, Donncha. The Representation and Misrepresentation of Virgilian Poetry in Propertius 2.34. *American Journal of Philology*, v. 132, n° 3 (Whole Number 527), p. 457-497, 2011.
- OLIVA NETO, João Angelo. *Dos Gêneros da Poesia Antiga e Sua Tradução em Português*. Tese de Livre-docência. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.
- PROPÉRCIO. *Elegias de Sexto Propércio*. Introdução, tradução e notas de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- RICHARDSON, L. Jr., *Propertius. Elegies I-IV*. Norman: University of Oklahoma Press, 1976.
- WISTRAND, E. *Miscellanea Propertiana*. (Studia Graeca et Latina Gothoburgensia 38). Goteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis, 1977.





Boatos, opinião pública e assassinatos políticos: o caso de Júlio César

Rumors, public opinion and political assassinations: the case of Julius Caesar

Ygor Klain Belchior¹

e-mail: ygorklain@gmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6690-6396>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.22818>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo abordar a relação entre boatos, opinião pública e assassinatos políticos no mundo antigo, a partir do exemplo do caso de Júlio César. Com tal intento, discutimos, primeiramente, a afinidade entre boatos e opinião pública no mundo romano, para, depois, apresentarmos como a memória social da monarquia foi empregada pelos opositores políticos de César visando à promoção de boatos sobre a posição do Ditador à figura de um monarca, isto é, alguém passível de ser assassinado para o bem da *Res Publica*. Ao final, tratamos de como a opinião pública lidou com esses boatos.

PALAVRAS-CHAVE: boatos; opinião pública; assassinatos políticos; César

ABSTRACT: This article aims to approach the relationship between rumors, public opinion and political assassinations in the ancient world, taking as an example the case of Julius Caesar. Aiming that, firstly we discuss the affinity between rumors and public opinion in the Roman world, and then we present how the social memory of the monarchy was employed by Caesar's political opponents in order to promote rumors about the Dictator's position as if he was a monarch, that is, someone liable to be murdered for the sake of *Res Publica*. In the end, we deliberate on how public opinion has dealt with these rumors.

KEYWORDS: rumors; public opinion; political assassinations; Caesar

¹ Professor de História Antiga da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).



Introdução

[...] pulsoque Tarquinio, tantum odium populum Romanum regalis nominis tenuit, [...] nomen regis audire non poterat.

“Uma vez expulso Tarquínio [...] o povo romano chegou a tomar tanto ódio a tudo o que se relacionava com o nome de rei [...] o próprio título de rei tornou-se insuportável” (Cic. *Rep.* 2, 30).²

No ano 51 AEC, o senador Marco Túlio Cícero escreveu o tratado intitulado *Da República*. Na obra, relatou uma conversa ocorrida entre amigos na casa de Cipião, na qual o anfitrião foi incitado a dar o seu parecer sobre a melhor forma de governo. Ao responder ao questionamento, afirmou que a República Romana era a melhor forma de todas, pois se caracterizava pelo exercício da liberdade, pela igualdade social e jurídica entre os membros da elite e pela defesa do bem comum.

Cipião continuou o seu discurso argumentando que a concretização desses aspectos dependeria das escolhas particulares dos homens públicos, porque somente a partir delas haveria o pleno funcionamento de uma República de virtuosos. Uma República que, segundo o anfitrião, há muito tempo já não existia, principalmente por causa de aristocratas que agiam de modo corrupto nos tribunais e comícios eleitorais, promovendo políticas sediciosas, com gangues de ruas e violência urbana. Tais indivíduos são denominados de facinorosos, haja vista que lutavam para que as suas facções monopolizassem todas as honrarias e magistraturas, e empreendessem ações em seu próprio favor e não mais visando o bem comum.

Ainda de acordo com a obra *Da República*, uma das estratégias empregadas pelas facções para o alcance desse domínio era o investimento na construção de reputações públicas, tidas como essenciais para elevar ou vituperar candidatos às eleições, justificando até mesmo assassinatos políticos. Essa construção poderia, por exemplo, tornar virtuoso um aristocrata de má índole ou tornar dissoluto um homem probo. É o que observamos no seguinte trecho:

Quaero: si duo sint, quorum alter optimus vir aequissimus, summa iustitia, singulari fide, alter insigni scelere et audacia, et si in eo sit errore civitas, ut bonum illum virum sceleratum, facinosum, nefarium putet, contra autem <eum> qui sit inprobissimus existimet esse summa probitate ac fide, proque hac opinione omnium civium bonus ille vir vexetur, rapiatur, manus ei denique

² Tradução do autor.

auferantur, effodiantur oculi, damnetur, vinciantur, uratur, exterminetur, egeat, postremo iure etiam optimo omnibus miserrimus esse videatur, contra autem ille improbus laudetur, colatur, ab omnibus diligatur, omnes ad eum honores, omnia imperia, omnes opes omnes undique copiae conferantur, vir denique optimus omnium existimatione et dignissimus omni fortuna optima iudicetur.

Suponhamos dois homens: um, o melhor de todos, de suma equidade e justiça, e de fé singular; outro, insigne na maldade e na audácia; suponha-se que uma cidade caiu no erro de crer que o varão virtuoso era malvado, facinoroso e infame; que, pelo contrário, considere o ímprobo como de suma probidade e fé; que, por essa opinião de todos os cidadãos, aquele homem virtuoso seja insultado, encerrado, mutilado em mãos e pés, cegado, condenado, torturado, queimado e proscrito; que morra de miséria, longe da pátria, e pareça, enfim, o mais infeliz dos homens, assim como o mais miserável. Por outro lado, cerquem o malvado de adulações, de honras, do apreço geral; cumulemo-lo de dignidades, categorias, riquezas, e proclamemo-lo [...] o mais virtuoso e o mais digno de prosperidade pelo julgamento comum (Cic. *Rep.* 3, 27).³

Os boatos eram ferramentas imprescindíveis para a gestão do poder pelas facções político-militares, pois, por se basearem mais em impressões do que em fatos, regiam a opinião pública. Nesse sentido, ao ouvir uma notícia importante e impactante, a primeira reação de um receptor era repeti-la a uma outra pessoa. Isso espalhava os boatos e desencadeava o nascimento de outras discussões, sempre vinculadas àquilo que se deveria pensar e não ao fato em si mesmo (KAPFERER, 1993, p. 75).

Para Peterson & Gist (1951, p. 59), os boatos políticos são mais profícuos quando o público foca em uma única pessoa. E mais valorizados ainda quando tratam de uma personalidade política, visto que podem interferir na disputa pelo controle do poder. Por conseguinte, giram em torno de tópicos específicos, como assassinatos, corrupção, desvio sexual e vida familiar, e são repassados como se fossem pareceres autoritários: Ele(a) é, ele(a) fez, ele(a) será, ele(a) fará e assim por diante.

A título de exemplo, faremos alusão a um episódio em que Caio Júlio César, na função de *Pontifex Maximus*, foi alvo de um boato a respeito dos adultérios de sua mulher. O episódio em questão ocorreu em dezembro de 62 e é narrado por Plutarco (*Iul.* 11) e Suetônio (*Iul.* 3). Para ambos, as suspeitas de que Pompeia era adúltera surgiram durante a celebração do festival da *Bona Dea*, presidido pela esposa do pontífice. O festival era permitido somente às mulheres da elite, porquanto exaltava a figura de uma divindade associada à virgindade e à fertilidade. Entretanto, um jovem patrício chamado Clódio resolveu vestir-se de matrona com o objetivo de acompanhar as celebrações que aconteciam dentro da residência de César. Depois de um tempo, o intruso acabou sendo descoberto por causa da sua voz masculina. A surpresa fez com que as mulheres entrassem em pânico e dessem gritos estrondosos. Como resultado, Pompeia pediu para que suas servas fechassem as

³ A tradução de todos os textos citados é do autor.

portas da residência a fim de impedir a saída do infrator, o que possibilitou a localização de Clódio rapidamente.

Em nenhuma das fontes mencionadas encontramos evidências concretas de que houve uma relação sexual entre Pompeia e Clódio. Suetônio, por exemplo, descreve em poucas linhas aquilo que classifica como uma “suspeita” e Plutarco menciona que a certeza de um adultério aparece momentos após o evento, quando as matronas voltaram às suas casas para informar aos maridos do acontecido. É essencial, então, percebermos que a simples presença de um infrator masculino, em uma celebração religiosa privada e voltada ao sexo feminino, foi utilizada pelos adversários de César como uma forma de atacar sua reputação política. Cícero, aliás, comenta sobre esse uso:

P. Clodium, Appi f., credo te audisse cum veste muliebri deprehensum domi C. Caesaris, cum pro populo fieret, eumque per manus servulae servatum et eductum; rem esse insigni infamia.

Eu imagino que você tenha ouvido que P. Clódio, filho de Ápio, foi descoberto usando roupas de mulher na casa de C. César, enquanto um sacrifício estava acontecendo. Uma serva conseguiu tirá-lo da casa escondido. Isso criou um escândalo público (Cic. *Att.* 1, 12).

Após o escândalo, os senadores reuniram-se para julgar Clódio pela ofensa cometida. Concomitantemente, a população de Roma saiu às ruas para defender o réu, por acreditar em sua inocência. Como muitos senadores temiam uma reação negativa da população, decidiram que ali não havia o que ser deliberado, por isso, absolveram o acusado. Quanto a César, ele repudiou sua esposa. Ao ser questionado sobre o divórcio, respondeu: “Eu não quero que minha mulher seja nem mesmo objeto de suspeita” (Plut. *Iul.* 10, 6)⁴. Suspeitas essas que, ao serem divulgadas na forma de um boato, poderiam influenciar a opinião pública a respeito dele, principalmente porque César concorreria às eleições no mês seguinte para a magistratura de Questor.

Esta breve introdução pretendeu mostrar que, apesar de existir um modelo ideal de República, o mesmo não era colocado em prática devido aos interesses das facções políticas. Objetivando controlar o poder, manipulavam a opinião pública a respeito de um aristocrata importante por meio de boatos, com o intuito de elegerem magistrados que atendessem aos seus propósitos e não ao bem comum. Pretendemos dar continuidade a essa discussão de forma mais aprofundada, o que torna imprescindível, a partir deste ponto, elucidarmos a relação entre boatos e opinião pública em Roma.

⁴ τὴν ἐμὴν ἡξίου μὴδὲ ὑπονοηθῆναι. Tradução do autor.

Boatos e opinião pública na Roma antiga

Para melhor compreendermos o papel dos boatos na Roma antiga, optamos por uma investigação que os divide em duas vertentes: literária; e política e sociológica. Começemos pela primeira.

Em *Rumour and Renown: Representations of 'Fama' in Western Literature*, Hardie (2012) apresenta o emprego dos boatos com base na pesquisa dos vocábulos *fama* e *rumor* na literatura ocidental. Sua ideia é de que ambos sempre consistiriam em uma estratégia textual e retórica, não devendo ser usados como evidências históricas. A exemplo, nos *Anais* e nas *Histórias* de Tácito, o autor observa que as ocorrências da *fama* se relacionam ao julgamento que o historiador faz dos imperadores descritos.

Autin (2015) é um autor que também dialoga com a vertente literária. No artigo intitulado *Rumour as a literary device in Tacitus*, refuta as abordagens que consideram os boatos taciteanos dentro de uma perspectiva de “meros fatos históricos”. Ao contrário, para o autor, o boato tem um papel significativo na estrutura e na organização literária da narrativa historiográfica, cumprindo, muitas vezes, a recomendação da oratória ciceroniana, ou seja, a de que a *historia* deveria ser *ornata*⁵. De uma forma ou de outra, o que temos ainda é a noção de que os boatos não são objetos de um estudo histórico, e sim literário.

Em síntese, os autores da perspectiva literária defendem que os boatos presentes nas fontes antigas são eivados de elementos textuais e ficcionais. A nosso ver, uma perspectiva válida e consistente, pois acreditamos que, no contexto de uma guerra civil, os boatos podem sim ser lidos como evidências históricas.

Cabe ressaltar que, para os oradores antigos, a verossimilhança do discurso também era atingida por meio de provas documentais⁶. E que provas seriam essas? Os boatos. Em outras palavras, eles eram apreendidos pelos historiadores e biógrafos da Antiguidade como evidências documentais de que aquilo que foi dito realmente aconteceu. É o que podemos observar quando Suetônio descreve Nero:

Destinaverat etiam, quia Apollinem cantu, Solem aurigando aequiperare existimaretur, imitari et Herculis facta; praeparatumque leonem aiunt, quem vel clava vel brachiorum nexibus in amphitheatri harena spectante populo nudus elideret.

Desde que ele foi aclamado igual a Apolo na música e no sol em dirigir uma biga, ele havia planejado emular os trabalhos de Hércules também; dizem que um leão foi especialmente treinado para ele matar usando nenhum tipo de vestimenta, na arena do anfiteatro, diante de todo o povo, apenas com um porrete e com suas próprias mãos (Suet. *Ner.* 53).

⁵ Sobre esses debates, cf. (AUBRION, 1985) e (COGITORE, 2012).

⁶ As *átékhnai* ou *inartificiales* são as evidências não produzidas pelo orador, cf. Quint. *Inst.* 5, 1, 2; 5, 9, 1. Cic. *Inv. rhet.* 2, 46; *De Or.* 2, 27. 116; Arist. *Rhet.* 1418a.

Para fazer tal afirmação, Suetônio recorre em linhas anteriores ao vocábulo *opinio*, objetivando justificar a veracidade do ocorrido. Nesse sentido, ao descrever um imperador, utilizou como fonte histórica aquilo que era dito sobre Nero pela opinião comum. E por mais estranho que possa parecer, os boatos acerca do *princeps*, e todos os outros governantes avaliados pelo biógrafo antigo, tinham a mesma validade e confiabilidade de um testemunho escrito.

Outro exemplo é extraído de uma carta de Cícero (*Att.* 2, 12), na qual ele relata um acontecimento aparentemente trivial: o fato de ter encontrado, em meio a uma viagem, um amigo seu vindo de Roma e um mensageiro enviado por Ático. Tanto a carta como o que foi dito pelo amigo continham o mesmo boato: haveria eleições para o tribunato e Públio, um inimigo de Caio Júlio César, concorreria. Tal boato, como é possível observar, circulou de modo escrito, no formato de cartas, e falado, *viva vox*, duas maneiras de circulação consideradas igualmente válidas:

Emerseram commodum ex Antiati in Appiam [...] veniens Curio meus. Ibidem ilico puer abs te cum epistulis. Ille ex me, nihilne audissem novi. ego negare. 'Publius' inquit 'tribunatum pl. petit.' 'quid ais?' 'Et inimicissimus quidem Caesaris, et ut omnia' inquit 'ista rescindat.' 'Quid Caesar?' [...] quanto magis vidi ex tuis litteris quam ex illius sermone quid ageretur, de ruminacione cotidiana.

Eis uma coincidência. Eu tinha acabado de pegar a estrada para Âncio, na via Ápia [...] quando meu amigo Curião se encontrou comigo, recém-saído de Roma [...]. Curião perguntou se eu tinha ouvido as notícias. “Não”, eu disse. “Públio irá concorrer ao tribunato”, diz ele. “Não me diga!”, “e ele é inimigo mortal de César”, ele responde, “e quer anular todas as suas leis”. “E o que César vai fazer?”, eu perguntei [...]. Porque eu, que já aprendi muitas vezes da mesma forma sobre os assuntos políticos, extraí a mesma coisa de sua carta e da conversa com ele – aquele bate papo do dia-a-dia.

A carta de Cícero nos leva a considerar que o papel dos boatos em Roma era o de transmitir informações sobre determinados acontecimentos e personalidades políticas (*crebrior fama*) e tinham tanta importância que assumiam também o estatuto legal, sendo, inclusive, empregados em casos jurídicos ao nível de testemunhas (*Sen. Controv.* 7, 5).⁷

Como afirma Wyke (1989, p. 35),

devemos reconhecer que em uma cultura oral, como a de Roma, os sistemas de crença e representação eram construídos primeiramente na base da comunicação verbal – em outras palavras, “boatos”. Mas “boatos” não é simplesmente fofoca; ao contrário, é uma fonte de conhecimento para a formulação das regras compartilhadas. “Boatos” define o que é *fandus*, que é ao mesmo tempo “dito” e “exato”.

⁷ Tac. *Hist.* 1, 41, 6; 3, 71, 8; *Ann.* 14, 2, 4; *Germ.* 34, 2; 45, 2.

Um “exato” que pode ainda pertencer à vertente política e sociológica. Nela, observamos que os boatos não se resumem somente às expressões *rumor* e *fama*. Há outros vocábulos, como os *sermones*, que são utilizados pelos escritores romanos para descreverem conversações portadoras de opiniões coletivas.

Segundo López (2007, p. 55), os *sermones* aparecem na literatura latina de três maneiras, todas com o sentido de opinião pública. A primeira delas é a expressão *sermo populi* (opinião popular), encontrada seis vezes nas fontes: quatro em Cícero (sendo três em seus discursos e a outra em uma carta a Ático), uma em Tácito e uma em Plínio, o Jovem. A segunda é *sermo hominum* (opiniões dos homens) e é a mais usual em tratados filosóficos e retóricos. A terceira maneira é *rumor populi* (rumor popular), empregada para apresentar os boatos nas obras de Ênio, Plauto e Terêncio.

Em *Tacitean Rumours*, Shatzman (1974, p. 78) aponta usos dos *sermones* nas fontes antigas. Ao analisar a passagem 2, 96 das *Histórias*, mostra que Vespasiano decidiu enviar soldados a Roma com o propósito de que eles confirmassem a opinião pública a respeito dele – o que seria feito com base em uma coleta dos próprios *sermones*, ou seja, daquilo que era dito pela população nas ruas da capital. A preocupação com os “falares” era muito comum, pois, por meio deles, os imperadores avaliariam o seu próprio governo, guiariam as suas ações, regulariam os seus comportamentos, escolheriam os seus aliados e determinariam os seus inimigos. Informações tão significativas que às vezes eles forjavam – ou pareciam forjar – situações para descobri-las. É o que notamos no episódio sobre a morte de Calígula:

Nam neque caede vulgata statim creditum est, fuitque suspicio ab ipso Gaio famam caedis simulatam et emissam, ut eo pacto hominum erga se mentes deprehenderet.

Com efeito, quando se divulgou a notícia de seu assassinato, a princípio ninguém acreditou e surgiu a suspeita de que o próprio Caio havia inventado e feito circular essa notícia para desta maneira descobrir quais eram os ânimos dos homens ao seu respeito (Suet. *Calig.* 60).

A relação entre os *sermones* e os boatos também é evidente em uma epístola trocada entre Cícero e Ápio Pulcro, no ano 50. Nela, o político deixa claro que as notícias a respeito de um homem importante poderiam circular por meio de cartas, mensagens e boatos:

De qua etsi permulto ante certior factus eram litteris, nuntiis, fama denique ipsa – nihil enim fuit clarius, non quo quisquam aliter putasset, sed nihil de insignibus ad laudem viris obscure nuntiari solet –, tamen eadem illa laetiora fecerunt mihi tuae litterae, non solum quia planius loquebantur et uberius quam vulgi sermo, sed etiam quia magis videbar tibi gratulari, cum de te ex te ipso audiebam.

É verdade que eu fui informado sobre isso muito antes em cartas, mensagens e, finalmente, por boatos, pois nada a esse respeito poderia

permanecer em segredo – não que alguém pensasse o contrário, mas como geralmente acontece, nenhum anúncio que afeta os homens de grande reputação pode ser mantido em segredo – de qualquer maneira, sua carta me deu mais prazer do que toda notícia anterior, não só porque você falou com mais nitidez e em detalhes mais ricos do que se ouve pela opinião popular, mas porque eu pensei que meus parabéns seriam melhor justificados quando eu ouvisse você me contar a sua própria história (Cic. *Fam.* 3, 11, 1).

Em resumo, dentro da abordagem *política e sociológica*, os boatos não devem ser entendidos apenas como construtos literários e nem como fofocas vãs. Ao contrário, necessitam ser trabalhados como expressões de opiniões coletivas que dialogam com o contexto de sua produção e com a memória social dos envolvidos em sua transmissão. É, portanto, a partir dessa abordagem que trilharemos as nossas reflexões. Tendo em vista que o boato pode ser considerado uma opinião consolidada acerca de um assunto de interesse público ou de uma pessoa, o examinaremos como ferramenta de manifestação e controle da opinião pública em Roma.

O primeiro pensador moderno a vincular a opinião pública à esfera pública foi Habermas. Ao investigar os contextos francês e inglês, o filósofo alemão observou o surgimento da esfera pública como o resultado da expansão da participação política e da consolidação dos ideais de cidadania, ocorridos nos finais do século XVIII. Essas transformações permitiram aos Estados burgueses suplantarem o absolutismo e implementar leis que defendessem a liberdade de expressão, de reunião e de associação. O resultado foi a criação de “espaços neutros de discussão”, a exemplo das cafeterias e das associações voluntárias, que se consolidaram como locais primazes na “comercialização” de notícias, na tomada de posições e na expressão da opinião pública (HABERMAS, 1984, p. 89).

Para o autor, contudo, tanto a discussão como a opinião pública só passaram a existir, de fato, com o advento da imprensa, em especial os jornais impressos e as revistas. Através desses veículos, as informações de interesse público tornaram-se mais democráticas, atingindo um amplo número de leitores, uma coletividade marcada ainda pelo desenvolvimento de uma cultura urbana em teatros, livrarias e bibliotecas (HABERMAS, 1984, p. 98).

Vale dizer que não concordamos com a análise de Habermas por um motivo específico: não podemos vincular a existência da opinião pública à invenção da imprensa e os boatos são a chave para justificarmos tal discordância. Ora, na Antiguidade não havia noticiários e revistas e era por meio dos boatos que os imperadores, generais e governadores de províncias, por exemplo, descobriam a opinião a seu respeito.

Ademais, é importante salientar que, na ausência da mídia impressa, o boato podia circular, na Antiguidade, por canais muito confiáveis de informação. Afinal, eles também podem ser pessoas conhecidas e próximas que portam e transmitem mensagens verossímeis. E, em um contexto onde não havia jornais, eram esses indivíduos os principais responsáveis por divulgar os eventos do dia. É necessário, porém, lembrarmos que havia sim na *Urbs* canais de informação cancelados, como os éditos, os *Senatus Consulta* e as cartas

diplomáticas. Contudo, eles continham um problema: a maior parte dos indivíduos no mundo antigo não sabia ler, o que limitava o acesso à informação (THOMAS, 2005, p. 256). Logo, restava à plebe saber dos acontecimentos por meio dos boatos – entre outras formas. Para tal grupo era mais fácil acreditar em seus familiares e nos seus patronos, por exemplo, do que nas autoridades. Portanto, o boato funcionava como uma notícia improvisada, uma deliberação coletiva, chegando a agir diretamente na manipulação da opinião pública. Como já dizia Cícero, em Roma, “o leve sopro de um boato muitas vezes muda radicalmente as opiniões” (Cic. *Mur.* 35).⁸

Essa afirmação de Cícero refere-se a um discurso feito por ele visando defender o senador Murena, que concorreria ao consulado e estava sendo acusado de suborno. A defesa do orador pautou-se na exposição das opiniões que circulavam nos bairros da *Urbs*, objetivando demonstrar que os boatos poderiam mudar a *opinio* geral a respeito de questões jurídicas. Ao final de seu discurso, Cícero afirma que a acusação a Murena não passava de um falso boato para que ele não recebesse o apoio dos amigos na eleição vindoura (Cic. *Mur.* 36-45).

Mas, afinal, é possível estabelecer uma relação entre boatos e opinião pública no mundo antigo? Sim, pois eram vistos como informações confiáveis que, devido à sua circulação rápida e ampla, determinavam o funcionamento da política. E qual era a principal função de um boato? Política! Os boatos são informações relacionadas a assuntos políticos (πολιτική), mesmo quando concernem a casos judiciais. A atenção do orador dificilmente estava direcionada para boatos de cunho sexual ou moral e isso porque, como um bom senador da República romana – e alguém que se considerava um bom “fofoqueiro” (Cic. *Att.* 6, 1, 24) –, ele estava mais interessado nas alianças e nos trâmites políticos⁹. É o que verificamos na seguinte epístola:

Sed tuas de eius iudici sermonibus et me hercule omni de rei publicae statu litteras exspecto politikoteron quidem scriptas [...] eius modi inquam litteras ex quibus ego non quid fiat [...] sed quid futurum sit sciam.

“Eu aguardo uma carta sua que me ofereça os falares sobre o veredito e sobre a situação política, lidando, se eu posso dizer assim, mais com os tópicos públicos [...]. Eu não quero uma carta para dizer o que realmente está acontecendo [...] mas eu quero saber o que provavelmente está para acontecer” (Cic. *Att.* 5, 12, 2).

A análise das cartas de Cícero revela que, para um cidadão romano, todas as decisões dependiam da observação da opinião pública na capital, porquanto sem notícias, boatos, fofocas e rumores não havia o que falar e nem o que fazer. Outros aristocratas também compartilhavam desse pensamento. Crasso, por exemplo, nunca ousou dizer uma palavra que colocasse em risco a sua popularidade, por isso, procurava saber de antemão qual era a opinião pública sobre qualquer assunto que fosse deliberar no Fórum. O motivo? Ele temia como a plebe poderia se manifestar em Roma (Cic. *Att.* 1, 18; 3, 9; 3,10).

⁸ *Et totam opinionem parva non numquam commutat aura rumoris.* Tradução do autor.

⁹ *Sumus enim ambo belle curiosi.* Tradução do autor.

Júlio César

Ao investigarmos a carreira de César, observamos que ele – ao aceitar a magistratura de *dictator perpetuus* – enfrentou uma dura campanha de difamação pelos seus opositores que o acusavam de instaurar uma monarquia em Roma. Foi no ano 44 AEC que os boatos contra ele se fortaleceram quando nomearam-no *dictator perpetuus*, conferindo-lhe ainda o direito de assistir aos jogos entre os tribunos, e o título de *Pater Patriae*, o cargo de censor para toda a vida, a sacrossantidade, a cadeira de ouro e o traje de rei ([Liv]. *Per.* 116).

De acordo com Plutarco,

[...] τὸ δὲ ἐμφανὲς μάλιστα μῖσος καὶ θανατηφόρον ἐπ’ αὐτὸν ὁ τῆς βασιλείας ἔρος ἐξειργάσατο, τοῖς μὲν πολλοῖς αἰτία πρώτη, τοῖς δὲ ὑπούλοις πάλαι πρόφασις εὐπρεπεστάτη γενομένη, καίτοι καὶ λόγον τινὰ κατέσπειραν εἰς τὸν δῆμον οἱ ταύτην Καίσαρι τὴν τιμὴν προξενοῦντες, ὡς ἐκ γραμμάτων Σιβυλλείων ἀλώσιμα τὰ Πάρθων φαίνοιτο· Ρωμαίοις σὺν βασιλεῖ στρατευομένοις ἐπ’ αὐτούς, ἄλλως ἀνέφικτα ὄντα [...] ἐν δὲ συγκλήτῳ τιμὰς τινὰς ὑπερφυεῖς αὐτῶ ψηφισαμένων ἔτυχε μὲν ὑπὲρ τῶν ἐμβόλων καθεζόμενος, προσιόντων δὲ τῶν ὑπάτων καὶ τῶν στρατηγῶν, [...] ἀπεκρίνατο συστολῆς μᾶλλον ἢ προσθέσεως τὰς τιμὰς δεῖσθαι. καὶ τοῦτο οὐ μόνον ἠνίασε τὴν βουλήν, ἀλλὰ καὶ τὸν δῆμον, ὡς ἐν τῇ βουλῇ τῆς πόλεως προπηλακίζομένης, καὶ μετὰ δεινῆς κατηφείας ἀπῆλθον εὐθύς οἷς ἐξῆν μὴ παραμένειν, ὥστε κάκεῖνον ἐννοήσαντα παραχρήμα μὲν οἴκαδε τραπέσθαι καὶ βοᾶν πρὸς τοὺς φίλους, ἀπαγαγόντα τοῦ τραχήλου τὸ ἰμάτιον, ὡς ἔτοιμος εἶη τῷ βουλομένῳ τὴν σφαγὴν παρέχειν.

[...] o que lhe granjeou um ódio mais patente ainda e mais mortal foi o desejo de se fazer nomear rei, o qual deu o primeiro motivo de lhe querer mal o povo [...]. Todavia, os que lhe queriam proporcionar essa honra semearam o boato entre o povo de que estava escrito nos livros proféticos da Sibila que os romanos venceriam o poder dos partas quando lhes fizessem a guerra sob o comando de um rei, do contrário, nunca o conseguiriam. Tendo-lhe sido decretadas no Senado certas honras, que superavam a dignidade humana, os cônsules e os pretores, seguidos por toda a assembleia dos senadores, foram ter com ele no fórum, onde ele estava nos *rostra*, para avisar e comunicar-lhe o que na sua ausência havia sido decretado em sua honra: ele, porém [...], respondeu-lhes que suas honras precisavam ser diminuídas, não acrescidas ainda mais. Esse ato não somente desgostou o Senado, mas foi também julgado de mau gosto pelo povo, que pensava que a dignidade das coisas públicas eram desprezadas e depreciadas por ele [...], e todos os que ali estavam retiraram-se de cabeça baixa, taciturnos e tristes, a tal ponto que ele mesmo o percebeu e também dirigiu-se imediatamente para sua casa, onde, retirando a túnica em volta do pescoço, disse bem alto aos seus amigos que ele estava pronto a apresentar sua garganta a quem quisesse cortá-la (Plut. *Caes.* 60, 1-4).

Nesse âmbito, Suetônio também relata que os adversários de César enfeitaram suas estátuas com diademas reais. Ademais, divulgaram boatos de que o ditador queria mudar a capital do Império para Alexandria ou Troia e de que havia sugerido ao Senado o título de *rex*. Os culpados por tais boatos, segundo o biógrafo, foram perseguidos pelo general, cuja preocupação rendeu a prisão de um homem e um discurso a toda a população de Roma, no qual dizia: “sou César e não um rei” (Suet. *Iul.* 76-79; 79, 4)¹⁰.

Plutarco (*Caes.* 60) faz ainda outro relato. Durante a festa das Luperciais, César observava da tribuna a execução dos ritos, sentado em uma cadeira de ouro, quando Marco Antônio adentrou os corredores portando um diadema real para o ditador. Alguns poucos que ali estavam bateram palmas em aprovação e, quando viram que o general recusou a coroa, aplaudiram mais fortemente. Antônio, entretanto, ofereceu novamente a coroa, gerando uma segunda recusa pública. A população presente alegrou-se com essa manifestação e festejaram quando César decidiu depositar o diadema na cabeça de Júpiter no Capitólio.

Como podemos perceber, tanto Suetônio como Plutarco apontam as acusações de César tentar tornar-se rei e sua consequente política de refutação dessa impressão. Todavia, tal política parece não ter funcionado, pois os senadores contrários ao ditador recorreram a Marco Bruto para assassiná-lo (Plut. *Caes.* 62, 4). Logo, os opositores passaram a escrever cartas e a saírem às ruas ambicionando saber se a população da *Urbs* aceitaria a morte de César. Como grande parte das respostas revelaram-se favoráveis, uma conspiração foi levada a cabo (Cic. *Att.* 14, 2).

Assim, no dia quinze de março de 44, cerca de cem senadores, sob a liderança de Marco Bruto e Caio Cássio, decidiram assassinar o ditador durante uma reunião no Senado. O episódio, ocorrido nos “Idos de Março”, iniciou-se com um senador desferindo um golpe nas costas de César com uma adaga, um pouco abaixo do pescoço, e prosseguiu-se com mais vinte e duas punhaladas. O final de sua vida, como narra Suetônio, é marcado pela emblemática frase “até tu, meu filho”, quando César, tombado pela dor, olha para Bruto e desfalece (Suet. *Iul.* 82)¹¹. Ao vê-lo sem vida, todos os conspiradores fugiram¹².

E como a opinião pública se manifestou a respeito do assassinato? No círculo dos opositores de César, como vimos, a notícia foi bem aceita. A exemplo temos uma carta na qual Cícero (*Att.* 14, 2) comenta que Ático havia observado a alegria pública de populares com a morte, fato comprovado pelos calorosos aplausos que Crasso recebeu de uma multidão presente no teatro. As manifestações de aprovação, no entanto, restringiram-se aos adversários do ditador. A população de Roma lamentou o assassinato e, inclusive, chegou a

¹⁰ *Caesarem se, non regem esse responderit.* Tradução do autor.

¹¹ καὶ οὐ τέκνον. Tradução do autor.

¹² Woolf (2006) analisa o assassinato de César a partir da tradição posterior, manifesta em óperas, teatros, livros e filmes, meios preocupados em exaltar o caráter ditatorial do político, ao defender os valores republicanos e os sacrifícios dos heróis para salvar a *Res publica*. O autor argumenta que a figura dos “tiranos” é artificial e consiste muito mais em um exercício literário, que visa atuar no presente, do que em uma escrita historicamente construída. Seguindo a ideia do exercício literário, temos, por exemplo, a tragédia *Júlio César* de Shakespeare.

carregar uma enormidade de materiais para aumentar a pira funerária de César. Mas não se restringiram às lágrimas. Plutarco (*Caes.* 86) revela que, após a cremação do corpo, muitos indivíduos saíram às ruas desejando incendiar as casas dos assassinos e matá-los. Cícero também aponta a força do luto, declarando que os conspiradores passaram a ser ameaçados nas ruas, uma violência que demonstrou uma opinião pública contrária à ideia do assassinato como um tiranicídio (*Cic. Att.* 14, 9-12).

O desagrado popular foi tamanho que Cícero o compara ao poder de um tirano. Para ele, todas as medidas adotadas após a morte favoreciam aos aliados de César, pois, ao terem a *vox homines* ao seu lado, acabaram sendo fortalecidos com o assassinato. Anos depois, ao rememorar o fato, Cícero continuou a demonstrar que não se esquecia do poder da opinião pública, chegando a recordar que Ático havia exclamado durante o funeral que tudo estava perdido (*Cic. Att.* 14, 14, 3; 14, 9; 16, 2).

Considerações finais

Observamos que os inimigos de César tentaram justificar o seu assassinato e o fizeram a partir de boatos que evocavam a memória social da monarquia relacionada com as ambições de César. Segundo Peralta (2007, p. 68), a memória social é um sistema de significado produzido ao longo do tempo que permite criar uma imagem do passado correspondente a quadros de significação do presente. Toda representação do passado torna-se essencialmente polissêmica, envolvendo conflito e negociação entre os interesses políticos, sociais e culturais. Para a autora, então, a “memória” situa-se em um espaço que medeia a manipulação ideológica e a experiência social que os membros de uma comunidade específica têm de determinados eventos.

Levando em consideração tais afirmações, entendemos que, ao construir a imagem de César como um rei, os adversários souberam se utilizar de um passado romano traumático para difamarem o ditador e criar condições ideológicas que justificassem um assassinato político. Em resumo, boatos, rumores e memórias, portanto, fazem parte “daqueles momentos da interação social em que os atores [...] confrontam e avaliam os eventos passados, presentes ou iminentes e estabelecem ou reforçam suas identidades” (OLIVEIRA, 2015, p. 15).

Finalmente, o assassinato de César demonstrou a inexistência de um consenso universal acerca dos boatos. O que há, de fato, são grupos com interesses opostos, que disputam o domínio da opinião pública para controlar a *Res publica*. Por exemplo, o principal objetivo do partido adversário a César era produzir um sentimento de insatisfação em relação aos poderes acumulados pelo *dictator perpetuus*, pois quanto maior o número daqueles que acreditassem em seu desejo de ser rei, maior seria a probabilidade de outros indivíduos confiarem em tal rumor. O problema foi que muitos não compartilharam de tal sentimento e mantiveram-se favoráveis a César. Isso nos leva a concluir que, apesar de os boatos atuarem no controle social, demarcando os que pertencem a uma coletividade e os que estão fora dela, os interesses dos grupos sempre prevalecem. E é nos momentos de crise que esses interesses se tornam ainda mais evidentes, evidenciando as expectativas das pessoas e até mesmo provocando o seu posicionamento físico.

Referências bibliográficas:

Documentação primária:

- ARISTOTLE. *Rhetoric*. 23 volumes. With an English translation by J. H. Cambridge, Mass., Harvard University Press. London, William Heinemann, Ltd., 1926. (Loeb Classical Library).
- CÍCERO. *Cicero's Letters to Atticus*. With an English translation by E. O. Winstedt, Vols. I-III. Cambridge, Mass., Harvard University Press. London, William Heinemann, Ltd., 1912. (Loeb Classical Library).
- _____. De Inventione. In: ILUNGA, K. *O Da invenção, de Marco Túlio Cícero: Tradução e estudo*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 41-165.
- _____. De oratore. In: SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do Orador de Cícero: Um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. 2009. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009, p.147-308.
- _____. *Letters to His Friends; To his brother Quintus; to Brutus*. With English translation by William Glynn Williams. In three volumes. London: Heinemann, 1952.
- _____. Oration for L. Murena. *The Orations of Marcus Tullius Cicero*. With an English translation by C. D. Yonge, B. A. II Vol. London: Henry G. Bohn, 1917, p. 330-375.
- _____. Life of Caesar. In: *Plutarch's Lives*. with an English Translation by Bernadotte Perrin. Vol VII. Cambridge, Mass., Harvard University Press. London, William Heinemann, Ltd., 1919. (Loeb Classical Library)
- QUINTILIAN. *Institutio Oratoria V*. With an English translation by Harold Edgeworth Butler. Cambridge. Cambridge, Mass., Harvard University Press; London, William Heinemann, Ltd., 1921. (Loeb Classical Library)
- SENECA the Elder. *Declamations, Volume I: Controversiae, Books 1-6*. Translated by Michael Winterbottom. Cambridge, Mass., Harvard University Press. London, William Heinemann, Ltd., 1974.
- SUETONIUS. *The lives of the twelve Caesars*. With an English translation by Catharine Edwards. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- TACITUS. *Complete works of Tacitus*. Alfred Joh With an English translation by n Church. William Jackson Brodribb. Lisa Cerrato. New York: Random House, 1942.
- _____. *The Annals*. With an English translation by A.J. Woodman. Cambridge: Hackett Publishing Company, 2004.
- _____. *The Histories*. With an English translation by Kenneth Wellesley. London: Penguin, 1995.
- [TITO LIVIO]. *Períocas, Períocas de Oxirrinco, Fragmentos*. Introducción, traducción y notas de José Antonio Villar Vidal. Madrid: Editorial Gredos, 2008.

Livros e artigos:

- AUBRION, E. *Rhétorique et histoire chez Tacite*. Metz: Université de Metz, 1985.
- AUTIN, L. Rumour as a literary device in Tacitus. *Histos Working Papers*, n. 4, p. 1-17, 2015.
- COGITORE, I. Les rumeurs politiques sont-elles des bruits dans les Annales des Tacite. In: SCHETTINO, M. T. ; PITTIA, S. *Les sons du pouvoir dans les mondes anciens*. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2012. p. 399-416.
- HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HARDIE, P. (Ed.). *Rumour and Renown: Representations of 'Fama' in Western Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- KAPFERER, J. N. *Boatos: o mais antigo mídia do mundo*. Trad. de Ivone da Silva Ramos Maya. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- LÓPEZ, C. R. *Public Opinion and Politics in the Late Roman Republic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- _____. Temo a los troyanos: rumores y habladurías em la roma tardorrepública. *Pólis, Revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad Clásica*, 19, p. 113-134, 2007.
- OLIVEIRA, J. C. M. de. Do boato à lenda. Comunicação informal e fronteiras identitárias nas origens da controvérsia donatista. *Antíteses*, v.8, n.16, p.111-129, jul./dez. 2015.
- PERALTA, E. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. *Arquivos da Memória*, Lisboa, v. 2, p. 4-23, 2007.
- PETERSON, W. A.; GIST, N. P. Rumor and Public Opinion. *American Journal of Sociology*, v. 57, n. 2, p. 159-167, 1951.
- SHATZMAN, I. Tacitean Rumours. *Latomus*, v. 33, p. 549-78, 1974.
- THOMAS, R. *Letramento e oralidade na Grécia Antiga*. Trad. de Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.
- WOOLF, G. *Et Tu, Brute? A Short History of Political Murder*. Cambridge: Harvard University Press, 2006.
- WYKE, M. Mistress as Metaphor in Augustan Elegy. *Helios*, v. 16, n. 1, p. 2547, 1989.





“Contra os Gramáticos”, de Sexto Empírico: tradução anotada, quinta e última parte (M 1. 270-320)¹

Against the Grammarians, by Sextus Empiricus: annotated translation, final section (M 1. 270-320)

Joseane Prezotto²

e-mail: joseane.prezotto@gmail.com

orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7833-2425>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.22730>

Resumo: Tradução anotada da parte final (M 1. 270-320) do tratado *Contra os Gramáticos*, escrito pelo filósofo cético pirrônico Sexto Empírico (provavelmente séc. II d.C.). Na passagem traduzida, Sexto, depois de tratar da parte *técnica* (M 1. 169-247) e da parte dita *histórica* (M 1. 247-269), aborda a parte da gramática que trata de poetas e escritores. A exposição faz uso tanto de argumentos de influência epicurista, aqueles que afirmam a inutilidade e nocividade da gramática e da poesia, quanto de argumentos céticos, os que demonstram a incoerência e insubsistência do empreendimento gramatical. As notas à tradução buscam sublinhar e ampliar questões importantes, justificar escolhas tradutórias e traçar paralelos entre a passagem e outras obras do autor ou do período.

Palavras-chave: Sexto Empírico; filosofia helenística; ceticismo; epicurismo; gramática; poesia

Abstract: Annotated translation of the final section (M 1. 270-320) of the treatise *Against the Grammarians*, written by the pyrrhonian skeptical philosopher Sextus Empiricus (c. second century AD). In this passage, Sextus, discussing the duties of the grammatical expertise, after dealing with the technical part (M 1. 97-247), and the so-called historical part (M 1. 247-269), approach the part which deals with poets and writers. In his exposition we can find arguments from epicurean origin, those that affirm the uselessness and harmfulness of grammar and poetry, as well as skeptical ones, which demonstrate the incoherence and insubstantiality of the grammatical endeavor. The notes to the translation intend to point and widen important questions, to justify our translational choices and to draw parallels with other works by the author or the period.

Keywords: Sextus Empiricus; Hellenistic Philosophy; Scepticism; Epicurism; grammar; poetry

¹ Este artigo deriva de tese de doutorado cuja pesquisa foi financiada com recursos CAPES/REUNI e CAPES/PDSE (0862-12-6). Agradeço a todos os professores e professoras que participaram do processo dessa pesquisa e aos pareceristas deste periódico por suas valiosas sugestões e contribuições.

² Professora Colaboradora do Departamento de Literatura da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, Brasil. Pesquisadora PNPd/Capes.



Apresentação

Sexto Empírico foi um filósofo cético pirrônico e também, ao que tudo indica, médico. Teria vivido, acredita-se, no século II d.C. É o único cético grego da antiguidade de quem possuímos obras completas. Obras que, ao serem traduzidas para o latim no início do século XVI, influenciaram profundamente o desenvolvimento da filosofia moderna. A passagem traduzida neste artigo faz parte de seu tratado menos conhecido, o *Contra os Professores* (M. 1-6). Nesse tratado, Sexto dá vazão a sua verve destrutiva atacando disciplinas teóricas que estavam em voga entre as escolas filosóficas no período helenístico.¹ São elas: gramática, retórica, geometria, aritmética, astronomia e música. O *Contra os Gramáticos* é o livro mais extenso dos seis. Em seu início (M 1. 1-40)², Sexto apresenta um ataque geral contra a possibilidade de ensino, que funciona, portanto, como uma introdução a toda a discussão do *Contra os Professores*.

Em seguida (M 1. 41-96)³, no que consideramos a primeira parte propriamente dita do *Contra os Gramáticos*, Sexto delimita sua discussão definindo a gramática alvo do seu ataque como aquela completa, “organizada por Crates de Malos, Aristófanes, Aristarco e seus seguidores” (§ 44). E, presumivelmente seguindo a configuração comum a manuais produzidos por gramáticos, aborda elogios à gramática (constantes nas introduções laudatórias desses manuais); critica certas definições da disciplina; põe em xeque sua autodesignada tarefa; apresenta algumas propostas de divisão da gramática em partes (relacionadas a distintas atividades); e nos diz qual divisão e partes serão abordadas por ele.

Na segunda seção⁴, M 1. 97-168⁵, tem início a argumentação que trata das partes da gramática, ocupando-se da parte técnica, mais especificamente do tratamento de letras, sílabas, partes da sentença e análise da sentença. Os ataques contra as entidades postuladas pela parte técnica da gramática são tipicamente sextianos: os gramáticos não possuem elementos ou primeiros princípios (§ 99, 120); não existe algo como uma sílaba longa ou breve (§ 126, 130); é impossível que exista a palavra (§ 131); a sentença e suas partes não existem (§ 138, 140, 158); a divisão da sentença em partes é impossível (§ 161, 164, 168).

¹ Os estudiosos concordam em situar Sexto por volta do meio do século II d.C., ou início do século III d.C.; sua obra, no entanto, dialoga com o período helenístico, sem qualquer menção a filósofos, gramáticos ou personagens históricos posteriores ao século I d.C.

² Ver nossa tradução anotada em Prezotto, 2017a.

³ Ver nossa tradução anotada em Prezotto, 2018.

⁴ A divisão serviu para adequar o texto à publicação em artigos, mas procura, evidentemente, ser coerente com a estrutura da obra.

⁵ Ver nossa tradução anotada em Prezotto, 2017b.

Na terceira seção, *M* 1. 169–247⁶, dando continuidade ao ataque à parte técnica, aborda a ortografia, a correção e a etimologia. Nesse momento, o espaço que ele destina a argumentos que, muito provavelmente, são de origem epicurista, e não cética, é considerável. Isso poderia sugerir que sua fonte principal fosse, ao invés de alguma das gramáticas que cita, uma obra de ataque à doutrina gramatical, nos moldes das produzidas pela tradição epicurista, contendo, então, as informações que Sexto usa na sua exposição.

A partir das próprias indicações do filósofo, no *Contra os Gramáticos* e no *Contra os Músicos* (§ 4–5)⁷, uma polêmica epicurista (dogmática) visa demonstrar que uma arte ou estudo não é útil⁸, mas prejudicial; enquanto a refutação cética e aporética pretende destruir a disciplina pelo ataque a sua estrutura, de forma que os argumentos de viés epicurista seriam aqueles que começam com declarações ou apologias feitas em nome da suposta arte e/ou aqueles que concluem que ela é inútil ou não é, de fato, uma *tekhne*. Os argumentos céticos, por sua vez, ocupar-se-iam de definições, teoremas e hipóteses, demonstrando que são incoerentes ou insubsistentes.

A quarta parte, *M* 1. 248–269⁹, aborda a parte *histórica* da disciplina gramatical, cujo escopo seria fornecer informações sobre personagens; ficções e mitos; palavras insólitas etc. Sexto, em sua argumentação, enfatiza principalmente a falta de método da atividade, asseverando a característica assistemática de seu objeto, o que demonstraria que não há *tekhne* envolvida no empreendimento gramatical como um todo.

Na seção aqui traduzida, *M* 1. 270–320, a última do *Contra os Gramáticos*, Sexto trata da parte chamada ‘gramatical’ (ou, anteriormente, ‘específica’), que trata de poetas e escritores.

Embora Sexto realmente se aproprie sem mais de argumentos de outras escolas, por vezes ele faz questão de especificar sua procedência. Muitos desses argumentos, como dissemos em relação à terceira seção, revelam um viés epicurista, mas Sexto não os distingue, o que poderia sugerir que tais argumentos não contrariam o espírito cético. Tais distinções são feitas, geralmente, quando os argumentos se assentam sobre premissas dogmáticas e violam o espírito cético, como, por exemplo, quando os argumentos contra a gramática são direcionados em primeiro lugar contra a própria poesia, pois os pirrônicos se recusam a atacar a poesia (*M* 1. 278, 299). Essa diferenciação ocorre na passagem em questão neste artigo. Uma longa seção é atribuída por Sexto a “outros, especialmente os epicuristas” (*M* 1. 299). Essa seção (§ 277–298) contém a primeira parte do ataque de Sexto à parte da

⁶ Ver nossa tradução anotada em Prezotto, 2019.

⁷ Ver tradução e estudo em Roeder, 2013.

⁸ A noção de ‘utilidade’, ausente desde o § 56, aparece onze vezes na seção sobre ortografia e helenismo. Apesar disso, Blank (1998, p. 1) mostra-se relutante em conferir uma origem puramente epicurista a essas seções. Pois, se está claro que existem precedentes epicuristas para tais discussões, para o autor, o modo como são aí tratadas por Sexto tem muito em comum com outras passagens em sua obra, especialmente no relativo ao *critério prático*, além do uso de termos que lhe são característicos, como simples (*apheles*: § 153, 179, 232) e não-técnico (*atekhmos*: § 153, 180, 181, 183, 219).

⁹ Ver nossa tradução anotada em Prezotto, no prelo.

gramática que trata dos poetas. A contra-argumentação de viés epicurista segue, ponto por ponto, os argumentos mencionados em defesa da utilidade dessa parte da gramática.

Na sequência (§ 299-320), o ataque segue uma orientação diferente, Sexto não critica a poesia ela mesma, seu alvo é a ignorância dos gramáticos acerca tanto das palavras usadas na poesia como de seus significados. Essa segunda parte do ataque, Sexto a descreve como uma refutação cética (§ 299). As seções se dividem, portanto, da maneira indicada por Sexto: a réplica epicurista contesta a utilidade da poesia e da poética para a ‘felicidade’; o ataque cético, por sua vez, mira nos princípios fundamentais e nos teoremas gramaticais.



ΠΡΟΣ ΜΑΘΗΜΑΤΙΚΟΥΣ (Μ 1. 270-320)

Ἔστι τὸ τοὺς ποιητὰς καὶ συγγραφεῖς μέρος τῆς γραμματικῆς ἀσύστατόν ἐστιν
 [270] Ἦδη μὲν δυνάμει καὶ τὸ περὶ ποιητὰς καὶ συγγραφεῖς μέρος τῆς γραμματικῆς
 ἡμῖν ἀνήρηται, δείξασι τὸ ἀδύνατον τοῦ κατὰ τὰς τεχνολογίας καὶ τοῦ ἱστορικοῦ· χωρὶς
 γὰρ τούτων οὐκ ἀπευθύνεται τις ποιήσεως ἐξήγησις. ὅμως δ' οὖν καὶ τὰ ἐν τούτῳ τῷ
 μέρει πειρασόμεθα κοινότερον δυνάμενα λέγεσθαι σκοπεῖν, καὶ μάλιστα ὅτι οὕτως
 ἐπιτεθαρρήκασιν αὐτῷ οἱ γραμματικοὶ ὡς καὶ τὸ βιωφελές τῆς γραμματικῆς καὶ πρὸς
 εὐδαιμονίαν ἀναγκαῖον ἐξ αὐτοῦ τολμᾶν πιστοῦσθαι. φασὶ γοῦν ὡς ἡ ποιητικὴ πολλὰς
 δίδωσιν ἀφορμὰς πρὸς σοφίαν καὶ εὐδαίμονα βίον, ἄνευ δὲ τοῦ ἀπὸ γραμματικῆς
 φωτὸς οὐχ οἷόν τε τὰ παρὰ τοῖς ποιηταῖς διορᾶν ὅποιά ποτέ ἐστιν· χρειώδης ἄρα ἡ
 γραμματικὴ. [271] τὸ δ' ὅτι συχνὰς δίδωσιν ἡ ποιητικὴ ἀφορμὰς πρὸς εὐδαιμονίαν
 δῆλον ἐκ τοῦ τὴν ὄντως κρατίστην καὶ ἠθοποιὸν φιλοσοφίαν ἀπὸ τῆς παρὰ τοῖς
 ποιηταῖς γνωμολογίας τὴν ἀρχὴν ἐρριζῶσθαι, καὶ διὰ τοῦτο τοὺς φιλοσόφους, εἴ ποτε
 παραινεντικῶς τι λέγοιεν, ταῖς ποιητικαῖς φωναῖς ὡσπερὶ σφραγίζεσθαι τὸ ὑπ' αὐτῶν
 λεγόμενον. καὶ ὁ μὲν ἐπ' ἀρετὴν παρακαλῶν φησὶν

ἀρετὴ δὲ κἂν θάνη τις οὐκ ἀπόλλυται·

ὁ δὲ φιλαργυρίαν φεύγειν ἐγκελευόμενος προφέρεται τὸ

μὴ Πλοῦτον εἴπησ· οὐχὶ θαυμάζω θεόν,

ὄν χῶ κάκιστος ῥαδίως ἐκτήσατο·

ὁ δὲ αὐτάρκειαν ὑπαγορεύων συμπίστοῦται τὸ δόγμα ἐκ τοῦ τὸν Εὐριπίδην λέγειν

τί γὰρ δέει βροτοῖσι πλὴν δυοῖν μόνον,

Δήμητρος ἀκτῆς πώματός θ' ὑδρηχόου,

ἂ δὴ πάρεστι καὶ πέφυχ' ἡμᾶς τρέφειν;

[272] καὶ τὸ μὲν τοὺς ἄλλους φιλοσόφους τοῦτο ποιεῖν οὐ παράδοξον, αὐτοὺς δὲ
 εὐρήσομεν τοὺς τῆς γραμματικῆς κατηγορούς, Πύρρωνά τε καὶ Ἐπίκουρον,
 ἐξομολογουμένους τὸ ἀναγκαῖον αὐτῆς· ὧν ὁ μὲν Πύρρων ἱστορεῖται τὴν Ὀμηρικὴν διὰ
 παντὸς ποιήσιν ἀναγινώσκων, μὴ ἂν ποτε τοῦτο ποιήσας εἴπερ μὴ ἐγίνωσκεν αὐτὴν
 χρησίμην καὶ διὰ τοῦτο τὴν γραμματικὴν ἀναγκαίαν, [273] ὁ δὲ Ἐπίκουρος φωρᾶται τὰ
 κράτιστα τῶν δογμάτων παρὰ ποιητῶν ἀνηρπακῶς· τὸν τε γὰρ ὅρον τοῦ μεγέθους τῶν
 ἡδονῶν, ὅτι ἡ παντός ἐστι τοῦ ἀλγοῦντος ὑπεξαίρεσις, ἐξ ἑνὸς στίχου δέδεικται λαβῶν
 <τοῦ>

αὐτὰρ ἐπεὶ πόσιος καὶ ἐδητύος ἐξ ἔρον ἔντο·

τὸν δὲ θάνατον, ὅτι οὐδὲν ἐστὶ πρὸς ἡμᾶς, Ἐπίχαρμος αὐτῷ προμεμήνυκεν, εἰπὼν

ἀποθανεῖν ἢ τεθνάναι οὐ μοι διαφέρει.

ὡσαύτως δὲ καὶ τὰ νεκρὰ τῶν σωμάτων ἀναισθητεῖν παρ' Ὀμήρου κέκλοφε,
 γράφοντος

κωφὴν γὰρ δὴ γαῖαν ἀεικίζει μενεαίνων.

[274] καὶ μὴν οὐ ταῦτα μόνον τοῖς ποιηταῖς δεξιῶς εἰρησθαι φαίνεται ἀλλὰ καὶ τὰ περὶ θεῶν, οἷόν ἐστι καὶ τὸ παρὰ τῷ Εὐριπίδῃ λεχθὲν ἐν Φρίξῳ

ὅστις δὲ θνητῶν οἶεται καθ' ἡμέραν
κακόν τι πράσσων τοὺς θεοὺς λεληθέναι,
δοκεῖ πονηρά, καὶ δοκῶν ἀλίσκεται
ὅταν σχολὴν ἄγουσα τυγχάνῃ δίκη.

ἀλλ' εἶπερ ταῦτα καὶ τὰ τούτοις εἰκότα χρειώδη ἐστί, λαμβάνεται δ' οὐ χωρὶς γραμματικῆς, ἔσται καὶ ἡ γραμματικὴ τῶν βιωφελῶν. [275] ἔχοι δ' ἂν τινα, φασίν, ἔξαιρέτως καὶ ταῖς τῶν μανθανόντων αὐτὴν πατρίσιν ἀναγκαῖα. Λεβεδίων γοῦν διαφερομένων πρὸς τοὺς ἀστυγεῖτονας περὶ Καμανδωδοῦ ὁ [γραμματικὸς] τὸ Ἴππωνάκτειον παραθέμενος ἐνίκα

μηδέ μοι μῦ

λαλεῖν Λεβεδίην ἰσχάδ' ἐκ Καμανδωδοῦ.

ὀμιλητικούς τε παρεχομένη τοὺς προσέχοντας αὐτῇ εὐθύς καὶ ταύτῃ [καὶ] τοῖς πέλας κατὰ πολλὰς περιστάσεις ὀνησιφόρος γίνεται. [276] πάρεστι δὲ τὸ λεγόμενον σκοπεῖν ἐξ αὐτῶν τῶν ἀποτελεσμάτων. Σώστρατος γάρ, ὡς φασίν, ἀποσταλεῖς ὑπὸ Πτολεμαίου πρὸς τὸν Ἀντίγονον βασιλικῆς τινὸς ἔνεκα χρείας, κάκεινου εἰκαιότερον ἀποκρινομένου, ἐπέτυχεν εἰπῶν

οὔτω δὴ κέλει, γαιήοχε κυανοχαῖτα;
τόνδε φέρω Διὶ μῦθον ἀπηνέα τε κρατερόν τε;
ἢ τι μεταστρέψεις; στρεπταὶ μὲν τε φρένες ἐσθλῶν.

ταῦτα γὰρ ἀκούσας Ἀντίγονος μετεβάλλετο.

[277] Πολλῶν δὲ τοιούτων λεγομένων εἰς τὸ χρησιμώτατον εἶναι τὸ τῆς γραμματικῆς μέρος τὸ περὶ ποιητὰς καὶ συγγραφεῖς καταγιγνόμενον, δείγματος χάριν τοῖς ἐκκειμένοις ἀρκεσθέντες λέγωμεν πρὸς ἕκαστον αὐτῶν. τὸ τοῖνυν βιωφελῆ εἶναι τὴν ποιητικὴν γνωμολογίαν καὶ φιλοσοφίας ἀρχήν, ταύτης δὲ ἀποδοτικὴν ὑπάρχειν τὴν γραμματικὴν, ὄντως γραμματικόν ἐστιν. [278] πρῶτον μὲν γάρ, ἵνα συνδράμωμεν αὐτοῖς μηδὲν ποιητικῆς κατειπόντες, ἀλλ' οὖν γε ἐκεῖνο πρόδηλόν ἐστιν ὅτι ὅποσα μὲν βιωφελῆ καὶ ἀναγκαῖα εὐρίσκεται παρὰ ποιηταῖς, οἷά ἐστι τὰ γνωμικὰ καὶ παραινετικά, ταῦτα σαφῶς αὐτοῖς πέφρασται καὶ οὐ δεῖται γραμματικῆς, <ὅποσα δὲ μὴ σαφῶς πέφρασται καὶ δεῖται γραμματικῆς> καθάπερ τὰ ἐν ξέναις ἱστορίαις κείμενα ἢ αἰνιγματωδῶς ἐκφερόμενα, ταῦτ' ἐστὶν ἄχρηστα, ὥστε καὶ τῇ ἀπ' ἐκείνων ὠφελείᾳ μὴ συνεισέρχεσθαι αὐτῶν τὸ χρειώδες τῆς γραμματικῆς καὶ τῇ τούτων ματαιότητι συμπεριφέρεσθαι. [279] εἶτα φάσις μόνον ἐστὶν ἡ γνώμη, καθάπερ τὸ τοιοῦτο,

σοφὸν γὰρ ἐν βούλευμα τὰς πολλὰς χέρας
νικᾷ, σὺν ὄχλῳ δ' ἀμαθία πλεῖστον κακόν·

φάσει δὲ οὐ πείθεται ὁ νοῦς περὶ τοῦ καλῶς εἰρησθαι ἢ μὴ [εἰρησθαι], ἀλλ' ἀποδείξεων δεῖται. αἱ δὲ ἀποδείξεις τῶν καθηκόντως λεγομένων ἢ μὴ οὐ γραμματικῆς εἰσὶν ἀλλὰ φιλοσοφίας· τοῖνυν καὶ ταύτῃ περισσὴν καὶ ματαίαν συμβέβηκεν εἶναι τὴν γραμματικὴν. καὶ μὴν εἶπερ διὰ τὸ πολλὰ καλῶς εἰρησθαι τοῖς ποιηταῖς καὶ βιωφελῶς

χρησίμη ἐστὶν ἡ προφήτις γραμματικὴ αὐτῶν, ἐπεὶ πολλαπλασίονα τούτων διαστρόφως καὶ ἐπὶ λύμῃ τοῦ βίου παρ' αὐτοῖς ἐξενήνεκται, ἄχρηστος γενήσεται. καθὰ γὰρ ἔστι τις ὁ εἰπῶν

μὴ Πλοῦτον εἴπησ· οὐχὶ θαυμάζω θεόν,
ὄν χῶ κάκιστος ῥαδίως ἐκτήσατο,

οὕτως ἔστι καὶ ὁ τούναντίον ἀποφαινόμενος
ὧ χρυσὲ δεξίωμα κάλλιστον βροτοῖς,
ὡς οὔτε μήτηρ ἡδονὰς τοίας ἔχει,
οὐ παῖδες ἀνθρώποισιν, οὐ φίλος πατήρ,
οἷας σὺ χοί σὲ δώμασιν κεκτημένοι.

καὶ πάλιν

εὖ πράσσει· τὰ φίλων δ' οὐδὲν ἦν τις δυστυχήῃ.

καὶ

κάλλιστα μουσῶν φθέγγεται πλουτῶν ἀνὴρ.

[280] ἀναποδείκτως μὲν οὖν λεγομένων τῶν οὕτως ἐναντίων ἐπιρρεπέστερον ἔχουσιν ἄνθρωποι πρὸς τὴν τοῦ χείρονος ἐκλογὴν, καὶ διὰ τοῦτο βλαπτικὴ ἀναφαίνεται ἡ ποιητικὴ· διακρινομένων δὲ αὐτῶν, καὶ τῶν μὲν ἀθετουμένων τῶν δὲ προκρινομένων, χρειώδης γίνεται οὐχ ἡ γραμματικὴ ἀλλ' ἡ διακρίνειν δυναμένη φιλοσοφία. ποιητικοῖς τε μαρτυρίοις χρῶνται οὐχ οἱ γνησίως φιλοσοφοῦντες (τούτων γὰρ ὁ λόγος αὐτάρκης ἐστὶ πρὸς πειθῶ) ἀλλ' οἱ τὸν πολὺν καὶ ἀγοραῖον φενακίζοντες ὄχλον· [281] οὐ γὰρ δυσχερὲς ποιητὰς μαχομένους καὶ εἰς ὃ τι ἂν θέλωσιν ἄδοντας δεῖξαι, ὅτε καὶ οἱ προηγουμένως φιλοσοφοῦντες πολλὰ μαχομένως λέγουσιν. τῶν δὲ γραμματικῆς κατηγόρων ὁ μὲν Πύρρων παρ' ἕκαστα τὴν Ὀμηρικὴν διετύλισσε ποίησιν οὐ πάντως διὰ τὴν εἰρημένην αἰτίαν, ἀλλὰ τάχα μὲν ψυχαγωγίας χάριν καὶ ὡς εἰ κωμωδῶν ἡκροᾶτο, τάχα δὲ καὶ τοὺς ποιητικὸς παρατηρῶν τρόπους καὶ χαρακτῆρας· [282] λέγεται γὰρ αὐτὸν καὶ ποίησιν εἰς τὸν Μακεδόνα Ἀλέξανδρον γράψαντα μυρίοις χρυσοῖς τιμηθῆσθαι. οὐκ ἀπέοικε δὲ καὶ ἄλλας αἰτίας ὑπάρχειν, περὶ ὧν ἐν τοῖς Πυρρωνείοις διεξήλθομεν. [283] ὁ δὲ Ἐπίκουρος οὐκ ἐκ τῶν Ὀμηρικῶν εἴληψε τὸν ὅρον τοῦ μεγέθους τῶν ἡδονῶν· μακρῶ γὰρ διαφέρει τὸ λέγειν ὅτι ἐπαύσαντό τινες πίνοντες καὶ ἐσθίοντες καὶ τὴν αὐτῶν ἐπιθυμίαν πληροῦντες (τοῦτο γὰρ ἐστὶ τὸ

αὐτὰρ ἐπεὶ πόσιος καὶ ἐδητύος ἐξ ἔρον ἔντο)

τοῦ φάναι ὅρον εἶναι τῶν περὶ τὰς ἡδονὰς μεγεθῶν τὴν τοῦ ἀλγοῦντος ὑπεξαίρεισιν· τοῦτο γὰρ οὐ πάντως κρέασι καὶ οἴνῳ ἀλλὰ καὶ τοῖς λιτοτάτοις πέφυκε γίνεσθαι. [284] ἄλλως τε ὁ μὲν ποιητὴς ἐπὶ προσφερομένων μόνων ἐποίησατο τὴν ἀπόφασιν, Ἐπίκουρος δὲ ἐπὶ πάντων τῶν ἀπολαυστῶν, ἐν οἷς ἐστὶ καὶ ἡ ἀφροδίσιος μῆξις, περὶ ἧς πάντες ἴσασιν οἷαν ἔσχε γνώμην Ὀμηρος. τό τε τὸν θάνατον [μὲν] μηδὲν εἶναι πρὸς ἡμᾶς εἴρηται μὲν ἴσως τῷ Σώφρονι, ἀποδέδεικται δὲ Ἐπικούρῳ, καὶ ἔστιν οὐ τὸ εἰπεῖν ἀλλὰ τὸ ἀποδεῖξαι θαυμαστόν. [285] εἶτα οὐδὲ κατὰ τοῦτο ἔφησεν ὁ Ἐπίκουρος τὸν θάνατον μηδὲν εἶναι πρὸς ἡμᾶς, καθὸ ἀδιάφορόν ἐστιν ἢ ζῆν ἢ μὴ· πολλῶ γὰρ αἰρετώτερον τὸ ζῆν διὰ τὸ αἰσθανομένων εἶναι τὸ ἀγαθόν· ἀλλ' ἐν ἀναισθησίᾳ οὔτε κακόν τι εἶναι οὔτε ἀγαθόν. τὸ μὲν γὰρ ἀναισθητεῖν τὰ νεκρὰ τῶν σωμάτων οὐχ ὁ ποιητὴς μόνος οἶδεν ἀλλὰ καὶ ὁ σύμπας βίος. μήτηρ γοῦν πολλάκις υἱὸν θρηνοῦσα

φῆσιν ἄλλα σὺ μὲν τούτων οὐκ ἐπαισθάνῃ, ἐγὼ δὲ ταλαιπωρῶ· καὶ ἐνατενίζουσα ἐπιφθέγγεται ἄτις δὲ ἐστὶν ἔτι σοι τούτων ὄνησις; [286] οὐ μὴν ἄλλ' ἐὰν ἐξετάζη τις, τὴν ἐναντίαν ἔχοντα δόξαν εὐρήσει τὸν ποιητὴν. αἱ μὲν γὰρ ψυχαὶ κοινῶς διψῶσιν αἵματος (ἄλλ' ἀποχάζεο βόθρου, ἄπισχε δὲ φάσγανον ὄξυ αἵματος, ὄφρα πῖω καὶ τοι νημερτέα εἴπω),

ὁ δὲ Τιτυὸς ὑπὸ γυπῶν διὰ τὴν ἐπιθυμίαν ἥπατοφαγεῖται, ὁ δὲ Τάνταλος ἔστηκεν ἐν λίμνῃ,

ἢ δὲ προσέκλυζε γενεῖω·

στεῦτο δὲ διψάων, πιέειν δ' οὐκ εἶχεν ἐλέσθαι.

[287] καὶ μὴν ὅσον ἐπὶ τῷ ὑπ' Εὐριπίδου λεχθέντι περὶ θεῶν, τὴν αὐτὴν καὶ οἱ ἰδιῶται δόξαν ἔχουσιν. ἴσον γὰρ ἐστὶ τῷ

ὅστις δὲ θνητῶν οἶεται τούφήμερον

κακόν τι πράσσειν τοὺς θεοὺς λεληθέναι,

δοκεῖ πονηρὰ, καὶ δοκῶν ἀλίσκεται

ὅταν σχολὴν ἄγουσα τυγχάνῃ δίκη

καὶ τὸ οὕτω παρὰ τοῖς πολλοῖς λεγόμενον·

ὄψε θεῶν ἀλέουσι μύλοι, ἀλέουσι δὲ λεπτά·

[288] μόνῳ δὲ διενήνοχε τῷ μέτρῳ. ἂν δὲ καὶ ἐξετάσῃ τις, πολλῶν χεῖρονα τῆς τῶν ἰδιωτῶν ὑπολήψεως εὐρήσει τὰ τῶν ποιητῶν. καὶ ὁ μὲν σκηνικὸς ἀναγορευθεὶς φιλόσοφος ἔτι μετριώτερος φαίνεται, λέγων μὴ εἰδέναι ᾧ προσεύχεται

ὦ γῆς ὄχημα κάπτι γῆς ἔχων ἔδραν,

ὅστις ποτ' εἶ σύ, δυστόπαστος εἰσιδεῖν,

Ζεὺς, εἴτ' ἀνάγκη φύσεος εἴτε νοῦς βροτῶν,

προσευξάμην σέ.

[289] Ὅμηρος δὲ καὶ Ἡσίοδος κατὰ τὸν Κολοφώνιον Ξενοφάνη

ὡς πλεῖστ' ἐφθέγγαντο θεῶν ἀθεμίστια ἔργα,

κλέπτειν μοιχεύειν τε καὶ ἀλλήλους ἀπατεύειν.

Κρόνος μὲν γάρ, ἐφ' οὗ τὸν εὐδαίμονα βίον γεγονέναι λέγουσι, τὸν πατέρα ἠνδροτόμησε καὶ τὰ τέκνα κατέπιεν, Ζεὺς τε ὁ τούτου παῖς ἀφελόμενος αὐτὸν τῆς ἡγεμονίας

γαίης νέρθε καθεῖσε καὶ ἀτρυγέτοιο θαλάσσης,

τῆλε μάλ' ἤχι βάθιστον ὑπὸ χθονός ἐστι βέρεθρον.

[290] τῷ δὲ Διὶ ἐπιβουλεύουσιν οἱ συγγενεῖς, παρὸ καὶ ὑπὸ Θέτιδος βοηθεῖται,

ὁππότε μιν ξυνδῆσαι Ὀλύμπιοι ἤθελον ἄλλοι,

Ἦρη τ' ἠδὲ Ποσειδάων καὶ Παλλὰς Ἀθήνη·

ὠμότατος γάρ ἐστι, καὶ τὴν μὲν ἀδελφὴν καὶ γυναῖκα ἱεροσύλου τρόπον κρεμάσας οὐκ ἀρκεῖται, ἀλλὰ καὶ ὄνειδίζει λέγων

ἢ οὐ μέμνη ὅτε τ' ἐκρέμω ὑπόθεν, ἐκ δὲ ποδοῖν

ἄκμονας ἤκα δύω, περὶ χερσὶ δὲ δεσμὸν ἴηλα

χρύσειον ἄρρηκτον, σὺ δ' ἐν αἰθέρι καὶ νεφέλῃσιν

ἐκρέμω, ἡλάστεον δὲ θεοὶ κατὰ μακρὸν Ὀλυμπον;

[291] τὸν δὲ Ἥφαιστον ὀργισθεὶς ρίπτει ἀπὸ τοῦ οὐρανοῦ, ὁ δὲ

κάππεσεν ἐν Λήμνῳ, ὀλίγος δ' ἔτι θυμὸς ἐνήεν.
 τὸν δὲ ἀδελφὸν ὑπερορᾶ
 οἰκί' ἔχοντα
 σμερδαλέ' εὐρώεντα, τά τε στυγέουσι θεοί περ.
 πρόσσεσι δὲ αὐτῷ πρὸς τῇ ἀποτομία καὶ ἀκρασία, ὃς θεασάμενος τὴν Ἥραν ἐπὶ τῆς
 Ἰδης κεκοσμημένην οὐ καρτερεῖ μέχρις τῶν ἀποδεδειγμένων αὐτοῖς θαλάμων ἐλθεῖν,
 ἀλλ' ἐπὶ τοῦ ὄρους χαμαὶ ῥίψας ἑαυτὸν συγκυλίνδεται τῇ γυναικί,
 τοῖσι δ' ὑπὸ χθῶν δῖα φύεν νεοθηλέα ποίην,
 λωτόν θ' ἐρσήεντα ἰδὲ κρόκον ἠδ' ὑάκινθον.

[292] ποικίλης οὖν πεφωραμένης τῆς ποιήσεως ἀνωφελῆς ἢ γραμματικῆ μὴ δυναμένη ἀποδείξει τίσι πιστευτέον ἐστὶν ὡς ἀληθεῖσι καὶ τίσιν ἀπιστητέον ὡς μυθικοῖς ψεύσμασιν.

[293] Ἀλλὰ πόλει φασὶ χρησίμην εἶναι τὴν γραμματικὴν, ἐπεὶ καὶ Λεβεδίοις νίκης αἴτιον ἐγένετο ἐκ ποιητικῆς μαρτύριον. ἔνεκα δὲ τούτου καὶ τὴν ὀρχηστικὴν ἀναγκαίαν λέγομεν εἶναι, ἐπεὶ Σώστρατος ὁ Ἀντιόχου ὀρχηστής, λαβόντος ὑποχείριον τὴν Πριήνην τοῦ βασιλέως πατρίδα οὖσαν αὐτοῦ, καὶ παρὰ τὸ συμπόσιον τὴν ἐλευθερίαν ἀναγκαζόμενος ὀρχεῖσθαι, οὐ καλὸν ἔφη τῆς πατρίδος αὐτοῦ δουλευούσης αὐτὸν ἐλευθερίαν ὀρχεῖσθαι· καὶ διὰ τοῦτο ἐλευθερωθῆναι τὴν πόλιν. [294] εἶτα ἄλλο μὲν ἐστὶ τὸ πόλει χρήσιμον, ἄλλο δὲ τὸ ἡμῖν αὐτοῖς. σκυτοτομικὴ γοῦν καὶ χαλκευτικὴ πόλει μὲν ἐστὶν ἀναγκαῖον, ἡμῖν δὲ χαλκεῦσι γενέσθαι καὶ σκυτοτόμοις πρὸς εὐδαιμονίαν οὐκ ἀναγκαῖον. διόπερ καὶ ἡ γραμματικὴ οὐκ ἐπεὶ πόλει χρησίμη καθέστηκεν, ἔξ ἀνάγκης καὶ ἡμῖν ἐστὶν [ἡ] τοιαύτη. ἡ μὲν γὰρ ὀμιλητικὴ οὐκ ἀπὸ γραμματικῆς περιγίνεσθαι πέφυκεν, ἀλλ' ἀπὸ κοινῆς τινος ἐντρεχίας, [295] εἰ μὴ τι καὶ Δημάδης ὁ ῥήτωρ γραμματικὸς ἦν, πολλοῖς τῶν Ἀθηναίων μετὰ τὴν ἐν Χαιρωνείᾳ ἦτταν συναιχμαλωτισθεὶς καὶ εἰπὼν πρὸς τὸν Φίλιππον ἀναγκάζοντα εὐωχεῖσθαι

τίς γάρ κεν ἀνὴρ, ὃς ἐναΐσιμος εἶη,
 πρὶν τλαίη πάσασθαι ἐδητύος ἠδὲ ποτῆτος,
 πρὶν λῦσαί θ' ἐτάρους καὶ ἐν ὀφθαλμοῖσιν ἰδέσθαι;

[296] Ταῦτα μὲν οὖν πρὸς τὰς τῶν γραμματικῶν ἐπιχειρήσεις λεγέσθω· προηγουμένως δὲ ρητέον ὡς εἰ μὲν μόνοι ἦσαν οἱ ποιηταὶ βιωφελεῖς, τάχα ἂν ἡ γραμματικὴ βιωφελῆς ἐγένετο περὶ τούτους πονουμένη, νῦν δὲ ἐπεὶ οὗτοι μὲν ἢ ἀνωφελεῖς εἰσιν ἢ ὀλιγωφελεῖς, φιλόσοφοι δὲ καὶ οἱ λοιποὶ συγγραφεῖς διδάσκουσι τὰ ὠφέλιμα τῶν πραγμάτων, οὐ δεόμεθα γραμματικῆς. [297] καὶ ὅτι οἱ συγγραφεῖς μᾶλλον ἢ οἱ ποιηταὶ τὰ χρήσιμα τῷ βίῳ δηλοῦσιν, εὐεπιλόγιστον. οἱ μὲν γὰρ τοῦ ἀληθοῦς στοχάζονται, οἱ δὲ ἐκ παντὸς ψυχαγωγεῖν ἐθέλουσιν, ψυχαγωγεῖ δὲ μᾶλλον τὸ ψεῦδος ἢ τὰληθές. [298] καθόλου τε, ὅσον ἐπὶ τοῖς ποιηταῖς, οὐχ οἷον ἀνωφελῆς τῷ βίῳ ἀλλὰ καὶ βλαβερωτάτη. ἐπιτείχισμα γὰρ ἀνθρωπίνων παθῶν ἢ ποιητικὴ καθέστηκεν· καὶ ὡς

γέρων γέροντι γλῶσσαν ἠδίστην ἔχει,

οὕτως οἱ μὲν ἐρωτομανεῖς καὶ μέθυσοι τὰς Ἀλκαίου καὶ Ἀνακρέοντος ποιήσεις ἀναγνόντες προσεκκαίονται, οἱ δὲ ὀργίλοι Ἰππώνακτα καὶ Ἀρχίλοχον ἀλείπτας ἔχουσι τῆς περὶ αὐτοὺς κακίας.

[299] Τὰ μὲν οὖν ὑπὸ τῶν ἄλλων λεγόμενα κατὰ τὸν τόπον, καὶ μάλιστα τῶν Ἐπικουρείων, ἐστὶ τοιαῦτα· ἡμεῖς δὲ μηδὲν κατειπόντες τῆς ποιητικῆς ἄλλως ποιῶμεθα τὰς ἀντιρρήσεις πρὸς τοὺς ἀξιοῦντας γραμματικὴν ἔχειν τέχνην τῶν παρὰ ποιηταῖς καὶ συγγραφεῦσι λεγομένων διαγνωστικὴν. [300] ἔπει τοίνυν πᾶν σύγγραμμα καὶ πᾶσα ποιήσις ἐκ λέξεων τῶν δηλουσῶν καὶ πραγμάτων τῶν δηλουμένων συνέστηκε, δεήσει τὸν γραμματικόν, εἴπερ ἔχει τέχνην διαρθρωτικὴν τῶν παρὰ συγγραφεῦσι καὶ ποιηταῖς λεγομένων, ἥτοι τὰς λέξεις μόνον ἢ τὰ ὑποκείμενα πράγματα γινώσκειν ἢ τὸ συναμφοτέρον. ἀλλὰ τὰ μὲν πράγματα, κἂν ἡμεῖς μὴ λέγωμεν, φαίνεται μὴ γινώσκειν. τούτων γὰρ τὰ μὲν ἐστὶ φυσικὰ τὰ δὲ μαθηματικὰ τὰ δὲ ἰατρικὰ τὰ δὲ μουσικὰ, καὶ δεῖ τὸν μὲν φυσικοῖς ἐπιβάλλοντα πράγμασιν εὐθύς φυσικὸν εἶναι καὶ τὸν μουσικοῖς μουσικὸν εἶναι καὶ τὸν μαθηματικοῖς εὐθύς εἶναι μαθηματικόν, καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων ὁμοίως. ὁ μέντοι γραμματικὸς <ὅτι> οὐκ ἐστὶν ἐν τῷ αὐτῷ πάνσοφος καὶ πάσης ἐπιστήμης δαίμων, σὺν τῷ καὶ αὐτόθεν προσπίπτειν, ἔτι κἂκ τῶν ἀποτελεσμάτων ἐλέγχεται. [301] ποῦ γὰρ τις δύναται τῶν ὠφρυωμένων γραμματικῶν Ἡράκλειτον συνεῖναι καὶ Πλάτωνι παρακολουθῆσαι λέγοντι τῆς ἀμερίστου καὶ ἀεὶ κατὰ ταῦτα ἐχούσης οὐσίας καὶ τῆς περὶ τὰ σώματα μεριστῆς τρίτον ἐξ ἀμφοῖν συνεκεράσατο οὐσίας εἶδος, τῆς τε ταύτου φύσεως καὶ τῆς θατέρου' καὶ ἤδη τὰ ἐξῆς, – περὶ τὴν λέξιν πάντες οἱ Πλάτωνος ἐξηγηταὶ ἐσίγησαν – ἢ ποῦ τοῖς Χρυσίππου διαλεκτικοῖς θεωρήμασιν ἢ Ἀρχιμήδους τε καὶ Εὐδόξου μαθηματικοῖς ἐπιβάλλειν ἰσχύσει; [302] καὶ μὴν ὡς ἐν τούτοις ἐστὶ τυφλός, οὕτω κἂν τοῖς περὶ αὐτῶν γραφεῖσι ποιήμασιν, οἷον Ἐμπεδοκλέους λέγοντος

χαίρετ', ἐγὼ δ' ὑμῖν θεὸς ἄμβροτος, οὐκέτι θνητός,
πωλεῦμαι μετὰ πᾶσι τετιμένος,

καὶ πάλιν

ἀλλὰ τί τοῖσδ' ἐπίκειμι' ὡσεὶ μέγα χρῆμά τι πράσσω
εἰ θνητῶν περιέειμι πολυφθερέων ἀνθρώπων;

ὁ μὲν γὰρ γραμματικὸς καὶ ὁ ἰδιώτης ὑπολήφονται κατ' ἀλαζονείαν καὶ τὴν πρὸς τοὺς ἄλλους ἀνθρώπους ὑπεροψίαν ταῦτ' ἀνεφθέγγθαι τὸν φιλόσοφον, ὅπερ ἀλλότριόν ἐστὶ τοῦ κἂν μετρίαν ἔξιν ἐν φιλοσοφίᾳ ἔχοντος, οὐχ ὅτι γε τοῦ τοσούτου ἀνδρός. [303] ὁ δὲ ἀπὸ φυσικῆς ὀρμώμενος θεωρίας, σαφῶς γινώσκων ὅτι ἀρχαῖον ὅλως τὸ δόγμα ἐστὶ, τοῖς ὁμοίοις τὰ ὅμοια γινώσκεισθαι, ὅπερ ἀπὸ Πυθαγόρου δοκοῦν κατεληλυθέναι κεῖται μὲν καὶ παρὰ Πλάτωνι ἐν τῷ Τιμαίῳ, εἴρηται δὲ πολὺ πρότερον ὑπ' αὐτοῦ Ἐμπεδοκλέους

γαίη μὲν γὰρ γαῖαν ὀπώπαμεν, ὕδατι δ' ὕδωρ,
ἠέρι δ' ἠέρα δῖον, ἀτὰρ πυρὶ πῦρ αἰδηλον,
στοργὴν δὲ στοργῆ, νεῖκος δέ τε νεῖκεῖ λυγρῷ,

συνήσει ὅτι ὁ Ἐμπεδοκλῆς θεὸν ἑαυτὸν προσηγόρευσεν, ἐπεὶ μόνος καθαρὸν ἀπὸ κακίας τηρήσας τὸν νοῦν καὶ ἀνεπιθόλωτον τῷ ἐν ἑαυτῷ θεῷ τὸν ἐκτὸς θεὸν κατείληφεν. [304] Ἀράτου τε μὴν γράφοντος

ὅσσον ἀπ' ὀφθαλμοῖο βολῆς ἀπολάμπεται αὐγή,
ἐξάκις ἂν τόσση μιν ὑποδράμοι· αὐτὰρ ἐκάστη
ἴση μετρηθεῖσα δύω περιτέλλεται ἄστρα

οὐ γραμματικοῦ τοῦτο νοῆσαι, ὅτι ἡλικία ἐστὶν ἢ ἀπὸ τῆς ἡμῶν ὄψεως πρὸς τὴν ἀνατολήν ἐκβαλλομένη εὐθεία, ἐξάκις αὕτη ληφθεῖσα τὸν ζῳδιακὸν καταμετρήσει κύκλον ὥστε δύο αὐτὴν ἀποτεμένεσθαι ζῳδία, ἀλλὰ μαθηματικοῦ, γραμμικῶς αὐτὸ ἀποδεικνύντος, ὅτι τὸ ἕκτον τοῦ ζῳδιακοῦ κύκλου μέρος ἀπὸ τῆς μέχρι τῆς ἀνατολῆς ἐκβαλλομένης εὐθείας καθέστηκεν. [305] Τίμωνός τε τοῦ Φλιασίου τὸν Πύρρωνα ἡλίῳ ἀπεικάζοντος ἐν οἷς φησι

μοῦνος δ' ἀνθρώποισι θεοῦ τρόπον ἡγεμονεύεις,
ὃς περὶ πᾶσαν ἑλῶν γαῖαν ἀναστρέφεται,
δεικνύς εὐτόρνου σφαίρας πυρικαύτορα κύκλον,

δόξει μὲν τοῖς γραμματικοῖς κατὰ τιμὴν αὐτὸ λέγειν καὶ διὰ τὴν περὶ τὸν φιλόσοφον ἐπιφάνειαν· ἄλλος δὲ ἐπιστήσει μήποτε καὶ μάχεται [τὰ παραδείγματα] τῷ σκεπτικῷ βουλήματι τὰ ὑπὸ τοῦ Φλιασίου εἰς τὸν Πύρρωνα λεχθέντα, εἶγε ὁ μὲν ἡλίος τὰ πρότερον μὴ βλεπόμενα τῷ φωτὶ καταυγάζων δείκνυσιν, ὁ δὲ Πύρρων καὶ τὰ προδήλως ἡμῖν ληφθέντα τῶν πραγμάτων εἰς ἀδηλόγητα περισπᾶν βιάζεται. [306] τὸ δὲ οὐχ οὕτως ἔχειν φαίνεται τῷ φιλοσοφώτερον ἐπιβάλλοντι, ἀλλ' ἡλίῳ τρόπον ἐπέχειν φησὶ τὸν Πύρρωνα καθόσον <ὡς> ὁ θεὸς τὰς τῶν ἀκριβῶς εἰς αὐτὸν ἀτενιζόντων ὄψεις ἀμαυροῖ, οὕτω καὶ ὁ σκεπτικὸς λόγος τὸ τῆς διανοίας ὄμμα τῶν ἐπιμελέστερον αὐτῷ προσεχόντων συγγεῖ, ὥστε ἀκαταληπτεῖν περὶ ἐκάστου τῶν κατὰ δογματικὴν θρασύτητα τιθεμένων. [307] εἰ δὲ δεῖ περὶ ἰατρικῆς διεξέρχεσθαι θεωρίας, καὶ παριστᾶν ὡς καὶ ἐπίθετον πολλάκις προσριφέν ὑπὸ ποιητοῦ βαθὺν ἐμφαίνει καὶ ἐπιστημονικὸν νοῦν, οἷόν ἐστι τὸ 'βαθύσχοινον λεχεποῖην' παρ' Ὀμήρῳ. σημαίνει γάρ, ὃ μὴ δύναται νοῆσαι γραμματικός, <ὅτι> παραστατικὸν πρὸς συνουσίαν ἐστὶ τὸ τῆς σχοίνου σπέρμα, λέχος καλοῦντος τοῦ ποιητοῦ τὴν μῆξιν. [308] ἢ τὸ παρὰ τῷ Εὐριπίδῃ ἐπὶ τῇ Λυκομήδους θυγατρὶ Δηιδαμείᾳ λεγόμενον

ἢ παῖς νοσεῖ σου κάπικινδύνως ἔχει
πρὸς τοῦ; τίς αὐτὴν πημονὴ δαμάζεται;
μῶν κρυμὸς αὐτῆς πλευρὰ γυμνάζει χολῆς;

πυνθάνεται γὰρ μὴ τι πλευριτικὴ γέγονε διὰ τὸ τοὺς πλευριτικούς βήσσοντας ὑπόχολον ἀνάγειν. ὧν οὐδὲν οἶδεν ὁ γραμματικός.

[309] Καίτοι περιττὸν ἴσως ἐστὶν ἀπὸ τῶν ἀρχαιότερων καὶ τάχα ἐπιστημονικῶν δυσωπεῖν τοὺς ἀπὸ τῆς γραμματικῆς, ὅτε καὶ τὸ τυχὸν ἐπιγραμματίον οὐχ οἷοί τέ εἶσι νοῆσαι, καθάπερ καὶ τὸ ὑπὸ τοῦ Καλλιμάχου εἰς Διόδωρον τὸν Κρόνον συγγραφέν

ἠνίδε κου κόρακες τεγέων ἔπι 'κοῖα συνῆπται'
κρῶζουσιν καὶ 'κῶς αὖθι γενησόμεθα'.

[310] ὅτι γὰρ διαλεκτικώτατος ἦν ὁ Κρόνος καὶ ἐδίδασκε πῶς κριτέον ἐστὶ τὸ ὑγιὲς συνημμένον, ὥστε διὰ τὸ ἐπικρατεῖν ἤδη τὴν διδασκαλίαν καὶ τοὺς ἐπὶ τῶν δωμάτων κόρακας ἐκ πολλῆς τῆς κατηγήσεως κρᾶζειν τὴν κατ' αὐτὸν τοῦ συνημμένου κρίσιν, εἴποι ἂν ὁ γραμματικός, καὶ μέχρι τούτου συνήσει τὸ καὶ παιδίοις γνώριμον. [311] ἑλθὼν δὲ καὶ ἐπὶ τὸ 'καὶ κῶς αὖθι γενησόμεθα' ἡσυχάσει, μὴ εὐρίσκων τὸ δηλούμενον πρᾶγμα. φιλοσόφου γὰρ ἦν εἰπεῖν ὅτι ἀρέσκει τῷ Διοδώρῳ μηδὲν κινεῖσθαι. τὸ γὰρ κινούμενον ἦτοι ἐν ᾧ ἔστι τόπῳ κινεῖται ἢ ἐν ᾧ μὴ ἔστιν· οὔτε δὲ τὸ πρῶτον οὔτε τὸ δεύτερον· οὐκ ἄρα κινεῖται τι. τῷ δὲ μηδὲν κινεῖσθαι τὸ μηδὲν φθείρεσθαι ἀκολουθεῖ.

[312] ὡς γὰρ διὰ τὸ μῆτε ἐν ᾧ ἔστι τόπω κινεῖσθαι τι μῆτε ἐν ᾧ μὴ ἔστιν οὐδὲν κινεῖται, οὕτως ἐπεὶ τὸ ζῶον οὔτε ἐν ᾧ ζῆ χρόνῳ ἀποθνήσκει οὔτε ἐν ᾧ μὴ ζῆ, οὐδέποτε ἄρα ἀποθνήσκει. εἰ δὲ τοῦτο, αἰεὶ ζῶντες κατ' αὐτὸν καὶ αὐθις γενησόμεθα.

[313] Οὐκοῦν τὰ μὲν πράγματα οὐ νοοῦσιν οἱ γραμματικοί. λείπεται τοίνυν τὰ ὀνόματα νοεῖν αὐτούς, ὃ πάλιν ἔστι ληρώδες. πρῶτον μὲν γὰρ οὐδὲν ἔχουσι τεχνικὸν εἰς τὸ λέξι γινώσκειν. οὐδὲ γὰρ ἐκ τέχνης τινὸς μεμαθήκασιν ὅτι οἱ παρὰ τῷ Σοφοκλεῖ ποιμένες 'ἰὼ βαλλήν' λέγοντες 'ἰὼ βασιλεῦ' λέγουσι φρυγιστί, ἀλλὰ παρ' ἄλλων ἀκούσαντες. διήνεγκε δὲ οὐδὲν ἢ βαρβάρου λέξεως ἐρμηνευτὰς γίνεσθαι ἢ τῆς κατὰ γλῶσσαν προενεχθείσης, ὁμοίως οὔσης ἀσυνήθους ἡμῖν. [314] εἶτα καὶ τοῦτ' ἀδύνατόν ἐστιν ἀπείρων οὐσῶν λέξεων καὶ ἄλλως παρ' ἄλλοις ὀνοματοποιηθεισῶν ἢ ἐπὶ πράγμασιν οἷς ἡμεῖς οὐκ ἴσμεν τεθεισῶν. οἷόν ἐστι τὸ <ἐβαρβάριζε τὸ ὄλον, ἔλκη ἔχον ἐν τῇ χειρί', τοῦ μὲν> ἐβαρβάριζεν ἀντὶ τοῦ ἐσύριζε κειμένου, βάρβαροι γὰρ οἱ Σύροι, τοῦ δὲ ὄλου ἀντὶ τοῦ παντός, ὄλον γὰρ καὶ πᾶν συνώνυμον, τοῦ δὲ ἔλκους ἀντὶ τῆς σύριγγος, εἶδος γὰρ ἔλκους ἢ σύριγγος· ὥστε τὸ ὄλον γίνεσθαι τοιοῦτον ἐσύριζεν ὁ Πάν, σύριγγας ἔχων ἐν τῇ χειρί'. [315] ἄλλως τε καὶ ποῦ ἴσασιν ἐνίας τῶν ἐπιστημονικῶν λέξεων οἱ γραμματικοί, καθάπερ τὴν παρὰ Ἀριστοτέλει ἐντελέχειαν ἢ τὸ τί ἦν εἶναι; ἢ ποῦ συνήσουσι τίνα δύναμιν ἔχει παρὰ σκεπτικοῖς ἢ 'οὐδὲν μᾶλλον' φωνή, πότερον πυσματική ἐστὶν ἢ ἀξιωματική, καὶ ἐπὶ τίνος τάσσεται, ἄρα γε τοῦ ἐκτὸς ὑποκειμένου ἢ τοῦ περὶ ἡμᾶς πάθους; [316] τί δὲ καὶ ἐροῦσιν ἐκ λέξεῶν τινῶν συντεθέντος τινὸς ποιήματος·

ἢ γὰρ σοὶ δισσοῖσιν ὑπ' οὔρεσι διττὸς ἐραστής
 ἔφθιτο καὶ νεάτην μοῖραν ἔθηκε φύσιν.
 ἄρθρω ἐν ἀσπιδόεντι βεβηκότα γυῖα καθ' ὄλμοῦ
 βᾶσα τροχαντήρων ἄχρι περιστρέφεται
 σμερδαλέα δ' ὑπένερθεν ἀλώπεκος ἄχρι δοχαίης
 αἰῶνος χαλαρὰν σύνδρομον ἀρμονίης.

[317] τοὺς γὰρ ἐραστὰς οἵτινές εἰσι καὶ τὰ ὄρη καὶ τὸ ἀσπιδόεν ἄρθρον καὶ τοὺς τροχαντήρας, ἔτι δὲ καὶ τὸν ὄλμον καὶ τὰς ἀλώπεκας δοχαίην τε καὶ αἰῶνα καὶ ἀρμονίαν, μῆτε τροπικῶς μῆτε κατὰ ἱστορίαν ἀλλὰ κυρίως ἐξενεχθέντα ὀνόματα, κὰν μυριάκις ἐπιστήσωσιν, οὐ συνήσουσιν.

[318] Εἰ οὖν μῆτε τὰ πράγματα μῆτε τὰς λέξεις ἴσασιν, παρὰ δὲ ταῦτα οὐδὲν ἐστὶν ἢ ποιήσεις ἢ τὸ σύγγραμμα, οὐκ ἂν ἔχοιεν τέχνην ἐξηγητικὴν τῶν παρὰ ποιηταῖς καὶ συγγραφεῦσι λεγομένων. ἄλλως τε καὶ εἰ χρήσομεν γραμματικῆς, ἐπὶ τῶν ἀρίστων ποιημάτων χρῆζομεν ἄλλ' οὐ τῶν μοχθηρῶν. ἄριστον δὲ ποιήμα ἐστὶ κατ' αὐτούς τὸ σαφές. [319] ἀρετὴ γὰρ ποιήματος ἢ σαφήνεια, καὶ μοχθηρὸν τὸ ἀσαφές παρὰ γραμματικῆ. οὔτε οὖν ἐπὶ ἀρίστου ἐστὶ ποιήματος χρειώδης διὰ τὸ μὴ δεῖσθαι ἐξηγήσεως σαφές ὄν, οὔτε ἐπὶ τοῦ μοχθηροῦ διὰ τὸ αὐτόθεν εἶναι μοχθηρὸν. [320] τό τε ἀνεπικρίτως διαφωνούμενον ἀκατάληπτόν ἐστιν, ἀνεπικρίτως δ' ἔτι διαφωνοῦσιν ἐν ταῖς ἐξηγήσεσιν οἱ γραμματικοὶ περὶ τῆς τοῦ συγγραφέως διανοίας· ἀκατάληπτος ἄρα ἐστὶν ἢ τοῦ συγγραφέως διάνοια, καὶ διὰ τοῦτο ἄχρηστος ἢ γραμματικῆ.

Ἄλλα γὰρ πρὸς μὲν τοὺς ἀπὸ τούτου τοῦ μαθήματος ἀναγομένους ἐπὶ τοσοῦτον εἰρήσθω· ἀπ' ἄλλης δὲ ἀρχῆς σκεψόμεθα καὶ πρὸς τοὺς ῥήτορας ἃ δεῖ λέγειν.

Contra os Gramáticos (M 1. 270–320)¹**A parte da gramática que trata de poetas e escritores é inconsistente (*asystaton*)**

[270] A parte da gramática que trata de poetas e escritores também já se encontra praticamente destruída, por termos demonstrado a impossibilidade da exposição *técnica* e da parte *histórica*, e sem essas não se pode pôr em prática qualquer exegese (*exegesis*) da poesia. No entanto, vamos nos esforçar em considerar o que se pode dizer de maneira geral também aqui, especialmente porque os gramáticos depositam tal confiança nessa parte que ousam aí apoiar-se para provar que a gramática é útil para a vida e indispensável para a felicidade. De qualquer forma afirmam que a poesia (*poietike*) contribui em muito para uma vida feliz e com sabedoria, e que sem a luz da gramática não é possível discernir o que os poetas querem dizer em cada passagem, de forma que a gramática é útil.²

[271] Que a poesia frequentemente contribui para a felicidade é evidente³ pelo fato de que a filosofia, que na realidade tem mais poder e é formadora de caráter, teve suas raízes primeiras nos ditos gnômicos dos poetas, e por isso os filósofos, num tom exortativo, usavam passagens poéticas para validar, por assim dizer, seus próprios dizeres. Assim, o que exorta a virtude diz: *A virtude, mesmo que a pessoa morra, não perece* [Eurípides, *Temenidas*, fr. 734 Nauck²]; o que nos conclama a evitar a avareza profere: *Não me fales de Riqueza, eu não venero um deus / a quem até o mais vil facilmente conquista* [Eurípides, *Éolo*, fr. 20 Nauck²]; e outro, que aconselha a autossuficiência, confirma sua doutrina com o que disse Eurípides: *O que é preciso para os mortais senão duas coisas somente, / o alimento de Deméter e a água que flui, / e das duas nos provê a natureza?* [fr. 892 Nauck²]⁴

[272] E não é incomum que outros filósofos também façam o mesmo; encontraremos mesmo os que acusaram a gramática, Pirro e Epicuro, admitindo que seja necessária. Diz-se que Pirro estava sempre lendo a poesia homérica e que não o faria se não reconhecesse a utilidade dela e, por essa razão, a necessidade da gramática.⁵

[273] E Epicuro, por seu lado, foi acusado de tomar dos poetas a parte realmente importante de suas doutrinas. Com efeito, alegou-se que teria tirado o “limite da intensidade do prazer” como sendo “a extinção de toda dor” [RS 3] deste único verso: “*Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado*” [*Iliada*, 1. 469]. E Epicarmo⁶ já havia mostrado a ele que “a morte não é nada para nós” [DL 10.124; Lucrécio, *De rer. nat.* III 830ss], ao dizer: *Morrer ou estar morto não faz diferença para mim.*⁷ [fg. 23B 11DK]. E, da mesma forma, teria roubado deste verso escrito por Homero a ideia de que os corpos mortos são insensíveis⁸: “*pois contra terra insensível, apenas, a fúria exercita*” [*Iliada*, 24. 54].

[274] E, de fato, não apenas essas coisas se revelaram muito bem expressas pelos poetas, mas também o que dizem sobre os deuses, por exemplo, Eurípides em seu *Frixo*: *Qualquer mortal que acredite poder fazer o mal / dia após dia e passar despercebido pelos deuses / é leviano, e sucumbirá à sua própria leviandade, / tão logo a justiça tenha tempo livre.*⁹ [fr. 835 Nauck²]

Pois bem, se de fato esses dizeres e outros semelhantes são úteis, mas não se pode compreendê-los sem a ajuda da gramática, então a gramática também será algo útil para a vida.

[275] E, conforme dizem, a gramática traria, além do mais, algumas vantagens especiais para as pátrias daqueles que se instruem nela.¹⁰ Ao menos se diz que os lebedianos estavam disputando com seus vizinhos acerca de Camandodo e que seu gramático venceu a disputa ao citar Hipônax: *E não me venha com figos lebedianos de Camandodo*. [fr. 124 West²]

E por tornar bons em conversação os homens que se dedicam a ela, evidentemente que neste sentido também trará, em muitas circunstâncias, benefícios para seus próximos. [276] Isso se verifica a partir dos próprios resultados. Pois Sóstrato, segundo dizem, foi enviado por Ptolomeu a Antígono, para tratar de algum assunto do interesse real e, quando este lhe respondeu de forma precipitada, teria obtido êxito ao contestar: “*Abalador poderoso, desejas que a Zeus, em verdade, / dê, de tua parte, um recado tão duro e insolente como esse? / Não será bom refletires? Os homens sensatos são dóceis.*” [Ilíada, 15. 201–203] Com efeito, ao escutar tais palavras, Antígono mudou de ideia.

[277] De fato, há muitos argumentos semelhantes em favor da enorme utilidade da parte da gramática que trata de poetas e escritores, mas vamos nos dar por satisfeitos com os já expostos, como um padrão, e passaremos a contra-argumentar cada um deles.

Pois bem, o argumento de que a poesia gnômica é útil para a vida e o princípio da filosofia e que a interpretação dela compete à gramática, realmente é típico de um gramático. [278] Porque, em primeiro lugar – e coincidimos com eles ao não levantar acusações contra a poesia¹¹, – é evidente que aquilo que nos poetas é necessário e útil para a vida, tais como as máximas de sabedoria e as exortações, estará já claramente formulado e não será preciso explicação gramatical; e o que não está dito claramente e precisa de explicação gramatical, como o que está escrito de forma enigmática ou em histórias insólitas (*xenai*), é de todo inútil.¹² De forma que a utilidade da gramática não sobrevém do benefício que nos trazem aquelas primeiras, e acaba por acomodar-se à futilidade¹³ destas últimas.

[279] Ademais, uma máxima é apenas uma asserção, como a seguinte: *Um único conselho sábio conquista muitas mãos, / mas a ignorância aliada à multidão é o pior dos males*. [Eurípides, *Antíope*, fr. 200 Nauck²] E uma asserção não é capaz de convencer o intelecto da propriedade do que é dito, mas é preciso haver provas. E não é tarefa da gramática, mas da filosofia, dar provas do que está, ou não, apropriadamente dito.¹⁴ Assim, também dessa maneira, a gramática acaba por ser vã e supérflua.

Na verdade, se é por causa das muitas coisas que os poetas dizem de maneira tão adequada e proveitosa para a vida que a pitonisa gramatical deles é útil, então, visto que o número de coisas que eles disseram de maneira deplorável e ofensiva à vida é muito maior, ela se tornará inútil. Pois, assim como há um que diz: *Não me fales de Riqueza; eu não venero um deus / a quem até o mais vil facilmente conquista*; [Eurípides, *Éolo*, fr. 20 Nauck²] também haverá o que declara o contrário: *Ó, ouro, para os mortais a mais bela posse. / Para os homens, tal prazer não nos dá, / nem a mãe, nem os filhos, nem um pai querido, / tal como fazes tu, e aqueles que te têm em casa*. [Eurípides, *Dânae* fr. 324 Nauck²] E também: *Sejas bem-sucedido: amizades não existem na miséria*. [Eurípides, *Fenícias* 403] e *A mais bela das melodias é a voz de um homem rico*. [fr. adesp. 464 Nauck²]

[280] Frente a tão díspares afirmações, feitas sem prova, os homens tendem à escolha do pior, e é por esse motivo que a poesia é vista como algo nocivo. E quando se distingue o que deve ser preterido do que deve ser preferido, não é a gramática que é útil, mas aquela que tem a capacidade de diferenciá-los, ou seja, a filosofia. E não são os que legitimamente (*gnesios*) filosofam que fazem uso dos testemunhos de poetas (pois, no caso desses, seu próprio raciocínio é o bastante para convencer), mas aqueles que iludem as multidões nas praças públicas.¹⁵

[281] Certamente não é difícil demonstrar que os poetas se contradizem e cantam o que quiserem do modo como quiserem, quando mesmo os que são de fato¹⁶ filósofos frequentemente dizem coisas contraditórias. Pirro, um dos acusadores da gramática, estava constantemente a ler a poesia homérica, mas não certamente pela razão mencionada, mas talvez para entreter-se (*psukhagogia*)¹⁷, como se estivesse assistindo a uma comédia, e talvez também para observar estilos (*kharakterai*) e figuras poéticas. [282] Pois se diz que Pirro teria ele próprio escrito um poema para Alexandre da Macedônia e teria sido gratificado com mil moedas de ouro. E não é improvável que existam também outras razões, e sobre elas nos debruçamos em nossas *Pirrônicas*¹⁸.

[283] E Epicuro não tomou de Homero o “limite da intensidade do prazer”. Porque difere muitíssimo dizer que alguns homens pararam de comer e de beber e de satisfazer seus desejos (pois isso é o que diz o verso: *Então, quando aplacaram o desejo de comer e beber [Ilíada, 1. 469]*), de dizer que “o limite da intensidade do prazer” é “a extinção de toda dor”. Pois isso não sobrevém naturalmente somente com a carne e o vinho, bastam os alimentos mais simples.

[284] Por outro lado, o poeta fez essa afirmação apenas sobre as coisas que eles tinham ingerido, mas o limite de Epicuro se estende a todas as coisas prazerosas (*apolausta*), incluídas aí as relações sexuais e todo mundo sabe qual era o pensamento de Homero a esse respeito.¹⁹ Talvez Sófron²⁰ tenha mesmo dito que a morte não é nada para nós, mas quem o demonstrou foi Epicuro — e o admirável não é dizer, mas provar.

[285] Além do mais, Epicuro não disse que “a morte não é nada para nós” no sentido de que não há diferença entre viver ou estar morto (pois viver é de longe muito melhor, já que o bem (*to agathon*) pertence aos que podem sentir), mas porque na ausência de sensações não há bem nem mal.²¹ E, com efeito, todo mundo sabe que os corpos mortos são insensíveis, não apenas o poeta. Assim, uma mãe, repetindo lamentos pelo filho morto, diz “tu não sentes nada, e eu sofro miseravelmente”, e com os olhos fixos nele exclama: “de que te serve isso agora?”

[286] E tudo isso não nos impede de, ao procurar com alguma atenção, encontrar o poeta a expressar justamente a opinião contrária. Assim, as almas estão comumente sedentas de sangue: “*Mas, para o lado do fosso retira-te e a espada recolhe, para que eu possa do sangue provar e dizer-te a verdade*”. [Odisseia, 11. 95-6]ⁱ E Tântalo permanece no pântano onde: ...

ⁱ Blank, *ad loc.*, deleta {ὁ δὲ Τιτυὸς ὑπὸ γυπῶν διὰ τὴν ἐπιθυμίαν ἠπατοφαγεῖται}: [O fígado de Tício é devorado pelos abutres por causa de sua luxúria]. Sexto menciona o suplício de Tício, bem como o de Tântalo, de maneira a criticar a contradição dos versos homéricos acerca das sensações de alguém que já está morto, nos *Contra os Físicos* M 9. 68-70: ‘todo aquele que sofre é mortal.’

com água a bater-lhe no queixo. / Sede sofria; mas era impossível jamais minorá-la [Odisseia, 11. 583-584].²²

[287] E, quanto ao que foi dito por Eurípides sobre os deuses, até as pessoas comuns têm a mesma opinião. Pois dá na mesma dizer isto: *Qualquer mortal que acredite poder fazer o mal / todos os dias e passar despercebido pelos deuses / é leviano, e sucumbirá à sua própria leviandade, / tão logo a justiça tenha um tempo livre*; [fr. 835 Nauck²] ou, como dizem muitos: *Lentamente moem os moinhos dos deuses, mas moem muito fino*²³; a única diferença está no tipo de metro²⁴.

[288] E se alguém procurar com atenção descobrirá que são muito piores as suposições dos poetas que aquelas das pessoas comuns. Mesmo que nosso proclamado “dramaturgo filósofo”²⁵ ainda pareça bastante moderado quando diz não saber a quem faz suas súplicas: *Ó Zeus, suporte da terra e que sobre a terra tens teu assento, / Quem quer que seja, ser inescrutável, / Necessidade da natureza ou mente dos mortais, / A ti dirijo minhas súplicas!* [Eurípides, *Troianas* 884-7]

[289] De acordo com Xenófanes de Cólofon, Homero e Hesíodo *fizeram alarde de inúmeros atos criminosos dos deuses: / roubar, trair e enganar uns aos outros*. [Xenófanes, B12 DK] Com efeito, Crono²⁶ (e dizem que a vida era só felicidade em seu tempo) castrou o pai e devorou os filhos, e quando foi deposto pelo seu próprio filho Zeus, este “*pôs Crono embaixo da terra fecunda e do mar incansável*.” [Iliada, 14. 204-205] [290] E contra Zeus conspiraram seus próprios familiares, e Tétis foi quem o ajudou, “*quando outros deuses do Olimpo em liame quiseram prendê-lo, Hera e Posido, de escuros cabelos, e Palas Atena*.” [Iliada, 1. 399-400], pois Zeus é muito cruel, não lhe bastou ter posto na forca a irmã e esposa, como se houvesse profanado um templo, mas ainda a insultou dizendo: “*Ou não te lembras do tempo em que no alto ficaste, suspensa, / com duas grandes bigornas, nos pés amarradas, e algemas / de ouro, infrangíveis, nos punhos? Pendeste das nuvens, desta arte, / indignação provocando nos deuses do Olimpo*” [Iliada, 15. 18-21] [291] E, tomado de cólera, do céu atirou abaixo Hefesto, que “*foi ter a Lemno, sem dar quase mostras de ainda estar vivo*” [Iliada, 1. 593]. Também desdenha do irmão, dizendo “*seu tenebroso palácio, que até pelos numes é odiado*” [Iliada, 20. 65-66]. Some-se a sua crueldade, sua intemperança. Ao ver Hera toda arrumada sobre o monte Ida, não se conteve e, sem esperar que chegassem ao quarto, ali mesmo rolou no chão com sua mulher, e “*Fez, logo, que erva florida da terra divina crescesse, / loto rociado e virente, açafreão prazenteiro, e jacinto*” [Iliada, 14. 347-348]

[292] Assim, pois, revelada a inconstância da poesia, percebe-se a inutilidade da gramática, já que não é capaz de apontar quais coisas devemos crer como verdadeiras e quais desacreditar como falsos mitos.

[293] Mas se dizem que a gramática é útil para uma cidade, porque os lebedianos obtiveram uma vitória graças a uma citação poética, nós diremos que, no que depender dessa relação, também a dança é necessária. Pois Sótrato, bailarino de Antíoco, quando o rei tomou sua cidade natal, Priene, à força, ao ser obrigado a dançar no banquete de comemoração, disse não ser correto dançar a dança da liberdade enquanto sua pátria era escravizada, e por causa disso a cidade foi libertada.²⁷

[294] Além disso, uma coisa é ser útil para a cidade, outra é ser útil para nós mesmos. Assim, o ofício do sapateiro e o do ferreiro são necessários para a cidade, mas não é necessário tornarmo-nos sapateiros ou ferreiros para alcançar a felicidade. Por isso, a gramática também não nos é necessariamente útil, mesmo que seja útil para a cidade. E a arte da conversação não é do tipo que sobrevém da gramática, mas sim de alguma aptidão comum; [295] a não ser que Dêmades o orador, fosse também gramático, pois, feito prisioneiro junto com muitos outros atenienses depois da derrota em Queroneia, disse a Felipe, que tentava obrigá-lo a participar de um banquete²⁸: “*Haverá quem se julgue dotado de espírito justo / e que se atreva, em verdade, a tocar em comida ou bebida / antes de os sócios haver libertado e de os ter sob os olhos?*” [Odisseia, 10. 383-385]

[296] Tais são, portanto, as objeções que se colocam contra as reivindicações dos gramáticos. Principalmente, deve ser dito que se apenas os poetas fossem úteis para a vida, talvez a gramática, por se ocupar deles, pudesse vir a ser útil para a vida; por ora, já que são de nenhuma ou pouca utilidade, e os filósofos e demais escritores em prosa é que ensinam o que é útil, não precisamos da gramática.

[297] Que os escritores, mais que os poetas, mostram o que é útil para vida, infere-se facilmente. Pois o objetivo dos primeiros é a verdade, já os outros querem de toda forma entreter, e muito mais que a verdade, é o falso que entretém. Assim, devemos preferir nos aliar aos primeiros e não aos últimos, que deliberadamente perseguem o falso.

[298] Em geral, no que se refere aos poetas, a poesia não é apenas desnecessária para a vida, é também muito prejudicial. Pois a poesia se faz fortaleza para as paixões humanas, e assim como *a mais doce palavra para um velho é a de outro velho* [fr. com. adesp. 1206 (= 3, 606 Kock)], os loucos de amor e os bêbados exaltam-se ainda mais ao lerem a poesia de Alceu e Anacreonte, e os irascíveis tomam por mestres em seus vícios a Hipônax e Arquíloco.

[299] Pois bem, isso é o que outros dizem sobre o assunto, principalmente os epicuristas; levantemos nós, que não temos nada contra a poesia, outro tipo de refutações contra aqueles que creem possuir na gramática uma arte para discriminar o que é dito por poetas e escritores.²⁹

[300] Assim como toda composição em prosa ou poesia consiste de palavras e de coisas, ou seja, palavras que expressam e coisas que são expressadas, o gramático, se possui a arte de analisar o que é dito por poetas e prosadores, deve conhecer as palavras, ou as coisas subjacentes, ou ambas juntas. E, nem é preciso dizer, parece que não conhece as coisas. Com efeito, trata-se de coisas que são próprias tanto do estudo da natureza, quanto da astronomia, ou da medicina, e também da música. E convém àquele que lida com coisas da natureza, ser, obviamente, um filósofo da natureza; da música, convém ser músico; da astronomia, ser, claro, um astrônomo; e assim por diante. Mas o gramático certamente não é alguém que ao mesmo tempo é sábio em tudo e domina todas as áreas do conhecimento (*episteme*), o que, além de ser imediatamente óbvio, também se prova através de resultados.³⁰

[301] Por onde andaria tão orgulhoso gramático capaz de entender Heráclito³¹, ou acompanhar Platão quando diz: “do que tem substância indivisível e sempre na mesma condição, e da substância que está dividida em vários corpos, misturando ambas, compôs

uma terceira forma, com natureza de uma e de outra”³² [Platão, *Timeu* 35a] e a sequênciaⁱⁱ; ou que teria força para lançar-se aos teoremas dialéticos de Crisipo, ou aos matemáticos de Eudoxo e Arquimedes?

[302] Certamente, da mesma maneira que estaria como cego frente a tais coisas, também estaria frente aos poemas escritos sobre elas, por exemplo, quando Empédocles³³ diz: *Eu vos saúdo como um deus entre vós, não mais mortal, / e vou, honrado por todos.*³⁴ [B112 4-5DK]; e também: *Mas por que me debruço sobre isto como se fosse importante, / se sou superior aos homens mortais tão perecíveis?* [B113 DK]

Gramático e homem comum iriam supor que o filósofo se expressou assim por ser pretensioso e desprezar os outros homens – comportamento que seria estranho mesmo em alguém medianamente versado em filosofia, sem falar de um homem da envergadura de Empédocles. [303] Mas, quem parte da teoria natural sabe que a doutrina de que pelo similar se conhece o similar é realmente antiga; procede, supõe-se, de Pitágoras, e aparece mesmo no *Timeu* de Platão, além de ter sido expressa muito antes pelo próprio Empédocles: *Pois pela terra entendemos a terra, pela água a água, / pelo éter o éter divino, e pelo fogo o fogo que destrói, / pelo amor o amor, e a violência pela violência que corrompe;* [B109 DK]. Assim, esse homem compreenderá que Empédocles nomeou a si mesmo “deus” porque somente ele preservou sua mente livre de maldade e impureza, e compreendeu o deus exterior através do deus em si mesmo.³⁵

[304] Quando Arato escreve: *O brilho do raio que parte do olho, / seis vezes percorrido em si mesmo: e cada um, / de igual medida, dois astros zodiacais comporta*³⁶ [Arato, *Fenômenos* 541-3]; não é coisa de gramático saber que a medida da linha reta que parte de nossos olhos ao orto solar, se multiplicada seis vezes, dará a medida do círculo zodiacal, de tal forma que ela própria cortará dois signos do zodíaco. Mas um matemático sim, ele demonstra geometricamente (*grammikos*)³⁷ que a sexta parte do círculo do zodíaco fica sobreⁱⁱⁱ a linha reta traçada até o orto solar.

[305] Quando Tímon de Fliunte compara Pirro ao sol, dizendo: *Sozinho, aos homens governas, como o deus / em circular caminhada rodeia toda a terra, / e deixa ver o orbe ardente em fogo de sua bem lavrada esfera* [fr. 841.5-7 Lloyd-Jones/Parsons]³⁸, para os gramáticos vai parecer que o diz por honrarias e para aumentar a fama acerca do filósofo. Mas outra pessoa poderá verificar que, comprovadamente, isso que diz de Pirro está em conflito com os exemplos^{iv} que Tímon apresenta para as aspirações célicas, pois, se o sol ilumina o que antes não se via e o revela; Pirro, ao contrário, lança violentamente para a obscuridade o que antes estava claro para nós.

ⁱⁱ Blank, *ad loc.*, deleta {– περὶ τὴν λέξιν πάντες οἱ Πλάτωνος ἐξηγηταὶ ἐσίγησαν –}:{(sobre esta passagem todos os intérpretes de Platão guardaram silêncio)}. Dalimier, *ad loc.*, mantém a passagem e modifica τὰ ἐξῆς (anterior à supressão de Blank) por τὸ ἐξῆς, obtendo assim: ‘o significado atribuído à expressão, foi mantido em segredo por todos os comentadores de Platão.’ Ver também Bett, *ad loc.*

ⁱⁱⁱ Blank, *ad loc.*, com Blomqvist, p. 12: por ἀπὸ, ἐπὶ.

^{iv} Blank, *ad loc.*, com Giusta, p. 429: retém τὰ παραδείγματα.

[306] No entanto, para quem tem uma abordagem mais filosófica, é nítido que não é isso. Esse dirá que Pirro, à maneira do sol, faz suspender o julgamento. Da mesma forma que o deus obscurece os olhos daqueles que o encaram diretamente, o raciocínio cético confunde os olhos do entendimento dos que lhe dedicam uma atenção concentrada, assim, cada um dos argumentos que nos oferece a excessiva arrogância dogmática se torna inapreensível.

[307] E, se é preciso estender a discussão para a teoria médica, também aconteceu^v de muitas vezes um adjetivo dito, sem mais, pelo poeta revelar um sentido profundo e científico, como por exemplo: “leito feito de juncos densos” usado por Homero [*Ilíada*, 4. 383], cujo significado um gramático não pode alcançar, isto é, que a semente do junco encoraja a relação sexual, e o poeta chama “leito” ao ato sexual.³⁹ [308] Ou o que é dito por Eurípides acerca da filha de Licomedes, Deidâmia: *Sua filha está doente e está correndo risco./ Por quê? Que intruso a agride?/ Acaso não é um frio que molesta seu flanco com bile?* [Eurípides, *Esquirenses* fr. 682 Nauck²] Pois está perguntando se ela não sofre de pleurisia, já que os que padecem dessa enfermidade tosse bile. Nada disso sabe o gramático.

[309] Contudo, talvez seja demais constranger os que se dedicam à gramática com questões sobre coisas muito antigas e provavelmente específicas, quando não são sequer capazes de compreender um epigrama qualquer, como, por exemplo, o que escreveu Calímaco⁴⁰ sobre Diodoro Crono: “Veja lá, os corvos sobre os telhados gralhando: ‘De que tipo são as condicionais?’ e ‘Como seremos de novo?’” [fr. 393.3 Pfeiffer] [310] Pois Crono⁴¹ era um grande dialético e ensinava como se deve julgar a validade das proposições condicionais⁴², de forma que, por causa da influência de seus ensinamentos, até mesmo os corvos sobre as casas, de tanto ouvirem, gralhavam seu critério para as proposições condicionais. Isso o gramático diria, e até aqui não vai além do que sabem mesmo as crianças. [311] Mas quando chega a “como seremos de novo” cala-se, por não encontrar o objeto a que se refere. Pois é tarefa do filósofo dizer que a opinião de Diodoro é a de que nada se move.⁴³ Pois o que se move, ou se move no lugar em que está ou no lugar em que não está, e não se move no primeiro, nem no segundo: logo não se move. Se nada se move, nada perece. [312] Pois, assim como nada se move, já que não se move no lugar em que está, nem tampouco no que não está, do mesmo modo o que está vivo não morre quando está vivo, nem, tampouco, quando não está vivo; conseqüentemente, não morre nunca. E se é assim, vivemos para sempre, segundo ele, e seremos de novo.⁴⁴

[313] Portanto, os gramáticos não compreendem as coisas a que as palavras se referem. Faltou então considerar que compreendam as palavras, o que é novamente um disparate. Primeiro, porque não possuem *técnica*⁴⁵ para conhecer a palavra. De fato, não foi a partir de nenhuma arte que ficaram sabendo que os pastores em Sófocles quando dizem “*io ballen*”, estão dizendo “*io basileu*”, ou seja, “Ai, rei!” em frígio [fr. 515 Radt], mas porque ouviram de outros. E não haverá diferença entre interpretar palavras estrangeiras ou aquelas raras, pois são igualmente incomuns para nós.⁴⁶

[314] Segundo, tal coisa é impossível, porque as palavras são infinitas e se formam de inúmeras maneiras diferentes, em lugares diferentes, ou são usadas para nomear coisas que

^v Blank, *ad loc.*, com Bury, que segue Hervetus: <ἔστιν>.

sequer conhecemos. Como por exemplo: “falava inteiramente como um estrangeiro, com as mãos feridas”, em que “falar como um estrangeiro” está por “tocar siringe” (*esyrize*), pois os sírios são estrangeiros; e “inteiramente” (*holon*) está por “todo” (*pan*), ou seja, “*pan*”, que soa como Pã; e “ferida” está por “siringe”, já que uma flauta tem aberturas como feridas. E assim a frase toda seria algo como: “Tocou Pã com sua siringe em mãos”.⁴⁷

[315] Além disso, como os gramáticos saberiam o que significam certas palavras científicas como, por exemplo, “a entelêquia” ou o “o que era para ser” (*to ti en einai*), de Aristóteles?⁴⁸ Ou como entenderão a força que tem junto aos cétricos a expressão “nada é mais” (*ouden mallon*)? Se é interrogativa ou declarativa, e a que se aplica: ao que nos é exterior (*to ektos hupokeimenon*) ou a nossos sentimentos (*pathoi*)?⁴⁹

[316] E o que dirão de tal poema composto em termos tais: *Podarias⁶ tu, sob as montanhas gêmeas, como dois amantes, / perecer e por destino uma natureza mais baixa adquirir. / Membros articulados igual serpente, o corpo todo, / do tronco ao trocânter, revolvendo-se, / e por baixo do receptáculo terríveis raposas reúnem-se / pela eternidade da harmonia do amante.*⁷

[317] Quem são os “amantes”, as “montanhas”, a “articulação igual serpente”, ou o “trocânter”, ou o “tronco”, ou as “raposas”, ou o “receptáculo”, ou a “eternidade”, ou a “harmonia”? – e não são expressões figurativas ou cujo sentido se precisa levantar historicamente⁵⁰, mas estão sendo usadas em um sentido próprio (*kurios*)⁵¹. Ainda que mil vezes o vasculhem não compreenderão.⁵²

[318] Portanto, se não conhecem nem as coisas e nem as palavras, e prosa e poesia são isso e nada mais, eles não podem ter uma arte capaz de interpretar o que é dito por poetas e escritores. Além disso, se fôssemos fazer uso da gramática, seria para os melhores poemas e não para os ruins. Mas, de acordo com eles, o melhor poema é o que está claro, [319] pois clareza é virtude (*arete*) em um poema, e a falta de clareza é ruim, segundo a gramática. Assim, portanto, a gramática não tem utilidade quando se trata de um poema muito bom, porque é claro e não precisa de explicação; nem é útil para o poema ruim, porque é, de imediato, ruim.

[320] E também, aquilo sobre que se discorda indefinidamente é inapreensível, e os gramáticos discordam indefinidamente acerca das interpretações do pensamento (*dianoia*) dos escritores. Logo, inapreensível é o pensamento dos escritores, e por isso a gramática é inútil.⁵³

Porém, contra os que se dedicam a essa disciplina, certamente deve bastar o que já foi dito. E, a partir de outro princípio, vamos considerar o que precisa ser dito contra os retóricos.⁵⁴

^{vi} Blank, *ad loc.*, com Blomqvist, p. 17: εἰ por ἦ nos MSS.

^{vii} Blank, *ad loc.*: modificado, com Blomqvist, p. 13-18.



Notas à tradução

¹ Nossa preocupação principal foi encontrar equilíbrio entre a imprescindível permanência e padronização de termos e conceitos técnico-filosóficos e a fluência da argumentação, salvaguardando características do estilo retórico sextiano, sem nos restringirmos a mimetizar propriedades da língua grega em português. A padronização de termos acontece por ser necessário preservar, ainda que artificialmente, a especificidade daquele termo em um contexto maior, que o relaciona a uma tradição. Tal tradição, no entanto, não é somente, e necessariamente, a do contexto de produção. Pelo contrário, é geralmente a do contexto de recepção. Procuramos, portanto, não perder de vista o lugar em que se insere nossa contribuição, herdeira dessa tradição. As notas de fim procuram esclarecer o leitor acerca de nosso caminho interpretativo e disponibilizar informações que permitam visualizar outras associações e leituras diferentes da nossa. O leitor encontra disponível em português uma tradução completa do *Contra os Gramáticos*: Brito e Huguenin, 2015. Nosso texto grego de base, diferentemente dessa tradução mencionada, é o de J. Mau e H. Mutschmann, *Sexti Empirici opera*, vol. 3, 2ª edição, Leipzig: Teubner, 1961, presente no *corpus online Thesaurus Linguae Graecae*. A mesma edição serviu de base para a tradução de Blank (1998) e a de Bett (2018). Bury (1949), para as edições Loeb, segue o texto de I. Bekker (1842). Acatamos, de modo geral, as modificações feitas por Blank e anotadas em sua tradução. Quando seguimos uma inserção sugerida por Blank, informamos em nota de rodapé e usamos o sinal <...>. No caso de uma supressão, a nota de rodapé traz o texto grego suprimido usando os símbolos: {...}. Os trechos de poesia citados por Sexto, com exceção das citações da *Iliada* e da *Odisseia*, em que usamos, para todas as ocorrências, as traduções de Carlos Alberto Nunes, foram traduzidos sem fazer uso de recursos poéticos.

² Os argumentos gerais da “parte da gramática que trata de poetas e escritores” analisados por Sexto na sequência não estão relacionados às práticas anteriormente vinculadas a essa parte: leitura, exegese e julgamento de poemas (§ 251), em que julgamento de poemas se referia à interpretação das passagens obscuras, julgamento do que está correto ou não, e distinção do genuíno ou espúrio (§ 93). Antes, voltam-se à reivindicação da gramática quanto ao seu papel central na educação do homem através da literatura. Blank (1998, p. 281-287) vincula toda esta passagem: exposição dos argumentos dos oponentes (§ 270-276) e refutação (§ 277-298), a uma provável fonte epicurista e traça diversos paralelos principalmente com os escritos de Filodemo. Embora as raízes dessas questões retrocedam, no mínimo, a discussões platônicas no *Protágoras*, *Eutífron*, *Íon* e *República*, Blank reconhece um ataque epicurista contra Asclepiades, e o pensamento gramatical representado por ele, que parece ter defendido a primazia da poesia sobre a filosofia. Contudo, o alvo dos epicuristas seriam os estoicos e sua sabedoria calcada em citações poéticas. Sexto afirma em § 299 que os argumentos contra a poesia foram tomados principalmente dos epicuristas e em § 278 faz um adendo para apontar

que o argumento não é contra a poesia e, assim, coincide com seu ponto de vista, provavelmente um argumento de origem pirrônica como o que aparece em § 319, ver nota 61 abaixo. O ataque propriamente sextiano visa a gramática e não a poesia.

³ Convém considerar que Sexto não sustenta tais pontos de vista, mas apresenta um resumo da posição dos gramáticos.

⁴ Fragmento de uma peça desconhecida de Eurípides. Aulo Gélio (*Noites Áticas* VI 16) diz que Crisipo costumava citá-la.

⁵ A justaposição de acusações contra Epicuro e Pirro/Tímon aconteceu também em § 49-55. Note que não se fazem acusações a Pirro acerca do roubo de doutrinas aos poetas.

⁶ Epicarmo é um poeta cômico siciliano do século V a.C. Diógenes Laércio (3. 9) diz que Platão utilizou muitas expressões que eram na verdade de Epicarmo.

⁷ A mesma passagem é atribuída a Sófron (autor de mimos, posterior a Epicarmo) em § 284.

⁸ cf. Epicuro, *Carta a Meneceu*, 124: “a morte é a ausência de sensação”.

⁹ A passagem é citada mais à frente § 287 com uma pequena modificação: *touphemeron por kath' hemeran* (“dia após dia”).

¹⁰ Este argumento parece ter sido um lugar-comum nos discursos de exaltação às artes; Cf. *M* 2. 26.

¹¹ Ver nota 27 abaixo.

¹² No caso de este argumento ser da lavra do próprio Sexto, poder-se-ia supor que expõe um julgamento de valor entre a poesia útil: clara e direta; e a inútil: enigmática e obscura.

¹³ *Mataioteti*: ver o uso do adjetivo *mataios* (“fútil”) em § 170 e 174.

¹⁴ Um argumento semelhante aparece em § 157 e 188, mas, naquele ponto, tanto a prova quanto a asserção levam a consequências inaceitáveis. Nesta passagem, a recomendação explícita de que a filosofia forneça as provas da correção da poesia gnômica dificilmente seria um argumento pirrônico, lembraria mais a posição epicurista, ver Filodemo, *De Rhet.* 5. A distinção entre prova e asserção, à maneira epicurista, aparece novamente em § 284 e 280. Cf. Blank, *op. cit.*, p. 297-298.

¹⁵ A suposta fonte epicurista aqui poderia atingir os sofistas, mas seu alvo principal provavelmente eram os próprios estoicos, célebres por exagerarem em citações poéticas.

¹⁶ Conforme afirmou Bett (2018, n. 275): “i.e. aqueles para os quais a filosofia é sua ocupação principal. A tradução de Blank: ‘aqueles que filosofam profissionalmente’ produz o efeito apropriado, exceto pelo anacronismo (parcial) envolvido na noção de uma ‘profissão’ acadêmica. A tradução de Bury: ‘filósofos principais’ e a de Pellegrin et al.: ‘filósofos eminentes’ não faz jus à força de *proegoumenos*.”

¹⁷ Os epicuristas aprovavam a utilidade da poesia para o entretenimento (cf. Filodemo, *De Mus.* 4, *De Poem.*)

¹⁸ Supostamente uma obra perdida. Cf. *Contra os Músicos*, *M* 6. 52 e 58.

¹⁹ Ver a citação homérica em § 289.

²⁰ Em § 273 ele havia mencionado Epicarmo como autor deste pensamento.

²¹ Cf. *Carta a Meneceu*, 124.

²² Os exemplos contradizem a ausência de sensações após a morte: a alma alimenta-se e sofre. Comparar estas passagens, e também *M* 9. 67-8, com a argumentação de Lucrécio em 3. 894 ss.

²³ Há uma paráfrase deste provérbio em Plutarco, *De sera num. vind.* 549d.

²⁴ Trímetros iâmbicos e hexâmetro dactílico, respectivamente.

²⁵ Denominação comum de Eurípides, aparece, por exemplo, em Ateneu e Clemente de Alexandria.

²⁶ Cf. Platão, *Eutífron*, 5e-6a, onde Eutífron aponta a inconsistência entre essas histórias e sentimentos populares em relação, por exemplo, à justiça divina. Filodemo (1609, 4. 8 e 1088, 8. 22) também tratou de desarmar o conceito de que a vida fosse feliz no tempo de Crono.

²⁷ A mesma anedota aparece em Libânio, *Discurso LXIV (Pro saltatoribus)*, 119, sem o nome do bailarino. Ainda que a dança seja a moeda de troca do bailarino, não teria sido ela, propriamente, que salvou a cidade, mas sua presença de espírito e eloquência. Portanto, o que é dito acerca da gramática, poderia ser dito acerca de qualquer arte, mesmo uma considerada inferior, como a dança.

²⁸ DL (4. 9) conta a mesma anedota em relação a Xenócrates.

²⁹ Sexto abandona, portanto, o ataque à poesia e volta-se para o ataque à gramática como *tekhne*, fechando a discussão com um argumento mais afim a sua orientação filosófica. Os argumentos epicuristas visavam principalmente mostrar que a poesia era menos útil que a filosofia e que a poesia, para não causar prejuízos, precisaria passar pelo crivo do filósofo. A possibilidade de que os gramáticos pudessem preparar o terreno para o filósofo, arcando com o trabalho preliminar sobre a linguagem e outros problemas e, então, apresentar ao filósofo as máximas que ele deveria julgar, não foi afetada por estes argumentos. Também havia ficado em aberto a questão a respeito da prosa. Portanto, Sexto deve mostrar a plena inutilidade da gramática de forma a eliminar também essas possibilidades. Cf. Blank, *op. cit.*, p. 327.

³⁰ O “conhecimento de todas as coisas” foi um dos tópicos discutidos em relação às competências linguísticas, principalmente acerca da retórica, mas estendendo-se também à gramática, e mesmo à arquitetura. Ver, por exemplo, Vitruvius, *De Architectura* I. 3, Quintiliano I. 4. 4, Cícero, *De Oratore*, 2. 2, Aristóteles, *De Rhetorica* I. 2, 1355b26-35. É tópico recorrente, portanto, nas divergências que implicavam o movimento sofista, ver Prezotto, 2009.

³¹ A obscuridade dos escritos de Heráclito foi célebre. DL 9. 15 apresenta uma lista dos intérpretes de sua obra.

³² Esta passagem e a sentença seguinte são comentadas por Plutarco em seu tratado *De animae procreatione in Timaeo*.

³³ Sexto cita Empédocles também em *M* 7. 115-25.

³⁴ O fragmento 112, 4-5, foi também citado pelo historiador Timeu de Tauromenion (DL 8. 66) para exemplificar sua declaração de que o modo de vida de Empédocles contradizia sua poesia, já que ele parece ter levado uma vida moderada e respeitável, enquanto em seu poema soa como um egoísta pretensioso. Este é exatamente o tipo de interpretação que Sexto diz que um “gramático ou homem comum” iriam supor. Ver Blank, *op. cit.*, p. 335.

³⁵ Sobre a purificação da alma no intuito de torná-la semelhante a “deus” e apta a apreender as “Formas”, ver, por exemplo o *Fédon* 79d ss. e *Teeteto* 176a ss. de Platão.

³⁶ Sexto omite o verso seguinte: “chama-se círculo zodiacal”. Hiparco (I, 1004A Mass) afirma que a interpretação de Arato é simples, mas não o entendimento das questões astronômicas, que convém a um astrônomo. O escólio ao poema astronômico de Arato cita alterações equivocadas propostas por “gramáticos”, opondo-as às corretas explicações dos “matemáticos”, i.e., astrônomos. Cf. Blank, *op. cit.*, p. 330-331.

³⁷ A “prova” está em Euclides, *Elementa*, 4. 15: cada lado de um hexágono regular inscrito em um círculo é igual ao raio do círculo.

³⁸ Dalimier (2002, nota *ad loc.*), seguindo Bekker, propõe ἑλῶν (*helon*: “tendo tomado à força” – “tendo em seu poder”) ao invés de ἑλῶν (*elon*: conduzindo), na segunda linha do verso.

³⁹ Estes dois adjetivos são aplicados por Agamêmnon ao vale do rio Esopo. Não foi encontrada nenhuma passagem antiga que explique a relação pretendida por Sexto a partir da semente do junco. Cf. Blank, *op. cit.*, p. 339-340 e Dalimier, *op. cit.*, nota *ad loc.*

⁴⁰ O ‘poeta’ Calímaco (c. 305-240 a.C.) foi também gramático em Alexandria. Segundo DL 2.111, Diodoro Crono frequentou a corte de Ptolomeu Sóter, que se declarou rei do Egito em 304 a.C.

⁴¹ Diodoro Crono, um filósofo jônico que ensinou primeiro em Atenas, onde influenciou os fundadores das principais escolas helenísticas de filosofia, como Arcesilau, Zenão e seus contemporâneos, e depois foi para Alexandria, parece ter morrido ao redor de 285-282 a.C. Ver, sobre ele, Sedley, 1977 e 2018.

⁴² *Lit.* “conexão” (*to sunemmenon*): uma “proposição conectada” (“se...então...”) faz parte dos enunciados complexos da lógica estoica. Considerando a exposição de Sexto acerca da controvérsia entre Diodoro e Fílon de Megara em *PH* 2.110, *M* 8.112 ss, fica claro que discutem acerca da validade de proposições que chamamos “condicionais”. O critério de Diodoro para uma condicional válida é: ela não admite, nem nunca admitiu, a possibilidade de ter um antecedente verdadeiro e um conseqüente falso. (Cf. Cícero, *De Fato*, 9.17). Ver Manetti, 1993, p. 104 ss.

⁴³ Cf. *PH* 2. 110, 242; *M* 7. 112.

⁴⁴ Paradoxos acerca do movimento são utilizados por Sexto em outras passagens. Em *PH* 2. 242 e *PH* 1. 312 estão conectados às aporias sobre causa ativa e passiva e ao argumento contra a morte. Em *PH* 3. 71, *M* 10. 85 de maneira detalhada, em relação a Diodoro Crono e seus opositores. Ver Kneale e Kneale, 1962, p. 128-138; Frede, 1974, p. 73; Sorabji, 1980, p. 70, 104. Acerca do “nasceremos de novo”, Blank (*op. cit.*, p. 344) conecta a teoria atomista de Diodoro implicada nos paradoxos do movimento com a possível conseqüência de que algo em movimento desaparece em um tempo e reaparece em outro. Assim, nossa existência poderia ser interpretada como uma seqüência contínua de desaparecimentos em um tempo e “(re)nascimentos” em outros. Ver, além disso, Denyer, 1981 (sobre o chamado argumento dominador) e Sorabji, 1983, p. 19 e 347.

⁴⁵ Mantemos o termo em itálico para lembrarmos-nos de que se relaciona à *tekhne*.

⁴⁶ Assim como se descobre o significado de palavras estrangeiras por se perguntar à pessoa certa (que o conhece e pode informar), também as palavras insólitas encontrariam explicação com uma busca adequada, provavelmente em livros, nesse caso. Nenhum dos dois procedimentos envolve *técnica*, ou seja, não pressupõem um sistema de proposições teóricas.

⁴⁷ Este exemplo pretende fazer uso da figura retórica da *metalepsis* (“substituição”): i.e., usar, pela palavra pretendida, o sinônimo de seu homônimo: siringe (um tipo de flauta) tem como homônimo siringe (um tipo de ferimento) cujo sinônimo (ferida) é usado no lugar da primeira. Nos outros casos, no entanto, Sexto usa “homônimos” cujas características prosódicas são distintas. Cf. Blank, *op. cit.*, p. 347-348.

⁴⁸ Alguns dos termos mais debatidos da filosofia até hoje.

⁴⁹ Cf. *PH* 1. 188-191. Sexto explica que alguns céticos usam a expressão no sentido interrogativo (“Por que isto mais que aquilo?”), e que é normal usar interrogativas por declaratórias e vice-versa e, ainda, que a expressão indica o sentimento (*pathos*) ou modo de sentir (em oposição ao objeto externo (cf. *PH* 1.15)).

⁵⁰ *kata historian*. Nossa interpretação não se afasta muito da de Bett (2018, *ad loc.*) como palavras ‘arcaicas’.

⁵¹ *Kurios* é o que qualifica um nome próprio, e também a expressão comum, corrente, em oposição a uma rara (*glossa*), estrangeira ou usada metaforicamente. Poderia, portanto, por extensão de sentido, referir-se a palavras usadas em um contexto familiar e, considerando a argumentação anterior, no contexto de uma determinada área do conhecimento. Blank (*op. cit.*, p. 349-350) sugere, seguindo a leitura de Blomqvist, *op. cit.*, p. 13-18, que o próprio Sexto tenha composto esses dísticos elegíacos com termos do seu domínio, ou seja, da medicina, a tradução que ele propõe (supondo que sejam termos médicos), em nota *ad loc.*, e que mantemos em inglês, é esta: “*Would that both your small toes beneath your metacarpals Might wither away and put that part in lowest place, The bones which move in the capped joint of the knee-hollow Become crooked up to the highest process of the femur, While the dark psoas-muscles from their bottom up to their loose Insertion at the spinal canal are contracted.*” Ver também Bett, *op. cit. ad. loc.*

⁵² Só nos resta admitir que esse poema, realmente, depois de vasculhado muitas vezes, não foi mesmo compreendido.

⁵³ Que o objeto de uma arte seja algo “ruim”, portanto inútil, compromete imediatamente a utilidade dessa arte. Compare-se, no entanto, com o argumento em § 278 cuja afinidade com o pirronismo Sexto faz questão de ressaltar. O argumento envolve, provavelmente, o paralelo entre claro = evidente, obscuro (ruim) = não-evidente, conectado, assim, ao argumento seguinte do “desacordo”. Ver também a argumentação contra a utilidade da arte ortográfica em § 170-4.

⁵⁴ Fim do *Contra os Gramáticos*. O livro seguinte, o segundo da obra *Contra os Professores*, é o *Contra os Retóricos* (tradução para o português de Britto e Huguenin, 2013; para o inglês, ver Bett, 2018).

Referências bibliográficas:

- BEKKER, I. (Ed.) *Sextus Empiricus*, 1842.
- BLANK, D. (Trad.) *Sextus Empiricus: Against the Grammarians* (Adversus Mathematicos I). With an introduction and commentary. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- BLOMQUIST, J. Textkritisches zu Sextus Empiricus. In: *Eranos*, n. 66, p. 73-100, 1968.
- BETT, R. (Trad.) *Sextus Empiricus: Against those in the disciplines*, Oxford: OUP, 2018.
- BURY, R. G. (Ed. e Trad.) *Sextus Empiricus*. 4 vol. (Loeb). Cambridge: Harvard University Press, 1939-1949.
- BRITO, R.; HUGUENIN, R. (Trads.) *Sexto Empírico: Contra os Retóricos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- _____. (Trads.) *Sexto Empírico: Contra os Gramáticos*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- DALIMIER, C. (Trad.) Contre les grammairiens. In: PELLEGRIN, Pierre, et al. *Sextus Empiricus: Contre les professeurs*. Paris: Éditions du Seuil, 2002, p. 67-245.
- DENYER, N. Time and modality in Diodorus Cronus. In: *Theoria*, v. 47, n. 1, p. 31-53, 1981.
- FREDE, M. *Die Stoische Logik*. Göttingen: Vandenhoeck e Ruprecht, 1974.
- GIUSTA, M. Review of Mau. In: *Rivista di Filologia e d'Istruzione Classica*, n. 40, p. 425-432, 1962.
- KNEALE, M.; KNEALE, W. *The Development of Logic*. Oxford: OUP, 1962.
- MANETTI, G. *Theories of the Sign in Classical Antiquity*. Indiana: IUP, 1993.
- MAU, J.; MUTSCHMANN, H. (Eds.) *Sexti Empirici opera*. vol. 3, 2 edição, Leipzig: Teubner, 1961.
- PREZOTTO, J. *Dissoi Logoi: Sofística e Linguagem*. 2009.118 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- _____. Tradução anotada da introdução (M 1. 1-40) do *Contra os Professores* (M 1-6) de Sexto Empírico: argumentação geral contra a existência do ensino. *Phaos*, Campinas, v. 17, n. 1, p. 155-186, 2017a.
- _____. *Sexto Empírico: Contra os Gramáticos*. Tradução anotada, segunda parte (M 1. 97-168). *Anais de Filosofia Clássica*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 80-114, 2017b.
- _____. *Contra os Gramáticos, de Sexto Empírico: tradução anotada, primeira parte* (M 1. 41-96). *Hypnos*, São Paulo, n. 40, p. 1-30, 2018.
- _____. *Sexto Empírico. Contra os Gramáticos: tradução anotada, terceira parte* (M 1. 169-247). *Archai*, Brasília, n. 25, p. 1-30, 2019.
- _____. *Contra os Gramáticos, de Sexto Empírico: tradução anotada, quarta parte* (M 1. 248-269). *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, *no prelo*.
- ROEDER, S. *O Contra os Músicos de Sexto Empírico: Introdução, Tradução e Comentários*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Paraná, 2013.

- SEDLEY, D. Diodorus Cronus and Hellenistic Philosophy. In: *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, 203 NS 23, Cambridge: CUP, p. 74–120, 1977.
- _____. Diodorus Cronus. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy Online*. < <http://plato.stanford.edu/entries/diodorus-cronus/>> Acesso em: 03/11/2018.
- SORABJI, R. *Necessity, Cause and Blame*. Perspectives on Aristotle's Theories. Chicago: UCP, 1980.
- _____. *Time, Creation and Continuum*. Theories in Antiquity and Early Middle Ages. Chicago: UCP, 1983.





COSTA, Lorena Lopes da. “Heróis antigos e modernos: a falsificação para se pensar a história”.

1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, 384 p., ISBN 8580543592.

Book Review

Rafael Guimarães Tavares da Silva¹

e-mail: gts.rafa@hotmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8985-8315>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.21675>

Na história moderna do Ocidente, os Estudos Clássicos desfrutaram de uma posição de prestígio poucas vezes seriamente questionada por seus possíveis críticos ou detratores, pelo menos até o século XIX. Embora diferentes atualizações da célebre *Querelle des Anciens et des Modernes* possam ser identificadas no interior do pensamento de praticamente todo intelectual que tenha se dedicado a refletir sobre as dificuldades de se lidar com a antinomia tradição-inovação, é inegável que o estudo dos autores clássicos – latinos e gregos – constituiu a base da educação ocidental até meados do século XX. Tal como sugerido por Bill Readings (1996), contudo, mudanças socioculturais, acompanhadas por uma transformação no paradigma universitário, têm balançado as antigas certezas sob as quais essa educação parecia estar fundamentada. Desde então, os Estudos Clássicos vivenciam uma crise em diversas frentes: em primeiro lugar, perante a sociedade que lhes coloca as inevitáveis questões do “por quê?” e do “para quê?”, guiadas por um utilitarismo altaneiro, ainda mais quando exhibe o orçamento restrito das universidades e vocifera a necessidade de certa priorização nos gastos públicos; em segundo lugar, perante outros campos das Humanidades, que lhes interpelam com incômodas questões sobre a manipulação da cultura clássica como forma de perpetuação da violência simbólica legítima – não apenas durante governos totalitários (CANFORA, 1980) – e mesmo como forma de manutenção do *status quo* social (BOURDIEU; PASSERON, 1970); em terceiro lugar, perante o próprio campo, na medida em que ainda existe quem defenda a adoção, no trato com os Estudos Clássicos, de uma perspectiva antiquária ou monumental (no sentido que Nietzsche dá a esses termos em sua *Segunda consideração extemporânea*).

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, sob orientação do Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção e coorientação do Prof. Dr. Nabil Araújo de Souza. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Essa situação geral já é muito delicada, embora constitua um desafio ainda mais complicado para quem trabalha com esse campo no Brasil, um país que – além de não ter uma tradição de ensino e pesquisa já consolidada o bastante – tem testemunhado inúmeras formas de descaso e desconfiança com a área de educação, a partir de acusações contra uma pretensa doutrinação ideológica e corruptora da juventude (CLETO, 2016, p. 46; SEMER, 2016, p. 112).

Levando em conta esse horizonte bastante negativo, o livro da historiadora brasileira Lorena Lopes da Costa, fruto de sua pesquisa de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação do professor José Antonio Dabdab Trabulsi, surge como uma verdadeira promessa de novas possibilidades de porvir para os Estudos Clássicos no país. Dividido em duas grandes seções, *Heróis antigos e modernos* traça um paralelo entre o modo como a figura do herói veio a ser apropriada pela tragédia ateniense no final do século V a.C. e pelo romance francês do início do século XX. Lidando com contextos históricos bastante diferentes, ainda que ambos marcados por experiências de guerra especialmente traumáticas – devido aos patamares de violência aí alcançados e nunca antes vistos –, a pesquisadora avança reflexões contundentes para nosso próprio presente e sugere modos alternativos de se lidar com a tradição clássica de forma instigante e inovadora. Antes de passarmos a uma sucinta apreciação da maneira como o argumento se desenrola, valeria a pena dedicar alguns instantes a explicitar a noção de “falsificação”, presente no subtítulo do livro (“a *falsificação* para se pensar a história”) e que fundamenta sua hipótese investigativa.

Em seu “Primeiro argumento”, a historiadora parte do seguinte pressuposto, que está subjacente a todo o livro:

Falsificar é uma necessidade histórica. É esta a tese do presente trabalho dita em poucas palavras. Dá-se o nome, aqui, de *processo de falsificação* à retomada de histórias que questionam e desconstruem os mitos, reconstruindo-os. Ele responde à necessidade histórica de romper com o passado através do questionamento, por meio de histórias que informam o passado ao presente, mantendo-as como um caminho narrativo que permite a elaboração de questões que, justamente, nascidas no presente, não encontram respostas satisfatórias nas histórias já contadas no passado. (COSTA, 2018, p. 31).

Tal como afirmado anteriormente, a autora analisa essa hipótese em dois contextos cuja ruptura com o passado é especialmente radical: o período da guerra do Peloponeso e da Grande Guerra. Para isso, ela tece uma série de considerações sobre o que entende por “falsificação” a fim de preparar o terreno para suas análises comparativas: sugerindo a importância do *pseúdos* [mentira; engano] para a compreensão da civilização helênica na antiguidade, Costa (2018, pp. 63-64) desdobra os sentidos possíveis do verbo grego *parakharáttein* (sem desconsiderar práticas do campo semântico relacionado a ele) e que podem ser sintetizados do seguinte modo: i) falsificar a moeda; ii) marcar o caráter [*kharaktêr*] de uma moeda falsa para tirá-la de circulação; iii) reavaliar uma moeda que, embora não seja oficial (i.e., feita nas oficinas autorizadas pela *pólis*), é idêntica em caráter, valor ponderal e metálico, a fim de recolocá-la em circulação.

Levando em conta essas ideias e suas implicações para a forma como a cultura lida com seu passado – metonimicamente tomado aqui a partir da figura de certos heróis característicos dessa cultura, como Odisseu, Menelau e Filoctetes –, o livro passa a analisar algumas tragédias do século V a.C., considerando que esse gênero poético retoma o material mítico tradicional, sobretudo de base homérica, e imprime um novo caráter sobre ele, fabricando uma nova moeda “falsa-verdadeira”.

Como a moeda falsa-verdadeira que tem o “mesmo caráter que o ateniense”, mas não tem o caráter ateniense, o herói trágico vai ter o mesmo caráter que o herói do passado”, mas não o caráter do herói do passado. Essa nova moeda, tal como a verdadeira, vai poder circular livremente por Atenas, mas, apenas por ser como a verdadeira e, portanto, por não ser a verdadeira é que ela será capaz de colocar o uso corrente da verdadeira em questão. (LOPES, 2018, p. 69).

Como se nota, esse é o ponto de partida da “primeira seção” do livro, embora seus pressupostos sejam compartilhados pela tese geral defendida pela autora (isto é, eles valem também para as considerações sobre os romances escritos no início do século XX, na forma como “falsificam” as figuras heroicas no contexto da Grande Guerra). No capítulo I, o principal objeto de análise é a peça *Troianas* de Eurípides; no capítulo II, a autora se volta para *Helena*, do mesmo tragediógrafo; enquanto, no capítulo III, dedica suas considerações a *Filoctetes*, de Sófocles. Uma resenha não dispõe de espaço suficiente para visitar detidamente essas instigantes análises, mas gostaríamos de fazer breves considerações sobre as mesmas antes de passarmos para o “Argumento de transição” que a autora propõe antes de dar início à “segunda seção” de seu livro.

Lidando com as tragédias gregas como documentos históricos em diálogo direto com a sociedade que as tornou possíveis naquele contexto, Costa avança uma série de análises de viés transdisciplinar que interessarão tanto aos historiadores quanto aos estudiosos da literatura e da cultura de modo geral. Sua leitura das *Troianas* (peça exibida por Eurípides em 415 a.C.) à luz dos eventos trágicos da campanha contra Melos e da história ateniense recente ganha uma pungência inquestionável. Igual relevância demonstra a maneira como a autora relaciona *Helena* (também de Eurípides, representada poucos anos depois, em 412 a.C.) e *Filoctetes* (de Sófocles, exibida em 409 a.C.) aos desastres bélicos e sociais que Atenas conhecia naqueles anos finais da Guerra do Peloponeso, inclusive com demonstrações que levam em conta itens do léxico de autores de outros gêneros discursivos, como Tucídides, Aristófanes e Platão.

Explicitando o viés transdisciplinar dessa abordagem, gostaríamos de destacar o fato de que Costa adota um posicionamento abertamente combativo em defesa de seu método crítico de leitura. Após denunciar o paradoxo em que certos intérpretes baseariam a petição de princípio de análises a-históricas – isto é, o paradoxo segundo o qual “por um lado, as tragédias gregas têm um caráter profundamente histórico e, por outro, a busca de referências diretas é um método que pouco auxilia a esclarecer uma peça” (COSTA, 2018, p. 144) –, a pesquisadora afirma o seguinte:

Ora, se um texto tem um caráter profundamente histórico, uma interpretação que não busque entender esse caráter pouco entenderá do texto. Ademais, soma-se a isso, por um lado, a natureza mesma do texto, que é mimética, e, por isso, sempre

marcada pela história; e, por outro, a natureza mesma da tragédia, que, particularmente, retoma o mito para representá-lo diante da cidade, modificando-o conforme convém ao poeta e conforme exige a realidade coeva, de tal maneira que a tragédia pode ser entendida [...] como um “espelho trincado”. (COSTA, 2018, p. 144).

A remissão aqui é ao célebre livro *Le Miroir brisé* [O espelho quebrado], do historiador francês Pierre Vidal-Naquet (2002), dedicado justamente a um estudo histórico entre a tragédia e a política de Atenas. Esses mesmos princípios hermenêuticos estarão presentes nas análises que, depois de um “argumento de transição” – no qual a autora tece considerações sobre certo retorno desestabilizador à figura heroica tradicional como meio de contornar o silêncio do trauma histórico –, serão propostas a certos romances franceses escritos e publicados durante e após a Grande Guerra. Contrapondo-se às representações triunfalistas desse evento histórico, como as que estão presentes nos escritos de um Ernst Jünger ou de um Albert Thibaudet, esses romances retornam à tradição clássica e suas representações heroicas, mas o viés crítico adotado por eles só pode ser efetivamente compreendido por quem leve em conta as vivências históricas daqueles que os escreveram:

Os heróis continuam sendo elementos importantes, mas totalmente destoantes quanto à caracterização que a tradição lhes imputa. É a Grande Guerra o motivo da transformação. A guerra, enfim, mais uma vez, transforma a relação do falso com o verdadeiro nos registros que a desvelam. Nesse caso, eles se oferecem como ferramenta para que os autores busquem desvencilhar-se da tradição heroica que integram. Isto é, alguns dos escritores utilizam o próprio código heroico homérico, bem como os heróis épicos da tradição grega, não apenas para comunicarem sua experiência na guerra, mas para buscarem extrair dela, vindo na guerra vivida um momento de ruptura e não de continuidade, a extradição do herói, que já não pode existir senão como uma mentira. (COSTA, 2018, pp. 238–239).

Valendo-se dos mesmos pressupostos anteriormente delineados, a autora dedica então os capítulos IV, V e VI à interpretação dos seguintes romances: *Elpénor* [*Elpenor*], publicado por Jean Giraudoux em 1926; *Naissance de l'Odysée* [*O nascimento da Odisseia*], escrito por Jean Giono entre os anos de 1924 e 1930; *Les aventures de Télémaque* [*As aventuras de Telêmaco*], publicado por Louis Aragon em 1922. No “Terceiro argumento”, encaminhando já a conclusão do livro, autora tece breves considerações também sobre *Le Retour d'Ulysse: roman d'un démobilisé* [*O retorno de Ulisses: romance de um desmobilizado*], publicado por Jean Valmy-Baysse em 1921. Em todas essas análises, a capacidade crítica alia-se à consciência histórica e a um amplo domínio da tradição literária, levando a reflexões que iluminam o contexto geral da Grande Guerra e do período de instabilidade sociopolítica que se seguiu a ela. Em certos momentos de sua argumentação, a autora inclusive alcança uma argúcia interpretativa que faz com que suas considerações se tornem verdadeiros *insights* de filosofia da história.

Em vista de todos esses pontos, apenas brevemente aludidos nesta curta resenha, acreditamos que a leitura dessa obra interessará não apenas aos Estudos Clássicos, Literários e Históricos, mas a quem quer que reflita sobre cultura e sociedade de modo geral. Aos olhos do leitor, a hipótese avançada por Lorena Lopes da Costa parece transcender as limitações dos contextos históricos esmiuçadamente analisados por ela e ganhar a pungência de um postulado filosófico sobre a condição humana. Nesse sentido, encerremos aqui com as palavras de conclusão da própria autora:

A guerra de 1914, e também a do Peloponeso, alterando a forma de seus heróis, respondem à transformação do lugar do herói na guerra. A *falsificação* da tradição, dessa forma, diminui a distância temporal entre essas guerras e a Guerra de Troia. Esta acolhe a Guerra do Peloponeso e a Grande Guerra de tal maneira que ressignificar a primeira é descrever a segunda e a terceira, e descrevê-las depende de ressignificar a primeira. A *falsificação* é, enfim, um procedimento que, longe de ser um capricho da erudição, como algumas vezes pareceu aos críticos das releituras francesas, ou um mecanismo ordinário ao qual obedeciam as tragédias, deve ser pensado como *necessidade histórica*. (COSTA, 2018, p. 427).

Referências bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *La reproduction: éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970.
- CANFORA, Luciano. *Ideologie del classicismo*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1980.
- CLETO, Murilo. O triunfo da antipolítica. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Org.). *Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 43-54.
- COSTA, Lorena Lopes da. *Heróis antigos e modernos: a falsificação para se pensar a história*. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.
- READINGS, B. *University in ruins*. Cambridge; London: Harvard University Press, 1996.
- SEMER, Marcelo. Ruptura institucional e desconstrução do modelo democrático: o papel do Judiciário. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Org.). *Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 107-114.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. *Le Miroir brisé: Tragédia athénienne et politique*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.





PÉREZ, María Teresa Gallego. “Vida y muerte en el Corpus Hippocraticum”.

Ediciones Clásicas: Madrid, 2015, 469 p., ISBN 8478827986.

Book Review

Rodolfo Rachid¹

e-mail: rodolfoforachid@uol.com.br

orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7207-2909>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.25098>

Resultado de um longo percurso acadêmico, tendo culminado na realização de tese de doutorado apresentada em 2011 na Universidade Complutense de Madri, *Vida y muerte en el Corpus Hippocraticum* evidencia a minudente pesquisa da professora María Teresa Gallego Pérez a respeito dos tratados médicos do referido *corpus*, examinando-os no âmbito rigoroso da filologia grega, iluminando-os mediante os diversos campos dessa matéria, correlatos à fonética, morfologia, sintaxe, estilística, semântica, lexicografia, crítica textual, entre outros. A autora circunscreve sua análise às concepções seculares de vida e morte, atestadas nos mencionados textos, ressaltando a premência de se trabalhar com edições estabelecidas consoantes os critérios fidedignos de exigência da filologia grega atual.

Remontam às últimas décadas do século V a.C. os primeiros escritos hipocráticos, redigidos em jônico literário, o dialeto grego mais prestigiado da época. Registram-se, no âmbito da fonética, similaridades com as inscrições jônicas da época, podendo-se aferir nos manuscritos mais fidedignos, de acordo com Pérez, uma mescla de ático e jônico, respeitada pelos melhores editores, de modo que nos escritos tardios não são raras formas jônicas anômalas, introduzidas, por sua vez, por redatores convencidos da necessária supressão de aticismos nos textos em questão. Sobejam em morfologia sufixos, aptos para a criação de inúmeros substantivos, adjetivos e verbos, próprios a uma língua técnica, ao passo que a sintaxe demonstra o predomínio da parataxe, distribuição assindética, desenvolvimento incipiente da subordinação, abundância de orações relativas, presença constante de oração nominal pura, extrema concisão de certas braquilogias, numerosos traços dêiticos, tanto anafóricos quanto catafóricos, entre outros. Pérez assinala o caráter técnico do conteúdo dos tratados e de determinadas passagens, compelindo o estudioso a considerar a disposição mnemotécnica e a preclara braquilogia dos textos médicos.

¹ Doutor em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil.

Ressaltando o estilo variegado de seu objeto de pesquisa, constituído no decurso de sete séculos, como um dos eixos norteadores de sua ampla investigação, Pérez propugna que alguns hipocráticos são profundos conhecedores dos recursos retóricos, de forma que *Sobre os flatos* e *Sobre a arte médica* configuram primeiros exemplos da prosa científica grega, construídos com acuidade e preclaro artifício, podendo-se aferir em sua esmerada composição uma estrutura trimembre, formada por exórdio, argumentação e epílogo. Todavia, a plêiade de autores médicos evita os excessos sofisticos e retóricos, mostrando-se versada e culta, dotada de um bom conhecimento da literatura grega primeira, particularmente de Homero, informando-se também da filosofia jônica, enquanto alguns tratados, dentre os quais se destaca *Sobre os humores*, apresentam uma intrincada sintaxe, cujo conteúdo não é menos árduo que a forma caótica em que se coligem palavras e frases carentes de relação e ordenamento. Pérez professa a relevância dos *Aforismos*, cuja fama e influência na medicina ulterior são atribuídas tanto à sua matéria excelsa quanto à sua estrutura literária, uma vez que o aforismo se conforma na tradição gnomológica, com suas sentenças breves, concisas e de validade universal, remontando a Homero. Afere-se que os escritores hipocráticos conheciam frases gnômicas análogas àquelas legadas por Heráclito e Demócrito, de sorte que os Sofistas, assim como Tucídides, recorreram posteriormente à sintaxe aforismática a fim de formular sentenças modelares, provérbios e refrãos, cuja disposição, paralelismo dos membros nas frases, ordem das palavras e certa aliteração possibilitam sua retenção mnemônica.

Pérez estabelece a chamada teoria dos “campos semânticos” para pensar a interdependência entre a semântica e a sintaxe gregas, porquanto o léxico de uma língua imbrica-se com os diversos níveis de linguagem, momento histórico especial, com as inovações dialetais, assim como com as contribuições de escritores paradigmáticos, atentando-se para as subclasses de palavras, a diacronia e sincronia, sinonímia e antônimos, variações contextuais entre outros, dando prevalência à forma, função, distribuição e sentido das classes de palavras, compostas por substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, não descurando das oposições binárias, que, comprovadas em estudos de fonologia e gramática, foram aplicadas assim nas pesquisas de semântica. Postulando os textos médicos como fonte primária de sua tese, Pérez emprega o *Concordantia in Corpus Hippocraticum* e o *Index Hippocraticus* a fim de elucidar a miríade lexical presente em seu objeto de estudo. Se o primeiro exemplifica o número de aparições de determinado termo, inserindo-o em um contexto, o segundo discerne questões de crítica textual, adotando como base as melhores edições do *corpus*, remetendo, à medida do possível, ao volume, página e linha do cânone de Littré, sendo, nos parâmetros da *recherche* filológica, instrumento imprescindível de trabalho. Configura-se, também, critério essencial de análise textual a tradução, uma vez que a autora escolhe por traduzir fidedignamente as passagens em que se registram os léxicos investigados, correlatos às noções de vida e morte, sendo, por vezes, literal, buscando a clareza e evidências estilísticas, evitando uma tradução demasiadamente poética, que ocultaria decerto o conteúdo e a disposição dos materiais do original.

Escrutinando as múltiplas formas verbais que manifestam a noção de vida, a helenista reconhece no verbo *diágo*, composto de *ágo*, os exemplos mais conspícuos para o seu escopo, podendo ser aferido em muitos tratados, correlato aos processos vitais necessários à manutenção da vida. As flexões verbais elencadas pela autora dão a ver a preclara conotação de “manter-se vivo” ou, simplesmente, “viver”. Em *Sobre as afecções internas*, o campo da vida está representado pelo sintagma *tòn loipòn tou chrónou diáxei* em paralelismo com o sentido da morte, representado pelo verbo *apothnéiskei*, de modo que a passagem explicita o decurso temporal que realiza o trânsito dos contrários, da vida para a morte, da gênese para a corrupção. Pérez enuncia substantivos precípuos que deslindam seu propósito como *aión* e *bíos* com suas respectivas famílias léxicas. Recorrendo a Pierre Chantraine, estabelece que *aión*, substantivo masculino e excepcionalmente feminino por analogia com *psykhé*, designa a força vital, a vida, duração e eternidade, atestado tanto em Homero quanto no jônico-ático. Seu sentido primitivo é de força vital, comprovado por seu declarado paralelo com *psykhé*, registrado nos Cantos XVI e XIX da *Iliada*, significando, por conseguinte, em certos textos hipocráticos, a medula espinhal, porque designa a sede da vida, ocorrendo, destarte, o que Clémence Ramnoux chama, em seu estudo sobre Heráclito, uma transmutação de sentidos em profundidade, pois *aión* passa a definir nos trágicos a duração de uma vida, a geração assim como a duração no jônico-ático e, finalmente, nos filósofos, particularmente na cosmologia platônica, a eternidade, concebida como a vida duradoura e sempiterna, em nítida oposição a *kehrónos*.

Presente desde Homero, o substantivo masculino *bíos* alcança um amplo campo semântico com suas implicações ontológicas e gnosiológicas, destacando a reconhecida sentença presente nos *Aforismos*, “a vida é breve, a arte é longa”, em que o primeiro vocábulo precedido do artigo, *bíos*, referente à vida humana, qualificada, por sua vez, de *brakhús*, é contraposto por extensão à *tékhne*, considerada *makré*. Em *Sobre o Regime*, afere-se a prevalente estrutura sintática *phýsin anthrópou kaí bíon taúta mimeítai* em que *taúta* corresponde no escol do pensamento médico às coisas visíveis e invisíveis, que, por sua vez, imitam a natureza e a vida humanas, de modo que o varão, tendo se unido à mulher, engendra um rebento. Da família léxica de *bíos* se registra a forma nominal *biósimos*, adjetivo, podendo-se traduzir como “apto a viver”, “digno de ser vivido”, apresentando as condições anatômicas e fisiológicas indispensáveis para certa duração da vida, verificado desde Sófocles, Heródoto e Eurípidés e presente em passagens estratégicas do *corpus* hipocrático, comumente vinculado ao advérbio de negação, como em *Sobre a Superfetação*, “incapaz de viver”. Concernente a *bióo*, o tema do presente é uma inovação averiguada em Empédocles, Demócrito e Hipócrates, e parece ser de origem jônica, cuja forma verbal não se desenvolve plenamente. Se a forma do aoristo desaparece desde os textos helenísticos, o infinitivo do aoristo *biónai*, registrado desde Homero, corresponde, desde a época helenística, ao presente *zên*, que se impôs no grego tardio, possibilitando, por sua vez, a criação do aoristo *ezésa*, de modo que em ático o tema *zên* significa “estar vivo”, com nítida conotação biológica, ao passo que *biónai* designa “viver de certo modo”, “passar a vida”, exprimindo um sentido existencial.

Relevante para o escrutínio da vida na medicina antiga é a noção de *zoé*, aferida em dórico *zóa* (com ômega) e *zóa* (com ômicron), entendida, de acordo com Pérez, como a “propriedade do ser vivo”, “vida”, por oposição à morte, distinguindo-se de *bíos*, que define, conforme salientado, “a duração de vida”, “o modo de viver”, com suas implicações ontológicas. Já *zôon*, seguindo Chantraine, designa o animal, referindo-se também às plantas e ao próprio homem enquanto seres vivos, discriminado em Heródoto e no jônico-ático, significando, em contextos específicos, imagem, representação, pintura, mas, não precisamente, o animal. Sua forma substantivada ocorre previamente em Simônides, sendo frequentemente empregado no período clássico. Em *Sobre as articulações*, verifica-se uma preclara associação entre a natureza dos homens, *phýsis anthrópou*, e a dos demais animais, *tôn allon zôon*, uma vez que o genitivo plural, para Pérez, indica não exclusão, mas inclusão. Texto precípuo para aferição do campo semântico de *zôon* é *Sobre a dieta*, pleno de recursos retóricos, em que se observam na estrutura da frase, cujo sujeito é o fogo (*tó pûr*), traços estilísticos na correlação entre, de um lado, os genitivos plurais *zôon* e *entróphon* e, de outro, o substantivo *trophón*, *nutriz de vivos e rebentos*, conformando as figuras de linguagem relativas à paronomásia e à aliteração. Pérez circunscreve a noção de *psykhé*, demonstrando sua relevância para se pensar a conformação da vida nos textos antigos e seu registro no corpo médico. Retomando Chantraine, *psykhé* significa sopro, respiração, alento, força vital, vida, vocábulo aferido em Homero, tendo um evidente sentido ligado às atividades fisiológicas. Configura-se, para a autora, como a alma do ser vivo, sede de seu pensamento, emoções, desejos, formulada por Píndaro, Heródoto, Tucídides, Platão, referindo-se, por conseguinte, à individualidade, correlata ao princípio intelectual, à sua *persona*, especialmente nos trágicos, Platão e Aristófanes, podendo designar também escravo ou animal, a parte imaterial e imortal do ser, notadamente em Píndaro, Heródoto, nos trágicos e em Platão, em que se constitui uma excelsa psicologia ética. No que tange ao *corpus* hipocrático, o vocábulo aparece em *Sobre as articulações* como genitivo singular com artigo precisado por *perí*, vinculado a *kíndynos*, conformando a oração nominal, exprimindo que a *vida corre perigo*. Pérez infere que na referida passagem o término *psykhé* se refere à vida como um princípio biológico, não à alma, no sentido estrito de que se pode perdê-la, reforçado pela presença de *kíndynos* assim como pelo verbo *thnéiskousi*, “morrer”, adveniente de coma profundo, no final da sentença.

Dentre as várias formas nominiais e verbais correspondentes à noção de morte, destaca-se *thánatos* e sua família léxica. Pierre Chantraine minudencia o substantivo masculino, combinado em mais de vinte adjetivos, cuja maior parte é tardio como *athánatos* em Homero, *epí-* em Hipócrates, *dys-* em Eurípidés e também no *corpus* hipocrático, *euthánatos* e *euthanasía*. Em Êsquilo, por sua vez, aparece como *thanatophóros*, causador da morte, e por razões rítmicas a forma *thanatephóros*, ao passo que *thanatódes*, signo da morte, mortal, é aferido em Hipócrates, *thanatésios* em Sexto Júlio Africano. Pérez aborda a análise de *thánatos*, realizando a distribuição por tratados, seguindo a ordem alfabética do *Index Hippocraticus*, a fim de organizar adequadamente o estudo do léxico amplamente utilizado no *corpus*. Em *Sobre a dieta nas enfermidades agudas* (5), verifica-se o substantivo nominativo

plural, precedido de artigo, articulado com o adjetivo *takheís*, cuja posição sintática no começo da frase revela um uso enfático, contrastando com o verbo, situado no fim da frase, *takheís hoí thánatoi tón toioúton gígnontai*, as mortes de tais [enfermos] são rápidas. No mesmo tratado a pesquisadora evidencia uma conspícua passagem que demonstra os signos que carregam a morte, uma vez que *thánaton*, sem artigo, é regido por *semaínei*, tendo sido mencionadas *tà semeía* no começo da oração, indicando, precisamente, que se trata de identificar os signos da morte, *tà dè semeía he mèn mélana diakhóresis thánaton semaínei*. Inovação hipocrática, *takhuthánatos* é posteriormente registrado em Galeno, Doroteu de Sídon, Hesíquio. Nos *Aforismos*, o vocábulo, coordenado com o sujeito, um adjetivo substantivado, *hoí pakhéas*, os obesos, aparece como predicado nominal, *takhuthánatoi*, em uma construção comparativa analítica com *mállon*, cujo segundo termo da comparação se liga aos delgados, *tón iskhmón*. Em *Epidemias*, o referido adjetivo se conecta com o sujeito *énioi* em uma oração nominal pura, havendo o genitivo partitivo *toúton*, que Pérez analisa como um anafórico ligado ao sujeito, *alguns deles morrem rapidamente*, divergindo fortemente da interpretação de Littré.

Detalham-se formas verbais compostas de pré-verbos, exemplificado por *synapothnéisko*, atestado no século V em Heródoto. A pesquisadora estabelece a ordem de frequência com que o composto aparece; dezesseis vezes como *synapothnéiskei*, enquanto as formas *synapothnéiskousin* e *synapothnéiskein* são aferidas apenas uma vez. De acordo com o *Index Hippocraticus*, o sujeito de todas as formas mencionadas são as enfermidades (*nosémata*), referindo-se, na maior parte das ocorrências, aos anciãos, como se pode deduzir numa passagem dos *Aforismos*, em que o sujeito vem acompanhado do adjetivo *khrónia*, conformando as enfermidades crônicas, de modo que o prefixo *syn-* indica a ideia, para a autora, de complemento da ação. Na sentença em *Aph. 2. 39*, *hoi presbútai tón néon tà mèn pollá noséousin hēsson*, os anciãos em geral, adoecem menos que os jovens, *tà pollá*, com sentido adverbial, surge no século V com Heródoto, Górgias, Tucídides, Demócrito e no *corpus* hipocrático. Se Hipócrates aduz que os anciãos são menos suscetíveis de contrair enfermidades, é contrariado por Galeno e Teófilo. Criação do período clássico, anuído em Tucídides e Heródoto, o verbo *enapothnéisko* é observado em construções similares nos tratados *Sobre as enfermidades da mulher* e *Sobre a natureza da mulher*, a fim de se tratar dos pesados purgantes, capazes de provocar o advento da menstruação e facilitar a concepção dos embriões. Em *Sobre a natureza da mulher* (109), lê-se *metréon kathartikón, hokótan paidíou enapothanóntos haíma emméne*, purgante da matriz, quando o rebento morre dentro, verte sangue, apontando para a morte do feto no interior do útero materno.

Vida y muerte en el Corpus Hippocraticum configura uma obra paradigmática na exegese e nos estudos filológicos dos tratados médicos da Antiguidade Clássica. Partindo dos instrumentos léxicos apropriados, *Concordantia in Corpus Hippocraticum* e *Index Hippocraticus*, e do exame direto das melhores edições, a autora se detém nas numerosas peculiaridades fonéticas, morfológicas, sintáticas e estilísticas das passagens hipocráticas em que aparecem os vocábulos pertencentes ao campo semântico da vida e da morte. Tendo estabelecido fidedignamente o texto, com o apoio das mais excelsas edições, traduções e comentários,

assim como de dicionários mais recomendados, a autora formula a sua versão, a mais ajustada e literal possível. Pérez visa se afastar de uma pretensa ambiguidade e vagueza presente em certas traduções, que, privilegiando a busca por uma linguagem poética, descarta a evidência e clareza necessárias para a leitura e interpretação dos textos de natureza científica. Na *Quellenforschung* propugnada pela pesquisadora, a natureza textual visa associar os recursos retóricos e estilísticos à univocidade dos sentidos, resgatando a semântica inovadora do *corpus* hipocrático ao rico material linguístico de sua época. Realizando um exaustivo trabalho de escrutínio filológico, que colige a completude do *corpus*, tornando-se modelar para os Estudos Clássicos, Pérez recolhe noventa e uma inovações léxicas discriminadas no *corpus* hipocrático, ressaltando, destarte, vinte e nove inovações correlatas ao campo semântico precípua de vida e morte.





Recebido em 2/6/2019
Aprovado em 11/6/2019



DE TEMMERMAN, Koen & DEMOEN, Kristoffel (ed.). “Writing Biography in Greece and Rome: Narrative Technique and Fictionalization”.

Cambridge: Cambridge University Press, 2016, 354 p., ISBN 9781107129122.

Book Review

Camila de Moura Silva¹

e-mail: camilam02@gmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9933-2608>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.25890>

Pouco a pouco, o estudo das narrativas biográficas produzidas na antiguidade grega e romana vem cobrando lugar de destaque no panorama dos estudos clássicos. No Brasil, com a publicação do volume *Vidas de Esopo* pela editora Humanitas, organizado por Adriane da Silva Duarte, e de traduções como a de Christian Werner para a *Vida Herodoteana de Homero*, apenas para citar alguns exemplos, esse campo de estudos tem encontrado interesse crescente. Nesse sentido, o volume *Writing Biography in Greece and Rome*, organizado pelos professores Koen De Temmerman e Kristoffel Demoen, da Universidade de Ghent, e publicado em 2016 pela Cambridge University Press, surge como um excelente recurso para os estudiosos que queiram levar a cabo uma análise textual dessas narrativas um tanto obscurecidas pela prática filológica novecentista. Desvinculando-se de certa tradição teórica precedente, cujo foco incidia a autenticidade e autoria dessas *Vidas* – tratadas então simplesmente como um subgênero da historiografia² –, os artigos reunidos neste volume, conforme explicitado com grande ênfase no prefácio, optam sobretudo por um *tratamento narratológico* das *Vidas* (referidas mais ou menos livremente ao longo do livro como *Bíoi*, *Vitae*, biografias, biografias antigas ou narrativas biográficas), encarando-as como “reelaborações criativas de tradições precedentes”³ (ao que o trabalho do biógrafo é por vezes comparado à tessitura mítica do tragediógrafo) e enfatizando, portanto, o exercício *ficcional* que delas se depreende.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, sob a orientação do Prof. Dr. Henrique Cairus e coorientação da Profa. Dra. Beatriz de Paoli.

² Uma exceção, segundo De Temmerman, são as *Vidas* de Plutarco, que receberam maior atenção do ponto de vista literário/narratológico.

³ No original, em inglês: “creative reworkings of earlier traditions”.

No artigo de abertura, intitulado *Ancient biography and formalities of fiction*, que serve como bússola teórica para o restante do conjunto, De Temmerman delimita fronteiras conceituais muito úteis para o estudo das *Vidas*, principalmente na distinção que opera entre os termos “ficção” (registro cujo efeito repousa num pacto *contratual* de não veracidade entre emissor e receptor) e “ficcionalidade” (elementos narrativos que se contrapõe a uma verdade factual ou histórica). O autor parte da assumpção bem estabelecida de que as narrativas biográficas estão permeadas por “elementos ficcionais” – uma narrativa que opera com reconstrução de ações, dramatização de momentos privados, conjectura etc., não pode prescindir desses elementos – para propugnar uma análise literária desses textos, que passa pela identificação das *técnicas de ficcionalização* empregadas na sua composição, dentre as quais: o discurso indireto (como estratégico para o retrato psicológico); a “reconstrução criativa” (com a projeção sobre a infância de comportamentos e valores identificados na vida adulta); a caracterização metafórica; a intertextualidade; e a utilização de modelos literários. Segundo De Temmerman, contudo, é preciso ultrapassar as dicotomias que opõem ficcionalidade e factualidade para que a verdadeira complexidade das biografias antigas salte aos olhos, já que seus autores, ao que tudo indica, conheciam muito bem o terreno instável sobre o qual conduziam a sua produção: “(...) as biografias antigas não se destinavam a serem lidas como depositários hermeticamente fechados de uma verdade ‘histórica’, e uma simples dicotomia entre fato e ficcionalidade não é capaz de abarcar corretamente as complexidades da literatura narrativa.”⁴ Ainda que o autor afirme que sua abordagem não é inovadora (em diversos momentos, afirma sua filiação teórica a pesquisadores como Tomas Hägg e Barbara Graziosi), ela faz frente a uma linha de trabalho que até pouco tempo contemplava esses textos como fontes de especulação, e que dirigia críticas severas ao método de trabalho dos biógrafos antigos, vistos na melhor das hipóteses como “maus historiadores” (cf. Janet Fairweather, Mary Lefkowitz, Timothy Barnes e outros).

O livro consta de dezesseis artigos divididos em quatro partes: a primeira, dedicada a artigos teóricos; a segunda, às biografias individuais; a terceira, às biografias coletivas; e a quarta, aos *modos de discurso* biográficos, que perpassam textos de diversos gêneros. De Temmerman apresenta os artigos do livro como “estudos de caso” (*case studies*), atravessados pelo mesmo alinhavo teórico. A maioria dos artigos se debruça sobre a produção em latim e grego do Período Imperial (o *floruit* na produção e circulação de *Vidas*), mas o que temos em linhas gerais é um panorama bastante amplo, que perpassa biografias políticas, literárias, cívicas e subversivas, percorrendo os primórdios da hagiografia cristã, as narrativas populares e a novela antiga, as *Vidas* éticas de Plutarco, a biografia epistolográfica etc. Importante notar que a autobiografia é deixada de fora do escopo do livro, por ser entendida como um fenômeno à parte⁵.

⁴ No original, em inglês: “(...) *ancient biographies were not meant to be read as hermetically sealed depositories of a ‘historical’ truth and no simple dichotomy between fact and fictiveness can adequately grasp the complexities of narrative literature.*”

⁵ cf. Cohn (1999).

O artigo seguinte, intitulado *Civic and subversive biography in antiquity*, de autoria de David Konstan e Robyn Walsh, propõe uma interessante e produtiva categorização para as *Vitae* e *Bíoi*. Ao destacar a enorme variedade de tipos textuais abarcada por esses termos, bem como as dificuldades de classificação inerentes a um gênero tão abrangente (temática e temporalmente), os autores elaboram uma proposta de grande amplitude. Surgem assim duas variantes maiores: a biografia *cívica*, em que o biografado encarna os valores sociais dominantes, estabelecendo-se como um modelo a ser seguido por governantes e militares (ou a ser evitado, no caso dos *exempla negativa*); e a biografia *subversiva*, em que os biografados são figuras marginais que desestabilizam a balança das virtudes, muitas vezes caracterizados como inimigos do poder, dependentes antes de sua habilidade com as palavras para alcançarem essa alta dignidade moral. Os autores identificam como precursores dessas tradições dois textos de Xenofonte: o *Agesilau*, acerca dos feitos do rei espartano, e a *Memorabilia*, acerca da filosofia viva de Sócrates, dois textos amplamente citados quando se trata da gestação da biografia grega no século IV A.C. Para além desse crivo conteudístico, os autores levantam semelhanças formais que justificam a sua proposta. A organização cronológica partindo do nascimento e da infância até a morte, por exemplo, favorece as biografias do tipo *cívico*, marcadas por batalhas e acontecimentos, enquanto as biografias *subversivas* operam normalmente como “textos abertos”, compilados de anedotas e diálogos mais ou menos permutáveis e sem ordem fixa, como é o caso de muitas *Vidas* de filósofos. Por fim, os autores tratam de um caso tardio: as *Vidas* cristãs, buscando expor a transvaloração realizada por essa tradição – se, por um lado, as narrativas sobre a vida de Jesus e de seus apóstolos seguem em grandes linhas o esquema subversivo-socrático, após a cristianização do império, valores antes marginais tornam-se oficiais, e as *Vidas* de mártires a partir do quarto século acabam por amalgamar as duas vertentes.

O artigo que inaugura a segunda seção do livro (cujo foco incide sobre as biografias individuais) parte da teoria de Bourdieu e Hansen sobre os aspectos estéticos da *literatura popular* (ou folclórica) para investigar em que medida é possível tratar nesses termos o texto conhecido como *Vida de Esopo*, ou *Romance de Esopo*. A subordinação da forma à função, a adesão do leitor, os personagens construídos visando à identificação, o efeito localizado historicamente, a facilidade de leitura, a simplicidade da trama narrativa, a estrutura episódica e o uso de anedotas e fábulas, são todas características presentes no *Romance de Esopo*. Em seguida, opera-se uma análise do *Romance* segundo eixos formais, comentando, entre outros tópicos, a dívida do gênero das *Vidas* para com o vocabulário da Comédia Antiga, a estrutura episódica do texto e sua construção no nível da sintaxe, a ausência de referenciais contextuais e suas implicações, a crítica social e moral veiculada pelo *Romance* e as divergências entre as suas recensões, característica dos textos abertos.

Eran Almagor, em seu artigo sobre a *Vida de Artaxerxes*, de Plutarco, subverte a clássica distinção aristotélica entre poesia e história afirmando que o estudo da realidade factual não pode prescindir de recursos narrativos, ditos *ficcionais*. O autor analisa as indagações do tipo “e se...”, que permeiam o texto de Plutarco, indicativas de uma preocupação contrafactual (também presente em textos historiográficos) Para Almagor,

Plutarco se utiliza dessa flexibilidade do gênero biográfico para pintar em cores vivas seu problema ético de fundo, valendo-se das divergências entre as fontes de que dispõe para aprofundar o efeito das narrativas paralelas.

Num artigo sobre a *Vida de Demonax*, de Luciano, Mark Beck retorna ao problema da autenticidade, mas sob uma ótica distinta. Para Beck, a questão é fundamental, posto que não há consenso entre os estudiosos sobre a historicidade do biografado. O fato de, neste caso, sua obra não ter sido mencionada por autores contemporâneos, e a possibilidade de que sua relação com Luciano seja inteiramente ficcional são elementos que, segundo Beck, interferem na análise dos procedimentos literários empregados na *Vida*. O autor prefere aliar-se àqueles que enxergam na existência de uma coleção de sentenças atribuídas a Demonax, completamente independente do trabalho de Luciano, uma evidência razoável a favor de sua historicidade. Com isso, Beck passa a analisar a construção da *Vida* de Demonax, comparando sua estrutura bipartida (uma parte cronológica seguida por uma parte dividida em tópicos temáticos) ao *Agésilau* de Xenofonte, modelo ideal para Luciano por seu teor igualmente encomiástico e devido à proximidade entre o autor e o biografado. Para tratar dessa complexidade estrutural, Beck recorre à teoria de Christopher Gill sobre a *caracterização* nas biografias antigas, distinguindo o que chama de traços de caráter (enquadramento do sujeito num plano ético, estudo dos vícios e virtudes a partir de seus feitos) dos traços de personalidade (traços empáticos, peculiares, individualizantes). Beck entende que Luciano constrói a *Vida de Demonax* de forma a caracterizá-lo tanto em termos de caráter quanto de personalidade, e a bipartição permite um ‘refinamento gradual’⁶ desse retrato. Se, na primeira parte, Luciano nos apresenta um filósofo exemplar, muito próximo do paradigma socrático, a coleção de sentenças que se segue rompe com essa expectativa, revelando uma faceta cáustica e virulenta, efeito que, segundo Beck, Luciano emprega deliberadamente para agregar complexidade à figura de Demonax.

Em *The Apologia as a mise-en-abyme in Philostratus’ Life of Apollonius of Tyana*, Patrick Robiano se debruça sobre o longo discurso conhecido como *Apologia*, contido no livro VIII da *Vida de Apolônio de Tiana*, de Filóstrato, buscando compreender sua função e significação estrutural dentro da obra. Robiano argumenta que a *Apologia* é um espelho e uma chave de leitura para a *Vida*, cumprindo a função de recapitular os fatos mais relevantes do livro, e deve ser lida como uma “invenção que enreda as vozes do autor, do narrador e do personagem Apolônio”⁷, num refinado jogo ficcional de Filóstrato. Robiano trata também das relações deste texto com a *Apologia de Sócrates*, e da construção da personagem de Apolônio por meio de citações épicas e trágicas e das analogias com deuses e heróis.

Em *The emended monk*, Christa Gray discorre sobre o problema da tradução para o grego da *Vita Malchi*, de São Jerônimo, uma das primeiras *Vidas* cristãs escritas em latim. Este texto, que na tradução grega é chamado de διήγησις (“narração”), tem uma classificação problemática concernente ao lugar da hagiografia, que margeia os domínios da

⁶ Termo cunhado por Christopher Pelling (2002).

⁷ No original, em inglês: “an invention which threads together the voices of the author, the narrator, and the character Apollonius”.

biografia e da novela antiga. Gray procura demonstrar como a tradução do texto para o grego, de caráter moralizante, que omite passagens ambíguas, insere repetições e força o leitor a uma interpretação dogmática, afasta a *Vida* da sensualidade novelesca com que dialogava em seus temas e estrutura na versão latina, conformando-a à autoridade eclesiástica e a um novo regime de verdade, e tornando-a portanto mais apta à apropriação.

No último capítulo dedicado às biografias individuais, Danny Praet trata de outro texto hagiográfico, a *Vita Martini* de Sulpicius Severus, que conta a história de Martinho de Tours e que parece ter sido alvo de ceticismo desde os tempos de sua publicação (século IV d.C.). Uma das razões para tal são as reiteradas afirmações em favor da historicidade do relato feitas pelo autor ao longo do texto. Neste artigo, Praet, eximindo-se de julgamentos a esse respeito, discorre sobre a cena em que Martinho divide seu manto para dá-lo a um homem pobre (cena emblemática em que o protagonista é representado em contraponto à figura de Cristo), buscando concluir se o episódio é inteiramente fictício ou se a versão de Severus baseia-se em alguma tradição precedente. Para tanto, o autor aprofunda questões pertinentes à hagiografia, como o traço *prescritivo* de seus exemplos morais e o procedimento da *imitação* ou *emulação* de Cristo.

No nono capítulo, que dá início à terceira parte do livro, dedicada às biografias coletivas, Maarten de Pourcq e Geert Roskam levam a cabo uma valiosa exposição sobre o método de Plutarco a partir do exemplo das *Vidas* de Ágis, Cleômenes, Tibério e Caio Graco (único par de *Vidas* da coleção em que dois romanos são comparados a dois gregos). Este exemplo é de particular interesse, segundo os autores, pois “problematiza diversas questões morais de suma importância sem, no entanto, fornecer respostas claras e apodíticas.”⁸ Os autores partem de dois princípios: o ἥθος como eixo estruturante na composição das *Vidas* de Plutarco e o princípio formal da σύγκρισις (“comparação”), para investigar em que medida esses princípios (o “programa” de Plutarco) influenciam a construção formal do texto, bem como o regime de verdade que instauram. Em seguida, aplicam o modelo actancial de Greimas (derivado do modelo de Vladimir Propp) para aprofundar a leitura dos textos em questão, situando-os em um *continuum* narrativo, o que reacende a discussão sobre a ficcionalidade das *Vidas* e o antagonismo entre biografia e história (conforme as discussões acerca de *Alexandre* 1, 2, em especial a leitura de Christopher Pelling).

Em *Dying Philosophers in ancient biography*, Eleni Kechagia examina as anedotas relativas à morte de Zenão de Cítio, o estoico, e Epicuro (representantes máximos das duas escolas filosóficas de maior expressão no período Helenístico) na obra de Diógenes Laércio. A autora recorda a importância dessas anedotas, cujo modelo seria o *Fédon* de Platão, para a biografia antiga, e de seu valor muitas vezes alegórico nas *Vidas* de filósofos e poetas. A investigação baseia-se na hipótese de que essas narrativas, tomadas como “produtos de uma sofisticada invenção literária”⁹, oferecem uma intrincada interpretação das doutrinas desses

⁸ No original, em inglês: “problematizes several important moral issues without, moreover, providing clear and apodictic answers.”

⁹ No original, em inglês: “product of sophisticated literary invention”.

filósofos (produzindo, portanto, uma “verdade filosófica” a seu respeito), e autora é muito bem-sucedida ao conectar elementos aparentemente insignificantes ao jargão e às ideias atribuídas a cada autor. As cenas de morte são também o tema central do próximo artigo, *Never say die!*, em que Rhiannon Ash analisa a tensão entre historicidade, verossimilhança e ficcionalidade das cenas de assassinato dos imperadores em Suetônio. A conclusão de Ash aproxima-o de Kechagia, ao reconhecer o “valor didático” (diríamos, talvez, o “efeito” didático, para buscar uma aproximação com a teoria da recepção) da ficção na biografia antiga. Ash, como Kechagia, pergunta pelos princípios morais que norteiam a construção dessas narrativas. No caso de Suetônio, para citar o Tibério de Tácito, “*principes mortales, rem publicam aeternam esse*” (*Ann.* 3.6.3).

Em *Poetry and fiction in Suetonius’ Illustrious Men*, Tristan Power se propõe a analisar o uso de evidências literárias (especialmente de textos problemáticos, como a sátira, e a inferência de dados autobiográficos a partir deles) na construção das Vidas de Horácio e Valério Cato por Suetônio, comparando, portanto, o método empregado nas Vidas supérstites de poetas e gramáticos, compiladas em seu *Homens Ilustres*, às célebres *Vidas dos Césares*, bem como o papel da poesia em ambos os casos. O texto oferece subsídios para aprofundar uma leitura das categorias de Friedrich Leo, que opunha os métodos de Plutarco e Suetônio.

No artigo que encerra a terceira parte do livro, Diederik Burgersdijk dedica-se a compreender a construção da ficcionalidade no texto conhecido como *Historia Augusta*. Partindo do princípio de que o trabalho é obra da pena de um único autor, e que data da última década do século IV d.C. (conforme as conclusões apresentadas por Hermann Dessau em 1889), Burgersdijk analisa os “elementos paratextuais”¹⁰ (títulos, prefácios, epílogos, referências extratextuais etc.) presentes na *Historia Augusta*. Seu objetivo é compreender por que o autor dessa obra “falsifica” a sua autoria, apresentando-a como um trabalho de seis autores diferentes, e como a função-narrador o ajuda nessa empreitada. Burgersdijk defende a posição de que o caráter explícito dessa construção, percebida pelo leitor antigo, é perfeitamente coerente com as preocupações literárias da antiguidade tardia.

Dando início à quarta e última seção do volume, dedicada à epistolografia e à novela antiga (que compartilham diversos procedimentos textuais com a biografia antiga “propriamente dita”), John Paul Christy trata do conjunto das cartas atribuídas a Quíron de Heracleia, aluno da Academia de Platão que, no século IV a.C., teria liderado um grupo de aristocratas que se insurgiram contra Clearco, tirano de Heracleia, assassinando-o (o fato é mencionado por Isócrates, Diodoro Sículo, Eliano, entre outros). As cartas, datadas muito provavelmente do segundo século de nossa era, abundam em referências às epístolas platônicas e ao problema da educação. A análise de Christy, centrada na carta 3 (na qual é descrito o encontro entre Quíron e Xenofonte, na cidade de Bizâncio), busca desvendar o programa de exemplaridade contido nas cartas (relacionado à função social da filosofia) e

¹⁰ Termo cunhado por Genette em seu livro *Palimpsestos*, de 1982.

colocá-las em perspectiva com outros modelos literários que tratam do tiranicídio, em especial, as *Vidas de Dion e Brutus*, de Plutarco.

O artigo seguinte, de Ranja Knöbl, trata da função narrativa dos dispositivos temporais nas cartas pseudo-hipocráticas do *Corpus Hippocraticum*, que, segundo a autora, “ilustram com clareza algumas das técnicas antigas da narrativa biográfica”¹¹. A autora demonstra como a economia do tempo (metáfora do ideal estilístico de concisão) é tematizada ao longo das cartas (o *tópos* da urgência, o atraso no recebimento da correspondência e na chegada de Hipócrates a Abdera), contribuindo com o prazer da leitura e borrando as fronteiras entre historicidade e ficcionalidade. A autora tem em vista a representação biográfica de Hipócrates e Demócrito (e dos abderitas) nesse conjunto de textos, entendido como “uma narrativa biográfica construída através de cartas”¹².

Por fim, no último artigo do livro, intitulado *A shaggy thigh story*, Luke Pitcher versa sobre a versão de Heliodoro para o nascimento de Homero, narrada na novela *As Etiópicas*, segundo a qual o poeta seria um semideus egípcio filho de Hermes, guardando uma mancha na coxa como prova de sua ascendência. A história aparece numa digressão dentro da narrativa, que se desenvolve ao redor das personagens de Teágenes e Caricleia. Pitcher chama a atenção para a certeza com que a história é apresentada por Kalasiris (que oferece como evidência um verso de Homero, procedimento característico do método dos biógrafos helenísticos), comparando-a à multiplicidade de versões presente nas *Vitae Homeri* (basta recordar a disputa entre as sete cidades que reclamavam seu nascimento). O autor estabelece uma comparação entre essas versões, além de pensar a função dessa narrativa dentro da obra como um todo, perpassando a problemática da novela antiga e analisando o modo crítico como Heliodoro apropria-se do discurso biográfico, submetendo seus procedimentos ao crivo do leitor.

Observada a vasta quantidade de tópicos que abrangem os textos recolhidos neste volume, pode-se afirmar que o conjunto oferece uma visão teórica bastante sólida, que cada artigo retoma e apresenta à sua maneira. O modo como as biografias antigas movem-se na fronteira entre historicidade e ficcionalidade é, sem dúvidas, a preocupação central desses pesquisadores, que anunciam uma virada narratológica no estudo das *Vidas*. Ainda que restem por delimitar algumas fronteiras conceituais (um panorama histórico do conceito de “ficção” na filosofia e nos estudos literários seria muito bem-vindo e convocaria uma abordagem multidisciplinar bastante enriquecedora), o volume certamente é bem sucedido em “ilustrar a complexidade e versatilidade da ficcionalização na narrativa biográfica antiga”¹³, e poderá interessar a pesquisadores, estudantes e professores das áreas de Letras Clássicas, História e Filosofia.

¹¹ No original, em inglês: “neatly illustrate some ancient techniques of biographical narrative”.

¹² No original, em inglês: “a biographical narrative built up through letters”.

¹³ No original, em inglês: “illustrate the complexity and versatility of fictionalization in ancient biographical narrative”.

Referências bibliográficas:

- COHN, D. *The Distinction of Fiction*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
- DUARTE, A. S. *Vidas de Esopo. O Romance de Esopo em traduções e ensaios*. São Paulo: Humanitas, 2018.
- GILL, C. 'The Character-Personality Distinction'. In: PELLING, C. (Ed.). *Characterization and Individuality in Greek Literature*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- GRAZIOSI, B. 'Horace, Suetonius and the Lives of the Greek Poets'. In: HOUGHTON, L. B. T.; WYKE, M. (Ed.). *Perceptions of Horace: A Roman Poet and his Readers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale. Recherche de méthode*. Paris: Larousse, 1966.
- HÄGG, T. *The Art of Biography in Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- PELLING, C. B. R. 'Childhood and Personality in Greek Biography'. In: *Plutarch and History. Eighteen Studies*. Londres: Duckworth, 2002.
- WERNER, C. "Vida Herodoteana de Homero": apresentação e tradução.' *Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 27, 2 (2014), pp. 271-92.

